

CRÔNICAS DA LUA CHEIA

A ASCENSÃO DO

ALFA

CLECIUS ALEXANDRE DURAN



CRÔNICAS DA LUA CHEIA

A ASCENSÃO DO

ALFA

CLECIUS ALEXANDRE DURAN



CRÔNICAS DA LUA CHEIA

A ASCENSÃO DO
ALFA

CLECIUS ALEXANDRE DURAN

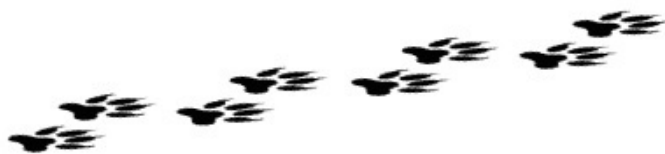
Uma vez acesas, as chamas
da vingança não se apagam

1ª EDIÇÃO
LONDRINA
2017

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1996. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção. Não se referem a pessoas e fatos concretos, nem emitem opiniões sobre eles. Somente os personagens históricos e as localidades verdadeiras foram utilizados para os fins narrativos da história.



Edição: Clecius Alexandre Duran

Capa: Jéssica Lang

www.cronicasdaluacheia.com.br

<https://www.facebook.com/cronicasdaluacheia/>

1ª edição

Londrina

2017



ÍNDICE

Palavras ao luar

Proteção ao lobo

Dedicatória

Fato ou Ficção?

Introdução histórica

Capítulo 1 – A promessa

Capítulo 2 – O teste

Capítulo 3 – A rusga

Capítulo 4 – A cidade grande

Capítulo 5 – O primeiro ataque

Capítulo 6 – Os sonhos

Capítulo 7 – O salvador

Capítulo 8 – O insubordinado

Capítulo 9 – O novo discípulo

Capítulo 10 – O treinamento

Capítulo 11 – Os voluntários

Capítulo 12 – A formatura

Capítulo 13 – A crueldade

Capítulo 14 – As serras

Capítulo 15 – A terra natal

Capítulo 16 – O luto

Capítulo 17 – A separação

Capítulo 18 – O paradeiro

Capítulo 19 – Os desertores

[Capítulo 20 – A escolha](#)

[Capítulo 21 – O sobrevivente](#)

[Capítulo 22 – A descoberta](#)

[Capítulo 23 – A ascensão](#)

[Epílogo](#)

[Linha cronológica](#)

[Ciclo da lua cheia](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)

[Outras obras](#)



PALAVRAS AO LUAR

A PÓS TERMINAR MINHA PRIMEIRA OBRA, “A Maldição do Lobisomem”, enquanto ainda procurava uma editora para publicá-la, minha esposa instigou-me a continuar penejando, contando e criando outras narrativas. Mas nunca me considereei um escritor. Tive uma ideia (que acredito ser original e inédita) e transformei-a numa história completa e fechada em si mesma. Um livro com começo, meio e fim. Sem trilologias ou possibilidades de estender indefinidamente o enredo inicialmente concebido. Não que eu não aprecie uma obra que se prolongue por páginas e mais páginas de tomos apartados. Apenas acreditei que tivesse esgotado os limites da minha criatividade com a colocação do “FIM”.

Porém, mesmo ocupado com o trabalhoso processo de tentar conseguir uma editora que aceitasse a publicação do livro (pesquisa sobre as linhas editoriais de cada empresa, impressão e envio dos originais, elaboração de resumos, sinopses, currículos e as mais diversas exigências idiossincráticas de cada editora), minha mente inquieta começou a arquitetar uma trama a respeito de um dos personagens d’A Maldição.

Independente de minha vontade consciente, uma nova história se formou e os personagens começaram a me atormentar o cotidiano, exigindo que lhes desse a vida faltante através das minhas palavras. Aparentemente, a mente do escritor é uma espécie de prisão para as pessoas da ficção. Ganha-se um princípio de vitalidade com o mero pensamento, mas o efetivo nascimento desse ser ficcional depende da transposição dessa ideia para o papel (ou para a tela do computador, como é o meu caso).

Um último estágio, o desenvolvimento pleno do personagem, dá-se quando ele soma aquele impulso mental inicial do autor com a magia que escapa cada vez que as palavras são absorvidas pelos leitores. Quanto mais pessoas leem a mesma história, mais os personagens ganham vida própria e uma espécie de existência singular que ultrapassa os meros limites do livro.

Invejosos da existência plena dos tipos criados n'A Maldição, os personagens da segunda trama clamaram pela igualdade de seus direitos à vida.

Dessa forma, nasceram as Crônicas da Lua Cheia.

Em virtude da época em que se passa a narrativa, a presente obra, diferente da primeira, não se alicerça nos pilares da cultura pop. Procurei (não sei com que êxito) utilizar passagens e personagens históricos para conferir mais verossimilhança ao enredo. Não obstante a extensa pesquisa realizada, alguns equívocos podem ter escapado à revisão, pelo que, desde já, peço minhas sinceras escusas.

De toda sorte, o livro que você tem agora em mãos é a segunda história que se passa nesse universo (paralelo?) onde existem predadores mortais perambulando nas noites de lua cheia. Seja bem-vindo à alcateia e boa leitura!

Londrina, 26 de julho de 2016 (terça-feira) – quarto minguante.



PROTEÇÃO AO LOBO

QUANDO COMECEI A PESQUISAR AS CARACTERÍSTICAS físicas e o comportamento do lobo para me auxiliar na descrição das ações da alcateia de lobisomens, deparei-me com alguns sites e trabalhos acadêmicos que estudam o risco de extinção de várias espécies desses belos animais. O cenário atual é desalentador.

O cenário atual é desalentador.

Enquanto a cultura celta adorava o lobo, os cristãos o condenavam. Surgiram histórias e lendas em que o lobo mau é um pérfido e insaciável devorador de homens.

Junte-se a isso a disputa entre a espécie humana e a lupina pelo mesmo território, e temos a receita para o desastre. A ocupação progressiva e ininterrupta das terras antes utilizadas como áreas de caça, obrigou os lobos a procurar alimentos onde quer que os encontrassem. Normalmente, nos pastos criados e vigiados pelos homens.

Embora minhas obras explorem a parte da mitologia associada ao perigo do lobo, não tenho intenção de perpetuar o equívoco, mas, pelo contrário, tentarei ajudar a dissipar esse preconceito odioso.

Para tanto, gostaria de divulgar o trabalho do Grupo Lobo (site: <http://lobo.fc.ul.pt>), uma Organização-Não Governamental de Ambiente, sediada em Portugal, e que mantém o Centro de Recuperação do Lobo Ibérico. Acessem e curtam a página do Facebook: <https://www.facebook.com/pages/Grupo-Lobo-Associacao-para-a-Conservacao-do-Lobo-e-do-seu-Ecosistema/129751843000> e

façam as suas doações para auxiliar na manutenção deste maravilhoso projeto de conservação ambiental. É possível até mesmo adotar um lobo!



DEDICATÓRIA

*Para Valéria, que me instigou a
persistir nessa estranha jornada de
contar histórias*

FATO OU FICÇÃO?

“OS VESTÍGIOS DEIXADOS SÃO DE FATO bastante numerosos e apesar de, como o dodó e o dinórnis, o lobisomem pode ter-se extinguido em nossa era, ainda assim, deixou seu selo na Antiguidade clássica, pisou profundamente as neves setentrionais, atropelou rudemente a gente da Idade Média e uivou entre sepulcros orientais.” (BARING-GOULD, Sabine. *O Livro dos Lobisomens*, 1865).

“O que havemos de dizer sobre os lobisomens? Há lobisomens que percorrem as aldeias devorando homens e crianças. Como os homens dizem a seu respeito, eles correm a pleno galope, ferindo os homens, e são chamados *ber-wölff*, ou *wer-wölff*. Perguntais a mim se sei algo sobre eles? Respondo que sim. São aparentemente lobos que devoram homens e crianças.” (von KEYSERSPERG, Johann Geiler. *Die Emeis. Dis ist das Büch von der Omeissen, und durch Herr der Künig ich diene gern. Und sagt von der Eigenschafft der Omeissen, und gibt underweisung von den Unholden oder Hexen, und von Gespenst, der Geis, und von dem Wütenden Heer Wunderbarlich*, sermão proferido em Strassburg, 1508).



INTRODUÇÃO HISTÓRICA

ANTES DE DARMOS INÍCIO À NOSSA NARRATIVA, convém traçarmos algumas breves linhas a respeito do período histórico em que passeiam nossos personagens.

A Província de São Pedro do Rio Grande do Sul era uma colônia erguida sobre os escombros da Real Feitoria de Linho Cânhamo, um empreendimento estatal fracassado, arquitetado pelo Marquês de Pombal, então Primeiro Ministro de Portugal, que visava à produção do linho cânhamo, matéria-prima utilizada na fabricação de velas e cordéis dos navios, e que funcionou no interregno de 1783 a 1824.

No início do século XIX, a economia da província sulista baseava-se quase que exclusivamente na pecuária, especialmente no comércio do charque. O charque nacional competia com o produto importado da Argentina e República Oriental do Uruguai, produzido com técnicas mais modernas e com trabalho assalariado. Para os charqueadores rio-grandenses, no entanto, o problema eram os impostos e a concorrência desleal que o governo brasileiro patrocinava em benefício dos produtos estrangeiros, causando grave e generalizado descontentamento na região.

Para os sulistas, a administração central do Império orientava-se de acordo com as necessidades da Corte no Rio de Janeiro e não com as do povo brasileiro, em especial dos residentes na província meridional.

Paralelo à questão específica do charque sulista, outro problema de maior amplitude afetava a tranquilidade do Império Brasileiro: uma disputa entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo, fruto do choque entre as ideias absolutistas e

centralizadoras do Imperador D. Pedro I e os anseios liberais e federativos dos deputados.

O movimento liberal foi temporariamente sufocado quando o monarca proclamador da nossa independência dissolveu a Assembleia Constituinte de 1823, que pretendia conceder soberania (aprovação de leis ao alvedrio da sanção do Imperador) ao Poder Legislativo.

Desde a outorga da Constituição de 1824, em que se sobressaiu o caráter absolutista de D. Pedro I, detentor do Poder Moderador, os liberais pugnaram por maior autonomia do Legislativo, o que se deu com o Ato Adicional de 12 de outubro de 1834, que alterou o texto constitucional para permitir a criação das Assembleias Legislativas Provinciais, dando mais autonomia às províncias.

Contudo, a falta de discriminação dos poderes do Presidente da Província e das Assembleias Provinciais replicou em nível regional a querela que ocorria no âmbito nacional, acirrando os conflitos com o executivo e servindo de estopim para diversas revoltas regionais.

Em São Pedro do Rio Grande do Sul, dois personagens protagonizariam os polos antagônicos desse conflito: Antônio Rodrigues Fernandes Braga, presidente da província, e o coronel Bento Gonçalves da Silva, veterano da primeira campanha do Uruguai, comandante geral da Guarda Nacional de São Pedro do Rio Grande do Sul, protetor da fronteira de Jaguarão e também um proeminente estancieiro, com propriedades tanto na província quanto na Banda Oriental.

Mas além do próprio Bento Gonçalves, havia um clima propício ao pedido de maior autonomia provincial. Um dos grandes proprietários das charqueadas, Antônio José Gonçalves Chaves, defendia veementemente uma maior autonomia de São Pedro do Rio Grande do Sul com a modificação do texto constitucional outorgado em 1824 para permitir a criação de Assembleias Provinciais soberanas. Sua voz não era isolada e diversas correntes se manifestavam na imprensa escrita pugnando por mudanças. Francisco Xavier Ferreira, o Chico da Botica, que já tinha

aberto uma tipografia local em 1832 (antes os impressos vinham do Rio de Janeiro ou de Portugal), fundou a Sociedade Defensora da Liberdade de Pelotas, onde também se disseminavam os ideais de liberalismo.

Em paralelo a essa disputa interna, nos idos de 1830, uma briga pelo poder na República Oriental do Uruguai (antes a disputada província da Cisplatina) repercutiria enormemente na política interna do Império Brasileiro. Depois de uma tentativa frustrada de derrubar o presidente uruguaio Fructuoso Rivera, Juan Antonio Lavalleja, um dos heróis da independência daquele país, refugiou-se junto à fronteira brasileira, recebendo auxílio de armas, munição, homens e víveres do comandante da fronteira de Jaguarão, o coronel Bento Gonçalves da Silva. Tal assistência contrariava a orientação da Regência.

Na inauguração da primeira Assembleia Legislativa Provincial, em 22 de abril de 1835, Antônio Rodrigues Fernandes Braga denunciou uma conspiração de Bento Gonçalves que começaria uma revolução com auxílio oriental para anexar a província de São Pedro do Rio Grande do Sul à antiga Cisplatina. Porém, a acusação desacompanhada de provas acabaria por possibilitar a conjura dos deputados provinciais visando à deposição do presidente.

Assim, a insatisfação generalizada dos estancieiros rio-grandenses com a política tributária imperial em relação ao charque e os atritos decorrentes da acusação temerária de Antônio Rodrigues Fernandes Braga seriam a força motriz da revolução farroupilha, um movimento que buscava uma maior autonomia política da província com a descentralização administrativa e a concessão de soberania à Assembleia Legislativa Provincial, mas que conservasse suas estruturas sociais e econômicas.

Na noite do dia 19 de setembro de 1835, o coronel Onofre Pires da Silveira Canto, primo de Bento Gonçalves da Silva, no comando de duzentos homens, concentrou-se próximo à ponte da Azenha, o principal dentre os três acessos à cidade de Porto Alegre, e acabou por tomá-la^[1].

O presidente da província, Antonio Rodrigues Fernandes Braga, tentou resistir ao levante no dia seguinte, mas não conseguiu reunir a guarnição de Porto Alegre, acabando por ter que se refugiar no lindeiro município de Rio Grande.

Na manhã de 21 de setembro, Bento Gonçalves da Silva entrou em Porto Alegre em clima de paz e tranquilidade. O líder político farroupilha era comandante geral da Guarda Nacional da província, e esta não era formada por ladrões e assassinos, mas por gente considerada como da mais alta estirpe, ricos fazendeiros, proprietários abastados e jovens de boa família. A ocupação ordeira da cidade destruiu a credibilidade dos boatos espalhados para colocar as pessoas contra o movimento insurreto.

Em razão da falta de conforto da cidade^[2], onde os dejetos eram lançados à rua ou recolhidos à noite por cabungueiros e despejados no rio, as famílias mais abastadas mantinham chácaras nos arredores da capital e, temendo o saque, haviam abandonado Porto Alegre e se refugiado naquelas moradas periféricas nos abrigos das ilhas do Rio Guaíba. Logo após a ocupação, várias daquelas pessoas retornaram à capital.

No Jaguarão, perto da fronteira com o Uruguai e onde se localiza hoje o município de Herval, deu-se, aos 22 de setembro de 1835, o primeiro combate propriamente dito do Decênio Heroico. O tenente-coronel João da Silva Tavares (futuro Visconde do Serro Alegre), embora fosse compadre de Bento Gonçalves, era contrário ao movimento revolucionário e manteve-se fiel ao governo provincial, tendo sua estância atacada pelos farroupilhas^[3].

Após uma estrondosa vitória sobre as tropas do tenente-coronel João da Silva Tavares no combate de Seival em 10 de setembro de 1836 (mesmo contando com a desvantagem numérica de quinhentos e sessenta imperiais contra quatrocentos e trinta farrapos), Antonio de Souza Neto, em sessão realizada na Câmara Municipal de Piratini no dia seguinte à batalha, proclamou a República Rio-Grandense (que

os asseclas do Império brasileiro ironicamente diminuía com a denominação de República de Piratini).

O desejo de descentralização política descambou definitivamente para a independência da província. Nascia uma nova nação, fruto de ideais separatistas não referendados por Bento Gonçalves da Silva, que se ocupava, naqueles dias, com o cerco a Porto Alegre. Apesar de se levantar contra a opressão do governo central, Bento Gonçalves ainda era leal ao Império^[4].

Depois de dez anos de lutas, os farroupilhas aceitaram o tratado de Poncho Verde, um acordo proposto por Luiz Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, para reintegrar o Império brasileiro em troca da anistia dos revoltosos, do direito à nomeação do presidente da província e da libertação dos escravos que combateram nas fileiras republicanas.

Até hoje, o dia 20 de setembro, data do início do movimento de independência rio-grandense, é considerado um feriado no estado do Rio Grande do Sul em comemoração à Revolução Farroupilha.





Capítulo 1
A promessa



17/JAN/1832
TERÇA-FEIRA
4º dia do ciclo da lua cheia



A TARDE ESTAVA SATURADA COM A COLORAÇÃO alaranjada dos últimos raios do sol poente. O zumbido seco e incessante de dezenas de cigarras reverberava nos tímpanos e no peito de Gwenthwyfar enquanto ela seguia caminhando por entre as árvores. Uma brisa cálida fazia farfalhar a folhagem e agitava as longas madeixas negras da jovem, levando os caracóis de seu cabelo a acariciarem a delicada porcelana do rosto, uma pele branca e lisa como sugeria seu nome, adornada de salientes maçãs rosadas que davam às suas feições uma angulosidade que denunciava o abandono da infância. Uma simples saia rodada, confeccionada com um ordinário e rústico tecido negro, ondulava no ritmo de suas passadas, enquanto a macia camisa branca de algodão, ligeiramente menor do que recomendava o recato daquela época, colava-se ao corpo silfidico e revelava um decote generoso. Seus pequenos pés desviavam das pedras pontiagudas e pousavam calmamente sobre as plantas rasteiras que formavam um caminho irregular e sinuoso até um grande cedro (*Cedrela fissilis*) localizado no alto de uma diminuta colina. A relva macerada pelos membros delicados exalava o odor característico do capim-forquilha (*Paspalum papilosum Spreng*).

Junto à árvore frondosa, Gwenthwyfar tocou gentilmente seu tronco rugoso e coberto de um musgo acetinado. Com os dedos levemente explorando suas entrâncias e saliências, ela contornou com vagar sua circunferência até parar em frente a uma cicatriz entalhada na madeira onde se podiam discernir os esboços mal traçados que lembravam as letras J e S.

O botão vermelho formado pelos lábios cheios da jovem curvou-se ligeiramente num bosquejo de sorriso. Sua voz maviosa cantarolava o refrão de uma música sentimental que recentemente ouvira das cordas de um violeiro.

♪ *Saudade é dor que não dói,*

Doce ventura cruel,

É talho que fecha em falso, ♪

Enquanto Gwenthwyfar se perdia no mundo onírico dos próprios pensamentos, o matiz laranja do crepúsculo foi substituído pelo ouro velho e este, por sua vez, foi rapidamente trocado pelo breu da noite. O céu noturno salpicado de estrelas contava também com o brilho prateado da lua cheia que, subindo do horizonte pelo leste, iluminava obliquamente toda a paisagem e destacava ainda mais a alvura da delgada figura solitária no alto da colina.

A aragem mais fresca da noite, soprando de forma contínua e branda, espargia seu perfume característico que lembrava a groselha e lilás e carregava as doces notas daquela melodia.

A poucos metros do grande cedro que coroava o morrete, uma silhueta se esgueirou silenciosamente por trás de Gwenthwyfar, mantendo-se curvada para ocultar sua altura elevada, confundindo-se com os arbustos. Seus movimentos um tanto inseguros e desajeitados eram decorrência da recente transformação pela qual passara seu corpo. Seu cérebro ainda não se acostumara com a nova estatura ou com os membros mais alongados, nem tampouco com a força viril recém-adquirida.

O vulto buscava a proteção das sombras do arvoredos que se estendiam por toda a lateral do morro. A cada novo refúgio alcançado, a evasiva figura estacava e escrutinava os arredores para se certificar de que suas ações permaneceriam incógnitas. Assim que conseguia passar da respiração ofegante à compassada, o furtivo caçador lançava-se a um novo esconderijo, cada vez mais próximo de Gwenthwyfar.

Quando a jovem já se encontrava quase ao alcance de seus longos braços, a sombria figura perfilou-se revelando sua altura prodigiosa. Olhos negros luzidios refletiam o luar claro enquanto perscrutavam o corpo macio e esbelto, antecipando o prazer de colocar as mãos sobre a moça que rescendia ao inebriante aroma primaveril.

Pressentindo a aproximação do vulto, Gwenthwyfar girou sobre os calcanhares. Ao notar a súbita e inesperada aproximação, arregalou os olhos, mas não conseguiu liberar seu grito de medo e surpresa, pois uma mão calejada tapou-lhe a boca. As mãos da garota se agitaram freneticamente atingindo debilmente o peito do captor.

— Shhh! Te aquieta, guria! Soy yo. — Um rapazote alto e magro como um caniço mantinha uma mão levemente pressionada sobre os lábios de Gwenthwyfar e, com o outro braço, buscava enlaçar sua cintura.

— Sétimo, seu parvo! Se meu pai te pega aqui, ele te mata! — Gwenthwyfar ralhou tão logo teve a boca desobstruída.

Apesar dos anos vividos em terras brasileiras, a jovem mantinha um suave sotaque teutão que a fazia arrastar a letra “r”, o que tornava aquela peculiar pronúncia estrangeira bastante apropriada para as broncas e invectivas em geral.

Embora nascida em Hunsrück, uma região serrana da província do Reno, localizada na porção ocidental do Reino da Prússia (parte do que foi o grandioso Sacro Império Romano-Germânico, extinto em 1806), a menina recebeu seu nome em homenagem a sua avó de origem galesa e que, como a própria moça, ostentava um par de brilhantes olhos de cor violeta.

Para fazer justiça à donzela, a beleza de seus olhos não era seu único atributo admirável. O extraordinário domínio da língua nativa e o tempo reduzido em que se deu tal aprendizado pareciam ser obra de magia.

Talvez por ter quebrado tão rapidamente a barreira da comunicação, Gwenthwyfar era uma das poucas germânicas que se permitiam um contato mais próximo com os brasileiros, não obstante tal espécie de integração não fosse muito do agrado dos chefes das famílias de imigrantes.

Trabalhando exclusivamente em seus lotes rurais afastados da sede da colônia e acessíveis apenas por picadas interioranas e sem o conhecimento dos usos,

costumes e idioma locais, a maioria dos imigrantes teutônicos vivia isolada e mostrava-se arredia e desconfiada de uma integração cultural.

Naquele período, a maior parte dos germânicos foi alocada à margem esquerda do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, então distrito de Porto Alegre, a capital da província.

— Mas é justamente por isso que estoy le pedindo para ficares quieta, guria. — O rapaz afrouxou a intensidade do amplexo sufocante, mas manteve a bela presa enlaçada junto ao corpo. — Assim, vais acabar atraindo a atenção da tua família, Jennifer. — Fora do círculo de seus conterrâneos, o nome de Gwenhwyfar Hexenberg era adaptado de forma rudimentar para a língua portuguesa, ligeiramente salpicada de expressões e sotaques castelhanos, falada na província meridional, do mesmo modo como aconteceu com seus registros de imigração. — Com o cerco do teu pai ou no, o fato é que precisava le ver ligeiro, pois tenho uma cosa importante para falar.

— Vai confessar que estava sentindo minha falta? — Com a voz lânguida e um sorriso de mil promessas brincando nos lábios úmidos, Gwenhwyfar tomou da mão que antes lhe impediu o grito e passou-a pela face, da ponta de uma orelha a outra.

Surpreendido pelo gesto carinhoso, Sétimo sentiu-se atordado e com um rubor intenso subindo-lhe à face. Ao se abandonar satisfeito àquele estupor, deixou-se arrastar livremente pelos encantos femininos de Gwenhwyfar. Mesmo que o sentido da visão lhe fosse tomado e nunca mais pudesse tocar aquelas feições, sua memória poderia reconstruir com perfeição a bela imagem diante de si, em seus mínimos e graciosos detalhes.

Num ato devocional, ele baixou a cabeça até que seus lábios pudessem roçar levemente a boca dela. Todavia, a lembrança da razão que o arrastara até aquele encontro fez com que algo em seu interior se retorcesse, como se uma mão invisível apertasse seu estômago. Seu rosto não deixou de acusar o sofrimento.

— Que aconteceu, Set? — Uma nesga de preocupação nublou o semblante da moça.

— Jenn, yo vou me ausentar por um tiempo — ele respondeu, depois de alguma hesitação. — Preciso realizar um trabalho longe da estância.

— Trabalho? Mas por quê? Logo vosmecê vem falar em trabalho! — admirou-se a garota.

Tal espanto não era injustificado. Mais de uma vez, Jennifer ouvira da boca do namorado o desprezo pela execução de um serviço braçal.

Embora o labor livre e assalariado já fosse bastante comum para os estrangeiros germânicos, que exerciam as funções de artífices como marceneiros, serralheiros, pedreiros e oleiros, os orgulhosos rio-grandenses não se sujeitavam a tais tarefas de boa vontade por acharem-nas degradantes e mais condizentes com a mão de obra escrava. Para os homens livres da província meridional, restavam as funções públicas, a carreira das armas, as profissões liberais e a exploração da pecuária.

— Sim, trabalho, no hay como escapar. — Derreando a cabeça encabulado, Sétimo iniciou sua explicação. — Meu pai, seguindo a tradição do meu avô, apostou na agricultura, mas desde que meus irmãos partiram para pelear na Cisplatina, nossas plantações estão minguando. — Um gesto cansado com a mão indicou a direção da estância dos Carvalho. — Además, ele no sabe se essa praga que vem afligindo a lavoura é a ferrugem. É inevitável que, com a quebra da safra e a proibição da venda do trigo para Portugal, meu pai no vá conseguir saldar suas dívidas. — As palavras saíam-lhe a fórceps. Admitir o iminente risco de ruína financeira para a pretendente toldava-lhe a oratória.

Já era pensamento corrente daquela época que o progresso de uma nação estava ligado à atividade agrícola, mas a economia na província de São Pedro do Rio Grande do Sul dependia quase que exclusivamente do gado. A pecuária, na visão dos continentinos, trazia status e apresentava maior vantagem que a plantação, seja

por possibilitar a salvação dos animais da pilhagem, fato comum naquela região sujeita a constantes guerras, seja por necessitar de menores custos de manutenção por demandar reduzida força de trabalho.

— Mas, Sétimo, teu pai não pode pedir ajuda à Coroa? — indagou carinhosamente.

— No a este gobierno de merda! — As palavras de Sétimo perderam o tom ameno à mera menção da autoridade imperial. As mãos do rapaz crispavam-se intensamente num punho fechado em que se destacavam pálidos os nós dos dedos e as unhas enterradas nas palmas. — Nossa gente nunca recebeu qualquer auxílio, nem de Portugal, nem tampouco desses imperadores de sangue português que se dizem brasileiros. — Mais que faladas, as palavras eram cuspidas com desprezo e exasperação. — Hay cosas que tu no podes entender. Teu povo foi trazido do estrangeiro sem precisar sequer pagar a passagem. Ganharam terras, alguma prata e vários animais para a lida e o sustento, mas nós, os farrapos, servimos apenas para pagar impostos e servir de bucha de canhão.

A despeito da explosão de cólera, Gwenhwyfar não ficou assustada, pois já conhecia a natureza impulsiva, voluntariosa e, por vezes, explosiva do namorado.

— Não é exatamente assim, Sétimo. Nem todas as promessas feitas foram cumpridas. Nós também fomos enganados pela propaganda do major Schäffer — disse com bastante calma na voz para apaziguar os ânimos do rapaz.

De fato, o governo brasileiro não quitou os subsídios prometidos e demorou em efetuar a distribuição das terras e, quando o fez, executou mal a sua demarcação, gerando queixas de morosa solução. Além dessas, outras razões deram azo à insatisfação dos estrangeiros: o descumprimento das promessas de liberdade religiosa e de cidadania brasileira, feitas quando do agenciamento na Europa^[5].

— Esse agiota traidor — continuou a menina — nos prometeu mundos e fundos quando ainda estávamos nas terras da Confederação Germânica, porém, ao

desembarcarmos nestas plagas, ficamos sem eira nem beira e ainda fomos separados de papai por meses a fio. Assim como teus irmãos, meu pai, do mesmo modo, lutou por essa terra...

Os imigrantes teutões podiam ser separados em duas classes: os mercenários e os colonos^[6]. O pai de Jennifer, chefe do clã Hexenberg, mesmo não contando com experiência militar, foi recrutado contra sua vontade na Companhia de Caçadores Alemães de São Leopoldo e depois integrado ao 27º Batalhão de Caçadores (uma força composta por seiscentos germânicos que combateram na Guerra Cisplatina).

— Yo sé, Jenn, yo sé bien. — Sétimo meneou de leve a cabeça. — Teu pai e também muita gente já pegou em armas em nome desse gobierno. Com exceção de mim, que ainda era mui novo para pelear, todos os filhos dos meus pais morreram na Província Oriental lutando contra os portenhos e, como paga pelo sangue dos meus seis irmãos, tivemos aumentados os impostos dos nossos produtos enquanto as mercadorias dos nossos inimigos ficam isentas de taxaço! Achas que podemos esperar algum auxílio dessa Regência que beneficia os estrangeiros e sacrifica seu próprio povo?

— Não me agrada que fale assim, como um Kaiser nacionalista enlouquecido, pois estrangeira eu também sou — Gwenthwyfar (ou Jennifer) balbuciou desgostosa — Não se esqueça de que eu nasci em terras além-mar...

Diante da lamúria da amada, a loquacidade virulenta de Sétimo abandonou-o num átimo.

— Desculpa-me, meu amor. — O rapaz abraçou-a mais forte e levantou seu queixo para que ela pudesse encará-lo. — No tenho raiva de ti ou da tua gente. Vosmecês foram convidados e no têm culpa dos nossos problemas, mas esses castelhanos... — Os dentes rilharam à mera menção dos inimigos históricos^[7].

— Mas o que vosmecê vai fazer? — Jennifer tocou a mão do namorado, ainda na esperança de acalmá-lo. — Por que precisa sair da estância? — indagou com

docilidade.

— Porque no temos plata sequer para alugar um único negro para ajudar na tarefa que precisa ser levada a cabo. Vou com meu pai levar o resto do gado da nossa estância para uma charqueada em Pelotas. Después, com o dinheiro, vamos comprar animais de carga para revender, além de oferecer nossos serviços como tropeiros. Podemos ajudar a conduzir os rebanhos de outros para a feira de Sorocaba. Enquanto isso, minha mãe pode tocar a fazenda. Com o estrago na lavoura, os poucos cativos que temos darão conta do serviço.

— Esses escravos não podem ir como tropeiros e vosmecês ficam na estância?

— No, minha prenda. Essa viagem é nossa última cartada para escapar da pobreza e da ruína. No vamos vender uma ponta de gado, mas todo o resto do rebanho da estância. Todas as nossas fichas vão ser apostadas nesse negócio. É preciso que acompanhemos de perto sua execução.

— Ah, Sétimo... E quanto tempo vai demorar? — a pergunta saiu num queixume sentido.

— Só o tiempo necessário para meu pai conseguir o suficiente para pagar as dívidas e colocar a estância em pé novamente. No preciso ser o homem más rico de São Leopoldo, mas no posso me apresentar ao teu pai e le pedir em casamento desse jeito, pobre como um gaúcho — cuspiu a designação como um opróbrio, retorcendo a fisionomia num esgar de desprezo^[8].

— Não sei se meu pai o veria com esses olhos severos como vosmecê pensa — refutou a moça, mas sem conferir muita convicção às suas palavras.

— Pois ainda que essa no fosse uma exigência do teu pai, é um imperativo da minha honra. Devo ter condições de sustentar minha própria família.

De fato, Sétimo tinha razão em sua presunção. Os colonos germânicos conferiam grande valor a seu minifúndio agrário. Vindo pobres do continente

européu, consideravam sua propriedade uma prova insofismável de seu progresso e ascensão pessoal e trabalhavam arduamente para sua melhora gradativa e constante.

— Eu só espero que isso não demore muito... Eu já tenho quase quinze anos e não quero passar da idade de casar. — Gwenthwyfar fez um muxoxo enquanto seus olhos adquiriam um brilho brejeiro. — Estava guardando esse mimo para lhe dar quando fosse pedir minha mão, mas agora parece um momento bastante oportuno também. Quero que o guarde contigo. — Ela levou a mão ao decote e retirou uma madeixa anelada retirada de seus próprios cabelos, atada pela delicada fita de seda vermelha que usualmente lhe ornava a negra cabeleira. — Para vosmecê se lembrar de mim — declarou ao entregar o presente.

Sétimo recebeu o agrado com mãos reverentes e, após um ósculo transbordante de adoração, depositou-o cuidadosamente na bolsa da guaiaca, um cinturão largo de couro cru que lhe cingia a cintura. Depois, pegou as duas mãos da moça e pousou-as sobre o próprio peito. As fortes batidas de seu coração revelavam a emoção que o assaltavam naquele momento.

— Jennifer, yo le amo muito! Tu vais esperar por mim?

Jennifer suspirou profundamente e seu hálito fresco fez uma suave carícia no rosto do rapaz.

— Claro, Set. Por vosmecê, posso esperar pelo tempo todo do mundo.

A promessa foi selada com um beijo. As palavras solenes foram proferidas com a sinceridade mais pura que somente se pode encontrar no coração das pessoas que ainda não experimentaram o suficiente da vida para passar pelo cruel processo do amadurecimento.



A muitos quilômetros do Vale dos Sinos, longe, muito longe de onde se passava a enternecedora promessa de amor eterno, um grupo de experientes lobisomens se reunia para preparar sua investida. Os estômagos vazios das criaturas reclamavam de fome.

Tchevolku, o alfa da alcateia, era um velho lobisOMEM castanho com a pelagem completamente pintalgada de pelos brancos, especialmente na região do rosto. Suas orelhas triangulares e pontiagudas mantinham-se eretas na cabeça volumosa. A cor da pelagem e o formato de sua cabeça indicavam que a ancestralidade daquele licanthropo estava ligada ao lobo itálico (*Canis lupus italicus*).

Parado de pé sobre uma coxilha, o alfa esquadrihava os arredores por onde sentia a presença dos demais membros do bando. Tchevolku voltou a se apoiar nas quatro patas com a aproximação do beta da alcateia.

— *E então?*

A pergunta telepática, forma usual da comunicação entre os licanthropos, foi recebida com um leve abanar de cabeça de Sköll, que fez oscilar a pesada argola de ferro que ele tinha na orelha esquerda. O segundo em comando da alcateia era um lobisOMEM robusto com uma camada de sedosos pelos marrons recobrindo as laterais e a parte de baixo de seu corpo, mas sua cabeça inteira e todo o dorso, da nuca à cauda, era um manto de eriçados e rígidos fios de ébano.

— *Tudo seguro. Nenhum humano nas redondezas* — respondeu solícito.

— *Palavras somente, não, meu amigo. Mostre-me* — comandou Tchevolku, com um tom que, embora calmo, não admitia contestação.

— *Isso ainda não é tão fácil, vosmecê sabe.*

— *Não, não é. Por essa razão vosmecê precisa praticar.*

Sköll hesitou por um instante e, em seguida, franziu os músculos da face enquanto se esforçava para transmitir as imagens e cheiros captados durante a ronda há pouco executada.

— *Até que vosmecê já está pegando o jeito* — aprovou o alfa.

O diálogo silencioso foi interrompido pela chegada de Geri e Wendigo, os outros dois integrantes do grupo de caçadores noturnos.

Geri era um esfomeado lobisomem de estatura mediana e todo seu pelo ostentava a cor e o brilho do ébano polido. Longe de ser um espécime brilhante, era, contudo, dedicado e de uma lealdade a toda prova.

Wendigo, o último licantropo incorporado naquela alcateia, era muito maior que os demais lobisomens e tinha pelos de cor cinza, mas de uma tonalidade opaca muito escura, quase negra. Suas presas muito brancas contrastavam com o fundo escuro de sua pelagem e algo no traçado de suas feições conferia-lhe uma aparência ainda mais cruel e maligna que o usual para a espécie. Não obstante ocupasse o último posto na graduação do grupo, sua ambição para galgar posições mais privilegiadas, quiçá até mesmo o lugar do alfa, era proporcional ao seu tamanho e tornou-se evidente desde a primeira caçada.

O objetivo de Tchevolku era realizar um cerco a um pequeno grupo de vacas desgarradas de um rebanho de uma estância daquela região.

— *Geri! Wendigo! Deem a volta por trás e tragam as vacas nesta direção* — ordenou o alfa. — *Se conseguirem abater pelo menos uma, tudo bem, caso contrário eu e o Sköll damos um jeito.*

Geri rapidamente baixou as orelhas e a cauda, inequívoco sinal de submissão à ordem hierárquica da alcateia. Sem necessitar traduzir em palavras sua concordância, virou-se na direção do gado e silenciosamente foi ocupar a posição necessária para a consecução daquela tarefa.

Wendigo, por outro lado, coçou atrás da orelha e estalou a língua.

— *Não seria o caso de variarmos esse cardápio?* — contrapôs o grande lobo cinzento. — *Deve haver alguma casa isolada com alguns humanos para servir de repasto. Não acha que seria melhor?*

— *Seria melhor para ti se cumprisse as ordens sem discutir* — rosnou o alfa.

Wendigo baixou ligeiramente sua cabeça e dirigiu-se para o local combinado, mas manteve suas orelhas e cauda levemente levantadas durante o trajeto, manifestando sua insatisfação em relação ao plano de Tchevolku.

Quando o lobisomem voluntarioso não estava ao alcance da comunicação telepática, Sköll confidenciou: — *Esse ainda vai nos dar trabalho.*

— *É verdade* — assentiu o alfa. — *Mais de uma vez já me peguei pensando se foi acertada minha decisão de conceder a dádiva da lua a esse aí...*

— *E?*

— *E, na maioria das vezes, acho que fiz a escolha errada.* — Tchevolku elevou os olhos para o disco lunar e apreciou seu brilho prateado por alguns segundos antes de continuar. — *Talvez eu tenha sido muito precipitado, não sei ao certo. Ah, já estou ficando muito velho, meu amigo. Logo, logo, não poderei mais caçar e vou me afastar do bando para morrer em paz. Não quero ter que ceder minha posição pelo desafio de algum lobisomem mais jovem e com a cabeça cheia de ilusões de grandeza. Ou pior, um lobisomem que ponha em risco nossa existência secreta. Assim que eu sair da alcateia, esse será um problema que vosmecê precisará enfrentar sozinho...*

O lobisomem de capa preta tocou o focinho na lateral do vetusto lobo encanecido. Quaisquer outras palavras e ideias a serem trocadas entre os companheiros iria aguardar um momento mais oportuno, pois já se podia sentir o chão vibrando com as batidas dos cascos das presas fugindo naquela direção.





Capítulo 2
O teste



24/MAR/1832
SÁBADO
Quarto minguante



MESMO COM O FOGÃO A LENHA ACESO, O CALOR do verão dos pampas era mantido fora da cozinha da casa dos Carvalho. O pé-direito alto ajudava a dissipar o mormaço e as diversas aberturas nas paredes (janelas e porta) permitiam a passagem de uma brisa fresca. Nas estações frias, aquelas mesmas aberturas eram vedadas para impedir o ingresso do cortante minuano que vinha do sudoeste. Localizada no alto de uma coxilha, a sede da estância era bem arejada e permitia uma visão privilegiada das terras ao seu redor. Diversos casebres de pau a pique cobertos de palha estavam sendo ocupados pelos poucos escravos que se mudaram da precária senzala da fazenda.

Com o começo da derrocada da triticultura na região, os poucos agregados que ali viviam, uns mestiços de índios com pouca aptidão para o trabalho e que auxiliavam em pequenos serviços e na defesa da estância, abandonaram o local. A escassez de recursos impediu a aquisição de novos cativos. Em verdade, os negros mais jovens, por serem mais valiosos, tiveram de ser vendidos, e, com o reduzido número de servos remanescentes e o histórico nulo de tentativas de fugas, entendeu-se por bem permitir o alojamento dos escravos como se fossem agregados.

Dona Inácia dava ordens à Joaquina para o preparo do almoço enquanto olhava de soslaio para a mesa da cozinha onde seu filho e seu marido pareciam travar acalorada discussão.

O insistente e agudo trinado de um quero-quero (*Vanellus chilensis*) aumentava o desconforto e a irritação de Sétimo que, sentado na ponta de uma cadeira, ouvia do pai a negativa para seu pedido de integrar a tropa que conduziria o gado até a charqueada.

— Mas por que yo no posso fazer parte dessa comitiva? — perguntou o rapaz angustiado.

Seu Manuel Carvalho, o proprietário da estância, aproximou-se do filho e deitou as mãos em seus ombros ossudos. Mesmo com Sétimo sentado, Manuel quase não precisava olhar para baixo para encarar o filho.

— Esse não é um trabalho para ti, Sétimo — declarou com candura. — Ademais, o Rodrigo acha que tu não tens o jeito para a vida de tropeiro. Eu sigo com a tropa, tu ficas com tua mãe e ajuda no resto da colheita. Paciência...

— Ahijuna, pai! — atalhou o rapaz. — Mas nós sempre demos pouso a esses bastardos...

Joaquina, uma mucama idosa e valetudinária, assustou-se e deixou cair uma panela de barro ao ouvir a imprecação. Dona Inácia interrompeu seus afazeres e voltou-se para auxiliar a negra, aproveitando-se para se aproximar da mesa e tentar descobrir as razões do atrito entre Sétimo e seu esposo.

— Cuida da tua língua, piá! Não vou permitir esse tipo de linguajar sob meu teto — admoestou, ao sentir o olhar da mulher pousar nas suas costas. Logo em seguida, percebendo o descorçoamento do filho, Seu Manuel abrandou o discurso. — Não fiques assim, Sétimo. Olha para o teu velho... Vamos, olha. Tu és meu filho. Nada vai mudar isso. Nada poderá substituir isso. Nunca nessa vida e, provavelmente, nem depois dela. Mas, lembra-te, eu e tua mãe já perdemos seis rebentos. A lida nos campos é dura e perigosa. Tu és tudo que nos resta. Não sei o que faria se tivesse que voltar sozinho e contar à tua mãe que ela perdeu o último consolo que lhe resta nesta vida.

Sétimo correu a vista alternadamente entre o pai e a mãe, sentindo naqueles semblantes todo o amor de que era destinatário. Por mais que o jovem tentasse contê-las, as lágrimas quentes e salgadas escaparam em profusão, praticamente exsudadas dos canais lacrimais numa mistura não quantificável de raiva e enternecimento.

— Pai, justamente pelo amor que les tenho, no posso permitir que somente tu, solito, arroste o perigo. Se é necessário fazer algum sacrifício, que o façamos juntos. Además, a canga dividida hay de ser más leve. — Ele secou os olhos com a manga da camisa, levantou-se, abraçou o pai e deitou um beijo leve na testa da mãe. Com passos resolutos, o alto rapazote seguiu para a invernada onde as tropas faziam pouso.

— Ah, esse guri é teimoso como uma mula empacadeira... — bufou o estancieiro.

— É verdade. E de quem ele pode ter herdado isso? — Dona Inácia inquiriu com uma ponta de sarcasmo.



Sétimo encontrou Rodrigo acorado junto a uma pequena fogueira acesa sobre uma estrutura de três estacas que permitiam o cozimento dos alimentos da tropa.

— Buenas, patrãozinho! Estás servido? Acabei de amansar o mate — Rodrigo ofereceu, depois de tomar a primeira cuia e despejar mais água.

— Gracias! — Sétimo agradeceu com os lábios ainda ligeiramente crispados. Ele se abaixou para pegar a cuia que deixava escapar o vapor da infusão escaldante e curvou levemente a cabeça. Após tomar uns longos goles do chimarrão, a bomba roncou no fim do mate e o rapaz devolveu a cuia. — Seu Rodrigo...

— Bah, tchê — interrompeu o líder da tropa — deixa esse “Seu” de fora que não sou homem dessas importâncias.

— Rodrigo — retomou o rapaz —, gostaria que tu me aceitasses na comitiva. Soy bom na lida no campo e levo bastante jeito no trato com os animais. Tenho certeza de que posso le ser de muita ajuda.

Rodrigo levantou a aba do chapéu e secou a testa com as costas da mão. Pigarreou sonoramente antes de falar.

— Ah, patrãozinho, eu ando por essas paragens desde que me entendo por gente e conheço teu pai há mais tempo do que consigo me lembrar. Sei que ele, apesar da idade, ainda arrebenta um laço, mas tu não tens experiência nessa vida. — O líder da tropa tomou um gole do chimarrão e levantou os olhos para o rapaz ao seu lado. — Não se faz um bom peão do dia para a noite, Sétimo. Para trabalhar na tropa, o piá, antes de saber andar, já está no lombo do cavalo e entra na lida com umas dez primaveras...

— Yo le peço só uma chance, Seu Rodrigo — insistiu teimosamente o filho do estancieiro.

Rodrigo levantou-se e caminhou alguns metros observando a extensão da invernada. Enquanto o líder da tropa considerava o pedido, Juvenal, um negro robusto que ingressara na tropa após sua alforria, assumiu as tarefas do preparo da refeição. Juvenal tinha fama de bom cozinheiro e o cheiro da comida rapidamente ganhou um aroma mais apetecível. Talvez a fome despertada pelo cheiro da mistura de feijão, carne seca, farinha de mandioca e torresmo tenha ajudado a dobrar a opinião do tropeiro.

— Olha, Sétimo, tá mesmo me faltando mais um bom peão na tropa... Um que ajude a campear o gado. Vamos fazer o seguinte: se tu conseguir laçar aquele bragado antes do meu peão, tu se junta à comitiva — Rodrigo desafiou apontando para um bonito garanhão negro com a barriga branca. — Uma tentativa cada um, vale?

O rapaz assentiu com um leve menear de cabeça.

— Tonho! Venha cá, hombre! — Rodrigo chamou um peão que se ocupava em untar com sebo um correame de couro.

Antônio Amaral, o Tonho, era um sujeito com o rosto picado pela bexiga e bastante queimado pelo sol, oriundo das bandas de São Vicente. Tinha vários anos de experiência na condução de animais entre o litoral e a Imperial Cidade de São Paulo quando ingressou naquela tropa. Como os demais peões, estava trajado com as roupas apropriadas às tarefas de vaqueiro: chapelão de feltro de abas viradas, camisa de pano forte e botas de couro flexível que lhe chegavam ao meio da coxa.

Com a convocação de Tonho, o resto da peonada interrompeu suas tarefas para apreciar a amistosa disputa entre seu colega e o filho do estancieiro. Sétimo, por ser bastante alto e magro, não inspirava confiança na visão dos duros homens embrutecidos pelo trabalho campeiro.

Ao perceber a movimentação na invernada, Manuel apressou-se para alcançar o local, chegando a tempo de ouvir as explicações de Rodrigo para seu peão.

Tonho deu uma última tragada no cigarro de palha pendurado nos lábios, ajeitou a aba do chapéu, pegou uma corda e preparou o nó corredio. Depois de cuspir uma saliva grossa e amarelada, aproximou-se calmamente pelo flanco esquerdo do bragado, palmilhando o caminho com a segurança de quem já executara a mesma tarefa inúmeras vezes.

No entanto, ao fazer sua primeira tentativa, Tonho não teve sucesso na captura do cavalo. Sem demonstrar preocupação ou entusiasmo, o peão entregou a corda para Sétimo.

Um fato desconhecido dos membros da tropa — e até mesmo do estancieiro — é que Sétimo havia tomado lições de laço com um antigo capataz da fazenda. Quando ainda era apenas um menino, ele brincava laçando os grandes cachorros perdigueiros que vinham passear próximos à sede.

Sétimo, então, ajeitou a corda em suas mãos, mantendo uma quantidade suficiente de voltas enroladas na mão esquerda, para permiti-la voar sem empecilhos até alcançar a rês que objetivava capturar. Em seguida, posicionou a

mão direita junto ao nó corredio e, mantendo o sentido da corda, afastou-a até que um terço da volta da circunferência do laço estivesse com uma dupla de cordame. No momento em que estava relativamente próximo ao cavalo de manchas brancas, o magro rapaz ergueu a mão direita e girou-a no ar, mantendo o cuidado de não quebrar o movimento contínuo do pulso para não reduzir o tamanho da laçada. O ar zunia ao ser cortado pelo giro da corda.

O animal iniciou seu galope e Sétimo fez seu arremesso, mas o tamanho do laço foi pequeno demais e a corda arremessada apenas tocou os costados do cavalo, completamente esticada e já sem a abertura da alça. A cabeça de um cavalo é muito maior que a de um cachorro e tal fato não foi levado em consideração pelo filho do estancieiro ao realizar sua primeira tentativa.

Um murmúlio de risos mal contidos escapou dos espectadores e tingiu as faces do alto rapazote.

Esses merdas no manifestaram qualquer sinal de zombaria quando o colega fracassou!, foi o pensamento que lhe assaltou. Sétimo sabia que era capaz de executar os trabalhos com o gado, sabia que conseguia laçar um animal desgarrado, mas a mera possibilidade de não ter a oportunidade de fazer com que aquela gente engolisse seus chistes levava um ligeiro tremor involuntário às suas mãos.

Ao perceber a reação do filho e conhecendo seu temperamento iracundo, o estancieiro aproximou-se do líder da tropa e falou alto o suficiente para que todos ali presentes, Sétimo inclusive, pudessem ouvi-lo: — Rodrigo, eu aposto oitocentos réis no meu garoto!

— Aposto aceita, meu patrão — aquiesceu o líder da tropa, tocando na aba do próprio chapéu. — Tu escutaste, peão? Trata de não me fazer perder dinheiro, homem!

Novamente foi a vez de Tonho manejar o laço, mas, em que pese o empenho dedicado, o peão não logrou melhor resultado. Todos ali sabiam das dificuldades

de laçar um animal ligeiro e arredio como aquele bragado.

O nervosismo do momento fez aumentar o suor nas mãos de Sétimo. Ele secou as palmas na própria calça e, ao receber a corda em suas mãos novamente, realizou o mesmo ritual de preparação, apenas deixando maior a circunferência para a laçada. Com a corda já girando sobre a sua cabeça, o rapaz visualizou o local onde a cabeça do cavalo estaria um segundo depois de atirado o laço. Quando o bragado iniciou seu galope, o fio trançado percorreu seu trajeto e caiu com a volta sobre o pescoço do animal.

Sétimo continuou segurando a corda com ambas as mãos e, ao ser esticada, fechou o nó sobre o pescoço do cavalo que não reduziu seu galope. A força e o peso do pequeno Sétimo poderiam ser suficientes para interromper a corrida de um cachorro de quase trinta quilos, mas o esguio Sétimo de dezoito anos não era minimamente encorpado para refrear a carreira do equino de quase meia tonelada. Ele recebeu o forte tranco da corda e só não foi arrastado junto com o cavalo porque o trançado de fios repentinamente retesado escapou-lhe das mãos. Com a corda presa ao pescoço do animal, sua captura estava garantida.

E o desafio exigia apenas o sucesso no apresamento.

Em silêncio, Rodrigo foi até sua algibeira e pegou dez grandes moedas de cobre e colocou-as sobre as mãos do estancieiro. Na sequência, dirigiu-se ao rapaz: — Partimos amanhã mui cedo, bem antes de o sol despontar. Ajunta tuas tralhas e te prepara para uma temporada dura, homem. Daqui a Pelotas não há lugar para rancho. Que Nossa Senhora da Boa Viagem nos acompanhe. — Todos os tropeiros fizeram o pelo sinal.

O estancieiro tentou passar o braço sobre os ombros do filho, como fazia quando ele ainda era um garoto, mas a diferença da altura não o permitiu. Percebendo o gesto, Sétimo passou seu braço sobre os ombros do pai e o abraçou afetuosamente. Juntos voltaram para a casa sob os raios enviesados do sol do final de tarde.

Ainda no limite do alcance do som das conversas, ouviram a voz de Rodrigo.

— Tonho, já que perdeste para um guri, sirva a todos nós uma dose da tua cabaça. Quem sabe se ao esquentar os peito não nos esquecemos do teu fiasco...





Capítulo 3
A rusga



1º/ABR/1832
DOMINGO
Lua nova



DEPOIS DE OITO DIAS VAGANDO PELAS TRILHAS precárias que cortavam aquela parte da província, as bolhas formadas nas nádegas e nas pernas de Sétimo já haviam estourado e formado novas bolhas pela terceira vez. Mesmo acostumado com a fricção da sela, a permanência ininterrupta por várias horas montado em seu cavalo, ora trotando, ora cavalgando, puxando uma rês desgarrada de volta ao rebanho ou simplesmente acompanhando vagorosamente o ritmo da comitiva, havia cobrado seu preço.

Apesar do suplício suportado, sua soberba impedia-o de demonstrar o menor sinal de dor ou desconforto. Lutara por aquela oportunidade e não iria esmorecer ante os desafios da jornada, por mais penosos que se apresentassem. Para aliviar a provação, o rapaz levava a mão à guaiaca, que transportava sua carga mais preciosa, e seguia vagando, elevando os pensamentos à jovem que rescendia a groselha e lilás. Com um sorriso bobo, lembrou-se da primeira vez que deitou os olhos sobre a amada.



Sétimo sentia o chacoalhar que os buracos da estrada causavam na traseira da charrete. Estrada era o nome que os habitantes daqueles ermos davam à precária picada aberta pelos sulcos que os animais de carga e as rodas das carroças de transporte abriam na terra. Ele segurava fortemente nas laterais de madeira da rústica caçamba, sentindo aumentar a ardência nas palmas das mãos. Tinha receio de que um tranco mais forte pudesse catapultá-lo do veículo.

Aquela era a primeira vez que os irmãos Carvalho traziam o caçula da família numa visita à sede do Distrito de São Leopoldo. Sétimo, um garoto magricela excessivamente voluntarioso para seus parques dez anos de idade, conseguira se aboletar no banco da frente da charrete, o lugar mais confortável do veículo.

Apesar dos protestos dos irmãos mais velhos, Dona Inácia, a mãe dos meninos, conseguira assegurar ao pequeno seu local privilegiado. Ela sempre protegia mais aquele filho.

Sétimo era bem mais novo que seus irmãos, que formavam uma escada em que a diferença de idade não chegava a um ano. Dona Inácia pensava que tivesse encerrado sua carreira parideira com o sexto rebento quando foi surpreendida pela gravidez tardia. Raspa do tacho era um dos apelidos que os mais velhos usavam para aborrecer o caçula.

Tão logo a charrete ficou fora de vista dos pais, Sétimo foi despejado de seu assento para ocupar o trepidante soalho de madeira. Fernando, um rapazote que cultivava um incipiente bigode, silenciou as reclamações iniciais do menino com um forte cascudo. De todos os irmãos, Fernando era quem mais atormentava o caçula. Todos seriam repreendidos quando retornassem à estância, mas, até lá, fariam valer suas prerrogativas de idade.

Com um estalo das rédeas, o veículo ganhou mais velocidade. Eles não queriam se atrasar.

Em meados do ano de 1825, antes do início da Guerra da Cisplatina, um dos passatempos prediletos dos jovens filhos de Seu Manuel e Dona Inácia era ver o desembarque dos estrangeiros que chegavam a bordo do veleiro Protector. O que se iniciara com uma imigração tímida de apenas trinta e nove pessoas, passou a ganhar cada vez mais intensidade.

A viagem de navio da Confederação Germânica até as terras sulistas do império brasileiro se estendia por várias semanas, geralmente com condições precárias de higiene e alimentação, fazendo com que os imigrantes chegassem física e mentalmente esgotados. Embora cansados, sujos e maltrapilhos, o desfile daquelas pessoas peculiares não deixava de atrair o interesse dos locais. Naqueles rincões de poucas distrações, a recepção dos germânicos era um passatempo honesto e gratuito.

Os rapazes apreciavam a procissão daquela gente loura e de fala estranha que se abrigava na Casa da Feitoria até que fosse tomar posse de um pedaço de terra daquela região.

Sétimo testemunhava aquele espetáculo pela primeira vez. Os olhos curiosos do menino passeavam de um lado para o outro, como se pudesse absorver toda aquela diversidade apenas com sua observação silenciosa. Repentinamente, sua visão fixou-se num espécime singular daquele cortejo. Uma menina mais nova, que não poderia ter mais que sete ou oito anos, caminhava de forma resoluta, como se as aflições da viagem não tivessem conseguido diminuir-lhe a altivez e o orgulho.

Os pés ligeiros da menina faziam revoar sua saia preta, agitando-a no ar apesar da ausência do minuano. Sua camisa branca de algodão apresentava uma alvura singular em comparação com o restante da vestimenta de seus patrícios.

Sétimo observava a pequena, atento e embevecido, mas, quando seu olhar cruzou com o dela, sentiu um arrepio inédito percorrer sua espinha. Aquela conexão pode ter durado apenas um breve momento ou uma eternidade, ele não saberia responder, pois perdeu completamente a noção do tempo. Sétimo não conseguiu mais desviar sua mirada daquela menina, como se um tipo de gravidade inescapável atraísse seus olhos. Ele desconhecia aquela espécie de atração sem forma e que ainda não sabia nomear. O menino nunca experimentara uma sensação como aquela e pensava que tampouco pudesse um dia esquecer a coloração violeta daqueles olhos.



Um volteio brusco do cavalo arrancou o filho do estancieiro de suas reminiscências.

Sétimo montava o arisco bragado utilizado na prova do laço que atendia pelo sugestivo e merecido nome de Cometa. Debitando ao garboso animal seu ingresso na comitiva, o rapaz mimava a montaria coçando-lhe a cernelha de tempos em tempos e dividindo com ela as duas maçãs que trouxera em seu embornal.

Tonho viajava no lombo de um cavalo crioulo de pelagem caramelo e os demais membros da tropa andavam sobre os costados mais estáveis de vigorosas mulas.

Sétimo seguia na frente da comitiva composta de oito membros, bem ao lado de Carlota, a madrinha da tropa, uma mula encorpada e bastante experiente, contando com mais de trinta viagens por aquela estrada. Seu nome fora dado como irônica homenagem à rainha espanhola de Portugal que os tropeiros, mesmo sem nunca lhe terem deitado os olhos, afirmavam sincera e veementemente ser mais feia e teimosa que o muar homônimo.

Logo após cruzar um vau do Rio Camaquã, Carlota começou a mancar ligeiramente. Sétimo apeou do bragado e ajoelhou-se junto do animal claudicante. Depois de retirar uma pequena pedra encaixada no casco de uma das patas dianteiras, o rapaz tentou montar em Cometa, mas, por descuido decorrente das dores e do cansaço, deixou frouxas as rédeas.

Nessa hora, uma cobra passou ao largo e o cavalo, assustado, saiu em desabalada carreira com o rapaz pendurado com apenas o pé esquerdo encaixado no estribo. A orla do rio foi adotada como trajetória pelo animal temperamental, que seguia espadanando água em profusão. Ainda suspenso na lateral da montaria, Sétimo agarrou-se ao cepilho da sela para não cair e ser arrastado, preso com o pé no estribo. Algo além da cobra devia ter tocado nos instintos do cavalo, pois, mesmo para o temperamento bravio de Cometa, aquele comportamento era insólito e singular.

Tonho encontrava-se muito longe para sequer notar os apuros de Sétimo e, para desespero de Manuel, o estancieiro transformado em peão, ele e quaisquer dos outros membros da tropa seriam incapazes de, com suas montarias mais lentas,

prestar assistência eficaz e tempestiva ao rapaz que se afastava no sentido da correnteza do rio.

A distância de dezenas e dezenas de metros foi percorrida em poucos segundos até que Sétimo, reunindo todas as suas forças, conseguiu passar a perna direita pela sela e completar a montaria. Tão logo retomou as rédeas e conseguiu refrear o ímpeto de Cometa, o rapaz notou que um viajante que se encontrava à beira do rio foi derrubado, provavelmente escorregando no limo das pedras para desviar do cavalo ou perdendo o equilíbrio na correnteza para escapar do atropelamento. Logo após o vau, o Rio Camaquã corria bem mais veloz em seu leito mais estreito e profundo.

Sétimo tentou se aproximar para auxiliar o estranho, mas Cometa relutava a se aproximar da figura, relinchando à beira do pânico. Prontamente, outros três homens chegaram para ajudar o companheiro caído. Pelo que se podia notar, o orgulho era a única baixa do incidente. O filho do estancieiro apeou do brgado e passou a mão pelo lustroso pelo negro do pescoço para se certificar que o animal estava mais calmo. Na sequência, amarrou-o numa árvore próxima e foi apresentar suas desculpas ao sujeito derrubado pelo ímpeto de Cometa.

Júlio, com a roupa toda encharcada, abaixou-se para pegar um cantil de couro que começava a ser arrastado pela correnteza. Com a carga assegurada, virou-se para Sétimo e avançou dois passos para colocá-lo no raio de alcance de seus braços compridos, com o que lhe acertou um soco direto no queixo. Sua altura rivalizava com a do filho do estancieiro, mas sua constituição encorpada de homem feito revelava uma disparidade de forças bastante considerável, razão pela qual foi rapidamente contido por Raul e Tibério, seus companheiros de andanças.

— Me larguem que vou ensinar uma lição a esse patife! Quase pôs a perder minha reserva especial — vociferou o gigante de traços duros e salientes. Olheiras escuras penduradas sob os olhos davam à sua fisionomia um aspecto maligno. O

cheiro de vinho velho era bastante acentuado em seu hálito, forte o suficiente para embrulhar o estômago de todas as testemunhas daquele arroubo de raiva.

Raul e Tibério seguravam, cada qual, um dos braços de Júlio e tiveram dificuldade para conter fisicamente o ataque violento do titã raivoso. Era estranho testemunhar aquele episódio, pois cada um dos andarilhos apaziguadores encontrava-se num extremo do espectro de perfeição estética. Raul tinha traços marcantes e bem delineados. Representava o epítome das preocupações dos guardiões das donzelas casadoiras. Tibério, ao contrário, era feio de doer. Seus olhos esgazeados, praticamente saltando das órbitas, dava-lhe um aspecto de batráquio deveras repulsivo.

— Calma, Júlio! Sossegue, homem! — O comando dado, e prontamente obedecido, foi proferido por Carlos, um homem de rosto austero, olhos miúdos e longos cabelos grisalhos, aparentando ter idade suficiente para ser pai ou avô dos demais.

Ao ser derrubado, Sétimo caiu numa parte mais funda do rio e começou a se debater inutilmente por não saber nadar. Carlos esticou o braço musculoso e coberto de pelos crespos oferecendo-lhe a mão. O rapaz pegou-a firmemente e a puxou com sofreguidão até conseguir se firmar a salvo da correnteza. Mesmo naquela situação desesperadora, o filho do estancieiro notou o calor incomum que emanava do toque do velho que o auxiliava, mas sua gratidão e sua curiosidade não foram capazes de se sobrepor à sua natureza irascível. Sétimo tentou se desvencilhar da pegada de Carlos para ir se atracar com o gigante que o atacou enquanto ainda estava desprevenido. *Quiero ver tentar de novo, bastardo!* — pensou rilhando os dentes.

— Paz, garoto. — O velhote se antecipou barrando-lhe o caminho, como se pudesse ler os pensamentos de Sétimo. — Nós não queremos confusão — anunciou de forma pacífica, levantando as mãos — e, acredite em mim, vosmecê não vai querer puxar briga com esse sujeito... — ajuntou em tom mais baixo.

Seu Manuel e Rodrigo se aproximaram do local do entrevero enquanto os demais tropeiros conservaram suas posições rio acima.

— Mas que sucede aqui, hombre? — indagou apressadamente o líder da tropa.

Júlio já levava a mão ao punhal que sempre mantinha na cintura quando foi refreado pela voz estentórea de Carlos, o velho que agia como o chefe daquele pequeno grupo de andarilhos.

— Fiquem tranquilos, companheiros — apaziguou os ânimos exaltados, tornando a erguer as mãos desarmadas. — Foi apenas um acidente seguido por um mal-entendido. O meu amigo se abespinhou um pouco com o susto, mas já estava pedindo perdão ao rapaz... — Um olhar duro como ferro forjado acompanhou as palavras de Carlos e, tal qual um cabresto invisível, conduziu os gestos do gigante. Júlio se aproximou de Sétimo com a cabeça baixa e balbuciou algo que, para todos os efeitos práticos, foi considerado como um singelo e não tão espontâneo pedido de desculpas.

Arrefecidos os ânimos e feitas as apresentações de praxe, Rodrigo convidou os andarilhos a dividir o fogo e a comida do acampamento: — Já passa bem do meio-dia e nós já íamos mesmo encostar por estas bandas. Fiquem conosco esta noite.

Carlos aceitou o convite de bom grado e, enquanto todos voltavam para junto da comitiva, virou-se de frente para o rapaz que se aproximava.

— Seu Carlos, gracias pela ajuda no rio... — Sétimo agradeceu meio sem jeito.

— Sem problema, meu jovem. Mas procure não puxar briga com o grandão. Isso pode ficar muito feio bem depressa. Mantenha a alma forte e o coração sereno.

— No, no é disso que estoy falando — contestou o rapaz. — Quiero dizer, agradeço por me puxar da água, no por me impedir de pelear. — Sétimo não queria que o velho pensasse que ele tinha ficado com medo de Júlio. — Yo no aprendi a nadar muito bem, então...

— Ah, não ligue para isso, Sétimo — Carlos atalhou com brandura. — Nós não somos perfeitos. Ninguém é. Bem, eu, com certeza, não sou. Mas também não é vergonha nenhuma admitir um defeito ou alguma coisa que ainda não sabemos. — O velho deu um sorriso cansado e algo naquele rosto transparecia uma sabedoria simples.

Sétimo assentiu com um meio sorriso e seguiu em direção ao galho onde Cometa estava amarrado, pateando indócil como um cavalo xucro.

Júlio olhou de esguelha a partida do rapaz e puxou Carlos de lado, iniciando uma conversa em voz baixa o suficiente para ficar apenas entre os dois.

— Olha, chefia, essa é uma tropa com poucos peões. Ninguém daria pela falta dessa gente. Que usted acha, hein? Podíamos marcá-los para uma visita na próxima lua cheia, não? — indagou com um toque de malícia brincando nos lábios.

— Júlio — Carlos suspirou como se tivesse que explicar a mesma coisa pela milésima vez a uma criança birrenta —, nós vamos continuar caçando o gado solto que é abundante nestas terras. Quando não tiver outro jeito, ou quando a necessidade assim o exigir, nós faremos vítimas humanas. É importante evitar o contato dos homens com nossas feras para preservar nosso sigilo.

— Eu sei, eu sei, temos que manter o segredo, más...

— Mas nada — atalhou o velho. — Se vosmecê realmente já tivesse entendido isso, não ficaria me fazendo esses pedidos absurdos.

Júlio baixou a aba de seu chapéu e encarou o chão à sua frente. Quando ficou sozinho, virou o conteúdo de seu cantil goela abaixo e manteve o silêncio acabrunhado durante o resto dia.



Enquanto os peões aproveitaram a proximidade do rio para conseguir alguns peixes para o jantar, os andarilhos se embrenharam pela mata e voltaram com um veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*) abatido.

O encontro dos grupos propiciou, além da refeição reforçada do feijão tropeiro com peixe assado e churrasco de carne de veado, uma animada conversa pontuada com uma infinidade de causos contados à volta da fogueira. O cair da noite pareceu atrair um manto gélido que recobriu a região e algumas doses de cachaça foram repartidas para afastar a friagem. Júlio, sem cerimônias, sorveu grandes goladas da bebida, para espanto dos tropeiros. Diante da atitude descortês do companheiro, os andarilhos dispensaram sua porção do esquentinha, até mesmo porque pareciam imunes à baixa temperatura daquela noite escura.

— Então, Seu Carlos, se me permite a curiosidade, que é que tu e teus homens fazem nessas paragens? — perguntou Rodrigo.

Acostumado à curiosidade da gente simples e trabalhadora, o velho andarilho não se furtou de explicar seu modo de vida. — Ah, a gente vive nesse mundão um dia por vez. Um pouco de caça, um tantinho de pesca e, de vez em quando, um banquete como este oferecido pelos amigos que fazemos por essas trilhas — elogiou com um sorriso nos olhos.

— Sem pouso certo? — interveio Seu Manuel.

— Nós não temos terras para cercar, nem patrimônio para proteger. Vivemos livres com o céu como único teto sobre nossas cabeças.

Livres, hunf. Vivemos como mendigos, como párias, isso sim. Por mim, poderíamos nos assentar perto de algum vilarejo, com um mínimo de conforto, e com um plantel diversificado de caça para os lobos... — Júlio contestou em pensamento sobre o principal motivo de discórdia entre ele e Carlos.

Alheio ao entrosamento dos grupos, o gigante, já levemente embriagado, observava calado a conversa ao redor da fogueira. Quando seu olhar cruzou com o de Sétimo, a indignação (ou talvez o excesso de álcool) fez uma bile amarga subir por sua garganta. Ele passou a procurar, então, uma maneira de tirar a desforra pela injúria que julgava ter sofrido. Em sua opinião, o único soco que conseguiu desferir não o colocou em pé de igualdade com o magricela incompetente que tentara atropelá-lo. Ainda que não ousasse desobedecer declaradamente às ordens do alfa, ainda podia se utilizar de mentiras e subterfúgios que eram suas armas prediletas. Pouco a pouco, um esquema viável foi se desenhando em sua mente traiçoeira.

Destarte, quando Carlos se afastou da animada roda de conversa para urinar, Júlio observou o local com atenção e, alegando, igualmente, a necessidade de esvaziar a bexiga, dirigiu-se ao mesmo sítio e conseguiu colher um pouco da terra batizada pelo alfa. Com o asqueroso barro nas mãos, ele se esgueirou sorrateiramente até a malotagem de Sétimo, acobertado pela escuridão noturna que não dispunha do brilho da lua, e esfregou o alforje do rapaz com a fétida mistura.

Pronto, guri. Mais dia, menos dia, yo e usted acabamos nos esbarrando nesses campos gerais... — com esse pensamento acalentando sua alma negra, Júlio foi dormir satisfeito consigo mesmo. Por atitudes inteligentes e ardilosas como aquela é que ele se considerava mais apto para a posição de alfa daquela alcateia.





Capítulo 4
A cidade grande



05/ABR/1832
QUINTA-FEIRA
Quarto crescente



SÃO PEDRO DO RIO GRANDE DO SUL, A PROVÍNCIA mais ao sul do território brasileiro depois da perda da Cisplatina, era um território dividido em apenas doze grandes municípios^[9]. Desde a data de sete de dezembro 1830, Pelotas ultrapassou a qualidade de simples freguesia e foi alçada à categoria de Município tendo lá sediada uma das duas companhias da Guarda Municipal Permanente da província.

Apesar do parco policiamento da região^[10], que facilitava a ação de criminosos, o restante da viagem dos tropeiros até Pelotas (ou Freguesia de São Francisco de Paula, como se queria nomear aquelas terras, por força e vontade da Igreja Católica) transcorreu sem maiores percalços.

Seu Manuel conseguiu vender todo seu rebanho ao chegar numa grande fazenda da região, malgrado já se aproximasse o término da temporada de atividade das charqueadas, que funcionavam de novembro a abril, quando o sol estava mais forte e o gado mais gordo.

Conquanto não fosse acostumado ao regateio da atividade comercial — seu costume era deixar tais pormenores a cargo de um capataz ou colocar um simples anúncio do negócio no jornal e aguardar os interessados —, o estancieiro obteve um preço justo pela sua mercadoria. Embora não representasse uma grande quantia, aquele montante poderia comprar uma boa quantidade de muares. Ao final da nova viagem com destino às feiras sorocabanas, com breve estada nos arredores de Curitiba para a engorda dos animais de carga, ele e Sétimo deveriam ter dinheiro suficiente para pagar uma boa parte das dívidas da sua estância e afastar os credores mais afoitos.

Talvez, dependendo dos resultados da colheita vindoura, até mesmo poderiam retornar a São Leopoldo para tocar a vida. Caso não conseguissem bons negócios em Sorocaba ou a lavoura não rendesse boa safra, teriam que se aventurar mais algumas vezes naquelas viagens cansativas e perigosas.

Logo após chegarem ao povoado, o estancieiro e seu filho se hospedaram num quarto separado de uma pequena residência familiar na Rua das Fontes. O restante dos tropeiros montou rancho numa pequena propriedade de Domingos José de Almeida, localizada às margens do Rio São Gonçalo, com autorização de sua esposa, Dona Bernardina, pois o estancieiro Domingos estava em viagem para Porto Alegre.

Sétimo recebera expressa determinação de permanecer no quarto custodiando a quantia amealhada com a venda dos bois enquanto o pai tratava da compra das mulas.

Ao perambular por Pelotas, o estancieiro foi atraído à igreja pelo dobre dos sinos. Depois de encerrada a missa matutina, rezada em latim (*In nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti...* blá-blá-blá, blá-blá-blá, blá-blá-blá, *Ite, missa est*) por Pedro de Mesquita, o chamado padre-doutor, um clérigo erudito e responsável pela paróquia de São Francisco de Paula, Seu Manuel permaneceu sentado no banco de madeira, na penumbra e no frescor da nave vazia, orando fervorosamente em silêncio, pedindo ajuda e proteção ao Deus cristão, a despeito de nunca ter conseguido a graça de ter atendida a quaisquer de suas súplicas anteriormente endereçadas ao Todo-Poderoso.

Com a bovina resignação religiosa plenamente renovada, ele foi se encontrar com Rodrigo para, juntos, irem ao mercado em busca do melhor preço para a compra dos animais de carga. O estancieiro confiava nos olhos experimentados do líder da tropa para avaliar os muares.

Durante as negociações na capital do charque, Seu Manuel travou conhecimento com muitos outros estancieiros da província. Sua tribulação com a lavoura não era um problema isolado. O descontentamento e a inquietação dos rio-grandenses eram acentuados na gradação e generalizados em seu alcance. Um dos grandes proprietários das charqueadas, Antônio José Gonçalves Chaves, era especialmente convincente em suas ideias de cunho liberal e abolicionista. Dizia-se

que o problema dos impostos e a concorrência desleal que o governo brasileiro patrocinava em benefício dos produtos estrangeiros estavam sufocando toda a economia da região que era baseada quase que exclusivamente na pecuária.

Há muito tempo, a administração central do Império orientava-se de acordo com as necessidades da Corte no Rio de Janeiro e não com as do povo brasileiro, em especial dos residentes na província rio-grandense. O pesado jugo imposto pelo caráter absolutista da monarquia lusitana e pelo primeiro imperador brasileiro curvou a cerviz de Seu Manuel para além do tolerável.

Embora sempre tenha sido absolutamente leal à Coroa (antes portuguesa, agora chamada de brasileira, mas sempre, pelo que se recordava, da casa real de Bragança), Seu Manuel começou a questionar a própria ideia do patriotismo. Em sua concepção, os ideais dos movimentos liberais cultivados nos círculos fechados das lojas maçônicas, mesmo as vertentes separatistas mais radicais que pululavam nesta América assolada por revoluções republicanas, faziam cada vez mais sentido.

Desde que seu pai viera dos Açores, muito antes da vinda da família real em 1808, o clã dos Carvalho já oferecera, em troca de uma sesmária (um mísero pedaço de terra para cultivar e ganhar seu sustento), o sacrifício do sangue de seis de seus irmãos, assim como de seis de seus filhos, todos peleando em diversas frentes para defender as fronteiras desse reino que insistia em lhe virar as costas.

Nem se poderia dar a desculpa da falta de recursos para negar a ajuda financeira à província sulista, pois, havia coisa de dois ou três anos, o Imperador desertor liquidara o Banco do Brasil, criado e completamente dilapidado pelo mesmo gatuno, D. João VI, rei de Portugal. Como os partidários do novo Imperador — um guri mal saído dos cueiros — poderiam querer que se levasse a sério um governo que permite que se utilize de um banco público para financiar as próprias despesas, ao alvedrio da vontade e em detrimento de seu próprio povo? Muitas águas ainda haveriam de rolar sob a ponte do rio da História, mas o mesmo inconformismo

persistiria décadas após décadas. Um problema ainda sem solução nestas plagas tupiniquins.

Depois de realizado o último censo, Seu Manuel perdera seu direito ao voto, conferido apenas às pessoas de largas posses, e, agora, encontrava-se na iminência de perder igualmente a estância recebida por herança.

Com a cabeça apinhada de subversivas ideias liberais, o pai de Sétimo, mesmo após concluídos os negócios, deixou-se ficar sentado, sozinho e em silêncio, numa casa de pasto de qualidade inferior ruminando seus pensamentos negativos e o amargor que persistia em sua boca. Nem as sucessivas doses de aguardente puderam amenizar a sensação de se sentir abandonado pelo governo que ajudava a sustentar, com sacrifício do próprio suor e o da sua família.



Sem embargo da orientação paterna, Sétimo ganhou as ruas de Pelotas, pois não aguentava mais permanecer no interior daquele quarto perfeitamente mobiliado para um asceta. A cama de brancos lençóis asseados e a jarra de água limpa e fresca sobre a rústica mesa de madeira não ofereciam os atrativos necessários para prender o jovem naquele recinto. Nascido e criado numa simples estância nas cercanias da Colônia de São Leopoldo, o filho do estancieiro ficou muito impressionado com a opulência e grandiosidade evidentes daquele povoado. Sua curiosidade se aguçou para descobrir os encantos e maravilhas daquele aglomerado urbano.

Localizada numa posição geográfica privilegiada à margem do arroio Pelotas e a poucos quilômetros da confluência do Rio São Gonçalo, a vila conhecida pelo mesmo nome das pequenas embarcações de couro que abundavam na região, Pelotas contava com mais de 5.000 (cinco mil) almas, devendo ser incluídos os negros escravos nesta somatória, pois, a despeito da opinião preconceituosa

vigente, também possuíam o tal atributo metafísico engendrado pela mística religiosa.

Assim, pelo meio da tarde, Sétimo deixou seu claustro e aventurou-se pelas ruas largas e bem alinhadas da vila, apinhadas de inúmeras lojas de comércio e grandes sobrados residenciais. Além de uma peculiar arquitetura de colunas de inspiração greco-romana na fachada de diversos casarões, as calçadas eram adornadas pela figuração constante de homens de chapéu alto e sobrecasacas da mais fina alfaiataria e muitas moças em coloridos trajes ricos e de bom gosto. Carroças passavam apressadamente, de um lado para o outro, enquanto homens de aparência mais modesta reuniam-se em pequenos grupos e conversavam animadamente, dividindo uma cuia de mate. Uma sege elegante atravessou a rua lentamente, atraindo o olhar de todos. As mulheres coraram ligeiramente e baixaram os olhos, algumas por inveja, outras por admiração. Os homens tiraram o chapéu, num gesto cortês, cumprimentando solenemente a beldade uruguaia com basta cabeleira negra e olhos de esmeralda em seu interior^[11].

Sétimo sorriu, ligeiramente atordoado pelo espetáculo de beleza e cores exibido por aquele busto feminino ornado com uma capa de caxemira, mas seguiu seu caminho. Parou alguns metros depois ao alcançar a frente de uma construção onde um negro era severamente espancado com um chicote, sob o olhar tranquilo e indiferente dos transeuntes.

O contraste entre as imagens da bela mulher e do infeliz escravo não perturbou sua calma. As sevícias cruéis a que eram submetidos os cativos não provocavam qualquer reação de aversão ou estranhamento à grande maioria daquelas pessoas ditas civilizadas, já anestesiadas em relação ao tratamento desumano dispensado a homens, mulheres e crianças de pele escura e mantidos sob os grilhões do regime da escravidão.

Quando o capataz encarregado do açoitamento terminou de aplicar o suplício corretivo, com um enfado similar ao de um burocrata no final de seu expediente

cartorário, Sétimo dirigiu-lhe a palavra.

— Boas tardes. No pude deixar de notar a beleza desse prédio. Vai ser residência de alguém importante? — indagou com curiosidade.

— Esse aqui? — O capataz apontou para a construção. — Não, não, aqui vai ser levantado o novo Theatro Sete de Abril. Vão mudar tudo daquele galpão meio decrépito lá da esquina da Rua Anchieta com a Rua Major Cícero, onde ainda são encenados os espetáculos. Para evitar erros e atrasos, é que mantenho o rigor imprescindível — declarou, estalando a chibata. — Se não fico em cima desses preguiçosos, eles fazem corpo mole. E esse povo endinheirado daqui tem uma pressa danada e gosta dessas bobagens de teatro e outras coisas igualmente inúteis. Se quiser minha opinião, é um tremendo desperdício de dinheiro, mas quem sou eu para julgar, não é mesmo?

Em virtude do caráter sazonal das charqueadas, vários charqueadores abastados mantinham uma casa no povoado e gastavam seu dinheiro na incipiente vida cultural dali. Muito mais que dez dias de viagem separavam a pacata Colônia de São Leopoldo do próspero e fervilhante município de Pelotas. A riqueza circulante e o intenso intercâmbio cultural e comercial com outros países faziam com que a realidade de um daqueles locais se situasse num universo completamente diferente do outro.

Confrontado com tal fato, Sétimo, pela primeira vez, sentiu-se envergonhado ao cotejar o estado de suas vestes com as ostentadas pela refinada elite da região, já inicialmente mais modestas no momento em que deixou São Leopoldo e que, ademais, suportaram os rigores da dura travessia junto aos tropeiros. Na comparação, sua roupa de gorgorão aproximava-se mais dos andrajos dos escravos que da rica indumentária dos donos das charqueadas e de seus familiares.

Procurando ficar à margem para não ser notado, o filho do estancieiro deixou a Rua do Passeio e embrenhou-se numa via longitudinal que seguia em direção ao Passo dos Negros no Rio São Gonçalo.

Conforme caía a tarde, aumentava em Sétimo a saudade de Jennifer e de sua terra natal. Tal ânimo começou a turvar seu humor, mas bastaram poucos minutos perambulando a esmo para encontrar uma área de aparência mais modesta e mais alegre. É sabido que onde quer que circule o dinheiro, também se estabelecerá, não muito longe, a mais antiga das profissões.

Assim, ao cruzar a soleira de uma bodega de aparência humilde, Sétimo foi recebido pelo calor e pelo alarido da azáfama de várias moças fagueiras. Havia um grande círculo delimitado por mesas de pinho sem acabamento no soalho de tábuas rústicas do interior do estabelecimento. Nesse espaço central, mais de dez mulheres se revezavam para dançar com o público masculino que frequentava a taverna. Algumas beldades se encontravam na flor da idade, enquanto outras mais carentes de encantos beiravam a casa dos trinta. Para umas e outras, aquela vida irregular e insalubre cobrava-lhes preços diferenciados evidenciados no desgaste mais ou menos acelerado do viço da juventude.

Sétimo sentou-se a uma mesa vazia no canto mais afastado do salão. Enquanto bebericava um copo de cachaça — único consolo que seus poucos recursos poderiam custear —, ele apreciava o alegre voltear dos casais ao som de uma chimarrita, quando foi abordado por uma saliente e fogosa rapariga. Um justilho preto, curto e chanfrado punha em evidência a exuberância de um decote que parecia ter sido talhado por um inspirado Michelângelo. Sua aparência jovial revelava o pouco tempo em que devia estar naquela profissão.

— Buenas, magrão! — saudou, com olhos sorridentes e voz langorosa. — Por que estás com essa cara? Com saudade de tua querência?

— N-N-No, — o magro filho do estancieiro se esforçou para não continuar gaguejando — só estoy um pouco preocupado...

— Bah, mas que absurdo! — ela exclamou ao aproximar seu olhar malicioso do rosto de Sétimo para um exame mais acurado. — Tu ainda és praticamente um

guri! Não devias ter preocupações a lhe fechar a cara. Meu nome é Lúcia — falou ao esticar a mão delicada. — Qual a tua graça?

— Yo me chamo Sétimo. Sétimo de Carvalho. — Ele se empertigou ao declarar o nome completo. Ato contínuo, pegou a mão da moça e beijou delicadamente seu dorso.

— Ora, Sétimo de Carvalho, mas és mui galante — disse num tom brincalhão. — Será que tu poderias me pagar um trago? — Lúcia olhou furtivamente na direção do bar da taverna ao fazer-lhe o pedido. Uma de suas funções, além de divertir os clientes, era fazer com que gastassem o máximo que pudessem no menor tempo que conseguissem.

— Desculpa, hermosa, mas só tenho plata para esta dose. Mas ela é tua se quiseres — falou docemente, oferecendo sua bebida à jovem.

— Ah, mas, além de guapo, és um perfeito cavalheiro! Olha, guri — disse-lhe em confidência —, eu precisava que tu gastasses tuas economias aqui, mas já que não tens mais nada e foi tão gentil, vem comigo!

Antes que pudesse ao menos esboçar uma negativa, Sétimo viu-se arrastado para o meio do salão.

— Mas yo no sé dançar... — Foi tudo que conseguiu retrucar enquanto deslizava a mão direita para a cintura da moça.

— Isso tu podes deixar comigo! — Lúcia garantiu com convicção e doçura.

Além do charque, a habilidade dançarina do gênero feminino (das respeitáveis moças de família às raparigas de vida fácil) também fazia a fama do povoado. Lúcia assumiu a condução da dança e saiu rodopiando entre os outros casais levando Sétimo a reboque.

Ao terminar a segunda volta no apertado salão de baile, o filho do estancieiro esbarrou num moço postado de pé ao lado de uma das mesas onde um grande grupo de rapazes se ocupava em beber e provocar as damas.

— Perdão, compadre — Sétimo desculpou-se prontamente.

— Mas que maldição! — praguejou o outro.

Hipólito, a vítima do encontro, era um rapagão convencido e muito metido a encrenqueiro. Vergava um fino traje de belbute azul e, a todo o momento, lembrava aos amigos — e a quem quer que estivesse por perto — que estudara na Universidade de Coimbra e nunca deixava escapar a oportunidade de contar vantagens ou usar seu prestígio e a proteção do séquito de adúladores para humilhar as pessoas que, na sua opinião, estavam abaixo de seu nível social.

Lúcia conhecia o temperamento e a fama do valentão e tentou puxar seu acompanhante para longe daquele local, mas o rapaz já se colocara entre ela e Sétimo.

— Calma, chinoca. Para que tanta pressa? — zombou o almofadinha. Lúcia sentiu os dedos do provocador se fecharem com força sobre seu antebraço. Com um puxão violento, ela foi arrastada ao encontro dele. Nesse momento, dois outros rapazes já secundavam os flancos de Hipólito, dando-lhe cobertura para a eventualidade de uma agressão.

— Solte a moça, compadre — Sétimo conseguiu pedir com uma cadência tranquilizadora, não obstante começasse a sentir a comichão de partir para cima do insolente intruso. — Acho que podemos resolver isso somente entre nós dois.

Hipólito olhou para os lados e, percebendo que as outras pessoas ignoravam a pendenga que se travava ali e continuavam a dançar e conversar, gritou para Sétimo: — Vamos, então, resolver isso entre nós. Como homens! Venha para fora se for macho!

Nessa hora, o salão ficou em silêncio e todos os olhares convergiram para Sétimo. Quando Hipólito saiu da bodega acompanhado dos dois sequazes, Lúcia agarrou-se ao braço do seu par de dança e tentou dissuadi-lo do confronto.

— Não vá, Sétimo — pediu com os olhos já rasos d'água. — Aquele ali não é boa coisa. É melhor tu abrir os panos e sumir daqui!

— No quero fugir, hermosa — contrapôs Sétimo, franzindo o cenho. — Na verdade, no posso nem pensar numa desgraça dessa. Neste tiempo de hoje, tenho pouca cosa que posso chamar de minha, Lúcia. Basicamente, tudo que possuo é apenas a minha dignidade. Se deixar que esse rola-bosta me tome a honra, então ficarei sem nada — proclamou sem titubear e seguiu resolutamente para fora da taverna.

Ao sair, Sétimo encontrou Hipólito já um pouco afastado do estabelecimento, quase no meio de um descampado. Não havia nenhum lampião de iluminação pública naquelas ruas e a parca luminosidade que escapava do estabelecimento e das poucas casas ali perto mal chegavam para afastar a escuridão daquela noite agraciada com apenas um fio de luar.

— Já duelaste, poltrão? — escarneceu Hipólito.

Mesmo sendo alto e magro, o filho do estancieiro esperava somente uma troca de socos e sopapos, não uma disputa mais séria que poderia se acirrar num cara ou coroa de vida ou morte. Sua raiva cedeu lugar à perplexidade. Iria participar de um duelo por um simples esbarrão? De toda a sorte, seu orgulho falou mais alto.

— Dê-me uma espada, entonces, compadre, e vamos pôr fim ao nosso problema.

— Duelo de espadas? Ha, ha, ha, tu és deveras provinciano, magricela. Vamos resolver a coisa da seguinte forma. — Hipólito, já despido da fatiota engomada, mostrou um par de pistolas e esticou uma das armas para Sétimo. — Fique de costas e, ao sinal, dê dez passos, vire e atire.

Sétimo pegou a pistola e testou o peso da arma em sua mão.

— Estás com medo, guri? — instigou Hipólito. — Ainda podes enfiar o rabo entre as pernas e voltar para o buraco fedorento de que saíste.

Mais que uma provocação, o desafio era um estímulo aos brios do rapaz, compelindo-o a aceitar o duelo. Como era de se prever, Sétimo assentiu com um mero aceno de cabeça para que levassem a cabo a resolução da contenda.

— Por falar em buraco fedorento — um sabre afiado apareceu brilhando fracamente sob o queixo de Hipólito e seu gume foi pressionado contra o pescoço do valentão, fazendo escorrer uma fina linha de sangue —, acho que a senhora sua mãe deve estar se perguntando quando o filho dela, que saiu para barranquear uma égua, vai voltar para casa. Seria uma pena se ela nunca mais o visse, não é mesmo? — A voz calma que fez a pergunta pareceu vagamente familiar a Sétimo.

Diante do insistente silêncio e da imobilidade dos presentes, o vulto com o sabre usou a mão livre para pegar a arma de Hipólito e continuou: — Deixe a pistola comigo e sigam para suas casas, fedelhos. E não olhem para trás! — advertiu com severidade.

Hipólito e seus asseclas seguiram vagarosamente por cerca de três metros e, então, ao ouvirem o inconfundível som do engatilhamento da arma, dispararam com bastante rapidez sem arriscar sequer uma olhadela por sobre os ombros. Quando os três já haviam sumido de vista, a figura se aproximou e Sétimo pôde reconhecer as feições gastas do velho andarilho.

— Seu Carlos? Yo no precisava de ajuda ou de resgate — resmungou o alto rapazote.

— Não? — Rapidamente Carlos pegou a pistola das mãos de Sétimo, engatilhou-a e fez pontaria para o peito do rapaz.

O filho do estancieiro sentiu um calafrio percorrer sua espinha. Enquanto ainda estava segurando a respiração, ouviu o estalido seco do gatilho e o raspar áspero da pederneira, mas não escutou a sequência esperada do alto estampido do disparo.

— Pois eu acho que minha ajuda veio bem a calhar. Talvez vosmecê tenha se esquecido de carregar a pólvora desta pistola. — Um sorriso maroto pôde ser vislumbrado no rosto enrugado.

Sétimo respirou aliviado após o susto.

— G-Gracias, S-Seu C-Carlos — tartamudeou com os olhos arregalados. — Desculpa-me pelas minhas palavras. Yo achei que o senhor poderia ter me tomado por um cobarde, mas claramente me precipitei nas minhas conclusões.

— Não se preocupe com isso, garoto. Vosmecê já deu prova suficiente de fibra e coragem. Lembro-me bastante bem da sua disposição para se atracar com o Júlio à beira do rio. Já vi muito marmanjo bem mais forte e encorpado que vosmecê capitular antes de se atirar numa refrega com aquele pulha. O grandão tem cara de mau e amedronta muita gente. Mas, confie em mim quando lhe digo, sua índole é ainda pior.

— Mas por que permite que ele ande com o senhor?

— Essa é uma história antiga... Digamos que ela começou com uma decisão de tirocínio questionável e agora eu me vejo obrigado a consentir que ele acompanhe meu grupo. Na vida que levo, por vezes criamos uma espécie de laço com algumas pessoas, um vínculo que nos junte fortemente uns aos outros. Bom, isso na maioria das vezes — queixou-se com azedume. — Hoje mesmo estou procurando o grandão. Ele deveria estar com o grupo, mas, provavelmente, está em alguma baiuca enchendo a cara... Bêbado imprestável! Enfim, o Júlio pode não ser boa coisa, mas é como se fosse da família...

— Buenas, gracias novamente. Posso le perguntar uma cosa? Como sabia que yo precisava de ajuda?

Carlos coçou o nariz, antes de responder.

— Estava passando por acaso e percebi algo de estranho nesse cenário. Reconheci sua pessoa quando me aproximei. Vosmecê pode ser novo por estas paragens, filho, mas eu ando por essas estradas há muito tempo e sinto de longe o cheiro das trapaças de gente daquela laia. Pode se dizer que dava para sentir o fedor da felonía... E, mais que tudo, não há por que negarmos ajuda a quem precisa. Quem sabe, um dia, nossas posições não se encontram invertidas, não é verdade? Siga tranquilo e não se esqueça: mantenha a alma forte e o coração sereno.

Sétimo anuiu com um simples menear de cabeça e tornou a apertar a mão do velho.

— Certamente, senhor. Nunca esquecerei que le devo minha vida. Duas vezes, já... Espero que voltemos a nos encontrar em melhores situações.

Sem dizer mais nenhuma palavra, o velho colocou as pistolas na cintura, virou-se e sumiu na escuridão da noite.



Capítulo 5
O primeiro ataque



13/ABR/1832
SEXTA-FEIRA
2º dia do ciclo da lua cheia



O SOL DO MEIO-DIA BRILHAVA NO REFLEXO DAS águas barrentas e encrespadas do Rio Camaquã. A luminosidade excessiva quase cegava os tropeiros que iniciavam a montagem do acampamento. Até aquele momento, a condução dos animais de carga quase não demandara a atividade dos campeadores. Mais prestativos e resistentes que o gado bovino, os muares seguiam, em passo constante e seguro, a liderança de mula Carlota, a madrinha da tropa.

Uma chuva torrencial na parte mais alta do rio, incluindo alguns de seus afluentes, imprevista para aquela época do ano, provocou uma cheia extemporânea que impedia que os animais vadeassem o agora rápido e caudaloso curso d'água. As escuras e agitadas águas fluviais, repletas de galhos e troncos arrancados das matas ciliares, desaconselhava a travessia. Por segurança, Rodrigo determinou que montassem pouso próximo à beira. Da mesma forma súbita que o nível do rio se elevou, ele também desceria permitindo a continuidade da viagem.

Enquanto os demais ajeitavam o pouso, Sétimo e Tonho levaram os animais para beber água à margem do rio e depois conduziram o rebanho para uma planície lindeira onde ainda havia pasto. Ao terminar de escovar a pelagem quase toda negra de Cometa, o filho do estancieiro amarrou sua montaria ao lado do cavalo de Tonho, próximo à pastagem das mulas.

Mesmo antes de se aproximar do fogão rudimentar da tropa, três estacas fincadas ao chão e cruzadas na parte superior, Sétimo sentiu o aroma tentador do torresmo fritando no grande caldeirão de ferro onde se preparava o feijão tropeiro. Uma ripa generosa de uma manta de charque também exalava seu odor característico. Quando a comida ficou pronta, o magro rapaz comeu sua parte com avidez. Satisfeito, olhou em torno da fogueira e percebeu que Tonho mastigava algumas frutas apanhadas na cavalgada daquele dia, sem se servir do feijão ou do churrasco.

— Por que no estás comendo, Tonho? No estás bom das tripas? — Sétimo perquiriu de boca cheia.

O resto da peonada trocou gracejos falando em surdina ao ouvir a indagação do rapaz.

Sem se dar por ofendido com a troça do grupo, Tonho respondeu: — Hoje é sexta-feira 13, rapaz. Eu não como carne no dia de hoje, ainda mais no meio destas brenhas que viviam infestadas de um povo pagão.

— Bah, tchê! Isso são só crendices — interveio Rodrigo.

— Crendices ou não, hoje eu não como carne — pontificou Tonho.

— Pois eu nunca renego um churrasco, um chimarrão ou uma china, essa é minha crença — continuou o líder da tropa, sob a ovação dos tropeiros. — Ando por estes caminhos, aberto como tamanduá em picada, e as únicas assombrações que me perseguiram foram os fiscais do gobierno. Os impostos me metem mais medo que a Teiniaguá ou a Boitatá.

— Yo já ouvi falar da Teiniaguá. É a lenda de uma princesa transformada numa salamandra com cabeça de rubi, mas o que é a Boitatá? — Sétimo inclinou-se para frente.

— Tu não conheces essa história? Dizem que um dia houve um grande dilúvio que matou quase todo bicho vivente. — Rodrigo adotou um tom teatral e atraiu a atenção de todos em volta da fogueira. — Só a cobra-grande que os índios chamavam de Guaçu-boi escapou se pendurando no galho de uma árvore bem alta. Quando as águas baixaram, esse cobrão saiu comendo os olhos de tudo que era bicho morto. E, gente ou bicho, os olhos guardam sempre a última luz que viram quando ainda estavam vivos. Pois de tanto comer dessa luz, a cobra foi ficando mais e mais brilhosa até que acabou por rebentar e morrer...

Durante sua pausa dramática, Rodrigo encarou demoradamente cada um dos companheiros, olhando bem dentro dos seus olhos, e parou em Sétimo. Com voz

mais baixa e uma inflexão rascante, o líder da tropa continuou sua narrativa. Todos se inclinaram para frente para conseguir continuar ouvindo a história.

— Quando a Guaçu-boi morreu, um clarão se espalhou por todo lado e os índios passaram a ver a cobra de fogo, ou Mboi-tatá na língua deles, andando pelos cemitérios, faminta por mais olhos dos vivos ou dos mortos. — Rodrigo olhou de um lado para o outro, esquadrinhando os arredores da fogueira. — Ainda hoje, se ficar perdido de noite num matagal, vosmecê pode acabar encontrando a Boitatá...

Nesse momento, Pedro, um dos peões com ascendência indígena e que já conhecia o final da história e sabia bem a sua deixa, cuspiu um pequeno jato de aguardente sobre as chamas da fogueira. Uma bola de fogo se formou no centro daquela roda, fazendo todos se afastar num pulo. Sétimo e o negro Juvenal chegaram a deixar escapar um grito de medo com a voz uma oitava mais baixa que o normal.

— Eu acho que isso não é coisa para se brincar — retrucou Tonho, persignando-se com o sinal da cruz.



Com a lua cheia passeando no alto do céu claro do início do outono, a alcateia realizou sua transformação. Em velocidade espantosa, os ossos humanos foram esticados e moldados para a forma licantrópica, mais apropriada para a caça e para a matança, sendo recobertos por músculos poderosos que, por sua vez, eram encimados de um couro resistente adornado por pelos longos e duros.

Tchevolku, o lobisomem de pelagem castanha sarapintada de fios brancos foi o último a se colocar em pé, mas foi secundado pelo beta da alcateia, o atencioso lobo de capa preta, até que finalizasse sua mudança.

Qualquer observador mais atento perceberia que, durante a fase de transição, naqueles poucos segundos adicionais que o alfa demorava para concluir sua metamorfose, o licantropo cinzento revelava-se inquieto, andando de um lado para o outro nas quatro patas. Wendigo corria os olhos do alfa para o beta, encarando incessantemente as figuras de autoridade do grupo.

— *Perdeu algo, Wendigo?* — Tchevolku indagou telepaticamente, fazendo um grunhido acompanhar a pergunta.

— *Não, meu alfa.* — Sempre que o lobisomem cinzento utilizava os títulos da hierarquia da alcateia, aquilo soava levemente zombeteiro. — *Só estou com fome e, por isso, um pouco ansioso para sairmos para caçar.*

— *Todos estamos com fome* — interveio Sköll.

— *Só mais uma razão para não perdermos tempo, não é?* — observou, insolente.

Depois de lançar uma rápida olhada para Wendigo, o lobisomem grisalho colocou-se de pé sobre as patas traseiras e empinou seu focinho para cima, aspirando longamente.

— *Peguei o cheiro de um grande rebanho misturado com minha marcação de território de caça. Não parece estar muito longe. Vamos!* — comandou o alfa.

Conforme o quarteto deslizava silenciosamente pela planície, desviando-se de árvores e arbustos, as vozes da vida animal noturna se calavam durante a passagem. Tchevolku corria à dianteira do bando e, distantes poucos metros uns dos outros, os demais lobisomens seguiam em fila indiana.

Ao se aproximar do rebanho de animais dormindo num pasto, o alfa parou atrás de uma coxilha, sendo imitado pelos demais membros da alcateia.

— *Esperem!* — Depois de alguns instantes em silêncio, completou — *Vamos embora! Estes animais estão muito próximos de um acampamento humano.*

— *Não podemos, ao menos, pegar um animal que esteja mais afastado?* — contestou Wendigo. — *Eu estou com fome...*

— *NÓS NÃO VAMOS CORRER O RISCO DE SERMOS AVISTADOS PELOS HUMANOS!* — rosnou Tchevolku, com os olhos se acendendo como brasas, pronto para atacar e subjugar o lobo insubordinado.



Pela segunda vez naquela mesma noite, Tonho foi buscar um canto mais afastado do acampamento para aliviar os intestinos. Ele tinha notado que algumas das frutas colhidas ainda estavam meio verdes, mas resolveu arriscar, preferindo irritar as tripas a incorrer no pecado.

O tropeiro campeador caminhou devagar, ligeiramente curvado pelas cólicas que pareciam querer torcer suas entranhas, até encontrar um local à margem de onde estava o rebanho de muares e os dois cavalos da tropa. De cócoras e com as calças arriadas, Tonho tentava expulsar aquilo que seu aparelho digestivo, de forma tão veemente, estava rejeitando. Após alguns minutos sem qualquer resultado, começou a levantar as calças já pensando em retornar para o conforto de seu manto, mas uma nova onda de espasmos dolorosos forçou-o a manter sua posição agachada.

Nessa vigília involuntária, o peão esquadrinhava os arredores com bastante atenção, pois ficara impressionado com as histórias contadas em volta da fogueira. A noite agora estava bastante clara, iluminada pelo brilho prateado e intenso da lua cheia. Tonho podia ver todo o acampamento, com os companheiros dormindo

placidamente de barriga cheia, bem como o pasto preenchido com a silhueta dos animais também adormecidos.

A sensação de ser o único acordado naquela hora pareceu aumentar-lhe o desconforto provocado pelas dores abdominais. Porém, o súbito aparecimento de um distinto brilho de um rubi flamejante no topo de uma coxilha encerrou a luta de Tonho com seus intestinos. O pavor do mundo sobrenatural que o assaltou foi tão grande que a aceleração de seus movimentos peristálticos provocou o esgotamento do conteúdo das tripas num único jato pastoso de graveolência pungente. A adrenalina que passou a circular em sua corrente sanguínea cortou a sensação incapacitante das cólicas, possibilitando que ele corresse de volta ao acampamento, mesmo com as calças amarfanhadas abaixo dos joelhos.

— TEINIAGUÁ! TEINIAGUÁ! — gritou a plenos pulmões, acordando todos os tropeiros e agitando os animais no pasto.



— *Acho que agora nós precisamos eliminar aquele ali* — o lobisomem cinzento observou com tom casual.

— *Eu não sei como, Wendigo, mas acho que tem seu dedo nisso...*

— *Eu? Mas foi o seu faro que nos trouxe até aqui...* — Wendigo arregalou os olhos fazendo com que sua carranca emulasse a mais pura expressão de espanto e verdadeira surpresa. Quando os olhares dos companheiros deixaram seu rosto, o lobisomem cinzento trazia gravadas no semblante as feições do gato que comeu o canário.

— *Tchevolku!* — chamou Sköll. — *O que vamos fazer?*

— *Não temos escolha* — o alfa suspirou com resignação, notando que o homem que dera o alerta já chegara à borda do acampamento. — *Sem testemunhas! Matem todos os humanos!*



Rodrigo acordou num sobressalto ao ouvir os berros de Tonho. Apesar de desconsiderar o caráter supersticioso dos gritos do peão, a vida na estrada o ensinara a nunca subestimar qualquer espécie de ameaça, seja ela oriunda deste ou de outro mundo. Sem demora, o líder da tropa alcançou uma velha garrucha que mantinha em sua malotagem e iniciou o carregamento pela boca do cano da arma. Sua experiência permitiu que terminasse o procedimento a tempo de ver Tonho ser derrubado por duas feras enormes.

O corpo do peão foi rapidamente destrinchado pelos lobos. Suas bocarras agarravam com força descomunal a extremidade dos membros, enquanto suas garras provocavam cortes profundos junto ao tronco de Tonho. A experiência dos monstros encontrava a parte mais frágil das articulações e facilitava o desmembramento. O cheiro do sangue se espalhava rapidamente, lançando pelo ar pequenas gotículas brilhantes e encarnadas a cada pedaço separado do conjunto original.

O líder da tropa assistiu atônito ao ataque das bestas. Naquele momento, todos os tropeiros já estavam despertos e em pé, cada qual empunhando seu armamento precário. Rodrigo era o único a portar uma arma de fogo.

Antes que os homens pudessem entender a natureza do ataque, dois outros peões foram derrubados pelos ferozes lobisomens de olhos vermelhos.

Num único salto, Tchevolku se aproximou de Inocência, outro escravo liberto que ganhava a vida como tropeiro, e deslizou suas aguçadas lâminas de queratina

negra em direções contrárias. O lobisomem grisalho repuxou os lábios revelando as grandes presas brancas, rosnando com satisfação ao quase dividir aquele corpo ao meio. Os gritos de Inocêncio rapidamente se transformaram num gorgolejo sufocado quando seus pulmões se encheram do sangue que escapava dos diversos talhos abertos em sua carne. O facão caiu de suas mãos sem sequer ser brandido contra o ataque repentino da criatura.

Sköll abocanhou o pescoço do bugre que cuspira a bola de fogo naquela mesma noite, rompendo sua veia jugular. O gosto cúprico do sangue fresco atingiu a língua do lobisomem, conduzindo-o peremptoriamente ao frenesi da matança. Pedro ainda tentava desvencilhar-se da fera, mas seu punhal riscava o ar sem encontrar o corpo do monstro. Diante da tentativa de resistência da vítima, Sköll chacoalhou vigorosamente a presa até que o punhal caísse de suas mãos. Um estalo seco foi ouvido quando o torno formado pelo maxilar e a mandíbula do licantropo partiu o pescoço do bugre que ficou inerte. Assim que o corpo de Pedro foi largado, o lobisomem de costas negras colocou-se em pé e caminhou em direção ao próximo alvo.

O luar claro da noite sem nuvens permitiu aos tropeiros ainda vivos uma visão privilegiada do horror monstruoso que caminhava entre eles. Poder ter a exata noção do que se estava enfrentando, naquela situação, não poderia ser considerada uma vantagem.

Juvenal, o forte alforriado que muitas vezes assumia as funções de cozinheiro da tropa, largou o facão que empunhava e tentou correr pela orla do rio, mas foi interceptado por Wendigo. O lobisomem mordeu a perna direita do negro, seccionando o tendão calcâneo. A mordida agravada pela lesão foi suficiente para desequilibrar o cozinheiro em fuga, que caiu para frente, lacerando o rosto nas afiadas pedras do chão. O licantropo cinzento posicionou-se sobre a presa caída e cravou suas garras no espaço entre as omoplatas, arrancando gritos de agonia do ex-escravo. O medo e o sofrimento extraídos da vítima pareciam saciar o apetite da horrível criatura quase tanto quanto sua carne. Quando a caixa torácica finalmente

foi aberta pelas costas da presa, a fera mergulhou seu focinho abocanhando os pulmões e o coração de Juvenal, que já deixara de esboçar qualquer reação ao ataque.

O primeiro contra-ataque dos humanos foi obra de Terêncio, um peão de poucas palavras e que serviu brevemente nas campanhas da Guerra da Cisplatina. Quando Geri levantou-se dos restos destroçados do corpo de Tonho, o tropeiro lançou sua boleadeira que se enrolou forte e apertadamente no pescoço do lobisomem de pelos negros. Sufocado pelo artefato, Geri passou suas garras desesperadamente pelo pescoço, retalhando os fios da funda e abrindo talhos no próprio corpo. A gravidade dos ferimentos autoinfligidos e a falta de oportunidade de se alimentar adequadamente da primeira vítima deixaram o guloso licantropo temporariamente fora de combate.

Ao ver a queda do companheiro, o alfa saltou sobre Terêncio e segurou-o pelos pés e pelos braços, esticado sobre a volumosa cabeça lupina, num arremedo de um cavalete de tortura. A envergadura dos musculosos braços licantrópicos era impressionante e a força exercida por tais membros era igualmente admirável, fazendo com que as cabeças dos úmeros do veterano da Campanha Oriental comessem a se desligar das respectivas cavidades glenoides. A dor excruciante daquela distensão ruinosa arrancou brados do mais profundo padecer. Levantando o focinho ao alto, Tchevolku emitiu um uivo tétrico e começou a abrir o ventre de Terêncio a dentadas, fazendo com que seu pelo grisalho se tingisse de vermelho.

A cena obscena protagonizada pelo alfa pareceu despertar Rodrigo de seu estupor. O líder da tropa levantou o cano de sua garrucha e, sem fazer a mira, puxou o gatilho da arma. O disparo não atingiu os lobisomens, mas seu barulho ecoou na noite e provocou uma disparada dos animais no pasto.

Sköll correu para Rodrigo e mordeu seu antebraço direito. A tenaz de dentes pontiagudos do licantropo de costas negras fez com que o homem largasse a garrucha e, mais por reflexo do que por intenção, utilizasse o punhal sustentado na

mão esquerda para atingir as costas da criatura. Ao sentir o ataque em seu flanco, Sköll gadanhou às cegas retalhando o ventre de seu oponente. Perto do choque hipovolêmico, o líder da tropa abandonou o ataque ao lobisomem para, com a mão ainda livre, tentar segurar as próprias entranhas que insistiam em obedecer à gravidade e escapar-lhe da cavidade abdominal.

Os animais, assustados pelo som do tiro, corriam em debandada para todas as direções. Aqueles que tomaram o caminho do rio tentavam se desviar, sem muito sucesso, dos enormes predadores de olhos coruscantes. Parte das mulas conseguia fazer uma curva para seguir margeando o rio e outros quadrúpedes não tão sortudos tentavam fazer a travessia e eram arrastados pela forte correnteza.

Seu Manuel e Sétimo ficaram presos naquela armadilha. Atarantados com a confusão, não sabiam qual atitude tomar, pois ignoravam a origem da ameaça mais imediata. O estancieiro brandia um relho e entregou uma faca nas mãos do filho.

— Jesus Cristo! Vamos! — ordenou, empurrando o rapaz na direção do rio, o único caminho que não os colocaria em rota de colisão com as criaturas peludas que chacinaram o resto da tropa. — Vá na frente, Sétimo! Tente atravessar o rio!

— Mas, essa correnteza... Vou me afogar! Además, no vou le deixar sozinho, meu pai. No soy cobarde! — respondeu sem titubear.

— Sei disso, Sétimo, porque és meu filho. Mas o rio é a única saída. Contra a correnteza, existe, ao menos, uma chance de sobreviver. Olhe em volta, lutar contra esses monstros é morte certa! Agora, preciso que me ouças e obedeça sem discussão...

Subitamente, o estancieiro percebeu a aproximação ligeira de um vulto negro com um par de brasas escarlates. A fera vinha na direção de Sétimo.

— FOGUE DAQUI, FILHO! — gritou Manuel ao conseguir interceptar a criatura.

Sétimo sentiu-se ser empurrado e viu o pai ser derrubado por um dos gigantescos animais, uma cria do inferno que lembrava um grande lobo cinzento. Antes que pudesse esboçar qualquer reação, o filho do estancieiro também foi abalroado por outro vulto negro e arremessado em direção ao rio. A pequena faca dada pelo pai voou de sua mão. Uma corredeira traiçoeira logo o arrastou para o meio da correnteza. Com o animal negro se aproximando rapidamente e espadanando água, o rapaz só teve tempo de, antes de perder os sentidos, registrar os gritos de desespero do pai sendo dilacerado na beira do rio por caninos ávidos de sangue humano.





Capítulo 6
Os sonhos



18/MAI/1832
SEXTA-FEIRA
Quarto minguante



SÉTIMO SENTIU COMO SE SUA CABEÇA PESASSE uma tonelada. O mero ato de respirar, mesmo em arquejos curtos entrecortados, causou-lhe extremo desconforto. Um intrincado tecido de fios metálicos colocado sobre seu peito não facilitava para que seus pulmões se enchessem de ar. Uma coceira incômoda estacionara em sua mão esquerda. Seus membros padeciam de uma fraqueza debilitante e uma dor latejante se espalhava por seu dorso e desaconselhava o despertar.

Contudo, contrariando seu instinto, o filho do estancieiro obrigou-se a descerrar os olhos e foi tomado por uma súbita e intensa vertigem que foi se amenizando devagar conforme as imagens borradas iam paulatinamente tomando foco. Ele piscou diversas vezes para ajustar a visão e correu os olhos ao redor.

Uma lamparina fumarenta pendurada na parede à sua frente exalava um odor enjoativo e lançava uma luz difusa sobre o local: uma singela habitação praticamente sem mobiliário, com paredes de barro e cobertura de sapê, sem a aragem de sequer uma janela e com uma porta feita de um tipo de trançado de palha. Aqui e ali, Sétimo captava o brilho de diversos artefatos feitos de metal e madeira pendurados precariamente em buracos numa das paredes de pau a pique. Num canto afastado, uma pequena arca, com ornamentos prateados marchetados em seu relevo, jazia com a tampa entreaberta. Em seu interior, vislumbavam-se dois grandes tomos encadernados em couro e um pequeno aro reluzente.

Por duas vezes, o magro rapaz tentou afastar a mortalha prateada e se sentar no catre onde seu corpo jazia jogado, mas não conseguiu reunir sequer a ínfima quantidade de força necessária para mexer a cabeça ou levantar os braços. Devido à sua altura, seus pés não cabiam na extensão daquele leito precário e já estavam dormentes.

Sétimo não tinha a menor noção de quantos dias passara deitado naquela cabana. Toda vez que conseguia recobrar um fio de consciência, uma figura indistinta como que se materializava ao seu lado para lhe empurrar, garganta

abaixo, uma beberagem de sabor amendoado e, por vezes, também levemente picante. Algo naquela mistura aliviava as suas dores e o convidava a reentrar no mundo do sono sem sonhos.

Vez ou outra, a paz tranquila daquela total ausência de sentidos e memórias era interrompida e Sétimo entrava em alguns devaneios oníricos, recordando-se do pai e do ataque das criaturas noturnas. Quando tais sonhos esporádicos o assaltavam, ele acordava sobressaltado, suando frio e gemendo baixinho, balbuciando frases desconexas em que se repetiam reiteradamente as palavras “pai”, “lobo” e “morte”.

Em breves instantes após esse turbulento despertar, era forçado, por uma mão invisível, a tornar a ingerir a solução que apagava sua consciência, afastando os tormentos do corpo e da mente.

Acordar e ser forçado a voltar a dormir. Acordar e ser forçado a voltar a dormir. Uma vez mais, e outra, e outra, e sempre. Era assim que passavam as horas, os dias ou as semanas de sua nova vida. Era-lhe impossível mensurar o passar do tempo.

— Então, vosmecê acordou de novo? — perguntou uma voz de alguém que o filho do estancieiro não percebeu estar dentro da cabana.

Ao ter a cabeça levantada, um copo foi colocado junto aos seus lábios, mas Sétimo, pela primeira vez, conseguiu esboçar uma reação e balançou a cabeça para afastar o conteúdo sonífero de sua boca.

— Calma, meu jovem. Vosmecê ainda precisa disso. Vamos, confie em mim e beba tudo. — O copo tornou a ser empurrado na direção de sua boca. Sem outra opção que não o afogamento num copo raso, ele engoliu boa parte do líquido, com exceção dos filetes que escorreram por seu queixo. — Isso, isso. Sei que vosmecê procura por respostas, mas agora ainda é tempo de descansar. Tudo ao seu devido tempo...

A voz possuía uma cadência que passava uma sensação de calma e mansidão, com um leve sotaque que lembrava a fala dos padres católicos. Com tal percepção em mente, Sétimo sentiu sua consciência se esgarçar e tornou a cair no sono.





Capítulo 7
O salvador



29/MAI/1832
TERÇA-FEIRA
Lua nova



A SOPA RALA CONTIDA NA TIGELA EM SUAS MÃOS começou a acalmar seu estômago. Sétimo levou a tigela aos lábios e sorveu uma grande quantidade do líquido morno, pois sua força e sua firmeza ainda não lhe permitiriam manejar com eficiência uma simples colher. Sua magreza habitual se agravou consideravelmente pelas semanas de convalescença. Sua ossatura destacava-se parecendo querer romper a pele macilenta a que se encontrava grudada.

— Devagar, rapaz. Vosmecê realmente precisa de colocar um pouco de carne nesses ossos, mas desse jeito pode se engasgar. — Depois de permitir que o filho do estancieiro terminasse sua refeição, o misterioso galeno encarregado de sua recuperação continuou a conversa. — Qual é seu nome, garoto? — indagou com gentileza.

— Chamo-me Sétimo de Carvalho. — A língua parecia colada ao palato, adormecida pelo longo desuso. Ele pousou a tigela quase vazia sobre o colo. — Onde estoy? — inquiriu com evidente ansiedade.

— Sétimo, vosmecê está na minha cabana às margens do Camaquã, próximo de onde o encontrei desacordado. — O homem sentou-se na beira do catre junto aos pés do rapaz. Sua cabeça de formato ovalado tinha uma calvície já bastante avançada e os cabelos cinzentos na região já próxima ao pescoço eram compridos e amarrados numa trança que lhe caía pelas costas. Apesar do cabelo grisalho e das rugas que lhe marcavam as feições, o galeno aparentava ser muito forte e se movia com bastante graça e destreza. Uma fina tira de couro preto circundava sua cabeça e se alargava na altura do olho esquerdo, cobrindo toda a extensão daquele órgão. Toda a indumentária do velho tinha a cor negra e, mesmo sem revestir o talhe de um hábito monástico, exibia um inconfundível aspecto clerical. — Vosmecê estava todo arrebetado e tinha engolido muita água.

Sua mão esquerda coçou e Sétimo levantou-a na altura dos olhos para um exame mais acurado e tocou suavemente as marcas onde se fixaram as ventosas

das gosmentas sanguessugas. Percebendo a indagação no rosto do rapaz, o velho de tapa-olho explicou.

— Sua mão estava gangrenando e precisei usar umas... acho que vosmecês, por aqui, chamam-nas de chamichungas. Enquanto se alimentam do nosso sangue, elas secretam uma saliva que evita a coagulação. — O caolho tomou a mão de Sétimo e passou a executar movimentos de pressão contínua em seus dedos. Um leve formigar acompanhou aquela manipulação. — Sabe, acredito que vosmecê só não se afogou porque sua mão ficou presa nas rédeas enroladas em volta do pescoço de um cavalo preto, preto como um breu.

— Cometa — ele articulou sem palavras.

— Coitado do bicho, deve ter morrido de exaustão. Vosmecê deve agradecer por ter tido um animal tão dedicado. Ah, vosmecê estava agarrado a este cinto com a outra mão livre. Não sabe quanto me custou para conseguir arrancá-lo de entre seus dedos — acrescentou o caolho ao estender o cinturão de couro cru dotado de uma pequena bolsa.

Sétimo tomou a guaiaca das mãos do velho com sofreguidão, acolhendo-a junto ao peito, e o leve aroma de lilás e groselha invadiu-lhe o olfato. O perfume bastante conhecido pareceu trazê-lo mais próximo à realidade. Junto àquele gatilho olfativo mnemônico, outra lembrança emergiu de súbito.

— E meu pai? Tu encontraste meu pai? — perguntou angustiado.

O caolho baixou a vista de seu olho direito para os próprios pés e suspirou profundamente antes de responder.

— Além de algumas mulas, só encontrei vosmecê e seu cavalo. Não sei do seu pai. Sinto muito. — Depois de dar tempo para que o rapaz assimilasse o golpe da notícia, ele o encarou longamente com seu solitário olho perspicaz e questionou: — Vosmecês estavam tentando atravessar o rio e foram pegos pela correnteza?

— No, nós... — Sétimo começou a se recordar da noite daquela sexta-feira 13 e balançou a cabeça como se quisesse afugentar pensamentos inoportunos. — A-Acho que nós fomos atacados.

— Vosmecê se lembra de quem eram os atacantes? — O velho coçou a testa, pensativo. Seu olhar rutilante cravou-se no rosto do convalescente.

— Yo no sé bien. — O rapaz juntou as pontas dos dedos algumas vezes, mas, frustrado pelos pensamentos incoerentes que o assaltavam, fechou as mãos enterrando as unhas nas palmas. — Foi tudo mui rápido. Nem consegui ver direito o que nos atacou.

— O que os atacou? Interessante... — o velho caolho acentuou intencionalmente o pronome. Após uma breve pausa em que acendeu um charuto, hábito adquirido quando da sua passagem pela América Central, retomou. — Veja, normalmente as vítimas de bandoleiros ou de milícias dizem que não sabem quem as atacou? Mas vosmecê parece achar que não foi atacado por uma pessoa, e sim por uma coisa, não é mesmo? Será que vosmecês foram atacados por lobisomens?

— Ahijuna, no! — apressou-se a responder. — No pode ser. Isso é bobagem! — Conforme ia tentando encontrar motivos para acusar o improvável caolho de senilidade e demência, mais claras se tornavam as lembranças daquela noite e Sétimo passou a questionar a própria sanidade. Repentinamente, surgiu em sua mente a imagem de um imenso monstro cinzento, semelhante a um lobo, mas com membros mais alongados e um tronco que lembrava o talhe humano. Uma mistura profana entre o ser humano e a besta lupina. Uma torrente de vermes úmidos e gelados pareceu descer por sua espinha. Por pouco o magro rapaz não perdeu o controle sobre a própria bexiga.

— Durante sua recuperação vosmecê tinha sonhos agitados em que falava sobre um ataque de lobos — o velho caolho pontuou compreensivo. — Vosmecê sabe que não existem lobos nessas terras, não sabe? — indagou, acentuando ligeiramente seu sotaque italiano

— Yo já vi gravuras e desenhos de lobos em algum lugar, num livro, no sé. Acho que, talvez, um cachorro do mato ou algo parecido com esse animal nos atacou. — Sua voz vacilava, pois ele mesmo não punha crédito nas próprias palavras. A volta da recordação das criaturas sobrenaturais foi suficiente para preencher de medo o coração de Sétimo. Seus batimentos se aceleraram e as pupilas se dilataram quando gaguejou: — Lo-Lobisomens são ap-penas lendas...

O velho se empertigou e deu algumas voltas pelo interior da cabana antes de prosseguir. Quando terminou seu charuto, retomou a conversa.

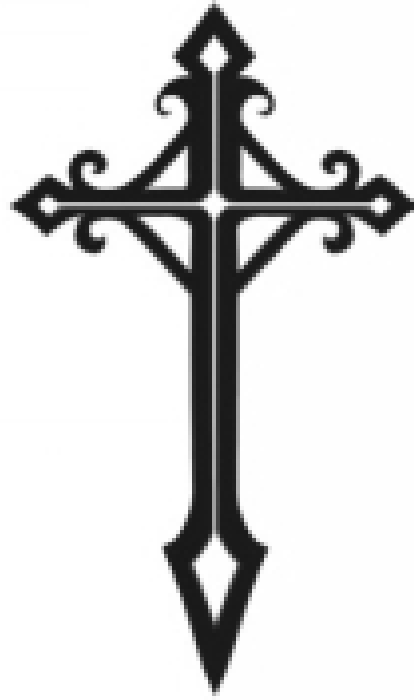
— Infelizmente, rapaz, essas criaturas são muito mais que meras fantasias. Eu acredito que os lobisomens não são bestas irracionais, mas criaturas ardilosas e sorrateiras, principalmente quando ainda ostentam a aparência humana. Penso que manterem sua existência restrita ao campo dos mitos e das lendas é exatamente o objetivo dessas criaturas. Manter-se na sombra da humanidade, se alimentando de nossos irmãos enquanto ignoramos sua carnificina. Sem comprovações da ameaça real que eles representam, um dia deixarão de ser perseguidos por pessoas como eu.

— Quem és tu, viejo? Do que estás falando? E por que me importunas com tais sandices? — Sétimo pressionou as têmporas como se quisesse preservar a sanidade impedindo a expansão explosiva de seu crânio.

O caolho tomou-lhe as mãos, obrigando-o a encará-lo.

— Sétimo, meu nome é Licurgo, do clã D'Argento. Sou um dos poucos remanescentes da mais antiga ordem da Igreja Católica, a Ordem dos Caçadores de Judas. — Ele levantou sua camisa negra e exibiu a cota de malha feita de um trançado de fios de prata, flexível e resistente, forjada segundo técnicas secretas. Era a mesma mortalha prateada que, nos dias anteriores, ficara sobre o peito do rapaz convalescente.

Com seus sentidos não mais embotados, Sétimo pôde notar o fino trabalho nas tramas daquela peça, destacando-se, em alto relevo, uma lança em formato de cruz.



O desenho era uma variação dos ornamentos da marchetaria do baú no canto do recinto. A singularidade e a beleza daquele trabalho iriam, no futuro, inspirar a famosa mithril dos anões da Terra Média.

— Meu pai — Licurgo continuou em tom monocórdio —, meu avô e muitos dos meus antepassados antes deles dedicaram suas vidas à caça desses monstros. Minha linhagem de sangue remonta aos primórdios da era cristã. Não é fato conhecido por muitos, mas, na verdade, a eliminação da ameaça licantrópica está no cerne da própria criação da igreja de Roma, porquanto a perseguição (e a morte) de Judas Iscariotes foi a primeira missão dos apóstolos depois da morte do Cristo.

— Yo no soy especialista na Bíblia, mas Judas no morreu enforcado? — Sétimo perguntou, abrindo um sorriso de pura descrença.

— A Sagrada Escritura, assim como muitos documentos ao longo da História, contém uma porção de verdades adaptadas às necessidades da ocasião. As famosas trinta peças de prata não foram o preço da traição recebido pela entrega do cordeiro

ao Sinédrio, mas a quantidade de artefatos bélicos daquele metal utilizados até que se conseguisse eliminar a alcateia comandada por Judas.

Sétimo balançava a cabeça de um lado para o outro, como se o movimento contínuo pudesse fazer o mundo voltar a ter sentido.

— Judas, entonces, foi um lobisomem? O primeiro lobisomem? — Lentamente e sem perceber, o filho do estancieiro era levado a cruzar o limiar da descrença, como já ocorreu anteriormente, vezes sem conta, com diversas pessoas que testemunharam eventos estranhos e inexplicáveis segundo o pensamento racional.

— Sim, foi um lobisomem, mas não o primeiro. — Licurgo tirou longas baforadas do novo charuto aceso, expelindo uma fumaça azulada e de cheiro adocicado. — Ele foi apenas um lobisomem que se tornou o catalisador dessa organização que vem atravessando as eras. Não é por coincidência que a Igreja Católica, como instituição, seja tão longeva. Ela atravessou os séculos porque ainda perdura a ameaça que ela nasceu para combater.

— No pode ser! Como é possível? Se isso fosse verdade, todos já saberíamos dessas cosas! — desabafou com voz cansada.

— Ah, será mesmo? A obscuridade também é um desiderato nosso. Nesse ponto, e apenas nesse ponto, parece que os dois lados dessa refrega, lobisomens e caçadores, comungam de um mesmo objetivo. Nós, caçadores, sempre atuamos no mais estrito segredo. Caso contrário, o pânico e a histeria em massa disseminados pela população, além de não nos auxiliar em nada na tarefa de rastrear e eliminar as feras, poderia trazer um grande perigo. Os homens cometem atrocidades inimagináveis quando se acham à mercê de uma grave ameaça. Guerras e genocídios já ocorreram por menos. Nossa sagrada missão de vida é proteger a humanidade e, nesse combate, éramos acobertados, protegidos e financiados pela Santa Igreja — disse, escandindo as últimas palavras.

— Eram? — Sétimo inclinou-se para frente, completamente capturado pela história narrada na penumbra daquela cabana.

— Sim, éramos. — Licurgo suspirou e a calma de suas palavras foi tisonada pela amargura. — Apesar da lealdade inquebrantável de todos os caçadores ungidos na Ordem, nossa missão foi comprometida em 1523, com a eleição do papa Clemente VII. Não se sabe se por ignorância ou corrupção, o então sumo pontífice declarou a completa extinção da ameaça licantrópica e determinou que os caçadores depusessem suas armas e retornassem ao seio da igreja como pacíficos sacerdotes. Vosmecê pode imaginar homens forjados para a guerra aceitando a mansuetude da clausura? — A pergunta retórica ficou suspensa sem necessitar de resposta verbal. Licurgo retomou a explicação. — Muitos caçadores se manifestaram veementemente contra essa ideia, pois sabiam da permanência da ameaça na forma de lobisomens foragidos, mas não conseguiram apresentar provas cabais ao Santo Padre. Sabe, Sétimo, sempre foi muito difícil rastrear e matar os lobisomens, mesmo com o aval da Igreja. Imagine a dificuldade de se fazer isso sem a proteção a que aqueles caçadores estavam acostumados... Sem evidências conclusivas, prevaleceu o decreto de extinção da nossa sagrada agremiação. Mesmo com a morte do papa Clemente VII, que pode ter sido providenciada por algum caçador da antiga Ordem, ela não conseguiu mais se reerguer dentro da estrutura da Igreja Católica. Quem não depôs as armas de caça aos licantropos foi expulso da instituição e nossa missão sagrada foi transformada numa rele farsa encenada na véspera da Páscoa...

— Mas a Ordem ainda existe, no? Pois tu disses ser dessa tal Ordem.

Licurgo tocou no anel de prata também ornado com o símbolo da lança em cruz e rodou-o em seu dedo médio.

— Sim, a Ordem dos Caçadores de Judas ainda subsiste no cumprimento de seu mister, mas já não ostenta o mesmo garbo, a mesma nobreza. Todos os caçadores que não tomaram o hábito se tornaram renegados. Sem a proteção da Igreja, alguns

desses caçadores renegados começaram a treinar os próprios filhos e continuaram sozinhos na luta contra os amaldiçoados transmorfos. Os bons caçadores conseguiram manter as tradições e os nobres propósitos da Ordem. Alguns outros, no entanto, passaram a se denominar simplesmente de Mata-Lobos, descuidaram do devido treinamento e da santa doutrina e acabaram se degenerando em meros assassinos sem escrúpulos, eliminando, por vezes, ameaças reais, mas provocando também a morte de muitos inocentes.

A sopa que restou na tigela ficou fria e Sétimo depositou o recipiente no chão. O caçador extraiu uma última baforada de seu charuto e apagou-o com os dedos. Um silêncio persistente recaiu no ambiente, permitindo que a algaravia dos distantes gritos roucos dos bugios (*Alouatta fusca*) completasse as lacunas das frases não proferidas. Quando o velho caolho se levantou e saiu em direção à porta, Sétimo retomou o diálogo.

— Licurgo, gracias pela ajuda. Acho que logo estarei bien o suficiente para voltar para casa. Preciso ver minha mãe e... — As palavras lhe faltaram quando sua mente registrou o suave perfume de groselha e lilás.

— Não acho que essa seja uma boa ideia, rapaz. Por ora, não posso permitir que parta.

— Por quê? — espantou-se.

— Vosmecê, pelo jeito, é a testemunha viva do ataque dos lobisomens. Esses predadores não costumam deixar nada para trás. Por isso eu o mantive comigo. Como única ponta solta, acho melhor vosmecê ficar afastado dos seus entes queridos, sob pena de colocá-los em risco. Vosmecê talvez possa mandar uma carta para sua mãe e tranquilizá-la.

— Yo no sé ler ou escrever. Só aprendi a desenhar duas letras para impressionar uma guria...

Jennifer, como os demais germânicos, veio sem posses materiais da Europa, mas carregava uma riqueza ainda mais importante: o conhecimento das letras. O analfabetismo, entre aqueles imigrantes, era uma exceção. Era costume disseminado na colônia a leitura de livros em voz alta, por um membro da família.

O Império brasileiro, por outro lado, estava distante dessa realidade. O método Lancaster de alfabetização de grupos, baseado no ensino oral da repetição e memorização, já era conhecido pela Regência Imperial, porém fracassou pela falta de preparo dos professores. A instrução básica não era tão disseminada no território nacional e Sétimo era mais um a engrossar aquela triste e lamentável estatística.

— Bom, isso é uma coisa que vamos ter bastante tempo para corrigir, não é mesmo? — Licurgo pontuou, esboçando um sorriso maroto com o canto dos lábios.





Capítulo 8
O insubordinado



16/JUN/1832
SÁBADO
7º dia do ciclo da lua cheia



AGACHADO JUNTO À FOGUEIRA, CARLOS observou a aproximação de Raul, que andava com um gingado cadenciado como o de um marinheiro desacostumado a caminhar em terra firme. Mesmo com os andrajos sujos e empoeirados, surrados pela vida naqueles ermos, o formoso andarilho conseguia manter um verniz de elegância e dignidade que destoava dos seus embrutecidos companheiros. Era facilmente perceptível que suas roupas foram feitas com uma fazenda superior e com um corte elegante denotando o esmero de trabalho de um alfaiate. Até mesmo os pequenos estragos causados pelo uso contínuo e prolongado de suas vestes, pareciam ter sido habilmente cosidos pelas mãos de uma costureira. Com os cabelos alinhados e o rosto sempre bem escanhado, Raul ostentava um brinco de ferro no lóbulo da orelha esquerda com altivez e galhardia, mesmo que tal adereço não fosse comum naqueles tempos e naquelas paragens, o que lhe conferia a imagem esculpida e perfeita de um corsário. Para destacar ainda mais a diferença, um lenço encarnado amarrado ao pescoço contrastava com sua tez clara e sem manchas que, combinada com um nariz afilado, davam-lhe um ar de fidalguia mais condizente a um nobre de uma antiga estirpe do que a um vagabundo de estrada.

— Encontrou alguma pista? — perguntou o homem de cabelos grisalhos.

— Nada, velho amigo. Indaguei em todos os vilarejos ao longo das margens do rio e não ouvi nenhuma notícia relevante. Tem certeza de ter visto alguém escapar pelo rio?

Carlos refletiu sobre as palavras do companheiro enquanto levantava seu sabre à luz alaranjada das chamas da fogueira para destacar as pequenas crostas de ferrugem. Ele apanhou um bocado de cinzas e colocou o pó num pequeno vasilhame contendo areia do rio. Cortou um limão e espremeu o sumo dentro do recipiente, misturando-o até conseguir uma pasta homogênea. Terminado o preparo, utilizou a pasta para acendrar a lâmina de aço, esfregando-a vigorosamente até eliminar a oxidação.

— Sim — respondeu com segurança. — Alguém sobreviveu ao ataque, sem dúvida alguma. A questão é saber se essa pessoa ainda está viva.

— Bom, se alguém realmente escapou àquele ataque da alcateia, encontrou seu destino nas águas do rio. Já faz muito tempo e nós teríamos tido notícias de um sobrevivente — Raul concluiu enquanto arrumava o nó do lenço no pescoço.

Carlos tornou a examinar o sabre por um longo tempo e sorriu satisfeito ao não encontrar o menor sinal de ferrugem. Para prevenir a volta do problema, pegou um pedaço de pano, embebeu-o em óleo e passou a limpar diligentemente a folha curvada de metal.

Tibério chegou junto com os primeiros raios do luar. Seus passos arrastados foram ouvidos antes que sua figura atarracada pudesse ser vislumbrada através da relva alta que delimitava a clareira onde a fogueira ainda ardia.

— Vosmecês tiveram sorte? — questionou Carlos.

— Nada, chefe. Nos embrenhamos por esses mato tudo e nem sinal do fujão. — Tibério levantou as mãos vazias ao responder.

Carlos olhou de um lado para o outro procurando o último membro do grupo.

— Onde está o Júlio? — indagou com autoridade.

Tibério tinha um rosto quadrado, pele bastante curtida pelo sol e uma eterna expressão de espanto dada pelos olhos esbugalhados. Ele coçou o nariz achatado antes de responder.

— O Júlio me mandou vir na frente... — A frase foi morrendo em sua boca. Só naquele momento o caboclo se perguntou se devia ou não ter obedecido ao companheiro.

Carlos deu um longo suspiro cansado. Tibério não era muito esperto, razão pela qual não foi surpresa ter sido rapidamente superado por Júlio na hierarquia do

grupo.

— Mas vosmecê sabe onde ele está ou para onde ele foi? — Carlos repetiu a pergunta devagar, como se estivesse tentando se fazer entender para uma criança de três anos.

— Não, num sei. — Tibério mantinha os olhos esgazeados mirando o chão à sua frente.

Carlos e Raul se entreolharam brevemente em silêncio e depois procuraram a localização da lua no céu limpo e repleto de estrelas.

— Vosmecê acha que ele chega antes da meia-noite? — Raul inquiriu ao líder, arqueando as sobrancelhas.

— Acho melhor não contarmos com isso — dardejou contrariado.

Aquela não seria a primeira vez que o insubordinado membro daquela alcateia faria sua incursão de caça ao alvedrio de sua própria índole, afastado da orientação e supervisão do alfa. Pelo menos, a transformação eliminaria os efeitos do álcool, caso o gigante estivesse perambulando embriagado, como era de seu costume. Carlos apagou a fogueira e anunciou a partida do grupo. Todos ajeitaram seus poucos pertences num pequeno embrulho, amarraram-no numa parte alta do tronco de uma canjerana (*Cabrlea canjerana*) próxima à clareira e marcaram o local urinando abundantemente naquela árvore.

— Vosmecês reconheceram algum dos fantasmas após o último ataque? — Carlos perguntou enquanto o trio caminhava nu pelo prado.

— O último ataque de ontem ou o último ataque aos humanos? — Tibério devolveu a pergunta.

— Aos humanos, Tibério. O último ataque aos humanos — respondeu enquanto questionava o acerto de sua decisão em conceder a dádiva da lua a uma pessoa de

tão poucas luzes. — Somente os humanos deixam fantasmas visíveis.

— Ah, é verdade. Não, num reconheci ninguém, não.

— Eu também não — completou Raul. — Meu lobo matou apenas dois humanos naquela noite e seus espíritos apareceram muito afastados e ligeiramente desbotados na manhã seguinte. Com o raiar do sol, eles apenas me encararam de longe e logo seguiram seu caminho para a outra vida.

— Seus fantasmas também sumiram rápido, Tibério?

— Sim, chefe. Mas por que vosmecê quer saber?

A longevidade dos lobisomens, por vezes, parece pouco tempo para o necessário aprendizado de alguns, foi o pensamento que perpassou a mente do velho andarilho antes que ele iniciasse, uma vez mais, a mesma explicação já repetida incontáveis vezes ao longo dos últimos vinte anos. — Vosmecê sabe que a duração da aparição e a proximidade dos fantasmas das pessoas que nossos lobos matam variam de acordo com o nosso conhecimento e familiaridade para com aquelas vítimas, não sabe?

— Seeei — o caboclo de olhos saltados confirmou titubeante.

— Se vosmecê matar um amigo de infância, o fantasma vai te acompanhar de perto e por muito tempo. Porém, se matar um sujeito que nunca viu, vai ter apenas um vislumbre, de longe, do espírito daquela presa — ajuntou Raul para auxiliar Carlos.

— Ah, mas é claro... — Tibério esboçou um sorriso satisfeito.

Carlos olhou de soslaio para Raul e os dois caíram na gargalhada, sendo imediatamente acompanhados pelo tanso, mas bem-humorado, Tibério. Rapidamente aquele alegre e afável temperamento lembrou ao vetusto líder do bando o motivo da concessão da dádiva da lua ao simplório caboclo.

— Mas por que a pergunta, Carlos? — interessou-se o garboso companheiro.

— Acho que reconheci um dos mortos, Raul. Tenho a impressão de que o Júlio conseguiu nos atrair para aqueles tropeiros.

Raul franziu a testa na tentativa de se lembrar das pessoas mencionadas, mas acabou torcendo os lábios e balançando a cabeça de um lado para o outro.

— A tropa daquele rapaz magricela que derrubou nosso amigo à margem do rio — esclareceu o velho.

— Ah... Vosmecê acha que o Júlio preparou uma emboscada por vingança? Como ele faria isso?

— Não sei. Mas seria um acaso muito oportuno que o ataque da alcateia tenha recaído justamente sobre um desafeto do grandão, vosmecê não acha?



Wendigo ouviu o uivo distante, prolongado e contínuo do alfa cortando o ar da noite sem nuvens, mas bufou com descaso e seguiu na direção contrária ao chamado. Ele já estava com a paciência esgotada com todas aquelas regras e restrições a respeito dos locais e alvos da caçada.

Para o grande lobisomem cinzento, o medo do alfa em relação ao gado humano não tinha a menor justificativa e contrariava a natureza da própria espécie licantrópica. Se ele, como caçador, estava no topo da cadeia alimentar, se nenhum outro predador noturno poderia representar perigo à força, à resistência e à ferocidade sangüinária de sua espécie, por que teria de refrear seus instintos? Era seu direito natural buscar alimento onde bem lhe apetecesse! Seres humanos eram uma presa especialmente interessante, em sua opinião. Além do paladar peculiar da deliciosa carne humana, a reação imprevisível da vítima, paralisada ou agitada,

violenta ou inerte, estimulava o sentido atávico do caçador noturno. Wendigo gostava especialmente de uma refeição que lhe proporcionasse a emoção da perseguição. Muitas vezes, uma torrente de sangue inocente era derramada como tributo dessas caçadas. Porém, essa não era justamente a utilidade do sangue? Ser derramado? Que ele então escorresse em profusão para saciar a ânsia que corroía as entranhas do lobisomem!

Para sua perplexidade, no entanto, os demais irmãos na alcateia pareciam satisfeitos com a posição pusilânime do alfa. Pelo que Wendigo podia perceber, a covardia de Tchevolku só cedia lugar à coragem quando o alfa tratava com os seus subordinados da própria espécie. E, apesar de já ter o rosto todo pintalgado de pelos brancos, o velho lobisomem não poderia ser subestimado.

Desafiar o alfa ainda representava um sério risco de morte e Wendigo não entrava em jogos cujos resultados fossem tão incertos e as consequências tão arriscadas. Ele era ardiloso, mas ainda não conseguira elaborar um plano para usurpar o comando da alcateia. Por isso, também tinha de ser paciente. Sabia que, mais cedo ou mais tarde, apareceria a oportunidade ideal de reivindicar para si mesmo o posto de comando, e quando chegasse esse momento, ele não hesitaria em eliminar qualquer um que representasse um obstáculo à sua ascensão. Por ora, o licantropo cinzento se contentaria com o repasto macabro longe dos olhos censórios do líder.

Os odores que escapavam pelas frestas na parede daquela habitação, um isolado casebre de madeira localizado à beira de um charco, indicavam a presença de um único ocupante: uma saborosa e fragrante fêmea prenhe.

A fera desceu a coxilha em direção ao casebre, escolhendo a parte menos acidentada do terreno, desviando-se cuidadosamente das ramagens de capim barba-de-bode (*Cyperus compressus*) que por ali se espalhavam.

As galinhas criadas no local continuaram a dormir, ignorando a chegada sorrateira do predador. O único guardião daquela morada, um velho cão de caça,

ressonava alto deitado junto à porta de madeira.

Wendigo aproximou-se da casa contra o vento para que seu cheiro não despertasse o incauto protetor. Seus olhos se acenderam rubros. Com um movimento rápido, as garras caliginosas do lobisomem provocaram lacerações profundas no pescoço do cachorro, expondo uma carne violácea e úmida. Um abafado ganido dorido foi todo o som emitido pelo animal abatido. O licantropo lambeu o sangue que embebia suas garras, mas seu apetite estava inexoravelmente direcionado para a presa humana. A fera transmorfa começou a salivar em abundância antecipando o festim profano que se avizinhava.

O lobisomem empertigou-se junto à porta e tentou forçar sua entrada, mas uma taramela de madeira fora atravessada para trancar a porta. Um pequeno enconção foi dado para tentar superar o obstáculo, mas a trava e os batentes, feitos do tronco do resistente angico-vermelho (*Parapiptadenia rigida*), aguentaram a pressão.

Rosária, a mulher dentro da choupana, acordou sobressaltada com o barulho da pancada na porta e do cacarejo alarmado das galinhas. Sua primeira gravidez estava chegando a termo e o grande volume de sua barriga não possibilitava mais uma posição cômoda para dormir, fazendo com que a moça tivesse o sono leve.

— Custódio? — ela chamou pelo esposo ausente, mas recebeu como resposta uma nova pancada, ainda mais forte que aquela que a despertou.

A ausência do alarido de alegria ou dos latidos de alerta de Tomáz, o velho cão de caça, trouxe-lhe um mau pressentimento a torcer-lhe o estômago.

Acostumada aos perigos daquela região conturbada, Rosária, sem pensar duas vezes, abriu a rótula da janela sobre a cama de palha e pulou para fora da casa. Tão logo seus pés descalços e inchados tocaram o solo duro de terra batida, ela arrepanhou a barra da camisola feita de retalhos de tecidos rotos, juntando-a com as mãos sobre o ventre para sustentá-lo melhor, e disparou por entre as árvores

frutíferas que circundavam a parte traseira do casebre, em direção à mata fechada, buscando da proteção de um esconderijo.

Ao cruzar o pequeno pomar, os espinhos aguçados dos limoeiros riscaram a pele exposta de seu rosto e abriram pequenas fendas em sua roupa de dormir. A mulher levou a mão à cabeça para proteger os olhos das setas vegetais, mas todo o resto de seu corpo era campo aberto às ferroadas. Cada traçado ardente na pele de Rosária era acompanhado de um brilhante filete escarlate.

O odor daquela sangria, temperado com o aroma cítrico das folhas e frutos agitados, penetrou nas narinas do predador e enlouqueceu a criatura.

Tão logo ultrapassou o terreiro lindeiro ao pomar, Rosária foi atingida com força em seu flanco esquerdo por um animal que lhe era desconhecido, caindo sobre o pequeno charco e agitando a fina camada de lodo verde-escuro acumulada na superfície. Os pequenos sulcos queimaram com potência renovada ao contato com a água salobra.

Ela se levantou, equilibrando-se no terreno lamacento do pequeno pântano, e sentiu uma queimadura se espalhando para baixo sob a ordinária camisola. Com os olhos indo de um lado para o outro na tentativa de localizar seu atacante, a mulher correu a mão pelo tecido molhado e encontrou um rasgo grande na altura da perna. Pela abertura, sentiu um material úmido e viscoso. Ao olhar para baixo, percebeu com horror que parte de seus intestinos ficara pendurada para fora do corpo, escapando por um talho grande e profundo de sua barriga distendida. Um líquido viscoso e escuro escapava pelo corte.

Um rosnado furente chamou sua atenção e Rosária viu a aproximação vagarosa de uma criatura infernal com brasas no lugar dos olhos. Pé ante pé, o lobisomem caminhou ereto, com a bocarra aberta deixando escorrer uma saliva espessa e abundante, expondo os dentes que brilhavam à luz do luar. Na alva dentadura de afiadas e diminutas protuberâncias esmaltadas, dois pares de grandes caninos se destacavam. Em cada lado da mandíbula e do maxilar, havia uma pontiaguda

estaca calcificada medindo mais de dez centímetros. Estes dentes salientes apontavam para fora dos lábios e, mesmo com a boca fechada, atravessavam a parte exterior da arcada oposta. Sua posição e estrutura permitiam que o licantropo rasgasse com facilidade a carne de suas presas.

Rosária recuou alguns passos e tropeçou, caindo de costas no terreno alagadiço e com cheiro de água estagnada. Wendigo saltou sobre o corpo da mulher que instintivamente estendeu os braços para proteger a cria que carregava no útero.

Os dentes afiados do licantropo se fecharam sobre os punhos finos da presa. Com a enorme pressão da mandíbula e um brusco chacoalhar de cabeça, a criatura lupina decepou os membros da sua vítima logo abaixo dos cotovelos. O lobisomem mastigou os pedaços arrancados, produzindo sons crepitantes de galhos secos pisoteados por um gigante e saboreando tanto o sabor do alimento como o seu resultado na presa, que usava os cotocos dos braços e as pernas, agora bambas e sem firmeza, para tentar se arrastar para longe do predador.

Um novo golpe transversal das garras de Wendigo eviscerou completamente Rosária. Seu corpo tremia em espasmos e sua respiração ficou entrecortada, evidenciando os últimos estertores da agonia.

Com a vítima já imóvel, o lobisomem afundou o focinho nas entranhas sangrentas e arrancou o feto com o pequeno e delicado pescoço já quebrado pela pegada da poderosa queixada. O tutano dos ossos macios do corpo diminuto e sua carne tenra encheram as papilas gustativas da fera.

Como o Tchevolku pode querer abrir mão de um deleite como esse? — pensou enquanto enchia a boca com mais um pedaço dos órgãos internos da caça recém-abatida.





Capítulo 1
O novo discípulo



30/MAI/1833
QUINTA-FEIRA
1º dia do ciclo da lua cheia



O MACHADO SUBIA E DESCIA NUM RITMO constante enquanto as achas de madeira iam se acumulando ao redor do cepo. Sempre que o cansaço físico vencia sua força de vontade, Sétimo sentia o machado tornar-se mais pesado em suas mãos, dando a liberdade necessária para que seus pensamentos voltassem ao tempo da inocência, às reminiscências da infância. As alegrias simples das primeiras descobertas e os folguedos pueris. As imagens diáfanas das memórias eram acompanhadas dos seus cheiros particulares, do acolhimento na forma de calor e conforto conseguido no colo materno, bem como da sensação de segurança e proteção fornecida pelo olhar complacente de seu pai. Seu pai. Não o velho abatido pelos anos de luta e de dura labuta agravados pela perda dos filhos, mas o homem alegre que o tomava nos braços ainda fortes e vigorosos quando Sétimo ainda usava cueiros. Era na forma desta reconstrução da sua memória que seu pai, aquela figura altiva e, a seu próprio modo, carinhosa, era atacado por uma fera gigantesca.

A consciência de que não poderia mais ver o semblante conhecido de Seu Manuel Carvalho causava-lhe um aperto cáustico no meio do peito. Nessas horas, um gosto amargo vinha-lhe à boca e o rapaz forçava para longe aquela aluvião de imagens retomando com mais ânimo o trabalho braçal. A roupa encharcada com o suor colava nos músculos das costas e dos braços, revelando a força recém-adquirida durante o último ano.

Não obstante o ganho da musculatura, o outrora magro filho do estancieiro ainda trazia marcadas no corpo as sequelas do ataque perpetrado pelos lobisomens.

Por vezes, seu andar tornava-se duro e ligeiramente claudicante em razão de uma crônica dor nas costas. Sua pele perdeu o viço e adquiriu um tom esmaecido que lhe acrescentaram alguns anos na aparência. Rugas de preocupação também surgiram para adornar precocemente as feições do rapaz e um par de olheiras começaram a marcar seu semblante, decorrência das noites mal dormidas.

Os músculos sobre o esqueleto avariado faziam-no parecer uma árvore gigante cujas raízes foram carcomidas por uma praga. Inequivocamente, um carvalho, mas um carvalho doente. No corpo e na alma.

Terminado o labor, Sétimo entrou na pequena cabana que passou a dividir com Licurgo. O fresco interior da choupana acariciou sua pele. Ele secou o suor da testa com as costas da mão antes de pegar, com um cuidado quase reverente, um pedaço de papel de linho.

Sentado à improvisada mesa de madeira, suspirou profundamente enquanto olhava para um pequeno areeiro, um pote de tinta e duas grandes penas de ganso, utensílios sofisticados de um desafio ainda mais difícil que a pilha de madeira recém-cortada. Com evidente esforço e concentração, o jovem se debruçou sobre o papel e colocou a língua para fora enquanto controlava precariamente o movimento da pena que seguia aos tropeções rascunhando letras de forma — a letra cursiva ainda era um objetivo distante e inalcançável — de traçado tremido e irregular, seguindo horizontalmente por linhas tortas. Uma nova carta a ser enviada para Jennifer.

Embora aquela fosse a décima epístola que escrevia para São Leopoldo (três destinadas à mãe, Dona Inácia, e as restantes à jovem de olhos violeta), não lhe perturbava o espírito a ausência de resposta. Desde sua primeira correspondência, Sétimo pedira paciência e que não tentassem localizá-lo. Para se assegurar do atendimento de seu apelo, deixara de informar o local onde estava vivendo. Evitava, assim, que sua mãe ou a amada pudessem vir encontrá-lo e se colocar sob o risco de ataque dos lobisomens.

Conforme os grãos de areia da ampulheta do tempo escorriam, os dias acumulavam-se até formar semanas, e estas, meses. Nesse ínterim, acentuavam-se as saudades de Sétimo, mas o rapaz reprimia tais sentimentos com resignação e altruísmo. Seus sacrifícios certamente seriam recompensados com um belo futuro não muito distante.

A cada linha terminada, o rapaz derramava uma pequena camada de areia fina sobre o papel para secar o excesso de tinta. Terminada a missiva, olhou para seu trabalho e franziu o cenho.

Tendo tardiamente se dedicado ao aprendizado das letras, ainda tinha dificuldade para apurar o controle motor fino que o habilitaria a transformar aqueles garranchos numa caligrafia apreciável. O ligeiro endurecimento de suas juntas também não contribuía para o completo domínio daquela habilidade manual.

As horas da tarde escoaram de maneira imperceptível durante a realização daquela simples tarefa. Cortar os galhos de uma grande árvore em pequenos pedaços de madeira não era tão exaustivo quanto tentar dominar o traço da pena voluntariosa que se recusava a obedecer à sua orientação e à sua vontade. Poderia pedir que outrem escrevesse para a mãe em seu nome, mas as palavras edulcoradas de um apaixonado não podiam se destinar a outros olhos curiosos. Somente a lembrança da bela Jennifer impediu que Sétimo abandonasse a penosa empreitada. Ele se recordava do primeiro contato com a menina como se fosse ontem.



Para surpresa de Sétimo, a família germânica da pequena de olhos violeta instalou-se em terras próximas à propriedade de Seu Manuel. Mas a oportunidade de tornar a vê-la, mesmo de longe, demorou muito tempo.

O contato dos imigrantes teutônicos com os habitantes locais era dificultado pela barreira da língua e da diferença dos costumes. Contudo, apesar da reserva guardada pela maioria dos estrangeiros, havia uma destacada exceção na família de sobrenome Hexenberg. Assim como sua cabeleira negra a destacava do resto dos colonos aloirados, o comportamento espevitado de Gwenthwyfar permitia raros vislumbres de sua silhueta nas áreas lindeiras da estância dos Carvalho, longe da segurança do agrupamento germânico.

Desta feita, decorridos dois anos da instalação nas novas terras, a curiosidade natural de Gwenhwyfar, que não era refreada pela mera advertência dos adultos, impeliu-a a iniciar a exploração dos arredores daquele novo mundo. E essas incursões de pesquisa ofereciam a melhor oportunidade à contemplação de Sétimo.

Assim, o garoto, que vivia o limiar da puberdade, instalara um posto de observação num galho alto de um grande cedro e passava muitas horas do dia de atalaia. Olhos cansados esquadrihavam o terreno fronteiriço entre as estâncias, um oceano de coxilhas arredondadas, na esperança de ter um reles vislumbre distante de uma delgada figura vestida de preto e branco.

Porém, nem sempre a vigilância intensiva rendia resultados. E aquele parecia ser um dia em que a sorte não lhe ofertaria seus favores inconstantes.

Naquela tarde modorrenta, as folhas do principiar do outono recobriam o chão formando um manto de retalhos de variados tons esverdeados do bronze envelhecido. Os fracos raios do sol não conseguiam passar pelas acinzentadas nuvens escuras que prenunciavam uma chuva forte. Sétimo, já fatigado das horas infrutíferas de espreita e dolorido por ficar sentado desconfortavelmente no desfolhado galho da sua guarita improvisada, decidira encerrar sua vigília quando seu olfato foi assaltado por um inebriante perfume floral. O odor parecia uma mistura de lilás e groselha.

Antes que pudesse identificar a fonte daquela fragrância, Sétimo foi surpreendido por uma voz ligeiramente aguda que vinha de algum ponto acima de sua cabeça.

— Was machst du da? [\[12\]](#)

— AHIJUNA!!

O susto, por ter sido apanhado em flagrante, provocou-lhe um sobressalto involuntário que acabou por afetar sua precária estabilidade. Sétimo sentiu seu

centro de gravidade pender para trás, onde nada além de uma queda de quase quinze metros o aguardava.

No entanto, o acidente previsto não se confirmou. Uma mão ligeira apoiou suas costas, auxiliando-o a restabelecer seu equilíbrio sobre o galho. Ainda segurando a respiração, Sétimo virou a cabeça para vislumbrar uma cena surreal.

Gwenhwyfar estava suspensa de cabeça para baixo, com as pernas dobradas sobre um galho mais alto do cedro. A menina subira sorrateiramente na árvore para aturdir o jovem que a vigiava, mas não esperara que sua indagação marota pudesse provocar um acidente. Antevendo o resultado perigoso da sua brincadeira, Gwenhwyfar se pendurara pelas pernas para auxiliar o rapaz.

— Was machst du da? — ela inquiriu novamente, ainda de ponta-cabeça.

— Yo no entendo, guria — articulou sem voz, abrindo e fechando a boca como um peixe fora d'água, pois esquecera brevemente como se respirava.

Sétimo sentiu as palmas das mãos se recobrirem de um suor repentino, frio e quente ao mesmo tempo. Seu coração, por seu turno, batia rápido e descompassado. Estranhamente, aquela esquisita arritmia cardíaca surgiu depois de passado o susto da quase-queda, logo após se deparar com os grandes olhos violeta. Por muitos meses, Sétimo idealizou esse encontro. Queria estar perto daquela menina, conversar com ela, fazer qualquer coisa mais que velar seus passos à distância. Contudo, quando a presa encontrava-se postada bem à sua frente, ele não sabia como agir ou o que falar.

Gwenhwyfar piscou algumas vezes e voltou a se endireitar sobre o galho onde estava. Diante do mutismo de Sétimo, ela dedicou alguns segundos para olhar o céu cinzento, antes de tornar a falar.

— O... que... estarr... fazerr? — articulou com dificuldade, como se as palavras daquela língua não coubessem em sua boca.

Sétimo percebeu que não estava preparado para aquele encontro direto, sentia-se, a um só tempo, desconfortável e encantado pela presença da garota. Perdera, entretanto, o controle do próprio corpo.

— Non entenderr meu fala? — Gwenthwyfar tornou a questionar, franzindo ligeiramente a testa.

O pequeno vinco formado na fronte foi acompanhado pelo suave arrebitar do nariz, criando uma máscara interrogativa da mais absoluta meiguice. A mesma mão que o amparara da queda, segurava o queixo airoso, emoldurando-lhe o rosto com perfeição. O dedo indicador, fino e gracioso, batia ritmadamente na bochecha, como se a menina estivesse compenetrada na resolução de um difícil quebra-cabeça. A pouca idade de Gwenthwyfar não podia lhe permitir a plena consciência da sedução que acompanhava seus gestos. Ainda assim, a menina os manejava com mastreia, com absoluta naturalidade e isenção de malícia.

Quando seus pulmões finalmente aceitaram voltar a sorver o ar, Sétimo conseguiu balbuciar sua resposta, tropeçando nas próprias palavras.

— E-E-Entendo um p-p-pouco...

— Enton, poderr conversarr comigo, es ist nicht wahr?. Mein nome é Gwenthwyfar.

— É claro, Gu-e-ni-ffer... claro que posso — confirmou com sofreguidão. — M-meu nome é Sétimo — completou com um sorriso brincando no canto dos lábios.

As nuvens que anunciavam uma tormenta não se afastaram da abóbada celeste. O sol não brilhou mais intensamente. Entretanto, a tarde se encheu de cores jubilosas aos olhos de Sétimo.



A chegada de Licurgo pôs fim ao devaneio do rapaz. Era o anoitecer de mais um dia infrutífero na caçada à alcateia. As vestes negras do caçador se confundiam com as sombras da noite.

— Chegaste cedo hoje, velho — Sétimo observou com a curiosidade transparecendo por entre as palavras.

— Hoje é a primeira lua cheia deste ciclo — Licurgo explicou enquanto pendurava na parede duas armas de metal argênteo. — Não é sábio ficar longe de casa em noites como essa se não há real necessidade para isso.

Sétimo saiu para a friagem da noite e sentou-se próximo à fogueira acesa a poucos metros da cabana. Olhou para o céu encarando o disco lunar por alguns segundos em atento exame.

— Para mim, ainda não parece lua cheia — comentou com displicência.

O velho caçador pegou uma laranja, um pedaço de pão velho e uma fatia de charque e se sentou num tamborete em frente ao rapaz, no lado oposto da pira. As chamas bruxuleavam gentilmente sob um incipiente minuano.

— Deixe-me explicar melhor, então. E, por favor, Sétimo, preste bastante atenção. A Lua é um satélite da Terra e, a cada vinte e nove dias e meio, ela completa um giro em torno do planeta, num ciclo chamado de lunação. Esses dois astros, Terra e Lua, por sua vez, ficam girando ao redor do sol. Assim como a Terra, a Lua é sempre iluminada pelo Sol, mas, diferente do planeta em que orbita, ela não gira para ter toda a sua superfície alcançada pelos raios solares. A Lua tem sempre uma face luzidia e outra obscurecida e é desse jeito que ela circunda nosso planeta. — Licurgo segurou a laranja com a mão direita e, mantendo um lado

constantemente virado para a fogueira, contornou o punho fechado da mão esquerda com o fruto. — Vosmecê consegue perceber? É dessa forma que vemos a Lua aqui da Terra. Quando ela está do lado contrário ao Sol — deixou a mão esquerda entre a pira e a laranja —, vemos totalmente a face que reflete a luz solar. A lua cheia. Já na outra metade do ciclo, apenas o lado escuro é exibido — dessa vez, a laranja foi colocada entre a fogueira e o punho fechado — e temos a lua nova. Entre esses dois extremos, lua cheia e lua nova, quando apenas parte do disco lunar iluminado é avistado, temos o quarto crescente e o minguante. Minguante quando a transição se dá da lua cheia para a lua nova e crescente na outra fase de mudança, com o satélite exibindo um brilho ligeiramente maior que no quarto minguante.

— Mas, isso no parece totalmente correto. Se a lua nova é apenas o lado escuro da Lua, como, às vezes, yo posso vê-la no céu? — interpelou Sétimo.

— Eh, bem observado, rapaz, bem observado. — O caçador caolho balançou a cabeça em aprovação. — Essa luminosidade fraca é a luz cinérea, o brilho da luz solar refletida pela Terra que atinge a superfície do satélite e retorna para nós como uma cintilação bastante tênue.

— De toda sorte, no me parece que hoje seja lua cheia — objetou o filho do estancieiro com certa dúvida transparecendo na voz.

— Permita que eu termine minha explicação, Sétimo. Conquanto numa única noite do ciclo a totalidade da face iluminada seja exibida no firmamento — Licurgo dirigiu o olho solitário para a lua e mastigou demoradamente o pão antes de continuar —, também damos o nome de lua cheia aos três dias que antecedem esse ápice, bem como aos três dias posteriores.

— Como assim? Sempre ouvi falar que só tínhamos uma lua cheia por mês.

— Não é bem assim, rapaz. Entenda bem. O fato indiscutível é que a órbita dos astros se dá como eu a descrevi. A forma como nós ou outras pessoas vamos

chamar esses eventos não irá alterar a realidade dos fenômenos astronômicos. As palavras são meros rótulos que sobrepomos às coisas e elas não têm o condão de alterar sua essência. Ainda assim, nós, caçadores, podemos realizar a classificação pela qual damos o nome de lua cheia a cada um dos dias da lunação que permitem o aparecimento das feras licantrópicas, porque esse procedimento nos é de extrema valia. Em resumo, é de lua cheia cada uma das noites que o brilho da face iluminada da Lua se mostra o suficiente para provocar a metamorfose profana dos lobisomens.

— Bien, então, se hoje é o primeiro dia do ciclo, daqui a três noites a Lua terá a máxima exposição da sua face iluminada?

— Exato. E nessa quarta noite do ciclo, no ápice da lua cheia, os monstros se transformam ao pôr do sol.

— E nas outras noites? Quando ocorrem as mudanças? — Sétimo cutucou uma das brasas na base do fogaréu, provocando o crepitar da madeira.

— Conforme nos afastamos do plenilúnio, a metamorfose profana ocorre cada vez mais tarde. Em dias como hoje, na primeira noite do ciclo lunar, o aparecimento das feras vai ocorrer por volta da meia-noite, o mesmo se dando na última noite dessa fase. Na segunda e penúltima noites de lua cheia, o lobisomem surge por volta das dez horas da noite. Nos dias restantes (a terceira e a quinta noites do ciclo), a maldição altera o homem para lobo lá pelas oito. O fato comum a todas as noites é que as criaturas demoníacas só voltam a ter aparência humana com a chegada da alvorada. Agora que já sabe ler, vosmecê pode procurar saber dessas e de outras coisas nos registros da Ordem, se tiver interesse.

— Nos livros que tu guardas no teu baú? — Os olhos do rapaz miraram para o interior da cabana quando pronunciou a indagação.

— Sim, nesses livros. O menor deles é o antigo “Bestiário de Prata”. Um tomo que contém toda a informação pertinente coletada pelos caçadores desde a

formação da Ordem, toda sabedoria amalhada ao longo de séculos para o fim único de eliminar a amaldiçoada praga licantrópica. O outro livro, aquele compêndio mais grosso e de aparência meio surrada, é um tipo de diário. — Licurgo tornou a girar o anel de prata em sua mão, um gesto que começava a se tornar familiar para Sétimo. — Quando a Ordem ainda era sancionada pela Igreja, os diários de cada caçador morto eram entregues em Roma para compilar eventuais dados adicionais na nova versão do bestiário. Por óbvio, minha edição da obra data de 1523 — ele riu forçadamente —, o último ano em que os estudiosos da Ordem puderam produzir esse livro. Meu diário é o registro dos caçadores da minha linhagem que morreram a partir daquele ano longínquo. Antes de passar às minhas mãos, o diário foi do meu pai, e, antes dele, do meu avô, e assim sucessivamente, subindo na linhagem ancestral do clã D'Argento... Essas páginas amarelas completam tudo que sei a respeito dos nossos inimigos.

— Cada caçador tem seu diário?

— Exato. Ou, pelo menos, deviam ter. Aqueles que ainda seguem as tradições da Ordem mantêm os registros de suas atividades. Nas raras ocasiões em que encontramos outros caçadores renegados, até tentamos trocar informações para enriquecermos nosso próprio cabedal de conhecimentos, mas isso está se tornando cada vez mais raro...

— E, com todo esse conhecimento e experiência, tu podes afirmar com certeza de que a alcateia ainda está por perto?

— O lobisomem é um monstro territorial. A Ordem conhece bem seu comportamento trófico: do quê, onde e quando se alimentam tais criaturas maléficas. Tenho plena convicção de que a alcateia está por aí e, mais dia, menos dia, irei encontrá-la e cumprir minha missão sagrada.

A fumaça da fogueira subia espiralando em padrões aleatórios. Sétimo observou sua dança e permaneceu calado por alguns minutos antes de tornar a questionar seu interlocutor.

— Licurgo, por que demora tanto e é tão difícil para localizar um lobisomem?

— Porque, com exceção da transformação nas noites de lua cheia, o lobisomem parece bastante com um homem comum. Uma cicatrização mais rápida, um estado febril constante e uma ligeira alergia à prata são os únicos traços diferenciadores dessas criaturas, mas nem todos que apresentam tais sinais isoladamente são lobisomens. Eles sempre andam incógnitos entre nós, humanos. Antigamente, antes da dissolução oficial da Ordem pelo papa Clemente VII, os caçadores prendiam o suspeito numa jaula reforçada de prata e aguardavam a chegada da lua cheia. A transformação é a única prova cabal e indiscutível dessa maldição. Somente com tal evidência podemos eliminar a besta sem o risco de matar um inocente. Porém, esse poder de encarceramento, um tanto quanto arbitrário, mas indiscutivelmente necessário, tornou-se praticamente inexecutável nos dias atuais. Assim, quando suspeitamos ter encontrado um lobisomem, seguimos o sujeito de longe até que sobrevenha a lua cheia. Se ele se transformar, nós aguardamos o seu retorno à forma humana para liquidar a criatura.

— Ele no pode ser morto na forma bestial, no corpo do lobo? — A voz de Sétimo tremeu ligeiramente pelo receio da resposta.

— O lobisomem pode ser morto em quaisquer das suas formas, mas em seu aspecto lupino ele se torna mais forte, mais resistente e muito, muuuito mais mortífero. Mesmo os ferimentos infligidos à sua forma humana são rapidamente curados no momento da transformação. E não se esqueça de que esses monstros sempre se reúnem em grupos. É preciso um bom número de caçadores para eliminar uma única fera sob a luz da lua cheia. Muitos caçadores ousaram arrostar o perigo sozinhos e pereceram nas garras e dentes desses monstros. Pouquíssimos sobreviveram para registrar o feito. Acredite, Sétimo, lutar com uma alcateia de lobisomens transformados não é a melhor estratégia para eliminá-los. — Licurgo alisou levemente a tira de couro que lhe servia de tapa-olho.

— E le é necessária a prata para cumprir essa tarefa? De matar o lobisomem?

Levantando-se de forma altaneira, Licurgo ajeitou sua cota de malha de fios argênteos, a indumentária colocada tal qual uma mortalha sobre Sétimo no seu período convalescente.

— A prata é nossa melhor arma e também nossa mais eficiente proteção. A prata pura é tóxica para qualquer ser humano, mas funciona como um veneno rápido, poderoso e mortífero para um licantropo. O lobisomem pode ser morto como qualquer outra criatura, mas o uso da prata facilita em muito nosso sagrado trabalho.

Sétimo se ergueu e alongou as costas, emitindo um gemido baixo. Em seguida, entrou na cabana e pegou uma pequena adaga pendurada na parede. A lâmina era recoberta com uma fina película de prata. O aço de todas as armas daquele arsenal apresentava a mesma cobertura argentina. Com o polegar direito, ele testou o fio da arma. A menor pressão exercida sobre a lâmina rompeu sua pele, abrindo um pequeno corte raso que seccionou minúsculos vasos sanguíneos. Um vívido e estreito filete de sangue escorreu da fenda. Com o rosto ressumbrando uma expressão magoada, o filho do estancieiro exibiu o corte limpo para o olho solitário de Licurgo. — E quando tu mantiveste essa camisa de prata sobre meu peito, foi para minha proteção ou para a sua? — Diante do mutismo prolongado do velho, questionou com o ressentimento ardendo nas palavras: — Tu me tomaste por uma daquelas feras, no foi?

Licurgo sustentou o olhar irado do rapaz e respondeu num tom calmo e apaziguador.

— Eu o encontrei em condições bastante peculiares num ciclo de lua cheia. Quando examinei teu corpo, encontrei diversos ferimentos e escoriações, mas não vi nenhuma cicatriz suspeita. Porém, sabe-se que um lobisomem, mesmo recém-convertido, é capaz de se curar bem rápido. Algumas mudanças corporais acontecem logo após a mordida. Mas a argiria, a alergia à prata, e a metamorfose somente se dão a partir da primeira noite de lua cheia do ciclo seguinte. É o

momento em que se torna indiscutível a maldição. Eu não podia ter certeza se vosmecê havia ou não recebido a marca de Judas. Essa dúvida só foi dirimida quando vosmecê não sofreu a mudança arcana na lua cheia do outro ciclo.

— Marca de Judas? Tu queres dizer que os ferimentos causados pelos lobos são a marca de um traidor?

— Mais ou menos. Não deixa de ser a marca de um traidor. Um traidor da humanidade. Mas, principalmente, é o estigma do amaldiçoado. Porém, não se trata de qualquer ferimento. A marca de Judas é como chamamos a mordida do lobisomem.

— A maldição é repassada de outra forma? Sé, pelo menos, que a história de ser o sétimo filho homem é uma asneira sem tamanho — comentou ligeiramente azedo.

— Beber a água acumulada numa pegada deixada por um lobo no barro... Ser filho de uma mulher que estende a placenta de uma égua entre quatro estacas e, à meia-noite, arrasta-se nua por ela... Não há limites para a credence do povo. Somente através da mordida do lobisomem é que se abre o corpo da pessoa condenada à danação eterna, permitindo a entrada do demônio que o transforma numa besta assassina e sanguinária nas noites de lua cheia. Samuel Rhanaeus pregava que o próprio Satã domina a ação dos licantropos. — Licurgo se colocou em frente ao filho do estancieiro e colocou sua mão direita sobre o ombro do rapaz. — Desculpe-me, Sétimo, mas o perigo era muito grande e eu não podia arriscar. — O caçador passou a mão para secar a careca suarenta, da testa para a trança que descia por suas costas e que ostentava com o orgulho de guerreiro, um gesto que denunciava o nervosismo dominante no momento. Ele retirou o tapa-olho e a luz da fogueira iluminou seu rosto, expondo a órbita vazia. Baixando a voz antes de continuar, arrancou as palavras de seu peito num sussurro sentido. — Foi por esse mesmo motivo, Sétimo, que o mantive sedado com sementes de papoula e sob o efeito de acônito diluído nas primeiras noites de lua cheia.

— Acônito? Isso no é um tipo de veneno? — espantou-se com voz estrídula.

— O acônito é uma erva da qual podemos extrair um alcaloide específico, a aconitina. Há muito tempo essa substância é estudada e utilizada pela Ordem. Em grandes quantidades, o acônito pode ser usado como veneno, mas doseí a aconitina com bastante parcimônia na infusão que preparei para vosmecê. Na dosagem e diluição que empreguei, ela provocou apenas um mal-estar em seu organismo já sedado pelo chá de papoula. Se vosmecê fosse um lobisomem, isso conseguiria atrasar sua transformação o suficiente para que eu pudesse matá-lo.

— E por que no utilizou uma grande e forte dose de acônito? Isso no poderia me matar se yo fosse um lobisomem?

— Não. No seu caso, como ainda é totalmente humano, uma grande dose de aconitina teria sido fatal, mas inútil. Muito acônito poderia matar um homem comum, mas um lobisomem sobreviveria ao processo. Seu efeito, num licantropo, limitar-se-ia a afetar o momento da metamorfose, retardando-o ou suprimindo-o de acordo com o dia do ciclo lunar. É por isso que, mesmo em caso de suspeita de licantropia, não administramos uma grande quantidade de acônito. Nossa ordem existe para proteger a humanidade e nunca tiramos uma vida inocente. Proteger a vida humana é nossa maior prioridade.

Sétimo deu as costas ao companheiro e voltou a encarar a lua.

— Mas chega de conversa — pediu Licurgo, já se dirigindo para o interior da cabana. — Amanhã é outro dia e precisamos estar descansados. Vosmecê tem suas tarefas, eu tenho que continuar a caçada.

— Licurgo — Sétimo chamou —, quando tu encontrares os lobisomens que mataram meu pai, posso le ajudar a liquidá-los?

— Vosmecê não sabe o que está me pedindo, rapaz. Isso é muito perigoso e vosmecê sequer teve o treinamento de um caçador... — Licurgo cruzou os braços

enquanto meneava a cabeça de um lado para o outro.

— Pois, entonces, me treine — disse com firmeza irredutível. A frase ficou suspensa no ar. O medo cedeu lugar à mais pura determinação e bravura.

Para o caçador, aquela era uma questão muito delicada. Licurgo já estava ficando velho e não tivera um único descendente. Quando fechasse definitivamente os olhos, seria o fim do clã D'Argento. Junto com ele, morreria também todo o conhecimento e expertise dos caçadores de lobisomens da sua família. Não seria nada mal preparar um sucessor, mesmo que este não partilhasse o vínculo de sangue da sua linhagem ancestral. Por outro lado, o corpo alquebrado de Sétimo, ainda que fortalecido pelos músculos recentes, não o colocava no topo de uma lista dos mais promissores candidatos à Ordem dos Caçadores de Judas.

Licurgo ainda estava sopesando suas opções quando o jovem completou com uma entonação espevitada: — Sé que tens receio, mas tu não vais me colocar em uma situação mais perigosa do que esta em que já me encontro. Soy uma testemunha do massacre cruel que ceifou meu pai e o resto dos tropeiros, como tu mesmo disseste. Isto faz de mim uma isca viva. Uma isca afastada do lar e dos entes queridos. Uma isca que sequer sabe se defender.

— Vá dormir, Sétimo — disse de maneira cansada e soturna. — Temos muito trabalho pela frente! — Licurgo mantinha o olho preso ao anel que girava em seu dedo médio quando completou sem entusiasmo: — Amanhã vosmecê começa seu treinamento.





Capítulo 10
O treinamento



24/DEZ/1833
TERÇA-FEIRA
2º dia do ciclo da lua cheia



UM ESPANTALHO COLOCADO SOB A FRONDOSA copa de uma cabreúva (*Myrocarpus frondosus*) recebia os sucessivos golpes de uma pequena espada de prata. A imaginação de Sétimo transformara aquele boneco num feroz e gigantesco monstro de pelos cinzentos e de olhos fosfóricos: o lobisomem responsável pela morte de seu pai e pelo seu ostracismo forçado. Aquela criatura era a mola propulsora que o atirara ao árduo treinamento da Ordem.

O filho do estancieiro, agora transformado em aprendiz de caçador, ansiava pelo momento em que pudesse liquidar a vida da besta licantrópica e, assim, com o sangue da fera a lhe lavar a honra, conseguir retomar o curso normal da sua existência. Continuar com os afazeres de caçador não estava em seus planos futuros, conquanto, por sorte, tal intenção não fosse do conhecimento de Licurgo. Para Sétimo, importava apenas a vingança contra o lobisomem e a volta para a vida pregressa que lhe fora roubada. Aquela era o desejo que acendia a chama de sua vontade e o impelia a desferir os fortes golpes que atingiam o lobo imaginário em sua representação rudimentar de palha e madeira. Riscos prateados eram desenhados pelo braço direito do atacante, acompanhados, cada qual, de um gemido produzido pela intensidade do esforço.

A parte física do treinamento de um membro da Ordem dos Caçadores de Judas envolvia o desenvolvimento da habilidade de lutar com os mais diversos tipos de armas: espadas longas, espadas curtas, punhais, facas de arremesso, lanças, alabardas, manguais, maçãs e até mesmo uma espécie de soqueira com pontas afiadas. Ao longo dos exercícios, cada caçador identificava o instrumento que lhe parecia mais adequado à sua compleição física, à sua destreza e ao seu temperamento.

De todo o arsenal pendurado na parede de barro da cabana, o gládio romano era a arma preferida por Sétimo, uma lâmina elegante e versátil cujas linhas remontavam ao domínio do antigo império dos Césares sobre a Europa e que podia

ser brandida com apenas uma mão. O braço forte e longo do rapaz lhe permitia empunhar o gládio com bastante desenvoltura com a destra, atingindo o alvo com o gume da lâmina, mesmo que seu corpo se encontrasse a uma distância de mais de um metro e meio.

Entretanto, sua mão esquerda, que correu o risco de amputação e foi salva da gangrena pela ação das sanguessugas, perdeu o vigor imprescindível para auxiliar a sustentar uma grande espada de duas mãos em batalha. Mesmo ciente de sua deficiência, Sétimo insistia em, vez por outra, trocar o gládio de mãos para praticar com a canhota. Os golpes perdiam a potência e a velocidade, mas o aprendiz de caçador perseverava na tentativa de superar sua limitação.

Agachado junto a um canteiro colocado à sombra da cabana, o último D'Argento cuidava de uma erva de flores violetas da espécie *Aconitum lycoctonum*, também conhecida como wolfsbane ou matalobos. O delicado vegetal, nativo da Europa e do norte da Ásia, era acostumado a um clima mais ameno e exigia uma gama dos mais extremados cuidados: rigoroso controle da luminosidade e da temperatura, irrigação comedida e farta oferta de nutrientes do solo. Tais zelos não pareciam condizer com suas origens mitológicas. Dizia-se que a planta foi gerada pela saliva de Cérbero, o cão tricéfalo guardião da saída do Tártaro e último desafio do filho de Zeus, o herói Hércules. O caçador caolho não deixava de apreciar a ironia de que o monstro mitológico fornecia uma arma contra um monstro real.

Enquanto retirava pequenos brotos de ervas daninhas, Licurgo desviava a vista para o local de treinamento de seu aprendiz, observando atentamente os exercícios com seu olhar crítico.

O rapaz alto e esguio encontrado à beira da morte nas margens do rio transformou-se num homem de aparência dura e robusta, mas sua mobilidade limitada era um fator claramente desabonador, agravado pela falta de força da mão esquerda.

E o aspecto físico não era, nem de longe, a maior preocupação do caçador renegado. O caráter meramente irritadiço e propenso a esporádicos rompantes de ira se acentuou ao longo dos meses de recuperação física e adquiriu um quê de amargura raivosa e constante.

Seja no quesito corporal, seja no aspecto mental, o aprendiz não se qualificava como a melhor escolha para integrar a já combalida Ordem dos Caçadores de Judas. Na melhor das hipóteses, Sétimo era somente a única escolha possível naquelas circunstâncias e isso não era suficiente para afastar as preocupações de Licurgo.

Sob outro prisma, o argumento fulcral do rapaz, que demoveu qualquer objeção que o caçador pudesse opor, ainda se revelava irrefutável: Sétimo poderia estar sendo procurado pela alcateia e abandoná-lo à sua própria sorte seria o mesmo que condená-lo à morte, ou, ainda, a um destino pior. À licantropia.

O aprendiz, percebendo estar sob a análise e a avaliação de seu mentor, interrompeu as rotinas de ataque e se aproximou do velho caçador com um sorriso sardônico estampado nos lábios.

— Buenas! Saudade da juventude, viejo? — disse, estufando o peito e girando o gládio na mão esquerda de maneira casual, com o fito de disfarçar o esforço e as dores que aquele simples exercício lhe custava. Tanto seu orgulho viril como o receio de ser considerado fraco ou inapto por ter interrompido o treinamento impunham-lhe tal atitude.

— Não realmente. — Licurgo colocou a mão em pala sobre o olho. Sua experiência era suficiente para não se deixar enganar pela encenação burlesca do aprendiz. — O corpo forte da primavera da vida não compensa a sabedoria já acumulada até o princípio do inverno.

— Bonitas palavras... Mas elas conseguem desviar uma lâmina? — Sétimo simulou um ataque com uma estocada na altura do peito de Licurgo.

Aproveitando-se que o ataque fora desferido pelo braço mais fraco do aprendiz e dentro do campo de visão de seu olho direito, o caçador desviou o golpe com um simples toque do seu punhal na lâmina do gládio. A velocidade com que a arma foi parar nas mãos do caçador foi tão rápida que o movimento escapou aos olhos de Sétimo. O ângulo do ataque foi alterado sutilmente, apenas o suficiente para que Licurgo, ao invés de recuar, como seria esperado, avançasse invadindo o espaço do atacante, girando quase encostado à lateral do membro distendido que empunhava o gládio. Com tal manobra, o caçador, a um só tempo, livrou-se da estocada e reduziu drasticamente a distância entre os corpos dos contendores. Mesmo para um observador atento, somente se poderia divisar um borrão negro se deslocando de encontro ao corpo do filho do estancieiro.

No decorrer de um único segundo, o aço frio da lâmina do pequeno punhal de Licurgo gelou o pescoço desprotegido do afoito e convencido aprendiz de caçador.

— O treino físico é importante, Sétimo, mas nossas melhores armas continuam sendo nossa inteligência e nosso conhecimento. Vosmecê deveria ter aproveitado a força da sua destra e explorado minha fraqueza, atacando pelo meu lado esquerdo prejudicado pela limitada visão periférica. Precisamos aprimorar sua compreensão de estratégia e, para isso, é imprescindível que vosmecê dedique mais tempo aos estudos da Ordem, rapaz.

— Mas livros no matam lobisomens — queixou-se rabugento.

— Não, mas ensinam tudo o que se precisa saber para que vosmecê consiga matá-los. Lembre-se, o confronto físico com os monstros não é um objetivo em si mesmo, mas uma situação a ser evitada a todo custo. Nosso trabalho demanda preparação, paciência e muito conhecimento. Quando um caçador executa bem sua missão, a besta sacrílega sequer toma conhecimento do perigo que corre.

Em seu íntimo, Licurgo acrescentou que o aprimoramento mental era ainda mais importante quando o caçador tinha alguma debilidade motora, mas guardou o pensamento para si mesmo. Sétimo tornava-se especialmente difícil quando era

confrontado com suas limitações físicas. Por mais que o treinamento intenso e constante esculpisse uma verdadeira armadura de músculos, seus ossos, suas cartilagens e seus tendões nunca mais se recuperariam totalmente. Nenhum remédio ou tratamento poderiam retificar esta condição, mas o rapaz parecia não aceitar tal fato.

— Licurgo, como os lobisomens escolhem as pessoas que vão receber a marca de Judas? — inquiriu despido de curiosidade, com a clara e indisfarçável intenção de desviar o delicado assunto de sua deficiência.

— Ninguém sabe ao certo. Já houve muitas especulações, mas nenhuma certeza. Normalmente, quando os lobisomens atacam um ser humano, não sobra nada da vítima, nem um osso sequer. Não obstante, alguns homens — sempre homens, nunca mulheres — são atacados apenas para serem amaldiçoados com a marca de Judas, para serem feitos de joguetes pelos demônios que passam a residir em seus corpos.

— E algum membro da Ordem já recebeu essa marca? — Sétimo perguntou ao limpar o suor da testa com as costas da mão esquerda.

Licurgo encarou o vazio por alguns segundos antes de responder.

— Os caçadores que foram atacados por lobisomens e não conseguiram escapar a tempo, simplesmente sumiram do mapa, provavelmente devorados como qualquer presa dessas criaturas. Mas já houve um único caso em que a fuga empreendida pelo caçador foi precedida de uma mordida não fatal... — Licurgo baixou o olhar para o anel de prata com o símbolo da Ordem, girando-o no dedo.

— Ahijuna! E o que houve?

— Esse caçador — engoliu em seco e continuou com a voz embargada — fez o que qualquer outro membro da Ordem faria: utilizou sua espada de prata para atravessar o próprio coração, antes de ser comandado pelo Diabo, antes do

surgimento da primeira lua cheia que mudaria seu corpo e amaldiçoaria sua alma — o caçador falou devagar no seu sotaque cadenciado enquanto passava a mão pela calva ovalada.

Um silêncio gélido recaiu interrompendo o diálogo, que só foi retomado durante a pausa para o almoço.

— Tu conhecias o caçador mordido? — Sétimo perguntou para retomar a conversa interrompida.

— Sim, eu tive essa honra... — Licurgo deixou o resto da frase morrer em sua garganta.

— O lobisomem que atacou esse teu colega faz parte dessa mesma alcateia que me atacou antes de nos conhecermos? Tu já vinhas caçando esse grupo?

— Não, na realidade, não. — Licurgo colocou o prato vazio de lado. — Infelizmente, perdi seu rastro no meio das selvas do Império Mexicano, na área hoje conhecida como União das Províncias da América Central. No lugar dessa fera maldita, esbarrei com sinais do grupo que o atacou. Encontrar vosmecê, um sobrevivente de um ataque de uma alcateia, foi um evento fortuito. O começo da minha história remonta a um tempo mais antigo. — Ele puxou um charuto, cortou-lhe a ponta e acendeu-o numa brasa. — Um antepassado meu veio com alguns caçadores para este Novo Continente em 1587. A missão desse grupo era eliminar uma alcateia responsável pela morte dos colonos ingleses de Roanoke, no Condado de Dare, no que hoje nós chamados de Estados Unidos. Era uma grande alcateia e quase todos os lobisomens foram eliminados ao custo da vida de inúmeros caçadores da Ordem. Um único lobisomem escapou e vem sendo caçado desde então. Essa foi a besta que mordeu meu... esse caçador.

Licurgo terminou de fumar seu charuto em silêncio, fazendo o aroma adocicado do fumo preencher o interior da cabana.

— Eu sou descendente do último sobrevivente daquele grupo de caçadores — continuou — e, como muitos dos meus antepassados e irmãos de Ordem, venho caçando esse lobisomem. Sou o último do meu clã e irei abater essa besta maldita ou morrer tentando — proclamou com voz tonitruante, levando a mão ao tapa-olho.

— E tu achas realmente que os livros podem ajudar a abater uma criatura como essa? — Sétimo questionou com um tom de incredulidade arqueando uma sobrancelha.

— Não há melhor arma que o conhecimento! Como eu sei quais plantas usar para preparar os remédios e venenos que nos são necessários? De que forma fiquei sabendo como tratar e curar sua mão? Ah, e como vosmecê acha que consegui dinheiro suficiente para manter nosso pequeno arsenal de prata? — Licurgo apontou para a parede repleta de instrumentos metálicos pendurados. — Pensa que as recebi de herança? Não, rapaz, tudo que tenho, tudo que sou, devo aos ensinamentos recebidos da Ordem.

— E toda tua sabedoria vai ser suficiente para matar esse lobisomem que persegue há tantos anos?

— Rezo para que sim, rapaz. Rezo para que sim — persignou-se.

— Mas tu também tens algo melhor que orações, como um plano concreto ou algo assim?

— Aaah... Pensei que nunca perguntaria. — Seu olho brilhou enquanto ele acariciou a própria trança de fios grisalhos. — Vosmecê já ouviu falar sobre a lua de sangue?





Capítulo II
Os voluntários



07/AGO/1835
SEXTA-FEIRA
3º dia do ciclo da lua cheia



JÚLIO CAMINHAVA À FRENTE DO GRUPO, escolhendo a rota pelo meio do mato cerrado, por entre sangas e canhadas. Nenhum animal fora avistado a manhã toda e seu estômago já estava roncando baixinho, insatisfeito com sua quota do pão mofado que lhe coubera no desjejum. A refeição noturna desfrutada por sua contraparte lupina, embora farta, não ultrapassava o limiar do nascer do sol. A carne consumida pela fera parecia simplesmente desaparecer com os primeiros raios róseos da aurora, deixando o humano faminto. As provisões adquiridas na última fazenda avistada, incluindo seu estoque pessoal de aguardente, já haviam se acabado e somente uma nova visita a uma estância ou a um povoado poderia reabastecê-los apropriadamente, mas Carlos proibia aquela espécie de interação durante aquela fase da lua. “Sem contato com humanos quando a noite for iluminada pela lua cheia”. *Proibição besta!*, pensou só para si. Para piorar, a decisão do velho andarilho de abandonar a conhecida região de caça lhe parecia completamente despropositada. A agitação política que se acirrou naquela parte da província era um motivo a mais para assentar morada nos arredores de Pelotas. A confusão decorrente daquelas disputas tornaria ainda mais dissimulados os eventuais abates de alguns humanos. Porém, sua opinião, como sempre, foi completamente desconsiderada pelo velho. O gigante remoía seus ressentimentos, concluindo que sua vida nunca melhoraria sob o comando frouxo do vetusto alfa.

Tibério seguia logo atrás de Júlio, bufando para acompanhar os passos do gigante. Algumas moscas voejavam em torno dos seus olhos saltados e vinham pousar em sua barba rala, obrigando o atarracado caboclo a abanar constantemente as mãos na inútil tentativa de afastá-las.

Poucos metros atrás, Carlos andava ao lado de Raul e, com seus olhos miúdos e atentos, acompanhava os movimentos do pantagruélico companheiro que atuava como ponteiro, ruminando as mesmas questões que vinham ocupando seu pensamento nos últimos meses: *Seria o destino de sua alcateia ser comandada por Júlio, um ébrio de temperamento irascível?*

O velho andarilho não conseguia compreender a dificuldade do gigante em se comportar de maneira discreta para evitar expor a verdadeira natureza do pequeno grupo. Mais de uma vez, Carlos perorou insistentemente sobre os riscos da revelação do segredo da dádiva da lua. Diferentemente de Júlio, ele já sofrera na pele a perseguição dos implacáveis caçadores da cruz de prata e sabia não menosprezar a ameaça.

Raul retirou um lenço do bolso e limpou o suor que escorria por seu rosto bem escanhado. Ele olhou para o semblante do amigo e examinou-o detidamente. Como se pudesse ler os pensamentos de Carlos, aproximou-se e disse-lhe em surdina: — Preocupado com seu futuro?

— Não. Me preocupo com a alcateia. Mais especificamente com seu destino depois que eu me for... — respondeu também à meia-voz. — Mas esse fardo poderia ser retirado dos meus ombros se eu tivesse a certeza de que um homem melhor que aquele bêbado assumirá meu posto — arriscou a sugestão, cravando os olhos em Raul para avaliar sua reação.

— Nós já conversamos sobre isso, meu amigo. Não sei se sou o homem certo para a tarefa.

— Sim, mas também não é a pior escolha, ao contrário daquele ali — disparou, apontando o dedo para o gigante.

O garboso andarilho ofereceu o braço para auxiliar Carlos a saltar por sobre um pequeno riacho. Superado o obstáculo, reencetou o diálogo.

— Não quero lhe fazer promessas que não possa cumprir, velho amigo. Mas uma coisa está dentro das minhas possibilidades: se vosmecê não encontrar um substituto à altura, tentarei liderar o bando. Pelo menos, até achar outro melhor talhado para esse encargo. Dou-lhe a minha palavra como penhor.

Carlos assentiu com uma leve inclinação da cabeça. Apesar da boa vontade do amigo, aquela garantia não lhe era suficiente e o nó formado na boca do seu estômago continuou a lhe importunar durante a jornada.

Raul observou as costas musculosas do homenzarrão na dianteira e tornou a limpar o rosto. Depois de guardar o lenço, olhou para o alto, avaliando a posição do sol e observou: — Mudando para um assunto mais prático, acho que essa direção que estamos seguindo vai acabar por nos levar próximo a um vilarejo. Seria melhor desviarmos mais ao sul — Raul dirigiu sua sugestão ao gigante.

Júlio girou nos calcanhares.

— Hay uma trilha mais ao sul — retrucou enquanto tirava o chapéu de abas largas e limpava o suor na manga da camisa. — Não é uma estrada movimentada, mas é um caminho conhecido por algumas tropas. Pelo que tenho visto e ouvido ultimamente, nas *poucas vezes* que chegamos a entrar em algum povoado, tem havido muita atividade por estas bandas. Mais do que o normal, pelo menos. — O gigante destacou a expressão “poucas vezes” escandindo as sílabas para registrar seu desagrado ao ostracismo imposto pelo velho alfa. Uma boa refeição caseira, quente e bem temperada, cairia muito bem em sua barriga vazia. E certamente ele não conseguiria isso longe das cozinhas instaladas nas moradas que o alfa diligentemente evitava.

— Tem certeza de que não está nos levando de propósito para perto de uma vila?

— Depende. Usted tem certeza de saber para qual lado é o sul? — Júlio se aproximou de Raul, olhando para baixo para encará-lo de cima dos dois palmos adicionais de sua altura. — Talvez usted queira nos guiar, já que parece conhecer a região melhor do que eu, boneca!

— CHEGA!! Os dois! — Carlos ordenou, colocando-se entre os companheiros. — Não se esqueçam de quem manda aqui. A palavra final é minha! Nós vamos por

ali — disse, apontando para a direção sudoeste.

Júlio bufou e deu as costas ao grupo, seguindo a nova direção com passadas largas e sem se ocupar em liberar o caminho da vegetação rasteira para a passagem dos demais andarilhos.

Duas horas mais tarde, quando o sol estava a pino, o grupo encontrou um trecho linear de mato batido. O vaivém de homens e animais naquele pedaço de chão formou um caminho estreito que cruzava aqueles ermos.

— Essa é a trilha que vosmecê mencionou, Júlio?

Antes que o gigante respondesse à pergunta do velho líder, um barulho de cascos foi ouvido. O som aumentou rapidamente até que um cavaleiro despontou pela curva do caminho logo à frente do grupo. O ginete mantinha um velho bacamarte, uma arma de boca larga e grosso calibre, atravessado sobre a sela e parou a montaria há poucos metros dos andarilhos.

— Buenas! — cumprimentou secamente o homem montado. A sombra de seu chapéu de abas largas embuçava os olhos. Um grande bigode de cerdas revoltas encobria a comissura dos lábios e dava-lhe uma aparência de ferocidade. — Posso saber o que fazem por estas bandas? — perquiriu, adotando um tom marcial de quem está acostumado a não ter contrariadas as exigências. As rédeas foram mantidas seguras pela mão esquerda, enquanto sua mão direita afastou as faldas do redingote que encobria a coronha reforçada de seu bacamarte, deslizando lentamente para o gatilho da arma.

— Boas tardes, amigo! — Carlos adiantou-se com as mãos vazias levantadas na altura do peito. — Nós só estamos de passagem e não queremos criar problemas.

— Bah, tchê! Isso de ser ou não um problema, quem decide sou eu! — declarou de modo imperativo e numa cadência arrogante e autoritária, fazendo seu cavalo bufar e patear nervosamente.

Uma pequena nuvem de poeira surgiu pela mesma curva da trilha de onde veio o cavaleiro. Em instantes, um pequeno grupo de homens a pé juntou-se ao lado do ginete. Eram negros pobremente vestidos com velhas camisas de baeta azul e calças de algodão ordinário, bastante rotas e de comprimento que mal lhes cobriam as canelas. A maioria estava com os pés descalços e foram arregimentados para a revolução pela independência da província de São Pedro do Rio Grande do Sul com a promessa da liberdade. A preferência dos escravos pela guerra era deveras comum, pois a rotina de degradação e violência do cativo era tão severa que tornava auspiciosa a possibilidade de conquistar a alforria através da luta armada. Daquela forma, os negros ao menos tinham a possibilidade de carregar armas e utilizá-las contra alguns de seus inimigos, livre dos grilhões da escravidão. Mesmo os castigos físicos a que eram submetidos os “soldados” pareciam branda reprimenda para aqueles que já conheciam o flagelo no tronco.

Daqueles dez homens, um não aparentava estar tão magro e mantinha as vestes melhor conservadas. Felisberto se destacava no grupo. Era alto, já bastante avançado em anos, mas ainda exibindo uma pele de um ébano luzidio que contrastava com o alabastro da dentição. Naquela alva dentadura, destacava-se a ausência dos dois dentes da frente que Felisberto sempre buscava disfarçar encobrindo a banguela com seus lábios grossos. Havia muitos anos, Felisberto trabalhava como capataz na fazenda de Francisco, o cavaleiro.

Um carro de boi acompanhava o cortejo de soldados e carregava um pesado fardo recoberto por uma sarapilheira alcatroada. Rapidamente todos eles apanharam lanças e espadins enferrujados, bem como algumas garruchas guardadas sobre a lona empoeirada.

— Então — Francisco virou-se para Carlos com um sorriso escarninho começando a se desenhar nos lábios —, qual é sua graça, homem? — Seus olhos pousaram sobre o sabre embainhado que o velho carregava pendurado junto à ilharga e o par de pistolas cruzadas em sua cintura.

— Meu nome é Carlos. Carlos Lupicínio, às suas ordens. E esses são meus amigos Raul, Júlio e Tibério — disse, apontando para cada um dos companheiros na ordem da hierarquia vigente na alcateia.

Francisco passou os olhos sobre o grupo avaliando os caminheiros. Carlos, sem dúvida, portava-se e agia como o chefe daquele bando. Um ajuntamento deveras peculiar de indivíduos. O talhe gracioso de Raul destacava-se tanto quanto a aura de maldade exalada pela aparência de Júlio. Tibério, por seu turno, poderia ser confundido como um dos muitos mestiços espalhados por aquelas bandas.

— Tu estás atrás de algum negro fujão? — O olhar de Francisco continuava a passear entre os andarilhos em rigorosa e demorada análise.

— Não, não sou capitão do mato. Nenhum de nós é. Estamos a caminho de São Borja procurando trabalho.

— Pois não perca seu tempo — advertiu o ginete. — Quanto mais próximo da fronteira com os castelhanos, menor a possibilidade de se ganhar a vida. — Francisco se mantinha no caminho, com a mão sobre o bacamarte, herança de seu avô, e sem fazer qualquer menção de permitir a passagem de Carlos e seu grupo. Os negros continuavam imóveis aguardando as ordens do seu senhor. — Estes são tempos perigosos, seu Carlos — continuou o cavaleiro. — Homens de fora podem ser enviados da Regência, contrabandistas ou ladrões de gado. Nem sei o que é pior. Já topei com vários grupos de gaudérios que fazem do abigeato seu meio de vida. Vivem percorrendo o interior dos pampas e caem sobre os rebanhos como lobos famintos.

Júlio principiou uma risadinha debochada sendo imediatamente silenciado pelo olhar severo do velho.

— Nós não somos emissários da Coroa, nem tampouco ladrões — Carlos contrapôs com seriedade.

— Pode ser que sim, pode ser que não. Mas, como eu disse, não há nada para se fazer próximo às bandas orientais. Mas tu e teus homens podem se juntar ao nosso grupo como voluntários da causa farroupilha. Sou um pequeno estancieiro e tenho somente alguns poucos soldados a oferecer. Não me incomodaria de poder contar com vosso auxílio. Chegou ao meu conhecimento que nossos deputados farroupilhas vão depor o presidente da província, Antônio Rodrigues Fernandes Braga. O canalha acusou-nos de compactuar com o Lavalleya para nos unirmos à república Cisplatina. Vamos, então, pressionar o Imperador a nomear um sucessor que não seja um capacho do Rio de Janeiro, mas que respeite nosso povo e atente aos nossos interesses. Para tanto, estamos seguindo para Porto Alegre com o escopo de unir nossas combalidas forças para ajudar o coronel Bento Gonçalves.

Carlos se remexeu inquieto sem sair do lugar. Conquanto evitasse se imiscuir nos negócios e na política dos homens, não deixava de acompanhar, por cautela, os acontecimentos recentes que culminaram no impasse relatado por Francisco.

— Pensei que o tal Fernandes Braga tivesse sido indicado e apoiado por Bento Gonçalves — rebateu o velho andarilho. — E que essa queda de braço de egos inflados tivesse por estopim uma recusa do presidente da província em nomear o Domingos José da Porciúncula, um dos primos do Bento Gonçalves, como chefe de polícia.

— Isso são mexericos e maledicências! A luta do coronel Bento Gonçalves é pela autonomia da província e pela valorização do povo continentino! — Francisco arengou exaltado.

— De toda sorte, peço desculpas, amigo, mas não temos interesse nas disputas políticas do Império — Carlos pontuou firmemente.

— Acho que não me fiz entender, hombre. Para mim, não tem isso de meia-cara, de servir aos dois lados da pendenga. Quem não está do nosso lado, está contra nós e será tratado como inimigo. — Com um simples gesto de mão, as

lâminas e os canos das armas foram apontados para o grupo de andarilhos. — Tu estás pronto para tomar partido agora?

— Bela sugestão de caminho, *conselheiro* — Júlio cochichou sarcasticamente para Raul, enfatizando o remoque como um anátema.



Quando o sol da tarde se aproximou da copa das árvores, Francisco determinou que os negros assentassem acampamento à beira da trilha numa clareira em formato de meia-lua, um pequeno espaço de aproximadamente quinze metros de diâmetro cercado em sua quase totalidade por uma enorme touceira de bambu. A entrada da clareira se dava por uma abertura de quase três metros onde foram amarrados os bois de tração e o cavalo baio montado pelo recrutador de combatentes para a causa farroupilha. Uma fogueira foi acesa no centro do pequeno descampado e uma refeição simples foi preparada e repartida pelo grupo.

Com o cair da noite, todos estavam sentados à volta da pira onde uma conversa amena era travada enquanto circulava entre os homens uma cuia de chimarrão. Francisco picou um pouco de fumo para fazer um cigarro de palha. Guardou o restante do tabaco enrolado e torcido no formato de corda no bolso largo do redingote. O odor acre do fumo de rolo se espalhou pelo pequeno descampado. Depois de várias tragadas, apagou a guimba do cigarro de palha e dirigiu-se ao andarilho de cabelos grisalhos.

— Tu já tens uma boa quantidade de anos sobre o lombo, não é, seu Carlos? — Mesmo a uma distância de três metros, podia ser sentido o cheiro nauseabundo de tabaco e podridão que exalava de seu hálito.

O velho olhou para o céu antes de responder. A abóbada celeste era uma imensa tapeçaria de uma cor escura indistinta, que variava entre o azul e o cinza, com

centenas de pontos brilhantes de tamanhos diversos. Bem ao leste, um luar fraco iluminava a fímbria das nuvens escuras que se estendiam até o horizonte. Mesmo com o satélite noturno oculto, Carlos podia sentir o impulso da lua cheia, exigindo-lhe que pulasse à garganta do captor.

— Mais anos do que posso me recordar — retorquiu de má vontade, baixando os olhos do céu para encarar o semblante grave de Francisco.

— E nunca tomaste partido nas pelejas? Nem contra os espanhóis? — O estancieiro rebelde cuspiu um escarro puxado do fundo do peito ao mencionar os inimigos fronteiriços.

Carlos suspirou profundamente e coçou a barba grisalha com a mão esquerda. Automaticamente, sua destra desceu à linha da cintura onde ficava embainhado seu sabre, mas não encontrou a guarda da espada, apenas o vazio. Todas as armas de seu grupo foram confiscadas pelos captores e encontravam-se sob a lona empoeirada do carro de boi.

— Os homens sempre arranjam razões para lutar: por territórios, por comida, por riquezas e até mesmo por estúpidas crenças religiosas. — Em sua mente, uma vaga imagem se delineou: o campo de batalha da sua primeira guerra, um vale recoberto de corpos. Alguns poucos sobreviventes eram retirados da lama e arrastados para morrer sob os cuidados precários de galenos ignorantes. Apesar do horror da visão dos cadáveres, o que mais marcava a cena era a lembrança do miasma da putrefação incipiente acentuado pela acidez da urina e do suor dos corpos. — E essas guerras são travadas para a proteção dos interesses dos reis e dos governantes em geral, não para melhorar as nossas vidas. Já vivi nesta e em outras terras, lugares sob o jugo de diferentes bandeiras e ornados com diversos brasões, mas nunca vi uma guerra que, uma vez travada, houvesse melhorado a vida do povo que derramou seu sangue nos campos de batalha...

— Tu talvez não tenha te perfilado ao lado correto da peleja — atalhou Francisco.

— Pela minha experiência, todos os guerreiros acreditam estar do lado certo da disputa — Carlos insinuou com ironia.

— Isso não significa que não exista um lado certo. Veja o meu caso: o governo confiscou a mim e a meus homens, bem como metade do meu rebanho, para fortalecer e abastecer suas tropas na Campanha da Cisplatina e até hoje não vi uma pataca sequer de indenização! — Francisco chupou as pontas do bigode com o lábio inferior antes de continuar. — A Coroa agora só quer saber do café, e que se estoure o nosso charque. Tu andas por estas bandas! Abre os olhos e diz-me o que vês! Os rio-grandenses foram esquecidos pela política centralizadora dessa monarquia. Somos marginalizados além do limite do tolerável. Da designação do presidente da província até a mera abertura de portos, tudo se faz ao alvedrio dos interesses da nossa gente continentina — inflamou-se colérico.

— Quando vosmecê fala em “nossa gente”, isso inclui TODA a gente? — Carlos correu o braço num gesto circular que percorreu toda a roda em volta do fogo, incluindo brancos, negros e mestiços.

— Não sejas ridículo, homem! — Francisco disparou numa verborragia inflamada. — Estou falando da gente de verdade, da gente que importa, não dessa corja imunda de escravos e analfabetos, uma multidão confusa de homens destituídos, no mais das vezes, dos conhecimentos mínimos e necessários. Nós, os homens de bem, estancieiros que criamos e abatemos o gado, que garantimos a fronteira desse Império contra os castelhanos, que pagamos altos impostos à Coroa para que sejam plantadas um sem número de palmeiras imperiais pelo Rio de Janeiro enquanto aqui não vemos qualquer retorno dessa sangria em nossos bolsos! — Olhou para cada um dos andarilhos e deteve o olhar no gigante de olheiras profundas. — De toda forma — continuou —, Vossas Senhorias terão a honra de pegar em armas para defender a liberdade da província. Felisberto, organize uma escala de vigia para “proteger” nossos convidados. Não queremos correr o risco de perder qualquer voluntário^[13]...

— Como quiser vos'senhoria — assentiu o capataz, com voz soprada pela falta dos dentes dianteiros.

Enquanto os escravos organizavam os turnos de vigília, Júlio aproximou-se de Carlos e observou em voz baixa: — Sabe, *chefe*, não sei se tu percebeu, mas não falta muito para a hora da transformação...

— Eu sei, Júlio, mas ainda não encontrei uma forma de escaparmos ilesos. Estamos sob a mira de muitas armas. Se formos alvejados na forma humana ou no momento da transformação, é bem provável que seja o nosso fim.

— Algum conselho brilhante, Raul? — o gigante inquiriu com voz rascante e o começo de um riso zombeteiro insinuou-se no canto do lábio direito.

— Não — o elegante caminheiro respondeu secamente. — Infelizmente, não tenho nenhuma solução satisfatória.

— Ahh... — Júlio fitou os dois companheiros em silêncio, abrindo sem reservas seu peculiar sorriso sardônico.

Sem que alguma solução ou recurso lhe viesse à mente, Carlos resignou-se a perguntar: — E vosmecê, Júlio, tem alguma ideia?

— Que bom que perguntou. Na verdade, tenho uma ideia, sim. Preciso que façam o seguinte — disse, adotando uma voz de comando. — Eu vou providenciar uma distração no momento em que iniciarmos a transformação. Não percam tempo! Logo que os lobos estiverem preparados, eliminem os humanos mais próximos.

— Que distração vosmecê vai providenciar? — Carlos inquiriu levemente desconfiado.

— Isso usted deixa comigo, chefia — respondeu enquanto se afastava para preparar a trama urdida.



Quando todos os andarilhos começaram a sentir o estômago formigar, sinal da proximidade da mudança arcana, Júlio aproximou-se de Tibério e cochichou-lhe ao ouvido: — O Carlos mandou usted se enrolar bem apertado nessa manta e deitar mais próximo à fogueira. E tente conter sua mudança o quanto puder.

— Por quê? — indagou o caboclo, arregalando ainda mais os olhos saltados.

— Por que usted é o único burro o suficiente para fazer isso! Não discuta e se avie, hombre.

Tibério aproximou-se da pira que, nessa hora da noite, lançava refulgentes fagulhas espiralantes para o céu noturno, e enrolou-se na manta, ajuntando o tecido bem rente em volta do corpo. Júlio ajoelhou-se ao lado do companheiro e prendeu as pontas do pano com uma agulha de ferro, improvisando uma rudimentar camisa de força. Ainda agachado, o gigante pegou um odre contendo óleo de baleia e derramou seu conteúdo sobre a manta, embebendo-a com o líquido viscoso.

— O que é isso? — Tibério indagou ao sentir a umidade penetrar o tecido.

— Apenas fica quieto, cara de batráquio — Júlio bronqueou num fio de voz.

Carlos, ligeiramente afastado do fogaréu, observava as ações de Júlio, mas não conseguia distinguir os atos praticados pelo sequaz.

— Ele não pode estar tramando boa coisa — tugiou Raul, que também tentava discernir os movimentos sorrateiros do gigante.

Terminada a tarefa, Júlio agachou-se do outro lado da fogueira esfregando as mãos e esticando-as para a chama, como se precisasse muito aquecê-las. Quando sentiu as conhecidas dores dos ossos se esticando na metamorfose macabra, pegou

um pedaço de madeira com a ponta em brasa e lançou-a no companheiro embrulhado à sua frente.

Num átimo, o fogo tomou toda a extensão da manta. Tibério viu a noite ser iluminada por uma barreira de chamas levantada diretamente sobre seus olhos. Além da súbita claridade, um calor abrasador obrigou-o a cerrar fortemente as pálpebras na tentativa de proteger os olhos das agulhas incandescentes das labaredas. Ele tentou libertar os braços com o escopo de afastar o fogo, mas percebeu que os membros estavam presos junto ao corpo enquanto o ardor aumentava exponencialmente. Completamente imobilizado, debateu-se convulsivamente na tentativa de se libertar. O esforço foi inútil e o cheiro repugnante de seus próprios cabelos queimados invadiu suas narinas.

Desesperado com a ardência lancinante da própria carne fervente, Tibério arfou profundamente buscando um pouco de ar, mas somente logrou a inalação de uma fumaça escaldante que lhe crestou severamente as vias respiratórias. Num ímpeto nascido do desespero e da dor, ele rolou para o lado em movimentos espasmódicos.

Entretanto, longe de obter a libertação, seu corpo atado foi ao encontro das chamas vivas do fogaréu, fazendo subir aos céus uma enorme coluna de fogo. Como um Briareu incandescente, a pira lançou cem braços ígneos que o enlaçaram com a avidez dos amantes.

O espetáculo de pirotecnia chamou a atenção de todos no bivaque. Francisco e seus escravos fitavam apopléticos enquanto as chamas lambiam o corpo de um dos andarilhos.

Tibério rugiu em agonia quando sentiu sua carne borbulhar por baixo da manta e das roupas que começavam a se descascar em fuligem e fumaça. Muito além do crepitar da própria pele, ele sentia a iminência da mudança corporal que anunciava a chegada do lobisomem. O berro de agonia lançado ao ar pelo homem atacado pelo fogo rapidamente transformou-se num bramido gutural que gelou o sangue dos captores. Seus instintos primitivos alertaram que mesmo o suplício das

queimaduras não poderia alterar o timbre da voz humana para aquele rugido bestial.

Felisberto, o capataz banguela, foi arrancado de seu estupor inerte ao perceber que o som daquele urro animalesco também ecoava às suas costas. Ao desviar os olhos da brasa humana que se retorcia convulsamente, ele divisou três enormes criaturas peludas com olhos flamejantes. Aos pés dos monstros, seis dos soldados encarregados do primeiro turno de vigilância, jaziam imóveis com as gargantas dilaceradas.

— Minha Nossa Senhora! — Foi toda a proteção que o capataz pôde invocar antes de se tornar mais uma vítima dos licantropos.

Enquanto Wendigo e Sköll se refestelavam com a carne dos escravos já abatidos, Tchevolku deu um salto em direção a Felisberto e abocanhou sua cabeça. Os dentes pontiagudos do lobisomem penetraram pelas têmporas e a pressão poderosa exercida pela mordida esmagou os ossos do crânio. O lobisomem grisalho utilizou o corpo do capataz para cobrir o incandescente companheiro deitado, no intuito de abafar suas chamas.

Geri já conseguia mover suas garras para começar a se desvencilhar do tecido queimado, mas os pelos negros do seu corpo apresentavam várias falhas chamuscadas onde se podia perceber a textura seca do tecido necrosado. Os severos e extensos danos ao tecido muscular provocados pelo fogo impediriam que o lobisomem conseguisse alimento por si mesmo.

Verificando a extinção das chamas, o alfa usou suas garras para destripar Felisberto e depositou o corpo com as vísceras expostas perto da cabeça do lobisomem negro.

— *Coma!* — Foi o comando telepático do alfa, prontamente obedecido por Geri que passou a engolir enormes porções da carne sangrenta praticamente sem mastigar, fazendo seu corpo iniciar o processo de recuperação.

Enquanto o lobisomem chamuscado se curava das queimaduras, Tchevolku foi atingido por uma saraivada de tiros disparados pelos voluntários da causa farroupilha. A fisiologia licantrópica demandava alimento farto para que o corpo da fera alcançasse a plenitude de sua força e resistência e o alfa ainda não tivera tempo para desfrutar sequer de uma singela refeição.

Por sorte, o armamento precário e a baixa qualidade da pólvora utilizada pelos humanos, que devia datar da época da guerra Sepé-Tiaraju^[14], não logrou perfurar facilmente a couraça de pelos espessos e a entrelaçada trama de tecidos do couro licantrópico, mas o corpo recém-transformado do alfa acusou o golpe da penetração da munição ordinária de chumbo. Embora somente a prata fosse um material capaz de minar com eficácia a força vital do lobisomem, as lacerações não tão superficiais provocadas pelos tiros tiveram o condão de abrir ferimentos suficientes para colocar em risco a vida de Tchevolku. Mais algumas saraivadas como aquela e sua capacidade de cura seria suplantada pelas hemorragias causadas pelos projéteis plúmbeos. A dor dos ferimentos associou-se ao ímpeto atávico de abater as presas relutantes, fazendo com que o rosnado baixo que escapava da garganta do alfa se transformasse num uivo agudo, alto e prolongado que tocou no cerne primevo dos três lobisomens subordinados, conclamando-os à caça.

Apavorados com o som das feras monstruosas, os bois de tração conseguiram se desvencilhar das amarras e dispararam pela estrada. O cavalo empinou, mas continuou atado pelas rédeas. O animal aterrorizado arregalou as órbitas negras para o espetáculo grotesco que se desenrolava à sua volta, relinchando com desespero.

Wendigo e Sköll imediatamente levantaram os focinhos das carcaças dilaceradas e seus olhos rubros refulgiram ainda mais intensamente.

Sköll avançou vagorosamente sobre as quatro patas, retraindo as gengivas para exibir os dentes coloridos de saliva e sangue numa mistura irregular de branco e carmim. Um dos escravos ocupava-se em recarregar a garrucha, mas foi

interrompido pela mandíbula do lobo de dorso negro que se fechou sobre seu braço direito. O combatente soltou a arma e tentou recuar alguns passos, mas caiu sentado com a bocarra da criatura ainda cravada em seu membro. Com a presa caída e à sua mercê, o lobisomem beta usou as garras para ganhar o corpo que se retorcia debalde enquanto as lâminas queratinosas abriam longos e profundos talhos irregulares. Rapidamente um espesso líquido de odor ferroso vertia das lacerações.

Wendigo pulou por sobre as labaredas da fogueira, pousando suavemente a poucos centímetros de Francisco. Era incrível como uma fera enorme como aquela podia se locomover com tanta facilidade em completo silêncio. O estancieiro apavorado utilizou a coronha de seu bacamarte para desferir uma porretada sobre a cabeça da criatura. Ele ouviu o som seco da pancada que atingiu a fera entre os olhos. Sentiu a vibração do golpe percorrer toda a extensão de seus braços, mas o ataque não teve outra consequência que não enfurecer ainda mais o lobisomem cinzento.

Com um vigoroso e amplo giro do hirsuto braço direito, Wendigo acertou o peito de Francisco, fraturando cinco pares de costelas e lançando o corpo do homem de encontro ao alto muro de bambu. As grossas varas de caule oco se vergaram ligeiramente com o abalroamento. O fumo de rolo guardado no bolso do redingote do estancieiro caiu junto à reboleira do bambuzal.

Ainda aturdido e à beira da inconsciência, o homem tentou se levantar, mas violentas ondas de agonia irradiaram de seu tronco. Notando a aproximação do lobisomem, Francisco reuniu toda sua força para realizar um último esforço e, com horror, percebeu que perdera completamente o movimento das pernas. Presas afiadas se fecharam sobre seu pescoço e o chacoalharam fortemente para dilacerar ossos, tendões e músculos, pondo fim ao sofrimento da presa.

Faminto e ainda com o estômago vazio, Tchevolku se aproximou do cadáver fresco de Francisco, mas Wendigo, com a boca ainda travada no pescoço da vítima,

rosnou instintivamente, levantando os pelos da cernelha. O alfa empinou sua postura e arreganhou a boca expondo todos os dentes, fazendo o arredio lobisomem cinzento capitular. Mesmo naquelas circunstâncias, ferido pelos disparos e enfraquecido pelo jejum, o primeiro lobo da alcateia ainda era perigoso demais para ser desafiado. A paciência é uma virtude dos sábios e dos covardes e Wendigo recuou mantendo os olhos sobre a carcaça da sua vítima.

Jacinto, um negro robusto e com o topo da cabeça completamente calvo pegou a melhor arma que se destacava sob a lona do carro de boi, e acometeu contra o flanco de Sköll, encravando até o cabo, entre as omoplatas do lobisomem, a lâmina do sabre de Carlos. A fera de dorso negro virou-se para o atacante e lançou mordidas no espaço vazio à sua frente, tentando morder seu atacante. A ferida provocada pelo sabre impedia que o beta da alcateia avançasse o suficiente para causar dano àquele destemido humano, mas os estalos duros de sua dentadura de caninos salientes e aparência maligna fez Jacinto recuar de costas até a entrada da clareira.

O cavalo, nesse momento, apresentava tranças em sua crina e no rabo e se encontrava ainda mais agitado pelo cheiro penetrante do sangue e pelos sons dos predadores. Quando Jacinto encostou ao lado da garupa da montaria, ainda andando de costas para testemunhar a carnificina e tentar se esquivar dos dentes que buscavam alcançá-lo, o cavalo escoiceou ferozmente e um casco protegido com ferradura acertou a lateral da cabeça de Jacinto, que caiu, já sem vida, sobre o centro da fogueira.

Geri, parcialmente recuperado das queimaduras, conseguiu se colocar em pé e se livrou dos restos carbonizados de tecidos que ainda se mantinham colados ao corpo.

Tchevolku mantinha-se tranquilamente sobre o corpo eviscerado de Francisco, mastigando o músculo cardíaco que acabara de arrancar, ciente de que as ameaças à alcateia estavam neutralizadas.

Sköll empurrou de volta a ponta da lâmina que escapava de seu peito, mas não logrou alcançar a empunhadura do sabre para arrancá-lo de suas costas, pois seus membros não eram suficientemente longos para tal tarefa.

Wendigo encarava, imóvel e silencioso, o último soldado remanescente que apresentava uma nódoa escura a lhe manchar as pernas, terminando num gotejar constante na barra da calça.

Diante daquela cena, o homem aterrorizado virou-se para a entrada da clareira e disparou pela trilha em desabalada carreira, e não sobrou nenhum humano vivo no bivaque.

Do meio do bambuzal, um par de olhos maliciosos observava em silêncio o desenrolar dos acontecimentos. Antes que fosse percebido pelos sentidos aguçados dos lobisomens, a figura perneta recolheu o fumo de rolo e desapareceu num torvelinho do ar. Um riso debochado ecoou pela mata.

Wendigo pôs-se sobre as patas traseiras e caminhou lentamente até Sköll, acompanhado pelos olhos atentos de Tchevolku. Sem hesitação ou cuidado, o licantropo cinzento torceu ligeiramente a lâmina enquanto puxou o sabre, liberando-o de sua bainha de carne e pele de lobisomem. O movimento executado com deliberado descuido arrancou um urro de agonia de Sköll.

O lobisomem cinzento jogou a arma displicentemente no chão e andou até a frente do descampado. Ao perceber a indagação silenciosa dos demais a respeito do motivo de ter adiado a perseguição ao último escravo, olhou por cima do ombro em direção ao alfa e, a título de explicação, limitou-se a comentar ironicamente, antes de sair no encalço da última testemunha.

— *Eu prefiro a comida que corre...*





Capítulo 12 A formatura



06/OUT/1835
TERÇA-FEIRA
4º dia do ciclo da lua cheia



LICURGO AFASTOU O PAPEL DO ROSTO. SUA VISÃO estava piorando com o passar dos anos. Logo seus braços não seriam compridos o suficiente para que ele pudesse ler os documentos escritos com letra miúda. Porém, mais que a deterioração lenta e progressiva de sua visão, as notícias reveladas pela amarrotada folha de alçaço, que segurava à altura do olho pelos membros esticados, o mais afastada do corpo que conseguia, preocupava seu espírito.

Nestes últimos anos em que se empenhara na perseguição à alcateia que atacou Sétimo, Licurgo, mais de uma vez, pressentiu a aproximação das criaturas, mas não logrou localizar o bando de assassinos demoníacos. Ainda assim, algo alertava os seus instintos de caçador: o momento de enfrentar os lobisomens se aproximava. Ele não podia olvidar, outrossim, que o treinamento de seu pupilo chegara a um momento decisivo. Sétimo alcançara o limite do desenvolvimento de suas capacidades físicas e teóricas em relação ao desiderato da Ordem. Na opinião do velho caçador, o aprendiz ainda revelava uma inequívoca tendência a se valer mais do corpo que da mente, mas tal falha poderia ser sanada com a experiência adquirida com o tempo. Chegara a hora de dar o último passo antes de testá-lo em campo. O jovem pupilo da Ordem precisava receber o armamento e a indumentária apropriados para acompanhá-lo nas caçadas.

Conquanto não fosse a solução ideal, o reparo e a restituição do fio das lâminas recobertas de prata poderiam prescindir das habilidades de um artesão versado nos segredos da Ordem, bastando a expertise ordinária de um ferreiro qualquer. Porém, a confecção da elaborada e complexa trama da cota de malha prateada exigia um talento raro. Poucos mestres de ourivesaria ainda se dedicavam à arte da produção da vestimenta de fios entrelaçados como pequenas argolas e um número ainda menor possuía o conhecimento das técnicas necessárias para o fabrico do material que se assemelhava a uma bata de fios de prata, leve o suficiente para permitir a movimentação desimpedida do usuário, mas resistente o bastante para repelir as garras e as presas de um lobisomem. Nenhum membro da Ordem dos Caçadores de Judas, independente do que lhe acontecesse, empreendia a caçada sem a prévia

consagração realizada com a entrega deste aparato metálico. Uma cerimônia singela, mas na qual os caçadores acreditavam receber, juntamente com a cota de malha, uma unção especial da graça celeste para o cumprimento da sua missão divina.

Tais particularidades do traje metálico reduziam as opções de Licurgo a uma única pessoa: Wolfgang, um ourives especializado que, por muitos anos, prestava serviços essenciais aos membros da Ordem. Wolfgang fugiu da Europa com as tropas de Napoleão em seus calcanhares e agora, até as últimas notícias recebidas pelo velho caçador, morava na região do Vale dos Sinos, perigosamente próximo à sede da colônia de São Leopoldo, terra natal de Sétimo.

Se, por um lado, Licurgo tinha receio de que o retorno às cercanias do lar do pupilo pudesse abalar o estado emocional do rapaz — ainda suscetível a rompantes de ódio, ressentimento e melancolia que alimentavam uma súbita e imprevisível sede de vingança —, por outro viés, os fatos desvelados pelo papel de linho em suas mãos aumentava-lhe o desassossego. Notícias preocupantes de uma revolta dos provincianos rio-grandenses.

Aquele era o início da Revolução Farroupilha, um conflito armado que poderia pôr em risco as atividades do caçador. Licurgo passou a mão pela calva para limpar o suor. O pedaço de papel diante do seu olho cansado continha a transcrição da carta que Bento Gonçalves da Silva mandara para o Padre Diogo Antônio Feijó, Regente do Império do Brasil^[15].

Depois da tomada da capital da província pelos revoltosos, algumas batalhas e escaramuças começaram a eclodir pela região. Não obstante aquelas aguerridas disputas campais dos primeiros dias da revolução, ainda se contava com um número relativamente pequeno de mortes de ambos os lados, mas, no decorrer de uma década, a cor viva dos lenços encarnados usados pelos farrapos iria escorrer para a terra umedecida de sangue, tingindo de escarlate a vastidão desolada dos pampas.

Licurgo acompanhava, com certo distanciamento, a condução dos negócios públicos do Império. O tamanho e a titularidade dos territórios, ou mesmo o destino do Trono Augusto de Sua Majestade Imperial, só lhe interessava na exata medida em que interferisse nos seus desígnios de extermínio da ameaça licantrópica.

Licurgo fez um muxoxo ao amassar a folha impressa, antes de jogá-la nas brasas do fogão a lenha da pequena cabana. O derradeiro D'Argento tinha uma missão sacrossanta a cumprir e não se desviaria dela pelas mesquinharias mundanas. Aquela não era a primeira vez (nem tampouco, pensava, seria a última) que as politicagens mesquinhas dos homens se interpunham ao relevante e venerável desiderato da Ordem dos Caçadores de Judas. Com a força de sua fé cega, o velho caçador acreditou que a mera passagem por uma área conflagrada não deveria configurar óbice intransponível para sua santa incumbência. Levantou-se da cadeira de madeira de espaldar alto e se esticou para alongar os músculos e desencavalar as vértebras da coluna.

Ao sair da cabana, estacou enquanto sua visão se acostumava à claridade do dia. Ainda mantendo o olho semicerrado, divisou a silhueta do discípulo treinando com o gládio romano contra o lobisomem imaginário, representado pelo precário (e já diversas vezes remendado) boneco de madeira e palha. O espantalho sofria pacientemente os golpes da lâmina de prata que se apresentava, àquela altura, quase sem fio e com diversas mossas.

— Muito bem, Sétimo — elogiou, após alguns segundos de observação. — Parece que vosmecê já está pronto para o próximo passo.

— Então já posso sair contigo para caçar as feras? — animou-se o aprendiz.

— Não tão rápido, rapaz. — Licurgo colocou-se em frente ao pupilo e pousou-lhe as mãos nos ombros enquanto seu olhar sereno parecia vasculhar os pensamentos do jovem. — Vosmecê já ouvir falar de que o hábito não faz um monge? Bem, neste caso, o brocardo não se aplica. Antes de se considerar um

caçador, vosemecê precisa da sua própria cota de malha de prata para evitar o risco de ser mordido por uma besta lupina. Embrulhe todas as nossas coisas, pois vamos precisar de muita prata. Temos que encontrar um velho associado pelos lados de São Leopoldo.

Ao ouvir o nome de sua querência, Sétimo não conseguiu disfarçar o entusiasmo. Virou-se rapidamente em direção à cabana e disparou pela trilha de terra. Em pouco tempo teria arrumado os poucos pertences da dupla.

Licurgo observou a toda aquela movimentação mais calado que de costume, incerto quanto à vantagem ou desvantagem da empolgação de seu aprendiz em rever a terra natal, ainda ignorante da verdadeira ambição de Sétimo em reatar os vínculos afetivos de sua vida anterior ao ataque dos lobisomens, tão logo obtivesse a agri doce satisfação da vendeta.





Capítulo 13
A crueldade



07/OUT/1835
QUARTA-FEIRA
5º dia do ciclo da lua cheia



O CHEIRO PENETRANTE DE COBRE INVADIU suas narinas enquanto ele era conduzido, contra sua vontade, por membros mais fortes que os seus. Aquelas tenazes, tão poderosas quanto indiferentes ao sofrimento alheio, arrastavam seu corpo pela lama e pequenas pedras marcavam-no com feridas que ardiam dolorosamente. Resistir era um imperativo natural, mas até os maiores esforços para contrapor-se àquela coação revelaram-se inócuos. Ele se empenhou ao máximo para firmar os pés no chão, contudo, sem encontrar apoio em terreno firme, restaram baldadas suas tentativas. Acabou por escorregar no líquido que recobria todo o soalho; sangue, suor e lágrimas das vítimas que o precederam e que também não encontraram saída para o sacrifício ao qual ele próprio se encaminhava inexoravelmente. Sua pele se banhou naquela mistura espessa e pegajosa, aumentando o sentimento irrefreável de angústia. Um gemido plangente escapou dos lábios trêmulos com a força do medo que lhe enregelava o sangue nas veias.

A procissão que aparentava levar uma eternidade finalmente terminara. Ele olhou aterrorizado para o rosto de seus algozes, mas não encontrou qualquer sinal de compaixão ou misericórdia. Nesse momento, uma forte pancada foi desferida em seu crânio fazendo-o guinchar. O pesado malho errou o ângulo do golpe e provocou no mártir relutante uma dor intensa que pareceu se alastrar por todas as terminações nervosas de seu corpo, sem, contudo, conferir-lhe a benção da morte ou da inconsciência. Antes que ele pudesse se recobrar da primeira pancada, uma nova bordoadada atingiu a parte superior de sua cabeça, liberando um grosso filete de sangue a escorrer pelos olhos em direção aos lábios. Sentiu na boca o gosto ferroso do próprio sangue e se debateu inutilmente tentando se desvencilhar dos verdugos cruéis.

Depois de segundos de improfícua resistência, a percepção da impossibilidade da fuga chegou-lhe num átimo e seu desespero inicial foi substituído pelo mais profundo desânimo. Assim, relaxou toda a musculatura, abandonando o corpo

físico à própria sorte e aguardou a próxima pancada que lhe traria o término do suplício e a graça da inexistência.

Todavia, a cacetada libertadora não veio. Em seu lugar, uma nova espécie de tormento afilado assumiu seu posto. Em vez da bordoadada, ele experimentou a cáustica cutilada que abriu um corte profundo na sua caixa torácica. A entrada desajeitada de uma lâmina, que buscava perfurar seu músculo cardíaco, foi desviada por resvalar dolorosamente em suas costelas. Os ossos cumpriram com sua função de proteção ao órgão vital, mas inadvertidamente aumentaram sua agonia ao afastar o abraço da morte rápida.

Um longo e ininterrupto grito de negra amargura lhe escapou da garganta, clamando pelo fim do martírio. O coração não atingido começou a bater ainda mais forte e rápido, martelando uma sinfonia de medo em seus ouvidos e bombeando o líquido vital aos borbotões para fora do corpo através das artérias rompidas em toda a extensão do talho profundo.

A dor excruciante minou-lhe completamente a força dos músculos e ele cedeu ao próprio peso, com a cabeça tombada de lado. Seu rosto afundou na lama profana daquele local de morte. Sua língua pendia imóvel para fora dos lábios.

Grilhões implacáveis se fecharam sobre seus membros inferiores e ergueram-no de cabeça para baixo, enquanto novas lacerações iam marcando seu peito como lábios horrendos vomitando sangue. Os carrascos sorridentes faziam pilhérias enquanto captavam num pote a seiva quente que brotava de seu corpo agora inerte.

Culminando o fim daquele espetáculo grotesco, seu corpo foi despedaçado com a indiferença característica da prática advinda da repetição infinda daquele mesmo ritual macabro.



Licurgo assistiu com interesse ao abate do porco. Ele se espantou com a expertise dos escravos carneadores e olhava com cobiça para o pote de cerâmica colocado sob o animal. Assim, além das novas montarias e de uma porção generosa de carne defumada, o caçador também comprou uma vasilha contendo o sangue fresco obtido no ritual dos magarefes.

Naquela mesma manhã, logo ao sair do povoado, o velho caçador avistou uma tropa imperial marchando em direção a Pelotas^[16].

Dias mais tarde, chegariam notícias da vitória governista, com relatos esparsos e desconstruídos de que os homens a serviço do Império não fizeram prisioneiros de todos os revoltosos capturados.

Licurgo soube que teria que escolher com cuidado o caminho para São Leopoldo. Não queria ser confundido com um combatente daquela disputa sangrenta. A crença propagada pela Igreja Católica, Apostólica e Romana era adotada como religião oficial do Império Brasileiro, assim como também seria perfilhada pela futura República Rio-Grandense, mas, talvez, seus trajes de aparência eclesiástica não fossem suficientes para garantir um salvo-conduto pelo território sublevado.

Quando finalmente retornou à cabana com os víveres e os animais de transporte, já era a pino do meio-dia. Sétimo fizera um bom trabalho reunindo todos os pertences dos dois num único alforje. Não que o rapaz tivesse muita bagagem para transportar. Além da roupa que tinha sobre o corpo, o pupilo do caçador amalhara apenas os pequenos itens de aprendizado de escrita doados por Licurgo. Afora esses poucos artigos, destacava-se a guaiaca sempre em volta da cintura.

Ao ver o conteúdo da vasilha, o aprendiz questionou o caçador: — Ahijuna, velho! Essa gosma sangrenta que tu trouxeste a boche é para preparar alguma armadilha para os lobisomens?

— Não, rapaz. — Ele tomou a vasilha da mão de Sétimo e agachou-se junto ao pequeno fogão à lenha improvisado. — Essa gosma, como vosmecê diz, é alimento humano e vai nos sustentar em parte da nossa jornada.

Tão logo terminou a explicação, o caçador despejou o sangue de porco numa panela de barro e foi acrescentando sal e farinha, mexendo a mistura com uma colher de pau. Ao notar que o preparo adquiriu certa consistência, Licurgo levou uma colherada à boca e balançou a cabeça em aprovação. Com um gesto da colher, ofereceu a iguaria a Sétimo, que se afastou recusando educadamente, tentando, sem muito sucesso, disfarçar a ojeriza que sentia.

Enquanto o aprendiz amarrava o alforje num cavalo ruano que faria o papel de animal de carga, o caçador caolho despejava seu preparado culinário numa espécie singular de recipiente, um saco fino, comprido, maleável e transparente. Sétimo não conseguiu identificar a natureza do tal saco, mas julgou melhor permanecer na ignorância. Talvez assim tivesse menos resistência para, numa hora de necessidade, conseguir ingerir a guloseima de preparação e aspecto repugnantes.

Uma vez preparado, as rédeas do ruano foram atadas na parte traseira da sela do tordilho que seria montado por Licurgo. Antes de subir em seu cavalo, o caçador recolheu as últimas flores violetas do canteiro contíguo ao casebre. Com cuidado extremado, separou algumas sementes e, juntamente com as raízes e pétalas colhidas, guardou-as num pequeno envelope. Fechou o invólucro e o entregou ao aprendiz.

— Guarde-o com muito cuidado em sua bolsa e procure mantê-lo longe da umidade.

Sétimo acolheu o sobrescrito em suas mãos e examinou seu conteúdo. Com cuidado, abriu a guaiaca e colocou a mecha anelada dentro do papel, dobrou-o suavemente e o acondicionou de volta na pequena bolsa do cinto, sorrindo muito ancho de si mesmo por se tornar o guardião de tão preciosa carga.

— Ainda se lembra de como montar um cavalo? — gracejou o caçador.

— Estoy um pouquinho enferrujado para amanonsiar um bagual, mas me garanto em cima da sela como um centauro dos pampas! — exaltou-se o rapaz ao montar em seu cavalo. Ao mero contato da sela, no entanto, sua fisionomia se descompôs ligeiramente ao sentir uma dor aguda em suas costas.

Os cavalos foram virados para o norte e, com um leve toque das esporas, puseram-se em marcha a meia rédea. Ao ver a tapera onde passou sua convalescença sumir por trás de uma coxilha, Sétimo indagou: — Hoje a noite tem lua cheia. É o quinto dia deste ciclo. Tu no receias encontrar os lobisomens?

— Por mais de dois anos tenho batido perna por estas plagas e não encontrei sinal da alcateia. A Ordem já analisou o comportamento trófico dos lobisomens. Cada grupo de licantropos sempre se movimenta em idas e vindas dentro de uma determinada localidade onde busca se alimentar e defender seu território. Mas esse território pode ser muito grande, dependendo do lobisomem alfa, o líder do bando. E esses demônios parecem ter se afastado deliberadamente da rota que iremos seguir. Portanto, acho que hoje é tão seguro quanto qualquer dia, seja lua cheia ou não. — O olho de Licurgo brilhou quando se fixou no rosto do rapaz. — Além do mais, não somos presas indefesas.

Instintivamente, o caçador e seu aprendiz levaram a mão à própria arma de prata. Sétimo carregava seu gládio embainhado e atado à cintura, no lado esquerdo da guaiaca, enquanto Licurgo transportava sua *morning star*, uma maça com uma bola cravejada de espinhos na ponta, presa à direita junto à sela.

— Creio que, por volta da meia-noite, chegaremos a um ranchinho onde podemos conseguir um pouso seguro, mas sem muitos luxos. Uma cama de palha razoavelmente seca e com poucas pulgas e um teto funcional, desde que não chova...

Sétimo remexeu-se procurando melhor posição sobre o cavalo baio que montava e agradeceu em silêncio por sua montaria ser calma e dócil como um palafrem. Suas costas latejavam com o esforço de se manter sobre a sela.

— Licurgo, desculpa-me a intromissão, mas como tu pagas por todas essas coisas? As montarias, os mantimentos, a hospedagem...

— Nossos conhecimentos nos permitem prestar outros serviços. Trabalhos que podem ser muito bem remunerados. Tarefas que vão além da sagrada missão de extermínio dos lobisomens. Sempre que preciso, posso ganhar grandes somas em pouco tempo.

— Tu enches as burras de prata e ainda vive se esfalfando desse jeito? — Em seu íntimo, o jovem aprendiz desdenhava da dedicação obstinada do caçador. *Se fosse rico, pensou consigo mesmo, nunca mais me daria ao trabalho de perseguir perigosas criaturas sobrenaturais, muito menos colocando meu pescoço em risco por gente que sequer conheço.*

Licurgo desviou seu olho para o rapaz. Embora não tenha proferido uma única palavra, seu silêncio continha toda a desaprovação ao pensamento egoísta e leviano de Sétimo.

— Tu no me disses que trabalhos tão rentosos são esses — Sétimo ponderou com curiosidade.

— Ora, serviços diversificados como a elaboração de documento escrito, melhor ou, ao menos, tão bom quanto o conseguido das penas de um tabelião, ou a captura de negros fugidos.

— Caçar negros fujões? Como um reles capitão do mato? — espantou-se Sétimo, com um tom petulante que não escapou à atenção do caçador.

— Capitães do mato são pessoas rudes que conhecem unicamente esse ofício — cuspiu o caolho, com desprezo. — Sou um membro da Ordem dos Caçadores de

Judas. Um exterminador de demônios e fiel executor da vontade divina em defesa da humanidade! — declarou com a sinceridade fanática daqueles que se consideram especialmente ungidos por Deus. — Para a consecução da minha sagrada função, não considero que nenhum trabalho está abaixo da minha dignidade e obtenho os recursos necessários onde posso consegui-los, principalmente dos senhores temporários do poder, quem quer que eles sejam. — Ele acendeu um charuto e puxou sua fumaça. A ponta brilhou numa brasa vermelha que se sobrepôs sobre a cavidade ocular vazia coberta pelo tapa-olho, ligeiramente deslocada para o centro, dando uma estranha e sinistra configuração àquela fisionomia assimétrica. Percebendo que o aprendiz ainda ruminava sobre a fonte de seus recursos, continuou: — Os africanos não são o primeiro povo na história a sofrer a submissão sob o látego de um senhor. A opressão na sociedade sempre existiu e sempre existirá. Veja, em 1831 o império brasileiro criou uma lei de combate ao comércio negreiro, somente para apaziguar os ânimos do governo britânico. Vosmecê viu alguma diferença no regime escravocrata? Foi só uma lei para o governo inglês ver — explicou, dando de ombros. — Nós não podemos ser hipócritas sobre a realidade do mundo. Não nos imiscuímos nos assuntos seculares que não nos dizem respeito, quer seja aprovando, quer seja reprovando a escravidão e seu regime. Se pudéssemos obter a prata necessária libertando os escravos, assim o faríamos. Como os negros não têm o metal de que precisamos, prestamos serviços ocasionais àqueles que estão no outro lado da chibata.

Em silêncio, o caçador terminou seu fumo e a quietude da viagem somente era quebrada pela sinfonia variada dos sabiás-do-campo (*Mimus saturninus*) e pelas notas agudas assobiadas pelos sanhaços-cinzentos (*Tangara sayaca*).

Quando o disco prateado finalmente surgiu no horizonte, o manto da noite começou a se espalhar por aqueles sertões ínvios. Sétimo sofrenou o baio e apeou para esticar os músculos e tentar amenizar as dores. Coube a ele quebrar o silêncio.

— Licurgo, como os lobisomens escolhem quem vai ser transformado? No encontrei nenhuma informação sobre esse tópico nos tomos da Ordem.

— Isso porque nunca houve consenso a respeito. Até onde foi possível saber, na maioria dos casos, é o alfa de uma alcateia quem repassa a maldição, mas desconhecemos os critérios que orientam essa escolha. Talvez essas pessoas já nasçam amaldiçoadas pelo destino, talvez tenham a alma negra apropriada para acomodar no próprio corpo o demônio lupino...

— Será que aquele caçador que foi mordido também tinha alguma mácula que ensinou o repasse da maldição...

— ELE NÃO FOI ESCOLHIDO! — esbravejou o caçador. — Meu pai se sacrificou para que um olho fosse tudo o que aquela fera maldita pudesse arrancar de mim...

— T-Teu pai? D-Desculpe-me, yo no sabia...

— Hunf! Isso não tem importância! Deixe de frescura e suba logo nesse cavalo! — ordenou com rispidez. — Ainda temos um bom caminho pela frente.

O silêncio compassivo de momentos atrás foi substituído por um mutismo intencional assaz desconfortável, como um espinho atravessado na garganta dos viajantes. O simples som da respiração das montarias parecia aguilhoar os ouvidos do caçador e de seu aprendiz. Para aliviar o nervosismo que se instalara, Sétimo passou a entoar à meia-voz a cantiga que o lembrava de Gwenhwyfar, a doce Jennifer de olhos violeta.

♪ *Saudade é dor que não dói,*

Doce ventura cruel,

É talho que fecha em falso, ♪

É veneno e sabe a mel...

Distraídos pela melodia, a dupla seguiu seu rumo pelas estradas sinuosas, orientando-se pela iluminação inconstante fornecida pelo luar. Aos poucos, porém,

o ar quente e úmido daquela localidade foi se transformando numa neblina cada vez mais densa.

Em determinado momento, Licurgo foi obrigado a acender uma tocha para aclarar, ainda que precariamente, o caminho a ser trilhado. Além de limitar a visão a um perímetro restrito de poucos metros com uma luminescência rançosa e uma orla baça, a forte cerração sufocou os ruídos da fauna de hábitos noturnos. Trafegar por aqueles ermos sem poder avaliar com segurança os arredores e com a acústica ambiente limitada ao som dos próprios passos equivalia a avançar por um ar da consistência do melado localizado na periferia de um pesadelo.

A tensão crescente provocou em Sétimo o involuntário retesamento das espáduas. Como consequência, a dor em suas costas se irradiava em espasmos ritmados de agonia, obrigando-o a trincar os dentes para suportar o castigo.

Metro a metro, a dupla tateava a rota, sempre em frente, quando um discreto e conhecido odor putrefato pôde ser sentido distintamente. Licurgo puxou as rédeas do tordilho, forçando também a parada do ruano. Ele apurou os ouvidos e esquadrinhou o espaço ao redor.

— Desça do cavalo e vá na frente, rapaz. Verifique o que temos aqui — ordenou, passando a tocha para Sétimo.

O aprendiz apeou do baio e avançou sozinho com a tocha erguida à frente. Pouco a pouco, junto a uma grande figueira (*Ficus sp*), foi se delineando o perfil de uma grande carcaça com os costados voltados para a trilha. O couro das costas do animal morto marcava a ossatura da coluna vertebral e das costelas.

Sétimo passou o archote para a mão esquerda e ergueu ao máximo o lume. A mão direita deslocou-se para a ilharga na direção da bainha do gládio.

Quando as chamas bruxuleantes estavam a uma curta distância do animal em decomposição, uma cabeça de aparência lupina levantou-se repentinamente do

outro lado dos despojos. Um par de olhos brilhantes iluminou-se com o reflexo da tocha.

Subitamente, o negror da noite foi iluminado por uma intensa e ofusca claridade, como o brilho de um raio, mas sem o estrondo ensurdecido do trovão ou o cheiro metálico do ozônio que preenche a região atingida pelo relâmpago. O fundo branco do clarão repentino foi rapidamente ocupado pela silhueta de uma criatura obscena, recoberta de pelos escuros e dotada de uma bocarra repulsiva onde eram exibidos longos, afiados e protuberantes dentes caninos.

Desafortunadamente, a visão fugaz daquele animal não era mero efeito da pareidolia, o fenômeno psicológico que transforma o singelo desenho de uma sombra num monstro terrível. O bicho existia de fato e encarava friamente o aprendiz de caçador.

Antes que Sétimo pudesse esboçar qualquer reação, a carranca de olhos brasis avançou e ele foi tomado por uma vertigem incapacitante. Num piscar de olhos, o aprendiz caiu sentado na terra fria. Ele tropeçou quando tentava recuar com passos apressados. Sua mão, recoberta por uma fina camada de suor frio, atabalhoadamente procurava sacar a espada.

Quando Sétimo tornou a olhar na direção da carcaça, o cenário havia retornado ao normal. A miragem da fera bestial foi substituída pela mera imagem de um inofensivo cachorro-do-mato.

Assustado com o alarido, o pequeno guaraxaim (*Cerdocyon thous*) abandonou seu jantar, chispou por entre a reboleira e foi buscar alhures o complemento da sua refeição noturna.

Licurgo aproximou-se e, com tom professoral, limitou-se a expor *ex cathedra*: — O cheiro de carniça indica a presença de predadores diferentes da ameaça licantrópica. Lobisomens não recorrem à necrofagia, conforme vosmecê já devia

saber — observou com fleuma exacerbada. Um leve toque do calcanhar fez o tordilho avançar placidamente, deixando o aprendiz tombado para trás.



Logo depois do incidente, a neblina diminuiu e os cavalos puderam voltar a avançar em passo calmo. Gradualmente, os sons dos animais noctívagos tornaram a preencher as cercanias. Ao terminar de costear o morro, Licurgo avistou o pequeno rancho à beira da estrada real onde pretendia buscar pousada. Bateu levemente com as esporas na barriga de seu cavalo para alcançar um leve trotar.

Sétimo já se preparava para seguir o caçador quando tocou na guaiaca levada à cintura e encontrou-a aberta. Estranhou a ausência do aroma que sempre se espargia àquele simples gesto. Rapidamente examinou o interior da pequena bolsa de couro e achou-a vazia. Nem sinal do valioso envelope deixado à sua guarda. Seu coração deixou de pulsar regularmente, como se teimasse em pular uma batida necessária. Uma sensação opressiva de perda inundou-lhe o peito. Com as poucas forças que conseguiu reunir, anunciou ao caçador: — Vá na frente, viejo! Le encontro dentro em pouco!

Ao terminar de proferir o aviso, quase tropeçando nas próprias palavras, o aprendiz virou o baio bruscamente na direção contrária e estugou o cavalo. Ao trotar de volta pelo caminho, sentia somente o bater ritmado do gládio em sua cintura e o pulsar descompassado de seu coração. *Preciso encontrar a grande figueira! O envelope só pode ter caído no momento em que fui surpreendido pelo guaraxaim...*

Em seu peito, o músculo cardíaco finalmente encontrou um novo ritmo. Rápido. Acelerado. Frenético. Desesperado. Batidas fortes e apressadas. Parecia que seu coração vinha corcoveando como touro de banhado laçado a meia espalda.

Olvidando por completo qualquer cautela, Sétimo ignorou a agonia de suas costas e cavalgou a toda brida.

Embora o luar tênue não permitisse o imediato reconhecimento da seara procurada, o fedor inconfundível de podridão apontou-lhe o local buscado. O aprendiz amarrou o baio junto à figueira e estacou de frente para a trilha com a boca aberta e uma expressão parva desenhada na face.

— MERDA! — praguejou, batendo com a mão aberta na própria testa. — Deixei a tocha com Licurgo! — sibilou para seus botões.

Em sua algibeira, Sétimo encontrou apenas um toco de vela, mas qualquer iluminação seria melhor que nenhuma luz. Acendeu o pavio, protegendo a chama incipiente com a mão em concha. Quando o fogo se tornou estável com a queima da cera, ele se abaixou com os joelhos e as mãos encostados no chão de terra e passou a esquadrinhar os arredores em busca do precioso envelope que continha seus únicos e inestimáveis tesouros.

O passar dos minutos foi consumindo o toco de vela e a ausência de resultados começou a turvar o ânimo do rapaz. Cada vez mais, o aprendiz de caçador baixava a cabeça em direção ao solo na tentativa de enxergar melhor qualquer reflexo esmaecido que pudesse identificar o pedaço de papel. De quando em quando, ele aspirava profundamente como um cão perdigueiro, na esperança de discernir o aroma peculiar de lilás e groselha.

— Foi por aí que yo perdi... — declarou para si mesmo. — Foi por aí que yo perdi... — repetiu numa inflexão lamentosa. — Foi por aí que yo perdi... — murmurou como uma prece.

Sua atenção foi desviada para o barulho do tropel de uma cavalgata de trinta tordilhos negros que cruzava uma canhada próxima. Quando tornou a olhar para o chão, percebeu que o pequeno toco de vela se apagara. No entanto, bem à sua frente, destacava-se o contorno retangular inconfundível do sobrescrito. Sétimo

recolheu o envelope com sofreguidão e verificou seu conteúdo. Ao se certificar da preservação de seus tesouros, um cacho de cabelos negros tocados com reverência e um punhado de sementes raras, o rapaz foi tomado por um choro convulso.

Aquilo que foi perdido, então, acabou por ser restituído ao seu legítimo proprietário. Longe dali, uma chama acendeu-se espontaneamente num altar consagrado a Nossa Senhora, um modesto e pequeno púlpito erigido ao lado da boca de um enorme formigueiro que, outrora, servira de féretro natural a um jovem pastor daqueles campos.





Capítulo 14
As serras



08/OUT/1835
QUINTA-FEIRA
6º dia do ciclo da lua cheia



CARLOS ANDAVA DE UM LADO PARA O OUTRO com as mãos atrás das costas. Os vincos mais acentuados dividindo sua testa denunciavam a preocupação que sentia. Ele resistia à ideia de trocar seu território de caça habitual, mas o advento da guerra dos estancieiros rio-grandenses contra o governo imperial era um fator que não podia ser ignorado. A mudança para um novo local envolvia riscos consideráveis — pelo menos, até que a alcateia completasse seu reconhecimento e estabelecesse pleno domínio sobre uma nova localidade —, mas a permanência dos lobisomens em área conflagrada representava um perigo real e maior que uma mera inconveniência.

Seu plano inicial de passar uma longa temporada no noroeste da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, próximo ao território castelhano, teve de ser abortado. A intensa movimentação da escumalha humana — caramurus e farroupilhas — desaconselhava qualquer fixação em áreas próximas aos grandes povoados. De um lado, estavam os revoltosos continentinos que patrulhavam extensas áreas em seus cavalos^[17]. Na outra ponta, ficavam os imperiais, melhor equipados e munidos com canhões e uma infantaria com baionetas, a defesa mais eficiente contra uma carga da cavalaria sulista.

O grupo de andarilhos montou um precário acampamento num descampado cercado por imensas araucárias. Não agradava à alcateia, porém, ficar confinada a uma pequena área daquela região serrana que, embora afastada do fogo cruzado dos conflitos armados, era bastante inóspita, com parca disponibilidade de caça, de topografia acidentada e muito fria na época do inverno, mesmo para o corpo hipertérmico dos lobisomens. Apenas esparsas tribos indígenas da nação caingangue habitavam aqueles ermos.

Estas eram, em breve resumo, as preocupações mais urgentes que perpassavam na mente de Carlos.

Os três acólitos estavam sentados terminando uma refeição composta de uma única paca (*Cuniculus paca*) assada na brasa. Tibério mantinha-se cautelosamente

mais afastado da pira, pois as cicatrizes da alma humana não se curam tão depressa e completamente como o corpo licantrópico. Todo o trio comia calado e taciturno, esperançoso de que o pequeno bocado de carne, que coube a cada um na partilha, pudesse afastar o fantasma da fome. Durante o escasso repasto, eles acompanhavam com os olhos o vaivém do líder. Coube ao homenzarrão de maus bofes quebrar o silêncio.

— Por que raios continuamos parados nestas serras desertas? Pensei que íamos para São Borja... — Júlio proferiu a observação num tom insolente, após entornar a última gota de aguardente de seu cantil. As palavras ligeiramente engroladas pela força do álcool foram lançadas como se lâminas envenenadas pudessem se esconder sob o disfarce daquela frase falsamente desinteressada.

— Modere sua língua ao falar comigo — Carlos advertiu por entre os dentes.

Júlio ergueu-se num rompante, mas seu ímpeto beligerante foi refreado pela reação pronta e imediata do garboso segundo em comando, que se postou ao lado do líder.

— Eu só estou falando que estamos lá esperando tomar uma decisão... — justificou-se o gigante, escandindo as sílabas das palavras.

— E eu disse que ficaríamos aqui até que eu tomasse essa decisão! Não me apresse, Júlio. Embora avançado em anos, pude aprender recentemente a não adotar deliberações precipitadas. Temos que permanecer com a alma forte e o coração sereno. Não quero que se repita o fiasco ocorrido na última vez que topamos com um grupo de soldados. — A última frase foi proferida num fio de voz enquanto Carlos dirigia seu olhar para Tibério, o atarracado companheiro de olhos saltados.

— Fiasco? FIASCO!??? — Júlio exaltou-se, dando um passo na direção do velho líder. Seus olhos brilharam do fundo das olheiras que lhe marcavam o rosto. Sem que ninguém mais percebesse, sua mão deslizou sorrateira sobre o punhal. —

Usted deve estar de miolo mole! Ora, não me tomes por um borracho sem eira nem beira, pois enquanto vosotros estabam aparvalhados, foi a MINHA ideia que nos livrou dos grilhões em segurança.

— Vosmecê chama aquilo de segurança? — interveio Raul. — Tem é muita coragem ou pouco discernimento para falar isso! Acha que atear fogo num companheiro pode ser considerado seguro? — acusou, apontando para Tibério. O caboclo atarracado encolheu-se sem sair do lugar.

— Foi um risco pequeno e bem calculado, conselheiro. — Ele largou o cabo da pequena lâmina e abanou as mãos num gesto de pouco caso. — Só lancei o fogo um pouco antes da transformação. O lobisomem pode se curar de bem mais do que queimaduras superficiais.

— O corpo dos nossos lobisomens realmente aguenta muitos danos, mas o Tibério poderia ter morrido queimado antes de completar a transformação! — Carlos exclamou, procurando manter a calma.

— Ora, eu fiz o que tive que fazer porque ninguém mais teve colhões para isso! Além do mais, não seria lá um grande desfalque...

— Há muito poucos de nós para que possamos nos dar ao luxo de perder um só lobo, Júlio! — Carlos explodiu, colérico. — Acho que vosmecê confunde carência de escrúpulos com coragem, amigo — sentenciou o alfa.

— Buenas, então quando usted tiveres tomado uma decisão, mande me avisar. — Deu as costas ao grupo e se afastou resmungando.

— Vá atrás dele, Tibério — determinou o chefe do bando, pouco depois da evasão do gigante. — Grude em nosso amigo como carrapato em costela de novilho.

— Mesmo se ele não voltar na hora da transformação? — questionou após conseguir soltar com a unha suja um pedaço de carne preso entre os dentes da

frente.

— Principalmente se ele não voltar nessa hora. Quero saber onde nosso compadre rebelde passa as noites de lua cheia quando não está com a alcateia. E quero saber, especialmente, o que ele faz nessas ocasiões.

Carlos andava refletindo muito sobre sua decisão de integrar o gigante à alcateia. Sentia-se culpado por não ter conseguido avaliar acertadamente o caráter do companheiro. O comportamento arredio e as más ações de Júlio pesavam-lhe na consciência. Andava com o mau pressentimento de que o desacerto da escolha pretérita poderia voltar para lhe cobrar um fatura muito alta num futuro não muito distante. Sentia-se como se o gume da pesada espada de Dâmocles estivesse constantemente sobre seu pescoço, suspensa apenas por um único e fino pelo de lobisomem.

Depois que Tibério seguiu no encalço de Júlio, Raul indagou ao líder: — Acha seguro mandá-lo nessa empreitada?

— Penso que, agora, o Tibério é o único dentre nós que não desperta o pior lado do Júlio. Se eu ou vosmecê fôssemos no encalço dele nesse momento, talvez uma baixa no grupo se tornasse inevitável... — admitiu com pesar, alisando longamente a barba grisalha e deixando os ombros caírem levemente.



Júlio avançava pelas brenhas pisando firme e respirando de forma ofegante. Sua mente fervilhava de pensamentos nefastos. A presença da lua cheia deixava a noite clara, mas também contribuía para tornar ainda mais agressivo seu temperamento naturalmente amargo e iracundo. Por breves instantes, ele quase pôs tudo a perder ao ameaçar se lançar contra Carlos. Às vezes o álcool aumentava-lhe perigosamente a coragem. Seu punhal ansiava por encontrar uma nova bainha no

pescoço ressequido do velho líder da alcateia. Mas o encanecido alfa ainda contava com a lealdade dos demais, principalmente do janota com pose de fidalgo. Provavelmente o próprio gigante cairia sem vida por um golpe traiçoeiro de Raul, antes que o sangue de Carlos coagulasse em suas mãos. Ele já sabia que não contava com a simpatia do alfa devido à liberdade que dava ao seu lobo para satisfazer seu apetite por carne humana. Era punido por atender ao mais básico de seus instintos e ainda tinha de suportar calado a pecha de cruel. *Ora, “cruel” é a recriminação do fraco para impedir o prazer do forte*, refletiu de si para si.

Puxou um escarro do fundo do peito e cuspiu com desprezo. Aborrecia-o sobremaneira que, além dessas restrições descabidas, tinha de ouvir acusações e recriminações sobre suas atitudes mais meritórias. Este era um castigo que ele não esperava. Sob hipótese alguma! Uma coisa era não receber a justa honraria a que se acreditava merecedor, mas ouvir a admoestação injusta depois de ter salvado a pele ingrata daquele bando de borra-botas? Isso já era humilhação demais para seu orgulho! Num ímpeto de frustração, Júlio descarregou sua raiva num potente soco contra o caule de uma paineira (*Chorisia speciosa*). A força do impacto esfrangalhou diversos ossos falangiais e metacarpiais, enquanto os acúleos rombudos do tronco abriram rasgos longitudinais que se estendiam do meio dos dedos até o final do antebraço.

— AAARRGGHHH! — trovejou o homenzarrão, segurando a mão ferida junto ao peito.

Logo após recuperar o fôlego perdido, ele examinou a mão retorcida pelas fraturas à luz do luar. O membro latejante estava em péssimo estado. Por sorte, seu padecimento duraria apenas poucos momentos, até que a lua cheia avançasse o suficiente pela alta noite para liberar sua contraparte licantrópica. Tivesse seu descontrole ocorrido fora daquele ciclo lunar, sua capacidade aprimorada de recuperação, uma das vantagens da dádiva da lua, não teria sido capaz curar plenamente o ferimento. Quando tornasse a ver a luz do sol, seus ossos estariam intactos e sua mão não apresentaria o menor sinal dos cortes e das abrasões.

Enquanto sopesava os eventos recentes, Júlio percebeu a presença de outro lobisomem. Sua atenção estava focada no chão à sua frente para evitar os grandes buracos que se espalhavam pela região. Eram escavações de cinco metros de largura e dois de profundidade, cobertas por uma precária estrutura de galhos e ramos de palmeira que lhe fazia as vezes de telhado.

Essas casamatas eram cavadas pelos indígenas como proteção contra o frio. Devido a seu estado de ânimo beligerante e à concentração dispensada ao caminho, o gigante mantivera-se distraído e desatento aos sinais de aproximação desde que saíra de perto da alcateia.

Agora, porém, era claro e nítido o acercamento sentido na forma de uma pressão exercida no fundo de seu cérebro. Um formigar familiar e único manifestado apenas quando em vizinhança de outro licantropo.

Carlos e Raul, — ponderou — seriam mais cuidadosos e manteriam a distância necessária para não denunciar sua presença. Só pode ser a besta do Tibério...

Júlio olhou discretamente por sobre os ombros para confirmar sua suspeita. Depois de esquadriñar os arredores, logrou divisar a silhueta do atarracado companheiro contra a paisagem destacada pela noite clara. O gigante deu de ombros. Não seria difícil despistar aquele palerma no meio daquela mata fechada.

Após avançar rápida e silenciosamente por alguns quilômetros naquela paisagem montanhosa, Tibério perdera seu rastro e Júlio notou que o terreno começou a apresentar um declive acentuado.

O homenzarrão, então, deparou-se com um cenário de beleza ímpar: um grande vale, semelhante a uma cratera aberta por um gigantesco meteorito, adornado com um lago de água cristalina localizado no fundo e que era abastecido por uma imensa cachoeira.

Na parte mais afastada do vale, havia um paredão de mais de cento e trinta metros, onde se iniciava a queda d'água. A metade superior dessa barreira era constituída por uma larga extensão rochosa, como se um engenheiro ensandecido tivesse intenção de construir uma estrada de pedra com ângulo de noventa graus em relação ao solo, ignorando a lei da gravidade. Após a faixa de pedra de alguns metros, a porção inferior da parede do penhasco se retraía, formando uma espécie de caverna por detrás do manto de água.

A força da cascata batendo contra as pedras formava uma espécie de neblina, uma nuvem de densidade variável formada por gotículas de água que se espargia por quase todo o lago. Por sobre o som quase ensurdecido da cachoeira, ele pôde ouvir algumas notas de uma voz feminina.

Sentindo em seu cerne a aproximação do momento da transformação arcana, desceu apressadamente a encosta íngreme, lambendo os lábios na antecipação do festim bestial a ser desfrutado pelo alter-ego animalesco.

Ao chegar ao fundo do vale, Júlio dobrou-se com as mãos apoiadas sobre as coxas. Arfando com o esforço, ele notou que suas pernas ardiam de cansaço e seus joelhos estavam bambos.

Quando olhou ao redor, espantou-se ao encontrar um manto de flores agrestes ao redor do lago. A relva parecia ter sido especialmente preparada para criar um leito de delicadas pétalas. A imagem da lua cheia refletida na superfície lacustre podia ser vista quando a cortina formada pela umidade da cachoeira diminuía de intensidade.

Ao buscar a fonte da música entreouvida, Júlio estacou diante da visão de uma figura de mulher, avistada por entre a bruma diáfana da cascata, banhando-se no meio do lago.

A moça cantarolava uma espécie de cântico mavioso e se encontrava de costas para o andarilho. Seus cabelos negros estavam molhados e desciam acompanhando

os contornos de seu torso curvilíneo. Sua pele de aparência macia e de coloração trigueira parecia absorver a iluminação do luar e as pequenas gotas rorejadas naquele cetim moreno brilhavam como pérolas.

Como que adivinhando a companhia inesperada, a jovem virou-se para encarar o gigante, sem qualquer demonstração de medo ou surpresa. Pendurada sobre a orelha esquerda, a garota exibia uma grande e delicada orquídea branca com detalhes púrpuras, o único adereço colocado sobre seu corpo nu. Seus grandes olhos negros pestanejaram lentamente, enquanto a boca entreaberta revelava a ondulação da língua carmim responsável pelo encadeamento das notas musicais. Os seios rijos e fartos, esculpidos pela maestria da natureza, balançavam suavemente na cadência da canção.

Júlio recuou um passo, aturdido pela beleza, ligeiramente receoso — embora seus instintos não pudessem identificar a causa do temor — e surpreso ao sentir o abrupto e intenso latejar de sua virilidade. Ainda que fosse um apreciador dos encantos femininos, ele nunca havia, durante a fase da lua cheia, sentido qualquer atração por uma mulher. Ou melhor, não uma atração que ultrapassasse o sabor da sua carne. Em verdade, quando estava sob o signo do lobo, o gigante sequer se recordava de ter tido uma ereção. Sob a influência do licantropo naqueles dias de lua cheia, seus interesses carnavais se deslocavam de maneira completa e resoluta para o prazer da caça e a satisfação da matança. O império das formas cedia lugar à ditadura do sabor.

Ainda assim, naquele momento, Júlio se esqueceu das urgências que guiavam seus atos para a satisfação do apetite abominável de Wendigo. Sua mente não lograva se desenredar da sedução feminina provocada pela Náíade indígena. Com passos inseguros, ele se acercou da borda do lago enquanto a encantadora figura cessava sua cantoria e iniciava sua aproximação.

— Olá, estranho — saudou a garota.

— Quem é usted, guria? — perguntou, mantendo os olhos passeando pelo corpo desnudo. — Que está fazendo aqui?

— Meu nome é antigo e já viajou por muitas bocas, mas ele não é importante, sou apenas uma alma solitária. Perdi meus irmãos, perdi minha família, perdi minha gente... Venho, por muitas e muitas luas, vagando desde o norte longínquo, acompanhando o curso dos rios... Estou longe de casa e em busca de companhia — respondeu languidamente, captando um punhado de água com a palma da mão e despejando-o sobre os ombros. As pequenas saboneteiras transbordaram, traçando delicadas linhas úmidas que desciam sobre e ao redor dos seios palpitantes da garota. O corpo viçoso ondulava suavemente num espreguiçamento voluptuoso, traindo uma graça felina amalgamada com uma lascívia ardente.

O gigante não conseguia desviar sua atenção do lento trajeto realizado pelo líquido deslizando sobre aquela pele morena. Mil indagações surgiram em sua mente, mas sua loquacidade o abandonou. Seus sentidos fascinados gravitavam forçosamente ao redor daquela garota. Ele só conseguia manter a atenção na fluidez de seus gestos graciosos que, por mais singelos que pudessem ser, exalavam uma aura de lubricidade hipnótica. Devorado pela concupiscência, Júlio, sem atinar para os próprios atos, abandonou suas vestes na beira do lago e permaneceu em pé, estático e extático, encarando a formosura dentro d'água.

Nessa hora, a moça ergueu os braços abertos num inequívoco convite para que ele entrasse no lago. O gigante não chegou sequer a notar a temperatura da água. Sem tirar os olhos do seu objetivo, nadou até a garota e cingiu-lhe o braço sobre o talhe esbelto.

— Oh, como vosmecê é quente — ela exclamou, antes de colar seus lábios na boca do andarilho num ósculo repleto de promessas.

Júlio sentiu os delicados braços da garota se apertarem num amplexo inescapável, mas não fez caso da enorme pressão daqueles membros surpreendentemente fortes que trincaram algumas de suas costelas. Ele não se

importaria com mais nada daquele momento em diante, desde que tivesse aqueles lábios macios pressionados contra os seus, desde que sentisse aquela língua quente e úmida explorando o interior de sua boca. Não ligou para o frio da água lacustre que agora envolvia todo seu corpo, enrigecia-lhe os músculos e começava a invadir suas narinas. Não se incomodou com a dor provocada pelas unhas compridas cravadas em suas costas, que, qual uma donzela de ferro, abriam pequenos sulcos profundos e vermelhos como lábios sangrentos e que o puxavam para o fundo do lago. Nem tampouco deu a menor importância para o fôlego que começava a lhe faltar, turvando-lhe a visão e iniciando uma sensação de ardência em seus pulmões.



— *Venha, Sköll* — ordenou o alfa. — *Vamos procurar os outros.*

Ao não pressentir o devotado companheiro a seu lado, o velho lobisomem castanho olhou para trás e estranhou a postura cabisbaixa do beta. Normalmente, o licantropo de dorso negro era o que se recuperava mais rapidamente da dolorosa transformação, mas agora tinha as orelhas abaixadas, o focinho enfiado entre as patas dianteiras e os pelos marrons de seu ventre inteiramente colados ao chão.

Quando Tchevolku se aproximou, o beta ergueu-se sobre as quatro patas, mas continuou em silêncio.

— *Algo o perturba, meu amigo?* — indagou o alfa, tocando o flanco de Sköll com seu focinho encanecido.

— *Sim* — limitou-se a responder. Depois de alguns instantes em quietude meditativa, completou: — *Esse negócio de me tornar o próximo alfa... Não sei se estou à altura de ocupar sua posição, Tchevolku.*

— Bem, não é como se tivéssemos uma verdadeira escolha, não é mesmo? — o alfa perguntou, encarando o disco prateado que iluminava a noite. — Se vosmecê não liderar a alcateia, quem o fará? O Geri? O Wendigo? — enfatizou o último nome com uma mistura de desprezo e raiva.

— Por vezes, eu penso que até mesmo ele seria uma melhor opção.

— Pois está pensando errado, amigo. Por ora, o Wendigo é um mau lobisomem, só isso. Mas seria um péssimo alfa. Talvez, até o pior alfa de que já se teve notícia. Há algo desapontadoramente humano demais em seu comportamento. Algo demasiadamente egoísta, cruel e brutal.

— É a forma como ele encara o ataque aos humanos que o preocupa tanto?

— Isso é o principal. — Tchevolku enviou para Sköll imagens de homens vestidos de prata. Eles portavam diferentes armas para atacar um imenso lobisomem de pelos avermelhados. — Há muito tempo não ouço falar em nenhum caçador. Se eles ainda não estão extintos, devem estar próximos disso. Devemos ser discretos até que nenhum humano vivo se lembre da nossa existência. Nossa vida longa é um trunfo que os caçadores não possuem e não devemos desperdiçá-lo. No entanto, esse lobisomem teimoso e inconsequente coloca toda nossa espécie sob ameaça ao se arriscar com ataques supérfluos e temerários.

— Bom, nós realmente não podemos permitir essa conduta.

— Se vosmecê achar que a liderança é um fardo maior do que pode suportar, meu amigo, peço que a mantenha até que possa escolher outro alfa. Infelizmente, acho que não tenho tanto tempo para encontrar e treinar um substituto.

— Conte comigo, Tchevolku. Pelo menos, com a assunção do posto de alfa posso escolher outro nome... — resignou-se Sköll.

— Todo lobisomem, ao ascender ao comando da sua alcateia, pode optar por escolher um novo nome. Como os nomes são atribuídos pelo alfa, ao se investir

dessa autoridade, ele ganha a prerrogativa de mudá-lo. Com um novo título, um novo nome! Eu já fui chamado de Cérbero, mas escolhi um nome que homenageasse minhas raízes, Tchevolku. Mas vosmecê não devia se preocupar com isso. Esqueça essa bobagem, Sköll.

— Pode ser fácil para vosmecê falar, já que nunca foi confundido com a famigerada Besta de Gévaudan... — queixou-se o beta.

— Isso são águas passadas. — O alfa aproximou seu rosto salpicado de pelos brancos. *— A Besta foi morta e o alfa que o acobertava foi exilado...*

A conversa telepática foi interrompida pelo uivo de Geri.

— Vamos — ordenou Tchevolku. *— É hora de juntar o bando!*



O surgimento do lobisomem atendia exclusivamente aos caprichos da deusa Selene. A metamorfose arcana devotava cega obediência à lua cheia e não podia ser postergada pelo abandono a que o gigante se deixou arrastar. A poderosa sedução da índia não pôde impedir a transformação de Júlio. Destarte, Wendigo acordou e, sentindo-se sufocado, inspirou bruscamente buscando um renovado hausto de ar.

Todavia, Wendigo conseguiu apenas encher com água os seus pulmões, aumentando-lhe a sensação de asfixia. Se ainda estivesse em sua forma humana, seria tragado para o fundo das águas e morreria afogado. Ligeiramente atordoado pelo frio e pela apneia prolongada, o lobisomem abriu os olhos e conseguiu ver o luar acima da camada de água que procurava sepultá-lo. A criatura se debateu com vigor agitando os longos membros para se deslocar em direção à superfície do

lago. Cada movimento adicional acrescentava sua quota de desespero ao fogo que já ardia em seu peito.

Quando afinal trouxe sua volumosa cabeça à tona, tossiu convulsamente para expelir o líquido dos pulmões e conseguir um pouco de ar.

Ainda confuso pelo conturbado despertar, o licantropo escutou um marulhar que parecia se afastar daquele local rumo à embocadura do rio que seguia a partir do lago. O som assemelhava-se a um agitado espadanar à superfície da água.

Por entre a bruma que vinha da cachoeira, Wendigo conseguiu divisar apenas um rabo de peixe que mergulhou provocando borbotões de espuma e desapareceu sob as águas.

Exaurido, o lobisomem cinzento alcançou a margem do lago e ficou deitado por alguns minutos ouvindo o estrondo da queda d'água.

Quando sentiu seu corpo sobrenatural quase inteiramente recomposto, ouviu o conhecido chamado da sua espécie: um uivo prolongado cortando o ar noturno e silenciando o resto da vida animal noturna. Sem banquete humano esta noite. A alcateia estava próxima e ele teria de se resignar às tolas restrições impostas pelo alfa.





Capítulo 15 A terra natal



05/FEV/1836
SEXTA-FEIRA
7º dia do ciclo da lua cheia



A VIAGEM PARA A COLÔNIA DE SÃO LEOPOLDO demorou muito mais do que o velho caçador caolho previra. As forças da natureza não pareciam querer cooperar para uma rápida e segura jornada. Já no quarto dia da viagem, ventos de borrasca trouxeram uma forte tempestade que obrigou a dupla de cavaleiros a se abrigar numa pequena caverna por quase uma semana.

Em seguida, uma laminite nas patas traseiras do ruano demandou nova interrupção e, após dez dias de descanso para tratamento do casco do cavalo, a viagem pôde continuar transferindo-se a carga para o baio. Deste modo, Sétimo passou a revezar com Licurgo na montaria do tordilho.

Além desses contratempos, a instabilidade política na província criava seus próprios empecilhos aos viajantes. À exceção das tropas em guerra, as estradas restaram praticamente desertas, como se toda a província de São Pedro do Rio Grande do Sul estivesse paralisada, em compasso de espera^[18].

Nas pequenas povoações e nos grandes centros dominados pelos farroupilhas, já se discutia abertamente a possibilidade de independência da província com a criação de uma nova nação soberana e o receio da represália do governo imperial tornava o povo menos hospitaleiro aos desconhecidos, assim como encarecia os escassos víveres disponíveis para o comércio.

Por diversas vezes, os conflitos armados entre as forças revolucionárias e as tropas legalistas obrigaram os viajantes a tomar diversos desvios por veredas desconhecidas de difícil acesso, alongando o percurso e atrasando a chegada.

Nos arredores de Porto Alegre, a dupla foi abordada por um piquete de soldados revolucionários que guardavam a estrada. De início, foram recebidos com as lanças em riste, mas, com o aspecto clerical acrescido de um pequeno suborno pago em prata (por Licurgo) e a confirmação da naturalidade rio-grandense e do ódio sincero à opressão do Império (facilmente demonstrados por Sétimo), eles puderam continuar seu caminho.

Além do acentuado provincialismo^[19] bastante característico dos continentinos, todos aqueles que auxiliassem os legalistas, como contrabandistas de víveres furando o cerco imposto pelos rebeldes, eram considerados traidores da causa farroupilha.

Em que pesem tais dificuldades, o caçador e seu aprendiz chegaram às cercanias da Colônia de São Leopoldo numa bela manhã de sol. Logo que puderam avistar à distância as primeiras casas da colônia, Sétimo estugou o tordilho.

— Calma, rapaz. Não se esqueça de que estou a pé — ralhou Licurgo. — Animado por voltar?

— No sé bien. Creo que nervoso traduz melhor meu estado de espírito — confessou com insegurança. Sétimo encontrava-se dividido entre a ansiedade de retornar ao lar e o receio de não ser bem acolhido depois de tão longa ausência, com toda essa mistura coberta pela mais dorida saudade.

— Bom, nosso destino é mais a oeste, próximo ao Rio dos Sinos.

O local indicado por Licurgo era uma pequena vila situada numa planície. A porção oriental do povoado ficava próxima à margem esquerda do rio, onde o traçado fluvial executava uma série de curvas e torções, ziguezagueando à semelhança do rastejar de uma cobra.

A arquitetura das casas, especialmente a grande inclinação de seus telhados, preparados para não acumular neve, denunciavam a nacionalidade germânica dos poucos habitantes daquele vilarejo.

Cada um daqueles poucos imigrantes teutônicos executava um tipo diverso de trabalhos manuais. Todos eram habilidosos mestres-artesãos e prestavam uma variedade de diferentes serviços nas áreas de suas profissões.

O caçador parou em frente a um pequeno estabelecimento com uma elaborada placa de madeira com entalhes em alto-relevo indicando a palavra alemã

“Goldschmied”. Colocou a mão em pala sobre o olho direito e aproximou o rosto da vitrine empoeirada. A loja parecia vazia e abandonada. Ele olhou em volta e sua atenção foi atraída pelo clangor de metal vindo de um barracão próximo.

— Bom dia, senhor — Licurgo dirigiu-se ao robusto homem com avental de couro. Seus cabelos, sua barba e os pelos de seu braço eram ruivos e crespos, com a tonalidade vermelha competindo com as brasas da forja. Seu pescoço e seus braços eram grossos como toras de madeira e não pareciam ser menos resistentes.

O Hefesto moderno suava em bicas, tanto pelo aquecimento proporcionado pela proximidade do fogo aceso na forja quanto pelo extenuante trabalho de marretar o pedaço de ferro alaranjado seguro sobre a bigorna. O ferreiro terminou de executar seu trabalho sobre o metal antes de secar a testa suarenta e desviar sua atenção para o caçador. Um leve aceno de sua cabeça foi toda a resposta à saudação e um leve arquear das sobrancelhas fez as vezes da pergunta não articulada em palavras: “o que vosmecê quer?”.

— Eu estou procurando por Wolfgang — anunciou o caçador caolho, mas os olhos azuis do ferreiro não demonstraram qualquer sinal de entendimento. — O ourives — acrescentou placidamente, a título de explicação.

O homem ruivo examinou Licurgo de cima a baixo, analisando detidamente o aspecto das roupas negras, e manteve os frios olhos azuis fixos no anel de prata com adorno cruciforme antes de responder.

— Vosmecê é uma caçadorr da igreja? — inquiriu com voz baixa. As palavras na língua portuguesa eram ligeiramente distorcidas pelo acentuado sotaque estrangeiro, agravado pela parcial imobilidade do filtro labial, resultado de uma cicatriz de lábio leporino.

— Sim, pertenço à Ordem dos Caçadores de Judas. Meu nome é Licurgo D’Argento e o rapaz se chama Sétimo de Carvalho. É meu aprendiz — declarou em tom solene. — Vosmecê já prestou serviços à Ordem, ferreiro?

— Unglaublich!^[20] — O homenzarrão ruivo juntou as mãos em frente ao corpo na altura do peito e dobrou um joelho em sinal de respeito e submissão.

Licurgo avançou para o ferreiro ajoelhado e estendeu a mão do anel com uma medida. Sétimo assistia àquele ritual com manifesta incredulidade. O teutão beijou o artefato de prata com reverência e tornou a se pôr de pé.

— Entschuldigen Sie...^[21] Minha nome de batismo é Henrich Warps-Eisen, mas nunca tive o honra de servir à Ordem, Herr Jäger. Meu pai e meu avô contavam os fábulas de quando viviam em Niedersachsen... a Baixa Saxônia, no língua português, e auxiliavam no armamento das caçadores de monstros. Sempre pensei que isso fossem apenas histórias para criar medo no coração dos crianças.

— Infelizmente, Henrich, essas histórias são reais — Licurgo disse, exibindo sua adaga de prata.

O ferreiro recebeu a arma em sua mão e olhou cuidadosamente o trabalho, examinando-o contra a luz do sol. Depois testou a resistência e a flexibilidade do aço, bem como o gume da lâmina e devolveu-a ao caçador.

— Wunderbar!^[22] É um trabalho muito, muito bom. Mas esse cobertura da silber é realmente necessária como nos lendas?

— A prata? Para combater os demônios que enfrentamos, sim — Licurgo respondeu com seu olho solitário cintilando com um brilho de selvageria fanática. — Há de chegar o dia em que erradicaremos a maldição licantrópica da face da Terra — proclamou com fervor religioso — e a prata voltará a servir apenas de adorno, sem o propósito de ataque ou de proteção.

— Tu sabes onde podemos encontrar o ourives? — Sétimo atalhou.

— Por isso vosmecês buscar Wolfgang? Eu posso cuidar desse tipo de trabalho — aduziu, coçando a cesura deixada pela fissura labiopalatal.

— Agradeço e aceitarei a oferta, bom ferreiro. Mas a expertise do aurífice é necessária para outro tipo de tarefa — explicou Licurgo ao levantar a camisa de algodão e exibir a cota de fios de prata.

Henrich aproximou-se do caçador e tomou a barra da malha entre os dedos calejados. — Humm... Realmente, esse trama é muito elaborada e está além dos minhas capacidades. Lamento informar que a Goldschmied partiu há alguns meses. Várrios de meus patrícios abandonaram o região com receio das lutas dos estancieiros contra os soldados do seu Kaiser.

A maioria dos germânicos manteve-se fiel ao Império brasileiro^[23]. Em geral, os colonos não pegariam em armas para defender um sistema político que sequer conseguiam compreender, mas isso não impediu que os farroupilhas tentassem recrutá-los com promessas inverossímeis (concessão de duas datas de terras, doação de gado bovino e equino e a quitação integral dos subsídios prometidos e não pagos) e ameaças de queimar a propriedade dos recalcitrantes. Para evitar tais dissabores, o exímio ourives da Ordem buscou abrigo em território afastado do domínio rebelde.

— Tu no sabes, entences, do paradeiro do ourives, compadre? — Sétimo indagou com a impaciência turvando-lhe as palavras. A impertinência do aprendiz atraiu um olhar de soslaio do caçador.

— Tudo que sei é que ele foi para os lados da Província de São Paulo. Acho que com destino à Curritiba.

— Bom, de qualquer modo, precisamos dos préstimos de um bom ferreiro para recuperar nossas armas. — Licurgo indicou os pacotes de lona sobre o baio. — E se ele tiver algum treinamento nas técnicas de manutenção das armas da Ordem, tanto melhor.

— Recebi especial instrução da meu pai nesta searra, mein Freund Jäger^[24], embora nunca os tenha colocado em prática, pois imaginava desnecessário

aprimorar um técnica que só teria serventia nas contos de fada.

— Algum conhecimento é sempre melhor que nenhum conhecimento, não é mesmo? Além disso, tenho também um projeto especial que gostaria de testar — Licurgo acrescentou ao apresentar ao ferreiro um pedaço de papel de linho com um diagrama semelhante a uma estrela.

Henrich examinou o desenho por alguns minutos. Depois de devolver a folha ao caçador, aproximou-se do cavalo baio e trouxe o pesado alforje para uma grande mesa de madeira. Abriu o embrulho e avaliou a carga bélica ali contida.

— Ja, pode demorar um pouca, alguns semanas de trabalho, mas posso dar conta do recuperração destas armas e desse seu projeto.

— Ótimo, meu bom Henrich. Que tal começarmos com a lâmina do meu aprendiz? — O caçador fez sinal para que Sétimo entregasse ao ferreiro o gládio romano preso em sua cintura.

Tão logo recebeu a espada em mãos, o ferreiro chamou um pequeno garoto ruivo, uma réplica em miniatura do próprio Henrich, para acionar o fole que aquecia as chamas da forja.

Enquanto o ferreiro supervisionava os preparativos para iniciar seus trabalhos, Licurgo e Sétimo retornaram para perto dos cavalos para escapar do calor que tomou o barracão.

— Tu no me falaste nada desse tal projeto especial. Com os estudos sobre a lua de sangue e aquele monte de cálculos, pensei que já tinhas uma estratégia preparada para derrotar os lobisomens...

— Precisamos utilizar todas as armas e ferramentas à nossa disposição, Sétimo. Não se esqueça de que uma dessas feras já eliminou vários caçadores. Todo cuidado é pouco e toda precaução é indispensável. — O velho caçador levantou sua trança de cabelos grisalhos para secar o suor que escorria pela nuca.

— Licurgo, já que vamos passar um tiempo por aqui... — Sétimo principiou, um pouco encabulado.

— Vosmecê gostaria de ir visitar a estância da sua família para ver sua mãe — o caçador arriscou o palpite sem titubear.

— Sim — articulou sem som.

— Vá, rapaz. Os trabalhos de Heinrich ainda vão demorar um bom tempo. Com certeza ainda ficaremos muitos dias por aqui. Mas, tome cuidado e não demore a voltar. Lembre-se da importante tarefa que recai sobre nossos ombros.



Sétimo manteve o baio a pleno galope pelas estradas que o conduziam de regresso ao lar. Ele procurou ignorar a dor que o afligia a cada batida dos cascos do seu cavalo, parecendo agulhões cravados em suas costas. A visão da paisagem conhecida conduziu-o de volta à infância e sua mente fustigada pela dor buscou refugiar-se naquelas lembranças. Logo, porém, o pensamento de ter que explicar à sua mãe as circunstâncias da morte do pai o expulsava daquele abrigo de memórias.

E foi assim, dividido entre o enleio e o medo, que o jovem aprendiz de caçador dobrou a última curva da estradinha que subia à coxilha onde ficava a sede de sua estância. Porém, ao invés de encontrar a bela morada e os campos cultivados, ele se deparou com uma paisagem desolada. No lugar das plantações de trigo, viam-se somente mato e ervas daninhas. Mesmo a praga que afligia a lavoura daquele cereal não podia explicar o completo abandono do cultivo. Os campos que deviam exibir um mar de hastes de cor dourada alcançando a altura de sua cintura, propício à colheita no início da primavera, apresentavam apenas o relevo irregular de um matagal bruto de um verde escuro. Os casebres antes ocupados pelos escravos

estavam sem a cobertura de palha dos telhados e exibiam grandes buracos nas paredes de pau a pique, algumas parecendo prestes a desabar à menor ventania. No interior das choupanas, não se avistava nenhum sinal de ocupação recente. Não se percebia sequer os poucos utensílios de uso diário, como uma panela de barro ou uma cama de palha. Teias de aranha balançavam como cortinas diáfanas sobre a porta das casas abandonadas.

A antes confortável e altaneira casa-sede da Estância dos Carvalho não foi poupada pela onda de devastação. Sua estrutura foi parcialmente consumida por um incêndio e a porção que logrou escapar ao fogo apresentava evidentes sinais do mais completo abandono, com grandes rachaduras riscando as paredes de um lado a outro. Algumas galinhas entravam sem cerimônia pelo pórtico frontal, certamente buscando os ninhos que construíram no interior do prédio. Em resumo, a orgulhosa estância estava reduzida a uma ruína devastada.

— Como é possível tanta destruição em tão pouco tiempo? — Sétimo indagou-se, aparvalhado.

— Qui qui vancê quer aqui? — Uma negra bastante encarquilhada, com as costas curvadas, não se sabe se pelo tempo ou por ação de alguma enfermidade, perguntou com insolência ao sair de dentro da sede, limpando as mãos nas faldas de um vestido sujo e muito puído. Seus cabelos crespos estavam desgrehados em completo desalinho.

Sétimo apeou num salto e frenteou a velha.

— Yo é que quiero saber o que tu fazes aqui, negra. O que aconteceu com a estância? Onde está Dona Inácia? — perguntou rispidamente, levando as mãos à cintura.

— S-Sétimo? — balbuciou a velha, estudando atentamente as feições do rapaz, tentando forçar a vista para conciliar as feições duras do homem de agora com a fisionomia plácida do garoto de outrora.

— Fala de uma vez, mulher! — bradou, apertando-lhe o gasganete.

— Vancê me adesculpe, sinhozinho. Minhas vista já não me ajudam muito...

Somente nesta hora, Sétimo reconheceu a decrepita figura como Joaquina, a vetusta mucama que auxiliava sua mãe na cozinha da sede. Imediatamente, liberou-a da esganadura e suavizou o tom de voz.

— Ahijuna, Joaquina! Desate a falar! O que houve aqui?

— Ah, mininu Sétimo! Ah, meu sinhozinho Sétimo. Foi tanta desgraceira qui eu num sei nem pur ondi começá. As coisa já nem andavam muito boa aqui na estância, como vancê há di si alembrá, mais dispois qui o sinhozinho e o sinhô seu pai sumiro do mundo, sem rastro nem notícia, foi qui tudo disandô.

— Como “sem notícia”? Minha mãe no sabia de meu paradeiro? Será que ela no recebeu minhas cartas?

— Entonces, isso de carta eu num sei, não, sinhô. Mas nunca qui se dissero nada sobre vancê ou o sinhô seu pai está vivo ainda. Don’Inácia pranteou muito tempo e inté mandô rezá missa pelas almas dos finados. Foi um sofrê de dá dó, pobre da minha sinhá...

Sétimo levou as mãos ao rosto e esfregou os olhos com força, como se a desolação à sua volta fosse uma mera ilusão de ótica e ele pudesse, com aquele ato, afastar uma miragem indesejada. Depois de piscar diversas vezes, a imagem da estância em ruínas persistia em seu campo de visão.

— Mas onde estão os escravos? — indagou com a voz trêmula. — E como surgiram esses sinais de fogo? O que aconteceu aqui durante minha ausência?

— Ah, essa disgrama foi obra de uns soldado caramuru. Já não bastasse as dificurdade toda na prantação, eles passaro por aqui e levaro os hómi tudo pra mor

di guerreá. E também levar o qui puderam carregá. Sim, sinhô, levar tudinho, sim. O poco qui sobrô na estância e qui num conseguiram levá, eles botaro fogo.

Durante o decênio heroico, o período de dez anos que durou a Guerra dos Farrapos, muitos atos vis foram praticados, principalmente perto do fim da revolução. Roubos e saques foram rotineiros nas picadas da Colônia de São Leopoldo e eram praticados pelos dois lados da peleja. Para os rebeldes e para os legalistas, o gado, tanto para uso em transportes de carga como para servir de alimento às tropas, era artigo de primeira necessidade e indispensável à manutenção do confronto bélico. Os colonos germânicos abandonaram sua pátria para escapar da guerra e, em sua grande maioria, relutavam em aderir a qualquer dos lados da revolução, o que resultou em recrutamentos à força, inclusive com ameaças de queima de suas propriedades rurais.

Conquanto a negra Joaquina tenha debitado o ataque à estância dos Carvalho na conta dos legalistas, a verdade é que aquele específico assédio fora perpetrado por Antonio Joaquim da Silva, um português de estatura inversamente proporcional à sua crueldade, que mais tarde assumiria a alcunha de Menino Diabo e atuava como agenciador do lado farroupilha. Mas a verdade dos fatos pouco importa. O homem guiado por suas paixões sempre aceita mais facilmente a versão que melhor se adéqua aos seus preconceitos e à sua visão de mundo. Para Sétimo, não era preciso qualquer prova de que o assalto à sua propriedade fosse obra dos representantes do Império. À mera menção de um ataque legalista, seus brios se inflamaram.

— Malditos bastardos! — praguejou, trincando os dentes. — Mas isso no tem tanta importância agora — disse, abanando a cabeça. — Onde está minha mãe?

A negra encarou a ponta dos próprios pés, remanescendo em silêncio.

— Desembucha! Fala, criatura, ou le desço o relho no lombo! — ordenou com a urgência e a raiva transbordando em cada sílaba.

— Essa disgracera toda aconteceu num faiz coisa de dois ou treis mês, mininu Sétimo. Dispois de tudo qui fizeram por aqui, sinhá sua mãe num botô nem um tiquinho de comida na boca. Ficô largada numa cama, uma tristeza que doía só de oiá. Eu tanto qui insisti e insisti, mas sinhá num arredô pé e foi se definhando, toda tristonha e sem nem vontade de nada, um desgosto de toda vida... — Enquanto uma lágrima corria de seus olhos leitosos, a velha negra completou num sussurro: — Agora, sinhá já tá pra junto de Deus...





Capítulo 16
O luto



09/FEV/1836
TERÇA-FEIRA
Quarto minguante



POR HORAS E HORAS SEGUIDAS, INCESSANTE E profusamente, o pranto orvalhou e secou sobre o semblante do sétimo e último filho vivo de Seu Manuel e de Dona Inácia. A perda da mãe reabriu a ferida da morte do pai, mal cicatrizada em sua alma. O espírito do aprendiz de caçador começou a pairar soturno sobre as reminiscências da infância enquanto seu peito oprimido era preenchido por gotas viscosas de um fel assaz amargo, gélido e negro. A respiração entrecortada ficou reduzida a um flébil suspiro pungente.

Com o olhar perdido num vazio infinito que somente sua mirada poderia alcançar, Sétimo dava livre curso às lágrimas que desciam em grossas bagas, seguindo as linhas das olheiras que, cada vez mais e mais, se encavavam profundamente na face acinzentada do rapaz alquebrado. As bolsas escuras sob seus olhos começaram a adquirir um aspecto coriáceo e davam ao rosto um aspecto cadavérico. O aspecto da derrota era complementado pelo crescimento irregular dos pelos faciais. O que antes fora um indivíduo severamente castigado no corpo — com sequelas permanentes, ligeiramente coxo, com o dorso fustigado por ondas esporádicas de agonia latejante e com o braço esquerdo incapaz de se fortalecer adequadamente — tornara-se um arremedo de homem. O físico fragilizado pelo flagelo, a mente fraturada pela desesperança e a alma despedaçada pela tragédia.

Nos três primeiros dias, Sétimo se deixou ficar largado entre os escombros daquele cenário lúgubre. Abandonou-se ao letargo, aceitando complacente o alvedrio de sua sina agourenta. Sem comida. Sem água. E quase sem dormir.

Veze e veze seguidas, a negra Joaquina, apiedada da situação do rapaz, levava-lhe um bocado de sua própria refeição simples e frugal, mas, mesmo quando Sétimo se animava somente o suficiente para tentar engolir o alimento, uma trava invisível localizada no meio de sua garganta, feita de uma mistura cáustica de lágrimas ainda não derramadas e soluços reprimidos, impedia a continuidade do processo digestivo. Qualquer que fosse a porção, ainda que da iguaria mais apetecível a seu paladar, ficava parada a meio caminho entre a boca e

o estômago, ameaçando sufocá-lo. Isso se sua tristeza porventura lhe permitisse sentir o gosto do que quer que fosse levado à boca.

Quando o pesar, enfim, roubava-lhe os últimos resquícios de vitalidade, o rapaz aturdido pela orfandade era derrubado em um sono sem descanso, onde imagens dos pais surgiam de inopino. Detalhes banais a que antes nunca prestara atenção adquiriam contornos específicos e minuciosos. O brilho amoroso nos olhos da mãe. O jeito único com que o pai virava a cabeça para manifestar sua aprovação ou orgulho do filho caçula. A quentura do toque delicado, do carinho irrestrito e infatigável que somente os pais podem dedicar à sua cria. Depois de experimentar o momentâneo consolo de tais particularidades, Sétimo era despertado de supetão, como se sua alma fosse atirada violentamente de volta ao corpo. Nesses momentos, o exíguo tempo de duas ou três piscadelas era suficiente para que ele se inteirasse novamente da dura realidade. Seus pais estavam mortos. Ele não sentiria mais o amor transbordante daqueles olhares amorosos, nem tampouco seu corpo teria de novo o acalanto dos genitores.

Posteriormente ao breve consolo onírico, Sétimo estava de volta ao pântano da realidade. Até o instante seguinte em que a exaustão suplantasse sua combalida consciência e o ciclo de breve alento e amarga decepção se renovasse, com uma consolação cada vez mais reduzida e uma desilusão cada vez mais acentuada.

Após esses dias de martírio silencioso, seus únicos pensamentos, turvos e funestos, voltavam-se à possibilidade de encontrar o completo e absoluto aniquilamento de si mesmo, empreitada não levada a cabo pela total apatia que minava até a menor vontade de seu espírito. Como seria simples se pudesse somente não existir, livrando-se da dor e do sofrimento que a vida o obrigava a suportar.

— Vosmecê está errado, garoto. — Ele ouviu a conhecida voz de sotaque italiano vinda de lugar nenhum. Sétimo cogitou, por um breve momento, estar alucinando. — Essa não é a resposta certa para o seu pesar. O suicídio é uma

solução final, duradoura e irrevogável para um problema cuja dimensão é menor do que vosmecê pode perceber agora. Com o devido tempo, vosmecê verá que toda essa tribulação, por pior que seja, é transitória e temporária.

Licurgo, então, surgiu ao seu lado, colocando uma mão sobre seu ombro e transmitindo nesse contato singelo toda a solidariedade que podia ser partilhada entre dois seres humanos.

Sétimo, mergulhado em sua dor, sequer notara sua aproximação. Muito além do abeiramento sorrateiro, o rapaz estranhou como o caçador pudera adivinhar seus pensamentos sinistros com absoluta exatidão. No turbilhão de seu espírito perturbado, essa era a questão que lhe permeava a mente. O aprendiz não se recordava de que a telepatia estivesse entre os atributos dos caçadores, mas secou as lágrimas com as costas das mãos e sentou-se para encarar o velho caolho.

— Sinto-me vazio, Licurgo. Vazio e solito. Tu já tiveste a sensação de que no havia mais razão para continuar vivendo? — indagou num lamento entremeado de suspiros.

— Sim, já vivi momentos assim. — O caçador alisou a tira negra que encobria sua cavidade ocular vazia. — Acho que quase todos nós passamos por acontecimentos quejandos, mas a maioria das pessoas tem a felicidade de, por teimosia ou por costume, persistir por tempo suficiente para acabar encontrando forças e uma nova razão para viver.

— No acho que seja o meu caso — limitou-se a ponderar com azedume.

— Sei que não é fácil, rapaz. Nada que valha a pena é fácil. Deixar-se morrer exige menos que lutar pela vida.

— Hunf! — bufou o aprendiz com um misto de exasperação e incredulidade.

— Não, não descarte tão levianamente minha opinião, Sétimo. Peço para que pense um pouco a respeito, apenas isso. Deixe que os meus muitos anos de

experiência duramente vividos nesta terra, que ainda agora sinto pesar sobre meus ossos frios e minhas articulações enrijecidas, possam servir de guia a seus próximos passos, ensinando, através do exemplo dos meus erros e acertos, tudo que vai da mocidade à velhice.

Sétimo levantou a cabeça utilizando um esforço desmedido, dado a pequenez do gesto. Os olhos inchados com as escleróticas raiadas de sangue contrastavam com a escuridão baça das olheiras.

— Como tu me achaste, viejo? — indagou com a voz miúda.

— Não foi difícil, na verdade. Eu não sou um neófito no trabalho de rastreamento, como vosmecê deve saber bem. — O olho do caçador pareceu brilhar por um instante. — Tudo tem seu tempo e seu lugar na ordem das coisas. Mesmo o luto pelos entes amados. Agora já é hora de deixar esse capítulo de sua vida para trás. Vosmecê ainda tem uma missão que assumiu perante mim e diante de Deus.

— Tu queres pôr um prazo para o tiempo que choro pelos meus pais? — perguntou, espantado.

— Não — Licurgo tornou com segurança. — Quero pôr um termo à autopiedade a que vosmecê se entregou. Não me entenda mal — pediu, suavizando o tom de voz. — Choramos por nossa saudade, pela nossa tristeza, por nossos arrependimentos. Choramos por tudo que nos corrói por dentro, tentando expulsar nossas amarguras através das lágrimas. Mas, sobretudo, nós choramos por nós mesmos, não pelos mortos. Os mortos já não se importam com nosso regozijo ou nosso pranto. Os que já partiram dessa vida devem ter afazeres mais importantes do que cuidar dos que continuam vivos. — Diante do silêncio prolongado do aprendiz, completou. — E ainda que assim não seja, tenho certeza de que seus pais não iriam querer que sua vida terminasse tão cedo neste mausoléu, no meio destes escombros... Dê uma chance ao tempo, Sétimo. Posso lhe assegurar de que, se tiver

forças para dar uma oportunidade, a vida ainda pode lhe oferecer muita coisa a ser desfrutada.

A súplica genuína e afetuosa do caçador, como um bálsamo aplicado sobre as feridas, calou fundo na alma do órfão. Quase sem se dar conta dos próprios gestos, Sétimo colocou a mão sobre a guaiaca presa à cintura e um suave aroma de groselha e lilás insinuou-se em suas narinas. Tomado pela comoção do momento, meneou ligeiramente a cabeça em assentimento ao convite e ao conselho de Licurgo.

Diante disso, o caçador esticou seu braço e o rapaz segurou a mão amiga com a destra, aceitando o auxílio para se colocar em pé. Com sua altura prodigiosa, Sétimo olhou para baixo para encarar o olho solitário de Licurgo. Pela segunda vez, o caçador o trouxera de volta à vida.





Capítulo 17
A separação



27/MAI/1836
SEXTA-FEIRA
1º dia do ciclo da lua cheia



AS SEMANAS PASSADAS EM SÃO LEOPOLDO foram, vagarosa e paulatinamente, amainando a tristeza de Sétimo. As grandes perdas de nossa vida são feridas que nunca se curam completamente, mas o tempo se encarrega de deixá-las mais e mais suportáveis. As tragédias pessoais deixam marcas indeléveis na alma, mas a vida teima em persistir. Essa é a grande virtude e a maldição da resiliência humana: continuamos a vagar pela existência, apesar de todos os pesares.

Embora curvado pelo peso de seu fadário, Sétimo havia encontrado forças para se reerguer. Como efeito colateral, as tribulações aceraram seu caráter, dando-lhe nova têmpera, uma estranha combinação de truculência e determinação.

Na frente de uma bodega, o aprendiz de caçador travava uma conversa com alguns combatentes farroupilhas. Aquele animado colóquio auxiliava extraordinariamente em sua recuperação. Entre doses de cachaça e pedaços de linguiça defumada, os jovens continentinos trocavam suas experiências da guerra.

— Os legalistas chegaram e estavam sob o comando do desgraçado do Mena Barreto — contou o filho do pastor, o tenente Jorge Carlos Hermann Klingelhoefter. O valente Germano, como era chamado este ferrenho pelejador farroupilha, relatou em primeira mão o fracasso do ataque realizado em vinte e um de janeiro pelo marechal Gaspar Francisco Mena Barreto. — Eles estavam em muito maior número. Era um contingente de cerca de cinquenta portugueses, oitenta germânicos montados a cavalo e mais duzentos na infantaria. Do nosso lado, tínhamos apenas uns cinquenta brasileiros e alguns colonos.

— E o que aconteceu, compadre? — Sétimo indagou com interesse.

Germano virou uma dose de cachaça e estalou os lábios. — Vosmecê conhece o Hans Ferdinand Albrecht Hermann von Salisch? — O aprendiz de caçador meneou a cabeça em negativa. — É um pomerano que foi major do 28º Batalhão de Caçadores. Ele se declara da pequena nobreza europeia e afirma ter sido oficial do

Império Prussiano. Bom, ele era o capitão da nossa tropa e foi obrigado a pedir trégua. Acenando com um lenço branco, o von Salisch penetrou no campo inimigo. Como o Mena Barreto não fala em nosso idioma natal, o capitão fez um baita discurso e conseguiu convencer muitos patrícios do contingente caramuru a abandonar o campo de batalha para voltarem a suas casas. Alguns até mesmo se juntaram ao nosso lado!

— Nossa, Germano! E como ficou o marechal? — indagou Frederico com a boca cheia, um soldado sem méritos ou patentes a ostentar e que lembrava uma ave de rapina por conta do nariz adunco que quase lhe caía por cima do fino lábio superior. Sem dinheiro ou crédito, o relutante combatente farrapo aproveitava a ocasião para encher o bucho às custas dos companheiros. Com as mãos sujas de unhas escuras e lascadas, ele enchia as bochechas com seguidos pedaços de linguiça que engolia depois de mastigá-los precariamente.

O filho do pastor franziu o nariz para o repugnante espetáculo de deglutição, mas conseguiu disfarçar o asco ao redarguir.

— Ah, vosmecê pode imaginar, não pode? Além de não conseguir tomar a Colônia de São Leopoldo, que nós ocupávamos, ele assistiu atônito a diversos dos seus comandados desertarem para o lado inimigo.

Animado pelas risadas, Frederico engoliu a carne que tinha na boca e contou de modo vívido e entusiasmado, um pouco de sua participação nas refregas militares.

— Lá em Pelotas, no dia 06 de abril, nós tomamos um sobrado que era utilizado como quartel por setenta soldados da Regência que guarneciam a cidade.

— A vila, vosmecê quer dizer — objetou Sétimo.

— Não, cidade mesmo. Por causa do crescimento, Pelotas ganhou a categoria de cidade no ano passado. Como eu ia dizendo, nosso grupamento estava sob o comando do major João Manuel de Lima e Silva e, no dia seguinte à tomada, já

com os reforços da tropa do Antonio de Sousa Netto, emboscamos cento e dezessete caramurus do coronel Albano de Oliveira Bueno, que vinham em auxílio da guarnição legalista.

— E conseguiram prender todos eles? — indagou maliciosamente Germano, pois já tinha ouvido o fim daquela história.

Sétimo observava com ansiedade pelo fim do relato, enquanto Frederico encarava a ponta da própria bota. Quando recuperou a fala, sua voz tartamudeou uma desculpa desprovida da empolgação anterior.

— Essa última armadilha não deu muito certo. Estourou um tiroteio não sei bem onde que alertou os caramurus. Eles se deslocaram para as bandas do Rio São Gonçalo, junto ao Passo dos Negros. Parece que queriam fugir cruzando o rio. A gente espantou a maior parte das embarcações maiores na base da fuzilaria. Mas os imperiais não pouparam esforços, resistiram até a manhã do dia seguinte quando procederam a uma temerária debandada.

— Ah, tua história está longe de ser impressionante, Frederico — debochou Sétimo. — Queres saber de algo realmente empolgante, compadre? — indagou com imenso deleite. — Aconteceu quando os caramurus tentaram, por três vezes, retomar Porto Alegre, sem nenhum sucesso. A primeira tentativa se deu no último dia 13 de abril. O guerrilheiro imperial José Inácio da Silva Ourives, apelidado de Juca Ourives, avançou pela capital, acompanhado de trinta bravos soldados, em plena luz do dia. — Embora esbirros da Regência, Sétimo não deixava de reconhecer que a coragem indômita não era um atributo exclusivo dos revolucionários e podia ser encontrada em ambos os lados daquela guerra. — Foram todos escorraçados sob fogo de fuzilaria e canhoneio, e perderam quase um terço dos homens. Mais duas tentativas fracassadas^[25] e o saldo foi de trinta baixas imperiais e duzentos e cinquenta prisioneiros.

— Sim, ouvi falar desse episódio — Germano admitiu, sem muito entusiasmo. — Entre esses caídos, estava o capitão Pinto Bandeira^[26]. Corre à boca miúda que

era um homem mui valente e não tombou em combate.

— Arre, que bobagem, Germano — Sétimo atalhou com rispidez. — São apenas boatos espalhados pelos legalistas.

— Isso não se pode afirmar, Sétimo. Acontece muita coisa terrível durante e depois de uma batalha e vosmecê não estava lá para saber o que de fato se deu — Frederico pontuou, após virar mais uma dose de cachaça.

Sem notar, o narigudo soldado cutucou um ponto sensível do aprendiz de caçador: “Ele não ainda não pegara em armas... Seus irmãos morreram na guerra, seus conterrâneos se sacrificavam, mas ele não participara da peleja”. Apesar do espinho que lhe atravessou a garganta, Sétimo deu continuidade ao diálogo quase no mesmo tom. Mesmo sem participar ativamente das refregas, acompanhava com interesse o desenrolar da revolta farroupilha. Outras notícias chegavam pelas mãos de estafetas que se encontravam no campo de batalha, ou por qualquer pessoa da região que calhava de ter como destino o ponto onde se queria fazer chegar determinada carta. Até algumas informações de inteligência, de conhecimento restrito aos líderes rebeldes, pois essenciais à formação das estratégias de enfrentamento do exército adversário, eram rapidamente repassadas ao conhecimento geral, de boca em boca, exaltando-se a necessidade de manutenção do sigilo absoluto.

Germano continuou a relatar acontecimentos marcantes e cenas específicas das batalhas e a sede de vingança de Sétimo contra a Regência se comprazia com aquelas imagens sangrentas. Ele exultou ao saber de um soldado legalista cortado ao meio pelo fogo de metralha^[27]. De igual modo, um estranho brilho cruel perpassou por seus olhos ao ouvir o modo grotesco como um caramuru caiu por terra trespassado por uma lança. Sorriu ao lembrar que, em Pelotas, vários soldados do contingente leal ao Império morreram afogados ao tentar cruzar o Rio São Gonçalo, os corpos sendo arrastados pela correnteza, e o restante dos caramurus que completou a travessia foi aprisionado.

Soldados regenciais eram mortos, capturados ou simplesmente expulsos do campo de batalha.

Contudo, nem todas as novas eram tão alvissareiras. Chegaram ao povoado relatos de que, em data de 17 de março, no passo do Rosário em Santa Maria, Bento Manoel Ribeiro, cuja lealdade oscilava entre a revolução e a Regência, derrotou as forças do coronel farroupilha José Afonso de Almeida Corte Real, um jovem vaidoso e elegante, resultando na morte de cento e cinquenta farroupilhas e na prisão de outros cento e oitenta^[28].

De todas as derrotas, uma triste notícia em especial confrangeu o coração de todos os rebeldes. Ainda pela boca do valente Germano, soube-se que, na Lagoa Mirim, Tobias dos Santos Robalo, comandante do cúter (pequeno navio de um só mastro) farroupilha Minuano, ao enfrentar o tenente Manuel Joaquim de Souza Junqueira a bordo do iate imperial Oceano, perdeu dezoito marinheiros e ateou fogo no paiol do próprio barco, sacrificando a si mesmo, bem como a esposa e seus filhos que estavam embarcados ao seu lado. O restante da tripulação, contando com vinte e quatro homens, foi aprisionada pelos legalistas.

Ao saber do ato heroico de Robalo, Sétimo saiu da bodega e se encaminhou para os lados da loja do ferreiro. Ele sentiu novas ânsias de combater ao lado dos audazes contrerrâneos. Até então, somente o pulso firme de Licurgo conseguiu impedi-lo de se lançar em uma batalha temerária. O caçador o lembrava de que aqueles conflitos mesquinhos não eram mais a sua luta. Sua guerra era contra um inimigo de toda a humanidade. Mesmo sabendo de todas as objeções do velho caolho, Sétimo pensou que não custava fazer uma nova tentativa de convencimento.

Quando chegou à forja, Heinrich se congratulava por finalmente ter terminado os trabalhos de recuperação do arsenal de armas argêntas. Percebendo que Sétimo deseja lhe falar, Licurgo conduziu o aprendiz para um lugar perto da orla sinuosa do Rio dos Sinos.

O momento não poderia ser mais oportuno, pois o caçador também tinha importantes assuntos a discutir com seu aprendiz. Os rumos daquela arriscada empreitada contra os lobisomens precisavam ser definidos naquela ocasião.

No meio do curso d'água, cinco remadores se esforçavam para fazer um lanchão, um pequeno e rústico barco sem toldo, navegar contra a correnteza. Os lanchões, fabricados pelo casal de colonos germânicos Sebastião e Mariana Diehl, se encarregavam de escoar os produtos da região para a capital da província, numa viagem de oito horas pelo rio.

O caçador levou seu tordilho pela rédea, já carregado com a malotagem necessária a uma viagem longa. O céu apresentava um azul esmaecido e nuvens esgarçadas adornavam de branco partes da abóbada celeste. Um forte minuano vinha do sudoeste assoviando entre as folhas das árvores, trazendo, excepcionalmente, resquícios do cheiro da maresia do Oceano Atlântico.

Da margem, Licurgo lançou um pequeno seixo em direção ao barco. O projétil adotou uma trajetória quase paralela ao rio e bateu contra a lâmina d'água por cinco vezes antes de afundar, muito antes de se aproximar da embarcação. A cada toque da pedra, a superfície emanava uma série de círculos concêntricos que se expandiam e diminuía de intensidade até enfraquecer completamente, sem deixar sinal da perturbação inicial sobre a água.

Sétimo tentou imitar a proeza, mas seu projétil desenhou uma parábola no ar e foi engolido pelas águas ao primeiro contato com o rio, provocando uma grande agitação na superfície.

— Tente uma pedra mais achatada e lance-a mais na horizontal — aconselhou o caçador. Licurgo repetiu o arremesso por mais três vezes antes de retomar o diálogo. — Vosmecê sabe que preciso ir para Curitiba, não é mesmo? — indagou, sem desviar o olho do rio.

— Sim. E esperava poder le acompanhar, como tenho feito até aqui — Sétimo redarguiu sem titubear.

— Esse era o plano inicial, Sétimo. — O olho direito do caçador enfrentou a mirada altaneira do aprendiz. — Mas às vezes os planos precisam ser alterados — completou com suavidade. — Como vosmecê bem sabe, os enfrentamentos estão se espalhando por toda a província e a movimentação das tropas do governo central não pode ser prevista.

— Mas nós chegamos até aqui, no chegamos? Evitamos o contato com os caramurus em más de uma ocasião. — O aprendiz examinava as pedras no leito do rio em busca de um projétil adequado.

— Tivemos sorte até aqui, não posso negar. — O velho caolho passou a mão pela calva, puxando a trança para frente. — Talvez em razão do menor contingente legalista, ou talvez por termos andado em área onde é maior o controle dos farrapos. Mas ao norte do paralelo 30, aumentará a possibilidade de nos depararmos com uma tropa imperial. Não seria sábio arrastar um filho de estancieiro nessa viagem, ainda mais um que não consegue disfarçar seu ódio ao Império. Tenho mais chances de passar despercebido se estiver sozinho, pois um mero estrangeiro deficiente não desperta maior interesse, nem mesmo do exército imperial.

— E enquanto tu vais procurar o ourives, ficarei aqui, de braços cruzados? Todos se arriscam e yo fico escondido em segurança? — Abaixou-se para pegar um seixo amarelado e mais achatado. — Tu sabes, Licurgo, ouvi rumores de que os governistas têm novos planos para retomar Porto Alegre, impedindo o acesso dos rio-grandenses a um porto por onde escoar seus produtos. Yo poderia auxiliar os farrapos na defesa da capital... — começou a sugerir.

Para Sétimo, parecia-lhe uma aviltante covardia permanecer no conforto de seu refúgio provisório enquanto almas mais bravias entregavam-se ao furor das batalhas, mormente depois de passar por suas mãos um panfleto contendo a

proclamação de Bento Gonçalves da Silva, datada de 29 de março daquele ano. As palavras pareciam falar diretamente ao rapaz e não lhe saíam da cabeça: “Compatriotas! Quando uma facção levanta-se com as armas na mão contra os interesses mais vitais de um Estado, e de violação em violação das Leis, corre o trilho dos déspotas e pretende sufocar com a força todo o princípio de Liberdade, e arroga-se a privativa de dominação; é inquestionável e rigoroso dever de todos os cidadãos redobrar seus esforços e resistir com as armas a seus criminosos ataques.”

— Não — atalhou Licurgo. — Vosmecê fica aqui, Sétimo. Não se envolva com as lutas dos seus patrícios. Nós estamos acima dessas disputas e temos nossa própria guerra a travar. Batalhas com oponentes muito mais perigosos que meros homens. Um combate santo em favor da humanidade e cuja única opção é vencer... Apenas continue seu treinamento e aguarde meu retorno. — Pôs as mãos nos ombros do rapaz que se transformou em homem. Um homem que, em breve, deixaria de ser seu aprendiz para se tornar algo mais, para se transformar num igual. — Tão logo tenhamos te consagrado um verdadeiro caçador da Ordem, podemos seguir juntos no encalço dos lobisomens. Do licantropo que matou seu pai... e daquele que me tirou o meu — completou após alguns segundos em silêncio.

Sétimo arremessou a pedra amarelada. O seixo saltitou por três vezes antes de afundar no rio. Ele não se importava com o título de caçador da Ordem. Seu único objetivo naquela empreitada era a vingança contra o licantropo cinzento. A desforra contra o monstro que matou o pai era o singular propósito que o moveu a se introduzir nos mistérios e conhecimentos da Ordem dos Caçadores de Judas. O filho do estancieiro aceitou todo o sacrifício inerente ao treinamento para ter os meios de encontrar e matar aquele lobisomem. Esse desiderato comum, a eliminação da fera sobrenatural, era o que o mantinha ligado ao caçador.

Conquanto fosse grato pelo auxílio recebido de Licurgo, Sétimo não pretendia sacrificar o restante de sua vida aos interesses da congregação de caçadores. Uma vez eliminada a criatura maldita, poria termo a seus afazeres como caçador. Não

estava em seus planos abdicar da vida para seguir perseguindo licantropos mundo afora. Por motivos óbvios, ele preferia não comungar com o velho caolho essa parte de seus planos íntimos.

— Heinrich fez um bom trabalho nas nossas lâminas — Licurgo procurou desviar o assunto da conversa. — E também conseguiu fazer estas belezinhas. — O caçador estendeu uma sacola reforçada de couro que tilintava suavemente. — Manuseie com muito cuidado. São bastante perigosas — alertou.

Sétimo pegou o pequeno embornal e pescou do seu interior uma das muitas peças prateadas: uma pequena estrela formada pela junção de três hastes com todas as extremidades terminando em pontas aguçadas. Em cada uma dessas extremidades, pequenos espinhos semelhantes a farpas finíssimas, quase invisíveis ao olhar, despontavam no sentido contrário, em direção ao centro da peça. Ao ser colocada no solo, a pequena estrela apontava seus agulhões para todos os lados.

— Este é teu projeto especial? Um simples estrepe? — Sétimo caçoou. — Agora me sinto mui seguro. Sé como vamos nos defender se os lobisomens avançarem contra nós montados em seus cavalos... No, no, talvez aprenda a usar uma chiloida^[29] para atirar essas coisinhas!

— Vosmecê é muito rápido em menosprezar aquilo que não entende, rapaz. Façamos assim: guarde estes com o resto de suas tralhas. Heinrich fez um bom número de peças e já tenho o bastante comigo. No futuro, se precisarmos utilizar meus estrepes numa caçada, vosmecê poderá verificar a eficiência da arma e o brilhantismo da minha mente — Licurgo desafiou, enquanto montava em seu tordilho.

— Espero que esse brilho seja más que o lustro da tua careca. Boa viagem! — gritou o aprendiz quando o caçador estugou o cavalo. — No tarde para voltar, velho. Temos algumas feras para abater usando seus diminutos espinhos.

Sétimo ainda ria com gosto enquanto a figura do caçador se afastava rumo ao norte, sumindo por detrás de uma coxilha. O primeiro riso que dava em muito, muito tempo.





Capítulo 18
O paradeiro



27/SET/1836
TERÇA-FEIRA
7º dia do ciclo da lua cheia



É UM PROVÉRBO CONHECIDO QUE A MENTE desocupada é a oficina do diabo. Todos conhecem inúmeros exemplos cotidianos em que se poderia aferir a veracidade e o tirocínio desse brocardo popular. Sempre que uma pessoa tem um excesso de tempo ocioso à sua disposição, ela engendrará mil ideias de tirocínio duvidoso e colocará em prática justamente aquela que puder alcançar os piores resultados possíveis. Sétimo não foi exceção a essa regra. Sem a presença austera de Licurgo, o aprendiz de caçador pouco a pouco se descuidou de seu treinamento. Primeiramente, sua falta de apreço pela leitura fez com que abandonasse completamente o raro folhear de páginas que dedicava aos compêndios da Ordem, tanto do Bestiário de Prata quanto do diário do caçador. Na sequência, as sessões de exercícios e simulações de combate tiveram o mesmo destino.

De mais a mais, sua verve patriótica não lhe dava descanso. Pesava-lhe na consciência não ter se voluntariado para o contingente farrapo designado para a defesa da capital^[30]. A supervalorização da própria importância criava, para o aprendiz, a ilusão de que seu auxílio poderia ter evitado o difícil, custoso e prolongado cerco à cidade a que se vira obrigado o líder farroupilha.

Além disso, Sétimo cobiçava a glória alcançada por alguns colonos estrangeiros da sua vila no último dia 02 de junho^[31]. O aprendiz de caçador ansiava por juntar-se àquele movimento insurgente também denominado pelos farroupilhas de revolução gloriosa, principalmente depois da declaração de separação da província^[32].

Noutro prisma, os pensamentos de Sétimo vagavam para além da perspectiva de se engajar na luta pela defesa da província. Seus brios e sua vontade também oscilavam fortemente para reencontrar a bela jovem de olhos violeta e com perfume que lembrava a lilás e groselha. Por vezes sem conta, o pêndulo de suas ambições inclinava-se para os interesses do coração juvenil, momento em que ele passava as tardes ocioso, encostado ao alto cedro que ficava no cume da coxilha

lindeira à estância que pertencera aos Hexenberg. As iniciais gravadas no tronco falavam-lhe de promessas que, naqueles dias incertos, não sabia se seriam concretizadas.



O rapaz passou a mão pelo tronco rugoso do cedro, assoprando forte para limpar as pequenas lascas de madeira que lograra extrair com o uso de um pequeno canivete. A árvore que outrora lhe servira de posto de observação, agora se prestava de tela e moldura ao trabalho um tanto quanto inábil do rapaz.

Sétimo guardou o cinzel improvisado e deu dois passos para trás, avaliando a qualidade dos traços escavados na madeira. Com boa vontade, as cicatrizes poderiam se assemelhar às letras J e S.

Talvez eu não seja tão bom quanto pensava na carpintaria, ele pensou consigo mesmo, sem que seu orgulho lhe permitisse admitir que a precariedade das linhas traçadas pudesse ser debitada à sua falta do domínio e conhecimento das letras.

Aqueles desenhos eram uma modesta homenagem à amizade nascida entre ele e a espevitada imigrante germânica. Uma amizade inesperada que se intensificou de maneira a lhe superar as expectativas e sobre a qual nutria esperanças de consolidar um tipo diferente de relacionamento. Contudo, era-lhe extremamente difícil confessar até para si mesmo aquele tipo de coisa, quanto mais admitir para a menina a existência daquele sentimento que lhe corroía as entranhas. Sua boca ainda sequer se arriscava a pronunciar a palavra “amor”.

Distraído como estava a contemplar sua obra recém-concluída, Sétimo não percebeu a aproximação sorrateira às suas costas. Juntamente com o já conhecido perfume primaveril, viu sua visão ser toldada por duas mãozinhas suaves e um peso súbito a lhe sobrecarregar o torso quase o fez cair sentado.

Para executar seu ataque surpresa, Jennifer praticamente pendurou-se nas costas do rapaz. Ele podia ser esguio como um galgo, mas era bastante alto para sua idade.

A risada cristalina da menina-moça preencheu o topo da colina com sua melodia.

— Jenn! Pensei que não podias vir hoje — admirou-se.

— E não podia, mas eu nem sempre faço o que mandam. E vosmecê? — indagou com doçura. Com exceção de um leve sotaque teutônico, as palavras da jovem não mais evidenciavam sua origem estrangeira.

Depois que Jennifer o soltou, Sétimo tentou se colocar em frente ao cedro, pois ainda não estava certo quanto a ter dado por encerrado seu trabalho de entalhe no tronco.

A fisionomia do rapaz não escondia segredos para a menina e ela logo percebeu que ele tentava ocultar alguma coisa.

— O que vosmecê está escondendo aí? — inquiriu com interesse, correndo de um lado para o outro para ultrapassar a barreira corporal do rapaz. — Vamos, Set, afasta-te daí. Deixa-me ver! Vamos, deixa.

Mesmo que conseguisse negar os pedidos veementes da menina, Sétimo não teria logrado conter sua impulsividade curiosa. Um tanto quanto sem jeito, ele se afastou do tronco, expondo os rabiscos gravados na madeira.

Jennifer aproximou-se do tronco e correu os dedos pelas ranhuras. Ao sopesar o significado do gesto, a menina exibia um sorriso fascinante e que demonstrava uma confiança inabalável no seu poder de sedução que não condizia com sua idade.

— Fizeste isso para mim? — sondou com voz melíflua, obtendo como resposta apenas um silêncio constrangido. — Sabes, temos uma tradição na minha terra —

mentiu com desenvoltura, aproximando-se lentamente de Sétimo. — Quando um rapaz junta a inicial de seu nome com a de uma moça, ele fica obrigado a pagar uma prenda.

— Que tipo de prenda? — retorquiu encabulado, mas incapaz de se afastar da menina, não por estar preso num feitiço, mas porque sentia que, ainda que o mundo acabasse naquele instante, ali era o lugar onde ele queria estar.

— Um beijo — declarou, colando seus lábios nos do rapaz.



A lembrança daquele primeiro beijo provocou um arrepio que estremeceu o corpo de Sétimo. Aquela mesma árvore fora testemunha das primeiras carícias e das últimas juras proclamadas pelos jovens enamorados.

— *Jennifer, yo le amo muito! Tu vais esperar por mim?*

— *Claro, Set. Por vosmecê, posso esperar pelo tempo todo do mundo.*

Após tanto tempo, por mais que tentasse, Sétimo não conseguia encontrar a menor evidência daquelas palavras. As promessas de seu idílio amoroso não ficaram gravadas na madeira, nem tampouco foram preservadas pela brisa que o circundava. Aquele momento vivia apenas em sua memória e, quiçá, na lembrança da escolhida de sua afeição. Do instante daquele compromisso solene até aquele dia, tanta coisa havia se alterado. Era incomensurável a força da mudança que o destino imprimira à sua vida. Assim como eram inconcebíveis e imprevisíveis a alteração de seus rumos.

Que outras surpresas o futuro me reserva? — pensou com receio da descoberta.

Quando os farrapos abandonaram a sede da Colônia no fim do dia 24 de setembro, uma tarde fresca de outono, Sétimo se viu obrigado a se esconder das patrulhas de caramurus que passaram a vigiar o vilarejo.

Encurralado pelos legalistas, seria uma temeridade continuar em São Leopoldo. Se Licurgo ainda estivesse por ali, certamente concordaria com ele.

Foi então que Sétimo decidiu passar do pensamento à ação. Iniciou uma extensa e criteriosa busca de informações a respeito do paradeiro de Jennifer e de sua família. O alto aprendiz de caçador começou sua investigação nos arredores da estância do clã Hexenberg, e diante do absoluto insucesso de seus esforços, foi aumentando o raio da busca, perguntando sobre a moça a cada morador daquelas redondezas.

Todavia, nenhum de seus labores rendeu melhor resultado. Em que pese a dedicação que passara a empregar na procura da garota, ele continuava sem nenhuma pista, como se Jennifer tivesse simplesmente se evaporado no ar por efeito de magia. Ninguém em São Leopoldo pôde fornecer qualquer indício ou vestígio que pudesse servir de esclarecimento, além do fato notório de que diversos imigrantes germânicos abandonaram a região quando estourou a revolta farroupilha. Certamente a família de Jennifer estava dentre estes refugiados.

Quando se aproximava do limiar da desilusão, uma migalha de esperança veio a cair no colo de Sétimo. O jovem soube que um negro, que havia partido junto com a família Hexenberg, voltara a São Leopoldo com o beneplácito da alforria e se estabelecera numa choupana do outro lado do Rio dos Sinos, isolado e recluso.

Naquela manhã pardacenta de uma terça-feira repleta de pesadas e negras nuvens, o aprendiz de caçador cruzou o rio.

Chegando à margem direita do Rio dos Sinos, não foi difícil para Sétimo localizar o refúgio do ex-cativo. Um filete cinzento de fumaça exalado pela fogueira era o único sinal de presença humana naquela banda do curso d'água.

Ele avançou próximo à beira do rio, atravessando a mata ciliar, desviando-se de salgueiros (*Cordia ecalyculata*), árvores com flores brancas e pequenos frutos avermelhados, e imensos açoita-cavalos (*Luehea divaricata*), cujos dosséis verdejantes de folhas e ramos abrigavam inúmeras aves canoras, do repetitivo bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*) ao melodioso sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*).

Ao se avizinhar do local onde estava acesa a fogueira, Sétimo ouviu um espadanar vindo da direção do rio. Cautelosamente, esgueirou-se até o tronco de um ingá-macaco (*Inga sessilis*) e espreitou as águas fluviais em busca do negro. Daquele ponto, podia tanto divisar o arroio que margeava o local, quanto a cabana de madeira de cuja precária chaminé subia a espiral de fumaça anteriormente avistada.

No instante em que um novo marulhar chamou sua atenção, o aprendiz de caçador enxergou meramente uma lontra (*Lontra longicaudis*) nadando sozinha em busca de peixes, sua principal fonte de alimentação. Porém, não avistou nenhum sinal do homem alforriado. O rapaz ficou de atalaia, aguardando silenciosamente em seu posto de observação e admirando as acrobacias do animal piscívoro.

A lontra adejava alegremente para cima e para baixo à beira da sanga, ignorando a correnteza das águas fluviais e mergulhando de quando em quando para capturar uma presa esquiva e fugidia. Após algumas tentativas infrutíferas, o lépido pescador peludo deixava-se boiar de costas para descansar ou para saudar o mundo com seus gritinhos agudos. Quando, enfim, capturava um peixe, levava a presa em sua boca até um tronco derrubado e parcialmente encoberto pelas águas. Naquele nicho, dedicava-se avidamente ao consumo de seu repasto.

Antes que Sétimo completasse sua primeira hora de vigia, ventos de borrasca começaram a soprar para anunciar a vinda de uma tempestade. Um barulho vindo do mato se sobrepôs ao uivo do vento e chamou sua atenção.

Estácio, o atual ocupante da cabana e que acompanhara o cortejo dos Hexenberg, caminhava com passadas largas, trazendo na mão uma enxada

rudimentar que arrastava atrás de si. Ele tinha altura mediana, constituição atarracada, olhos bovinos, grossos lábios de coloração avermelhada e ostentava uma calva luzidia. Seu rosto fino contrastava com uma larga papeira em seu pescoço, uma enorme protuberância disforme, resultante do bócio.

Sétimo percebeu a aproximação do ex-escravo e tentou se ocultar atrás do tronco do ingá. Todavia, o caule da árvore escolhida como esconderijo não era grande o suficiente para encobrir sua silhueta agora tão avantajada. O aprendiz de caçador controlou seu fôlego para que o som sibilante da respiração não denunciasse sua presença. A artimanha teria funcionado se uma nuvem de pólen que anunciava a chegada da primavera não fosse carregada pelos ventos e invadissem as narinas da sentinela. Um sonoro espirro se fez ouvir, chamando a atenção da lontra e do ex-cativo que optaram, ambos, pela mesma reação: fugir.

Estácio, então, abandonou a ferramenta que trazia, girou sobre os calcanhares e disparou de volta à brenha.

— Para, negro! — Sétimo bradou tonitruante.

Como se fizesse coro à ordem, um trovão ribombou ao longe. Entretanto, em que pese o tom autoritário com que foi proferida, a admoestação seguida do estrondo serviu apenas para dar mais agilidade às pernas do homem alforriado.

Sem possibilidade de igualar a carreira do negro com sua marcha claudicante, Sétimo abaixou-se para pegar uma pedra. Sentiu o peso do pedregulho que ocupava toda a palma de sua mão e, fazendo uma prece a uma divindade difusa, lançou o petardo com todo o vigor que pôde reunir em seu braço direito.

O bólido descreveu um arco e encontrou seu local de pouso na nuca de Estácio. O negro caiu com os membros lassos, como uma marionete de que se tivesse cortado as cordas.

Grossas gotas de chuva começaram a cair. O aprendiz de caçador ignorou o temporal e acercou-se da vítima de seu disparo. Utilizando-se dos pés, virou de barriga para cima o homem que ficara à beira da inconsciência com a força do golpe.

— Acorda, tição! — ordenou, dando tapas no rosto do homem derrubado que revirava os olhos.

Estácio demorou alguns minutos para deixar de engolar as palavras, mas sua voz manteve-se rouquenha por conta do inchaço da glândula tireoide. Sétimo ajudou-o a se sentar numa pedra oblonga ao abrigo da chuva para permitir que continuasse com o interrogatório.

— Por que fugiste de mim, bagual? — Sétimo indagou consternado.

O homem levou a mão ao cangote e examinou a palma, satisfeito pela ausência de sangramento. Já nascido em cativeiro, Estácio aprendera a considerar boa fortuna as agressões menores de que não resultassem fraturas e hemorragias.

— Eu corri, sinhô, praque as gente toda se me apersegue desde que me nasceu esta papada — explicou, colocando as mãos sob o calombo do bócio. — Me chamam de bichu-papão e me apontam como curpado de qualquer desgraça que suceda a um guri. E vancê num foi o premero a me tacar uma pedra no cangote...

— Yo só queria le falar, negro. Tu que me obrigaste a le parar do jeito melhor que pudesse.

— Sim — escusou-se o negro num muxoxo resignado.

— Ahijuna, bagual! Deixe de choramingos! Yo quiero saber se trabalhavas na estância dos Hexenberg — interpelou ansioso.

— Ah, sinhô. Eu já fui trocado um montão de vez e num se me alembro de nenhum dono de nome difícil dos germano, não, sinhô. Mas logo inhantes de sê

alforriado eu fui alugado pra mór de ajuda uns colono dessas banda, fui, sim.

— Tu lembras de ter ajudado na mudança da família de uma moça chamada Jennifer? Uma jovem com uns dezoito anos, mui hermosa, de longos cabelos negros anelados e olhos violeta?

— Sim, sim, a minina Jennifer, sim. Um encanto de criatura... Sempre muito boa com nós tudo! Foi o pai dela que mi dispenso dos trabaio e adispois meu sinhô me deu a liberdade loguinho que vortei a São Leopoldo. Isso tudo foi quando que esse caroço começou a me crescer nos papo.

— Tu sabes para onde foi essa família? Para onde se mudou a Jennifer? — indagou com urgência.

— Ah, isso num sei, não, sinhô. Nunca que cheguei até o final da viagem nem soubi donde ficava a estância nova, não.

Sétimo sentiu um frio percorrer a espinha e penetrar na medula dos ossos.

— Entonces tu no sabes para onde foram? — inquiriu, quase atropelando as palavras.

— Ninguém num mi falô nada, não, mais a minina Jennifer inté mi deu esse retrato pra mor di mi alembrá dela quando rezo toda noite. Parece que tens uns negócio escrivinhado atrais, mais eu num aprendi a lê, não, sinhô — falou, exibindo um pedaço de papel dobrado retirado da calça.

Ao esticar a folha, Sétimo deparou-se com uma réplica rudimentar do rosto da amada. Além dos traços fisionômicos riscados a carvão, o papel registrava o nome da moça e seu destino.

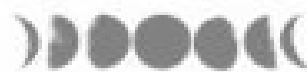
— Guarde na lembrança esse rosto, negro. O retrato agora é meu. E minha próxima parada é Santa Maria da Boca do Monte — segredou para si mesmo,

enquanto olhava a efigie da sua prometida e apertava suavemente a fragrante guaiaca que levava atada à cintura.





Capítulo 17 Os desertores



22/OUT/1836
SÁBADO
2º dia do ciclo da lua cheia



DEPOIS DE SEMANAS DE PONDERAÇÃO, CARLOS optara por abandonar o valhacouto nas montanhas. Mesmo o difícil acesso daquela região serrana não impedia mais as constantes incursões das tropas em testilha. Se fossem capturados pelos caramurus, seriam executados como combatentes inimigos. Acaso caíssem nas mãos dos farrapos, seriam compulsoriamente alistados no exército rebelde. Parecia que aquele não era mais um lugar seguro e ele deveria encontrar pouso noutra parte da província.

Assim, os andarilhos seguiriam o rumo oeste, em direção à parte central de São Pedro do Rio Grande do Sul. Talvez ali conseguissem um pouco de sossego até que a paz fosse restaurada naqueles campos, com a vitória de um lado ou de outro.

Além disso, a movimentação por aquelas terras seria útil para fazer calar as reclamações de Júlio. As constantes e inoportunas queixas do homenzarrão pareciam ter por escopo minar a autoridade de Carlos. E isso estava se aproximando de um caminho sem volta. O chefe daquela alcateia já tomara a decisão de resolver este problema antes de se afastar do comando do grupo. Ou conseguiria martelar o necessário bom senso na cachola do companheiro rebelde, ou levaria a própria cabeça de Júlio como recordação.

— Pensando em nosso amigo amotinado? — Raul questionou ao se aproximar.

— Isso está tão transparente assim? — Carlos devolveu a pergunta.

— Bom, vosmecê está andando quieto e com a cara fechada. Ultimamente ele parece ser sua única fonte de preocupação. Sei que o Júlio, às vezes, se mostra difícil e irritante. Já perdi a noção de quantas vezes eu tive vontade de afundar aquela cara presunçosa, mas, no final das contas, ele não é de todo mal. Ainda é jovem nessa vida dupla que se altera ao alvedrio da lua. Pode ser que ele ainda se emende.

— Gostaria de poder concordar contigo, meu amigo. Mas como diz o velho adágio: *Lupus pilum mutat non mentem*. O lobo muda o pelo, mas não seus vícios. Além disso, acredito que a situação é ainda mais delicada. O Júlio tem a presunção, ou melhor, ele tem uma distorcida e arraigada percepção de que o mundo humano está de joelhos à nossa espécie. — Os ombros de Carlos caíram levemente. — Ele não poderia estar mais equivocado. A espécie humana, da qual não pertencemos mais desde o recebimento da dádiva da lua, domina este mundo. Não se pode mais vencê-los. E os animais que não conseguem se adaptar ao homem, tomam o caminho da extinção.

— Não há um pouco de exagero nessa ideia? — duvidou o garboso andarilho.

— Infelizmente, não. Quero que vosmecê assuma a posição de alfa nessa alcateia, Raul, e é bom que tenha o exato alcance deste problema. Na Europa, os humanos estão acabando com nossos primos mais afastados, pois já ocupam quase toda a área de caça que antes pertencia só aos lobos. Depois, demonizam esses animais quando atacam os rebanhos subjugados e criados pelo homem. Chegam até ao absurdo de usar um pedaço da traqueia desses predadores para filtrar água e curar doenças de porcos. Chamam esse amuleto de gola do lobo.

— Que horror! — espantou-se Raul.

— Os humanos são muito perigosos e não podem ser subestimados... O simples ataque a um único humano pode desencadear uma ofensiva contra toda uma espécie, embora os próprios homens tratem com absoluto descaso o restante dos animais. Preste atenção nessas estradas, meu amigo. Veja quantas carcaças de animais atropelados vosmecê encontra de uma cidade para outra. E tudo porque a arrogância dos homens não permite que diminuam a velocidade de suas carruagens para poupar a vida de um animal incauto. Parece que todos os bichos da criação, nós inclusive, somos apenas peças descartáveis a serviço da humanidade. E pelas mudanças que o passar dos anos me permitiu testemunhar, temo que a situação só tenda a piorar.

— Isso é um absurdo! — Raul revoltou-se, retesando o maxilar.

— Eu sei, mas essa é a realidade com a qual temos que lidar. Qualquer ameaça ao mundo dos homens corre o risco de ser eliminada da face da Terra. Não podemos olvidar que a mera visão de nossas formas bestiais causa uma impressão perene e aterrorizante no coração humano. Ouvi do alfa que me concedeu a dádiva da lua que a origem da lenda nórdica dos berserkers nasceu pelo mero vislumbre de um lobisomem. Um aldeão testemunhou toda a força e a fúria de um ataque realizado sob os auspícios da lua cheia e espalhou o boato de que um homem vestido com a pele de um lobo tornava-se poderoso e invencível. Os guerreiros daquele povo passaram, então, a se cobrir com um manto de couro de lobo e, acreditando nos poderes sobrenaturais de tal amuleto, imbuíam-se de inigualável destemor e sede de batalhas. Somente com o avanço do cristianismo esse mito foi perdendo seu vigor. As histórias que nos tocam têm uma longevidade muito grande. Assim, devemos tomar toda a cautela para nos mantermos em segredo, até que nossa espécie seja apenas isso: uma parte inofensiva e desacreditada do folclore humano. Precisamos nos adaptar para vivermos incógnitos ao lado da humanidade, alimentando-nos de sua carne vez ou outra, mas sem confrontá-los diretamente pela predominância do território, caso contrário, os lobisomens se deixarão extinguir como os lobos...

Nesse momento, Carlos sentiu a familiar comichão no fundo da mente denunciando a aproximação dos outros dois companheiros.

— Arrumem suas coisas — ordenou aos recém-chegados. — Vamos pôr o pé na estrada.

— E já não era sem tiempo — o gigante resmungou, atraindo o olhar duro do chefe.

— Não se anime muito, Júlio. Caso voltemos a enfrentar problemas maiores, tornaremos para cá — Carlos pontuou com voz cansada. Ele podia perceber que a depravação, a indiferença e a sede de sangue eram indelévels tanto no rosto quanto

na alma do homenzarrão. Isso o fez pensar que talvez o problema de Júlio não representasse um verdadeiro dilema. Talvez uma temerária e difícil decisão fosse a única solução possível.



Bem depois de anoitecer, um quarteto monstruoso iniciava sua caçada rumo ao sudoeste, partindo da região da Serra Gaúcha. Os estômagos vazios das formas humanas anteriores à transformação arcana acentuavam sobremaneira o apetite carnívoro das feras.

Um alerta telepático foi dado à beira de um rio. Sem tardar um único segundo, os lobisomens se lançaram numa perseguição a um cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) farejado pelo alfa. O animal de lanosa pelagem castanho-avermelhada encontrava-se adormecido naquelas paragens ermas e iniciou uma rápida fuga, apesar da aproximação silenciosa dos predadores. Seu tamanho e chifres ramificados indicavam que se tratava de um macho. Caso detectasse a presença de outro cervo, o animal ficaria para lutar. Seu comportamento agonístico agressivo e territorialista em relação a outros machos da espécie, no entanto, não se verificou no confronto com os licantropos.

O ruminante disparou pela margem do rio, subindo a correnteza, e agitou freneticamente sua galhada para tentar alcançar alguma proteção contras garras e dentes famintos que estavam em seu encalço. Se a velocidade não o colocasse a salvo dos predadores, ele tentaria cruzar o rio, pois era um excelente nadador. A presa nunca teve essa chance. Mesmo muito rápido, o cervídeo não logrou escapar à sanha sanguinária dos lobos. Guilhotinas negras abriram quatro grandes talhos paralelos no pescoço da caça, anulando seu ímpeto e fazendo as patas cederem ao próprio peso. Aquela carne, porém, serviu apenas de paliativo para a fome bestial das criaturas. A quadra carniceira avançou pela noite em busca de novos alvos.



No início daquele mês de outubro, entre os dias 03 e 04, verificou-se uma das maiores derrotas dos farroupilhas^[33]. Embora o código de honra pampeano proclamasse que um soldado verdadeiramente valoroso, para fazer jus ao sangue continentino que lhe corria nas veias, deveria lutar até o fim, morrendo com glória e dignidade na peleja, aquela contenda que ficaria conhecida como a batalha do Fanfa terminou com a capitulação de novecentos soldados rebeldes^[34].

Os prisioneiros rebeldes mais importantes foram mantidos sob estrita vigilância e posteriormente transferidos para a Fortaleza de Santa Cruz da Barra no Rio de Janeiro, mas o número elevado de cativos impedia uma vigia mais diligente em relação a todo o contingente. Confiou-se na mera promessa dos presos de que não tentariam a evasão.

Obviamente, nem todos cumpriram com a palavra empenhada. Um trio de soldados revolucionários logrou escapar à guarda da sentinela encarregada da vigília dos cativos e tomou o rumo da vila de Vacaria, local onde nasceram e foram recrutados. Decidiram abandonar a luta armada e tornar à querência de origem para tentar tocar uma vida simples.

Silvio, Alfonso e Simeão, vaqueanos simplórios acostumados à vida dura daquelas plagas, enfrentaram um novo tipo de martírio caracterizado pela mais completa extenuação física matizada pela fome e pelo medo. Já na segunda noite da fuga, dividiram um último pedaço de bolacha dura que Silvio, agindo como chefe do pequeno grupo, conseguiu subtrair do acampamento legalista. Carregavam nos braços cansados de pelejar apenas um pelego desgastado, o único conforto para evitar o orvalho que se formava sobre seus corpos durante a noite.

Cientes de que sua deserção seria tomada pela mais espúria covardia, evitavam o contato com os povoados e com todos os habitantes da província. Muitas daquelas pessoas, apesar de não terem se disposto a pegar em armas pela tão anunciada liberdade de São Pedro do Rio Grande do Sul, arrogavam-se o direito de julgar a conduta daqueles que se defrontaram, em primeiríssima mão, com os horrores dos campos de batalha. Assim, o trio optava por tomar estradas desertas e, muitas vezes, avançavam para o norte pelo meio do mato.

Numa planície da Campanha, que outrora servira de palco para uma das inúmeras guerras travadas na província, Alfonso encontrou algumas velhas lanças curtas de catorze pés, mas com as hastes feitas de pesada madeira ainda bem conservadas. Eram guarnecidas até a metade por argolas metálicas e as ponteiras eram pequenas folhas de ferro, em formato triangular, com as bordas e superfícies ligeiramente corroídas pela oxidação. Mais do que armas, as varas serviram de arrimo à fadiga, simples cajados para auxiliar na longa caminhada.

Os desertores já percorriam sua rota de fuga há uma quinzena e encontravam-se exaustos, famintos e já esfarrapados. Naquele dia, no momento em que o Sol se pôs para as bandas do oriente, eles interromperam prematuramente a jornada para se acomodar junto a uma clareira vizinha a um charco que as pessoas da região chamavam de manancial de Maria Altina.

No meio daquele brejo, crescia uma roseira com flores de perfume intenso e com pétalas de um vermelho vivo que lembrava a sangue. Acenderam uma fogueira no meio do pequeno descampado e, enrodilhados em volta do fogo, o trio se deitou para descansar os músculos exauridos e acabaram por cair num sono profundo quando o halo prateado da lua cheia principiava a se divisar por sobre a copa das árvores.

Quando chegou a meia-noite, o céu já tinha enegrecido por completo e estava salpicado pelo brilho das estrelas. Um jacurutu (*Bubo virginianus*), uma grande coruja de plumagem cinza-escuro, com finas listras transversais mais claras na sua

barriga, sobrevoou muito de perto o bivaque improvisado. A brisa suave produzida pelo movimento de suas asas, com envergadura de quase um metro e meio, fez as folhas das árvores murmurarem uma melodia assíncrona.

Após algumas voltas pela área, a coruja de aparência orelhuda (a ave tinha tufo de penas no alto da cabeça, que pareciam acompanhar um tipo de sobrancelha grossa e inclinada na direção do centro dos olhos, o que, associado ao afiado bico negro, dava-lhe um ar sinistro e cruel) finalmente pousou num galho alto de uma velha canjerana e manteve-se em silêncio enquanto observava os arredores em busca de pequenos roedores. Nem mesmo sua chegada um tanto o quanto estrepitosa àquele ponto de observação foi capaz de despertar a trinca de desertores.

Sem prévio aviso, a ave de rapina orelhuda emitiu piados curtos e graves em sequência ininterrupta e, a seguir, alçou voo afoito para longe do acampamento.

Os ex-soldados farroupilhas despertaram, então, por força do distúrbio lúgubre da coruja, bem a tempo de notar o acender de gemas rutilantes ao redor da clareira.



Os lobisomens avançavam silenciosamente pela mata, mas não encontraram caças de grande porte, apenas alguns caxinguelês (*Sciurus aestuans*) e um par de zorrilhos (*Conepatus chinga*). A inanição prolongada começava a provocar ondas de agonia nas feras carnívoras, tornando o temperamento naturalmente atrabiliário de Wendigo ainda mais suscetível a rompantes de fúria.

— *Não aguento mais. Tenho muita fome!* — reclamou o lobisomem cinzento.

— *Caso não tenha reparado, Wendigo, estamos todos com fome* — objetou o licantropo de dorso negro.

— *Eu sei, Sköll, só estou dizendo que poderíamos conseguir uma presa mais fácil próximo aos povoados* — replicou Wendigo.

O velho lobisomem castanho que liderava a alcateia parou por um instante e voltou o rosto pintalgado de pelos brancos para os outros membros que o seguiam, colocando-se ereto sobre as patas traseiras.

— *Sei o que pensa, Wendigo* — disse o alfa, depois de alguns segundos. — *Mas fique tranquilo, não vou colocar a vida do gado, nem mesmo do humano, acima de nossa própria sobrevivência. Tentamos conseguir caça segura, mas hoje parece que a sorte não está do nosso lado. É perigoso continuarmos nesse jejum. Atacaremos o que quer que seja na primeira oportunidade.*

Como uma deixa do destino, o cheiro da madeira queimada da fogueira chegou ao olfato dos lobisomens. Wendigo abriu a bocarra e passou a língua pelos beiços, contornando vagorosamente as presas reluzentes.

— *Ding! Ding! Ding! Nossa refeição está servida.*

Tchevolku bufou com desprezo e tornou a se colocar sobre as quatro patas.

— *Vamos* — limitou-se a comandar rispidamente.

Quando se aproximaram do acampamento dos desertores, o alfa distribuiu os lobisomens ao redor da clareira, deixando livre unicamente o lado ocupado pelo charco da roseira. Nenhum homem poderia escapar por ali.

Em que pese o abeiramento dos licantropos tenha passado despercebido aos trânsfugas adormecidos, não deixou de ser notado por uma pálida figura postada sobre o pântano da roseira. Uma jovem que não parecia contar com mais de dezesseis primaveras, vestida com um simples vestido rendado de branco e uma rosa vermelha ornando a vistosa e negra cabeleira. Carregava um rosário de noiva e observava com seus olhos lacrimosos os acontecimentos em seu derredor.

Mesmo com o vento favorável, os lobisomens não conseguiram captar o cheiro da moça. A figura andou por sobre as águas paradas do atoleiro como se aquela superfície fosse um calçamento de pedras. Seus pés, escondidos pela barra do vestido, não agitavam a calmaria das águas. A jovem mantinha os braços esticados como se esperasse ser sustentada por uma das gigantescas criaturas lupinas. Seus olhos estavam brilhantes pelo acúmulo de lágrimas e mantinham-se exageradamente abertos, sem piscar, numa mescla de surpresa, dor e medo. A boca, com lábios finos e bem desenhados, repetia uma mesma súplica articulada sem som: — *Me ajude... Me ajude. Me ajude! ME AJUDE!!!!*

As feras sanguinárias estacaram surpresas diante daquela aparição.

Então, quando um vento soprou mais forte, a imagem se desvaneceu como uma névoa dissipada ao sol, acompanhada de um grito agudo e lamentoso que fez um calafrio percorrer as costas do corpo hipertérmico dos licantropos.

O guincho emitido pela forma fantásmica foi escutado somente pelos animais, incluindo a coruja de olhos arregalados. Assustado, o jacurutu emitiu um alarme gritado na forma da onomatopeia de seu nome, acordando os homens incautos.

Aquele inesperado despertar serviu de sinal para o início do ataque.

— *Ataquem! Não deixem ninguém escapar* — rosnou o alfa ao se recuperar da súbita interrupção daquela mulher vestida de branco.

Os olhos dos lobisomens emitiram o tenebroso brilho sanguíneo, característica inerente ao modo enfurecido dos caçadores profanos. As feras se adiantaram pela clareira, sob a luz bruxuleante da pira.

Treinados no calor dos combates, os desertores, imaginando-se atacados por inimigos humanos, quiçá uma simples tropilha imperial, puseram-se de pé num salto e, agarrando as lanças, juntaram-se com as costas voltadas para os outros

companheiros. A rápida e inesperada reação dos ex-soldados, aturdiu brevemente o ímpeto dos lobos.

Antes que seus olhos se acostumassem à escuridão, possibilitando perceber a natureza animalasca dos seus atacantes, os desertores avançaram um passo desferindo um golpe contra os vultos. As pontas aguçadas das três armas encontraram, cada qual, o seu alvo.

Geri, o grande licantropo de pelagem inteiramente negra, foi quem sofreu a pior lesão. A lança de Silvio encontrou um ângulo certo e penetrou por entre as costelas, perfurando um dos pulmões e errando o coração da criatura por muito pouco. Com uma forte torção do punho, a lança foi puxada de volta para preparar uma nova estocada. Na saída, a ponta metálica enferrujada se quebrou contra os ossos da caixa torácica, deixando no interior da ferida alguns pedaços afiados de ferro.

Confeccionadas com material diferente da prata, a lança não produziu ferimentos mortais, mas a entrada e a saída abruptas da pequena chapa afiada abriram dolorosas lacerações no couro e no músculo do lobisomem negro. Além disso, a movimentação das partículas da ponteira que permaneceram no interior do peito lupino dificultava a cicatrização acelerada e produzia uma sensação semelhante ao ferro em brasa.

Derrotado pela intensidade da dor, Geri caiu sobre um dos joelhos e, antes que pudesse se recuperar, uma nova acutilada foi desferida contra suas costas.

Não obstante fosse o vulto mais perto do trio de soldados, Tchevolku escapou ileso ao ataque inicial. Notando a situação precária de Geri, varado duas vezes por uma lança afiada, o alfa avançou para assistir o companheiro de alcateia. Desferiu uma potente patada contra a cabeça de Silvio, o humano que conseguira incapacitar o lobisomem negro. Além da imensa força aplicada no golpe, suficiente para atordoar o mais forte dos homens, as garras foram usadas para aumentar os estragos na frágil carne humana.

Com o pescoço parcialmente retalhado sustentando uma cabeça virada grotescamente para as próprias costas, o corpo de Silvio caiu inerte entre os dois companheiros de fuga. Cada um dos outros humanos estava por demais ocupado em enfrentar o inimigo à sua frente e sequer percebeu o cadáver do líder ser arrastado pelas pernas para ser dilacerado pelas famintas bocas dos lobisomens.

Simeão atingiu um golpe certo na barriga de Wendigo, transpassando o corpo do lobisomem, porém não conseguiu puxar a lança para tentar um novo ataque. O lobisomem cinzento segurou a haste de madeira e rapidamente puxou-a de encontro ao próprio corpo. Ainda segurando com firmeza o cabo da lança, Simeão foi atraído para muito perto do monstro.

O lobisomem cinzento colocou suas garras disformes sobre as mãos do desertor e apertou com força sobre-humana até que a massa de músculos e ossos rompesse a estrutura da madeira. Com a haste ainda atravessada pelo seu corpo, o licantropo ergueu os braços, com as mãos do humano esmagadas em suas garras, ficando o rosto de Simeão na altura de seus olhos brasis. A fera rosnou com ferocidade, retraindo os lábios para expor os dentes reluzentes em seu sorriso cruel.

Os olhos de Simeão lacrimejaram intensamente com a dor lancinante que partia de suas mãos. A barreira de lágrimas impediu que pudesse discernir a natureza da criatura contra a qual digladiava. Ele piscou repetidamente ao ser erguido do chão e, finalmente, pôde vislumbrar a enorme carranca lupina.

Ao sentir o hálito pútrido do rosnado furente, Simeão perdeu completamente o controle das suas funções fisiológicas, aliviando-se num espasmo de fétida incontinência fecal e urinária. Incapaz de encarar tal horror, tentou desviar a vista, mas, antes de completar seu intento, a criatura desferiu uma mordida traiçoeira em seu rosto, arrancando uma grande porção de carne e cartilagem, incluindo o nariz, os lábios e parte das bochechas. O ardor da nova ferida, associado ao aspecto repugnante dos caninos enrubescidos de sangue, fez com que o homem se agitasse freneticamente na tentativa de escapar.

O chacoalhar desesperado da presa acabou por movimentar a haste de madeira que ainda se encontrava atravessada no corpo de Wendigo, o que irritou profundamente o lobisomem cinzento. Uma nova mordida foi lançada, com as presas cravando-se profundamente no pescoço, provocando um nauseante som pastoso.

Desta vez, o pedaço arrancado incluiu toda a parte frontal daquela região, incluindo o osso hioide, a faringe e o esôfago, a laringe e a traqueia. Sustentada apenas por alguns músculos restantes e pelas vértebras cervicais, a cabeça de Simeão descaiu lateralmente enquanto um jorro vermelho ritmado escapava pela artéria carótida.

A haste de Alfonso foi a menos certa. Atingiu o braço direito de Sköll, mas não penetrou no membro, resvalando pela lateral num corte que não impediu o avanço do lobisomem de dorso negro. Com a bocarra escancarada, a criatura abocanhou o ombro esquerdo do humano e fechou fortemente o torno constituído pelo maxilar e pela mandíbula. Os ossos humanos não resistiram à pressão e se esfacelaram entre os dentes afiados da fera. Um pedaço da escápula foi arrancado pela poderosa mordida.

Sem conseguir usar o braço esquerdo e percebendo a imagem da criatura contra a luz da fogueira, Alfonso abandonou a lança e correu em direção ao manancial. Ao alcançar a borda do charco, foi novamente assaltado pelos dentes do lobisomem em suas pernas. Caiu de lado e conseguiu se colocar de costas antes de o peso da fera pregá-lo ao chão, inviabilizando qualquer tentativa de fuga. Imediatamente, garras e presas iniciaram seu trabalho e rasgos profundos começaram a aflorar em seu corpo mais rápido que seus próprios olhos conseguiam registrar, mesmo que não estivessem toldados pelas gotas de sangue que escapavam dos bocados de carne que o licantropo arrancava com sofreguidão e violência de seu torso.

Com a resistência humana reduzida a nada, o restante do horrível banquete deu-se em completo silêncio, só quebrado pelo som crepitante dos ossos mastigados.





Capítulo 20
A escolha



25/DEZ/1836
DOMINGO
6º dia do ciclo da lua cheia



A JOVEM DAMA TRAJAVA UM ELEGANTE VESTIDO de tule branco com orlas de veludo preto que lhe moldava o talhe perfeito. Longas luvas de pelica negra encobriam as mãos delicadas e se assentavam graciosamente até acima do cotovelo. O corpo lânguido recostado numa luxuosa chaise longue, com a cabeça levemente inclinada para o lado demarcando o traçado de um pescoço airoso, parecia servir de modelo para uma preciosa pintura a óleo. A cascata de madeixas negras se agitava suavemente ao sabor da brisa tépida. Sua mirada encarava o infinito num silêncio complacente.

Ao se deparar com o quadro sem moldura de tal imagem angelical, Sétimo sentiu um frêmito de emoção percorrer seu corpo. Por pouco, os músculos das suas pernas não se liquefizeram em completa atonia. Ele fechou os olhos e inspirou profundamente o ar para sorver o conhecido perfume que sabia a groselha e lilás.

O rapaz estava absolutamente entregue àquele enleio. Emocionado. Embasbacado. De rédea no chão. Ao descerrar as pálpebras, lágrimas de felicidade brotaram de seus olhos enquanto a boca se movia com lábios trêmulos pronunciando o único nome pelo qual seu corpo alquebrado ainda se agarrava à vida.

— Jennifer! — As sílabas do nome venerado pareciam ter dificuldade para transpor a barreira invisível colocada em frente à língua, como se o ar repentinamente adquirisse a consistência do melado.

A palavra, posto que enunciada numa entonação flébil e baixa, algo entre a súplica e a gratidão reverente, teve o efeito de despertar a beldade de seu estupor.

— Sétimo! — ela exclamou com vivacidade, enquanto se levantou faceira para se atirar nos braços longos do alto rapaz.

O aprendiz de caçador estreitou a moça sem qualquer resquício de pudor, enrodilhando-a em seus braços e erguendo o corpo delgado do chão. Enquanto

girou sobre seu próprio eixo, ele trouxe a fronte iluminada de pureza para mais perto de seu rosto e se deixou afundar naquele aconchego acalentado.

— Já pensava que não tornaria a vê-lo, Set.

— Nada hay de ficar entre mim e ti, minha prenda — afirmou com a convicção de um amor sem mistério e sem virtude.

Contudo, ao tentar fitar os olhos da moça, Sétimo hesitou por um instante. Sua memória não conseguia reconstruir o exato tom de violeta da íris de Jennifer.



Desde o momento em que saiu da Colônia de São Leopoldo, Sétimo criou e recriou, vezes sem conta, o momento tão aguardado do reencontro com a amada. Experimentou diversos cenários, variados figurinos e os mais exaltados diálogos com o escopo único e exclusivo de aumentar seu próprio deleite. Bastava-lhe fechar os olhos para que o sorriso radiante da jovem lhe tomasse de assalto a imaginação. Tais encontros fantasiosos tinham a virtude de nunca decepcionar seu criador. Na maioria das vezes, as ilusões podem construir verdades mais brandas e satisfatórias que a realidade, conquanto não se tornem, só por esta razão, mais verossímeis.

Somente uma coisa, ou melhor, uma pessoa era uma constante imutável nestas cenas. Jennifer. A bela e adorável Jennifer. Agora, porém, suas lembranças, pela primeira vez, pregavam-lhe a peça de olvidar uma das características mais singulares daquele ídolo resguardado com tanto zelo. Enquanto tentava recapturar a exata tonalidade dos olhos da moça, Sétimo foi arrancado de seus devaneios pelo eco de um estampido seco, denotando o disparo de uma arma de fogo não muito longe dali.

O aprendiz de caçador estugou o baio na direção contrária àquela de onde parecia ter vindo o tiro. Já conseguira desviar seu caminho de vários piquetes imperiais. Esperava conseguir a mesma façanha uma vez mais. Porém, antes que conseguisse colocar um pouco de espaço entre sua posição e os cavaleiros cujo estrépito peculiar já se podia ouvir não muito distante, divisou uma figura que, saindo do matagal, obstou-lhe a passagem pela estrada. Era um homem sujo, com desgrenhados cabelos grisalhos, pés descalços e humildemente vestido com uma calça rota e uma camisa de flanela folgada.

Sétimo puxou firmemente as rédeas e conseguiu evitar que seu cavalo abalroasse o homem. Quando o indigente virou-se para observar o ginete que impedira o seu atropelamento, o aprendiz de caçador se surpreendeu ao reconhecer aquelas feições marcadas pela ação do tempo.

— Seu Carlos !?! Que fazes por estas bandas?

— Quê? — assustou-se o velho. — Quem é vosmecê? — indagou, levando a mão à cintura, mas não encontrando o punho do sabre.

— Soy yo, Seu Carlos. Sétimo!

Ao reconhecer no robusto cavaleiro os traços marcantes do alto rapaz magricela que conhecera nos arredores de Pelotas, o vetusto andarilho, sem mais tardança, aproximou-se do baio e clamou pelo seu auxílio.

— Sétimo! Vosmecê cresceu muito desde a última vez. Bons ventos o trazem, garoto! Estou sendo caçado por esbirros do governo. Vosmecê pode me ajudar a escapar desta arapuca? — disparou as frases num átimo, quase atropelando as palavras e sem se interromper ao menos para tomar fôlego entre as sentenças, evidenciando de maneira irretorquível a urgência da situação a que se sujeitava.

— Mesmo que no le fosse eterno devedor, Seu Carlos, ficaria feliz só por poder frustrar qualquer pretensão de um caramuru. Suba na garupa!

Com o velho aboletado na anca do baio, Sétimo afundou as esporas na barriga do cavalo, zunindo pela estrada. Um calor inesperado grudou-se em suas costas, acompanhado de um forte fedor de cachorro molhado, quando o andarilho encostou-se no cavaleiro.

Ahijuna! O coitado deve estar suando em bicas después de tanta correria... — Sétimo cogitou em pensamento.

Os cavaleiros imperiais persistiram obstinadamente na perseguição. Passados alguns poucos minutos de cavalgada, quando o sol alaranjado já tocava a ponta do horizonte, restou evidente que a dupla não lograria escapar dos soldados da Regência. Seriam alcançados antes do cair da noite. Seja pela carga extra transportada pelo baio, seja pelas melhores condições das montarias legalistas, o fato inegável é que a distância entre os participantes daquele jogo de gato e rato diminuía rapidamente ao invés de aumentar. Não havia “se”. Era apenas uma questão de “quando” seriam alcançados. E esse “quando” não tardaria muito.

Ouvindo o som do casco dos cavalos cada vez mais perto, Carlos percebeu a aproximação inexorável dos seus acoessadores e gritou ao ouvido de Sétimo: — Não adianta, meu jovem. Não vamos conseguir escapar desse jeito. Reduza um pouco e me deixe aqui. Fuja para a segurança! É atrás de mim que eles estão!

Neste ínterim, um pequeno grupo de oito cavaleiros já podia ser divisado num ponto não muito afastado.

— Esses bastardos perseguem todo filho deste continente, Seu Carlos. Se não podemos fugir, entonces vamos pelear! — Sétimo correu a vista pela paisagem a frente e percebeu que a estrada enveredava por um estreito desfiladeiro. — Podemos tentar enfrentá-los naquela passagem estreita entre os morros.

— Vosmecê tem algum pau de fogo nesse seu saco? — Carlos questionou ao colocar a mão sobre alforje.

— No — o rapaz confessou, desanimado.

— Então, siga naquela outra direção — sugeriu, apontando para uma ermida com aparência abandonada. — Ali poderemos resistir com mais eficiência. Talvez aquelas paredes possam diminuir nossa desvantagem numérica e a escassez de armamento.

Sétimo esboçou um sorriso e meneou a cabeça num assentimento silencioso. Chegando à frente da capelinha, a dupla apeou do cavalo. O aprendiz de caçador retirou seu alforje e deu um forte tapa na traseira do baio para afastá-lo dali. Sua montaria não seria pilhada pelos caramurus. Ele não forneceria um cavalo bem encilhado tão facilmente para a corja regencial utilizar na opressão de seu próprio povo!

Caso conseguisse escapar com vida do entrevero, Sétimo contava com a sorte para providenciar o retorno do baio para aquelas paragens. Na pressa de alcançar um refúgio seguro, ele deixou cair de seus pertences uma folha dobrada de papel. Quando tentou voltar para pegar o retrato de Jennifer, uma bala de espingarda zuniu perto do seu ouvido esquerdo e foi se alojar na parede de taipa da tapera sacra. Relutante, o rapaz buscou refúgio seguro dentro da capela, sem poder retomar a posse do precioso desenho.

Uma vez no interior da ermida, Carlos procurou algo com que barricar a porta de entrada, mas nada encontrou.

A construção resumia-se num casebre de um único cômodo com um pequeno altar de madeira encostado ao fundo. Sem outra via de acesso ou mesmo uma janela grande o suficiente para que pudesse ser transposta por um homem adulto, a abertura dianteira era a única entrada para a igrejinha e a chapa de madeira presa nas dobradiças constituía sua exclusiva e singular barreira.

Bufando com desagrado, o velho andarilho encostou a porta em seu batente e passou-lhe o ferrolho.

O alarido da chegada dos soldados pôde ser ouvido distintamente. Algumas palavras ríspidas foram proferidas pelo oficial no comando e os demais homens se agitaram para cumprir as ordens.

Sétimo desembainhou o gládio e se colocou de prontidão em frente à porta.

— E por acaso, vosmecê carrega outra lâmina para me emprestar? Prometo devolvê-la depois que rasgar o bucho de uns soldados — Carlos pilheriou sem muita convicção.

— Infelizmente, essa é a única arma que carrego — Sétimo respondeu, girando o gládio com desenvoltura.

A chegada da noite impediu que o andarilho percebesse o brilho da prata na espada do aprendiz.

— E tu, Seu Carlos? Alguma arma escondida? — Foi a vez de Sétimo indagar.

— Não, garoto. Meus poucos pertences acabaram ficando para trás. Guardados num lugar seguro, mas agora isso não tem a menor importância, pois precisava das minhas pistolas agora. Nem meu sabre eu pude trazer comigo.

— E teus companheiros? Eles sabem que tu estás sendo perseguido? Será que eles virão le ajudar? — Sétimo perguntou, ansioso.

— Não conte com isso, meu jovem. Os legalistas nos surpreenderam quando estávamos voltando de... de uma caçada. Fomos pegos desprevenidos e tivemos que nos separar. Cada qual seguiu por um caminho diferente para dificultar a captura. Pelo jeito, tirei a sorte grande: todos os desgraçados seguiram em meu encalço.

A frase foi pontuada pelo barulho de vários tiros de rifles que começaram a espocar. Realizados de cima dos cavalos em movimento, os disparos não

encontraram seus alvos e ficaram na parede caiada e na porta de madeira da ermida.

Os soldados apearam das montarias e formaram uma linha de escaramuça. O amplo terreno descampado em frente à capela possibilitaria que um único atirador de pontaria mediana conseguisse abater um bom número de inimigos que tentassem uma aproximação por aquele lado.

Não vislumbrando outra passagem para o interior da construção e desconhecendo as armas dos inimigos, o comandante daqueles imperiais optou por uma abordagem mais prudente, postergando a ordem de avançar. As armas eram recarregadas com a bala cônica socada sobre a nova carga de pólvora e a bucha. Depois de três salvas de disparos, os tiros cessaram.

— Ainda que meus amigos nos encontrem, temo que será tarde demais... — Carlos complementou, soturno.

A tropilha regencial que perseguia a dupla servia como piquete de reconhecimento do exército comandado pelo tenente-coronel João da Silva Tavares. Aqueles soldados da Regência estavam sob o comando imediato do tenente Francisco Pedro Buarque de Abreu, o Moringue, e, ainda embriagados pelo sabor da vitória da última batalha travada no dia 17 daquele mês, nos arredores de Arroio Grande, varriam aqueles ermos, intimoratos e sedentos de sangue, em busca de desertores rebeldes.

Diante da ausência de resposta aos seus disparos, Moringue, o oficial caramuru, determinou que os subordinados tentassem arrombar o anteparo que guarnecia a ermida, porquanto não dispunha de nenhuma peça de artilharia.

Três dos homens se aproximaram vagarosamente da entrada, desprovidos de qualquer cobertura para a proteção contra eventuais disparos feitos pelos sitiados. Conseguindo se abeirar da entrada sem que um único tiro lhes arrefecesse os ânimos, imbuíram-se de coragem e passaram a bater com seus ombros contra a

chapa de madeira. Os demais soldados acenderam algumas tochas para melhor iluminar a área e mantiveram a porta trancada sob a mira das armas.

Sob a luz da tocha, o tenente Francisco avistou uma folha de papel e, imaginando poder se tratar de algum documento relevante, apanhou-o para melhor examiná-lo. Uma bela efígie feminina o encarava com olhos doces, acompanhada de um nome e uma localidade. *A mulher de um farrapo, com certeza... Talvez faça uma visita amistosa a essa beldade algum dia desses* — pensou com malícia e guardou a folha dobrada no bolso do dólmã.

Dentro da capela, Sétimo e Carlos usaram seus corpos para escorar a porta, impedindo-a de saltar de seus gonzos. O aprendiz de caçador, por diversas vezes, quase cedeu devido às dores em suas costas.

Após várias trombadas, os ombros dos soldados ficaram muito doloridos e a porta não parecia querer ceder. Mas o líder da tropilha não admitia desistir tão facilmente. A bravura e a perseverança habitavam o coração dos guerreiros de ambos os lados daquela peleja.

Diante da ineficácia da primeira tentativa, foi ordenado que os soldados buscassem algum tronco de árvore de proporções módicas, ou mesmo um grosso galho que pudessem usar para arremeter contra a barreira. Sem discutir, como cabe ao bom militar, os subalternos se afastaram para, à luz da lua que subia pelo céu noturno, procurar um mourão em bom estado.

O comando foi ouvido dentro da capela. Os sitiados sabiam que o obstáculo que se sustentara até aquele momento não resistiria ao forte impacto das pancadas de um aríete.

Carlos olhava a todo o momento para o exterior da capela, por entre as frestas da porta, analisando a distância dos soldados, na esperança de que uma rota de fuga viável se apresentasse.

Sétimo, por seu turno, parecia hospedar em seu corpo várias famílias de bicho-carpinteiro. Andava claudicando desassossegado na escuridão, de um lado para o outro, por todo o pequeno recinto de oração.

Numa dessas idas e vindas, seu tornozelo torceu quando parte do soalho de madeira cedeu rangendo sob seus pés pesados. Ele se abaixou para tatear o chão e examinar a possibilidade de utilizar aquelas tábuas meio soltas na defesa daquele forte improvisado.

Assim que retirou algumas das placas de madeira, um forte cheiro de enxofre e salitre penetrou-lhe as narinas. Debaixo do esconderijo precário, o aprendiz de caçador encontrou um pequeno barril de pólvora negra, mas nenhum armamento ou munição. O prédio desabitado deveria ter servido de paiol improvisado por algum soldado farroupilha. O rapaz pegou o barrilete com extremo cuidado e levou-o até o andarilho.

— Acho que nós podemos acabar com esses malditos — Sétimo falou, rilhando os dentes.

Carlos tomou o pequeno barril em suas mãos para aferir seu peso. Abriu a tampa para cheirar a mistura e testou sua consistência e granulação entre os dedos. Logo em seguida, correu os olhos pelo interior da capela. Seu semblante não exibia satisfação, mas preocupação e dúvida.

— Receio que isso não será suficiente. Necessitamos de algo que produza mais estragos que a mera explosão, um pouco de estilhaços... Vosmecê tem umas moedas de cobre?

Sétimo procurou dentro do alforje e retirou uma pequena sacola reforçada de couro que tilintou na escuridão.

— Podemos usar estes estrepes, no?

— Creio que vai servir. Mas, talvez, sirva até bem demais. — Carlos escrutinou o interior da ermida e mordeu a bochecha por dentro até que o gosto cúprico do sangue inundou-lhe as papilas gustativas. — Vosmecê percebe que não temos muito espaço para nos afastarmos do raio da explosão? — indagou sem entusiasmo.

— Entences, vamos torcer para levarmos o maior número possível desses bastardos!

Carlos tornou a olhar pela fresta da porta. A luz das tochas revelou que os caramurus já tinham conseguido um galho de umbu (*Phytolacca dioica*) para servir de aríete.

O disco prateado da lua não exibia a plenitude de sua face iluminada, mas a noite ia alta e, numa freguesia não muito distante o sino da igreja há bastante tempo já soara nove vezes. Apesar de as reverberações percussivas do bronze terem se desvanecido muito antes de chegarem a seus ouvidos apurados, o velho andarilho sentia Tchevolku afiando as garras nas paredes de sua mente.

Não tardaria para que o luar cintilante provocasse sua inevitável metamorfose. De um jeito ou de outro, aquele cerco estava prestes a se encerrar. Quase como se o destino tirasse o poder de decisão de suas mãos.

— Vosmecê está certo. Coloque esses espetos sobre o barrilete de pólvora. *Alea jacta est* — Carlos anunciou, pesaroso.

— Como?

— A sorte está lançada. Apenas uma velha expressão em latim atribuída ao general romano Júlio César.

— Claro. Que seja! — Sétimo replicou, levemente irritado. Sempre que qualquer situação lhe recordava sua falta de conhecimentos, não obstante a temporada estudando junto a Licurgo, um azedume lhe tisonava o humor.



Assim que a porta foi escancarada com um barulho de madeira espatifada, um amontoado desordenado de quatro homens caiu para dentro da ermida, sendo acompanhados de perto por um séquito de combatentes preparados para o assalto, com suas armas apontadas para o fundo do recinto à procura dos inimigos.

No fundo da igrejinha, uma pederneira foi acionada. O rápido atrito do sílex contra o ferro produziu um som rascante, emitindo uma fagulha amarela que acendeu o rastilho de pólvora. Um brilho esbranquiçado iluminou a escuridão do recinto, provocando um chiado arrastado que percorreu toda a extensão da capela. Uma fumaça densa com cheiro de ovo podre preencheu o ar. Antes que os soldados pudessem localizar os sitiados, o barrilete de pólvora colocado ao lado da porta explodiu com um grande estrondo, fazendo voar estilhaços de prata por todos os lados.

A parede frontal e boa parte da cobertura do telhado foram reduzidas a escombros. Os soldados da Regência não tiveram melhor destino. Pedacos rasgados e chamuscados de corpos se espalharam por todos os lados, num raio de cinquenta metros. Apenas o tenente Francisco, postado atrás da barreira formada pelo corpo de seus homens, foi arremessado para trás ainda com vida.

A força do impacto, todavia, não escolheu apenas um dos lados daquela peleja. Sétimo e Carlos foram jogados contra a parede mais afastada, como meros bonecos de pano, sendo também atingidos por alguns fragmentos da bomba improvisada.

O oficial daquele pequeno pelotão imperial, apanhado pela onda de choque, foi o primeiro a despertar. Julgando estar cercado apenas pelos mortos, o tenente Francisco se afastou da área. Naquela noite, o Moringue aprendera uma importante lição e se aperfeiçoaria na arte da emboscada.





Capítulo 21
O sobrevivente



19/FEV/1837
DOMINGO
3º dia do ciclo da lua cheia



NENHUMA DAS MONTARIAS PÔDE SER recuperada depois da emboscada preparada na ermida. Todos os cavalos das redondezas, incluídos o baio de Sétimo e os zainos montados pelos imperiais, foram afugentados pelo fragor da explosão.

A ação da pequena bomba e a longa caminhada também cobraram seu preço das vestes do sobrevivente, que foram se esgarçando cada vez mais até se desfazerem em frangalhos. E ele nem pudera se servir dos despojos da emboscada na ermida. As roupas dos cadáveres estavam rasgadas, levemente crestadas e manchadas de sangue.

Nem mesmo as botas dos homens caídos no momento da detonação do barrilete de pólvora, que conseguiram escapar quase intactas (pois seus donos tinham as pernas ainda para fora da igrejinha), puderam ser recolhidas como peças sobressalentes para substituir o calçado já em estado precário do sobrevivente. Os coturnos militares não lhe caberiam nos pés. Uns seriam muito grandes, outros, muito pequenos.

Além das roupas transformadas em trapos imundos, ele carregava consigo uma pequena mochila de mantimentos, uma bolsa de moedas e um bonito punhal com o cabo trabalhado pilhado de um morto.

Depois de uma semana avançando somente duas ou três léguas ao dia, ainda sentindo no corpo os ferimentos e queimaduras da emboscada, o homem paulatinamente aumentou o trajeto percorrido conforme o avanço da própria convalescença.

Passados vários dias de dura e solitária caminhada, ele encontrou um campo imenso formado por coxilhas suavemente onduladas e entremeado por grandes áreas de florestas onde a altitude era mais elevada.

Ao longe, avistou um vilarejo rural bastante aprazível, com pequenas casas comerciais distribuídas em torno da praça onde ficava a Igreja Matriz, localizado entre morros e com belos vales e desfiladeiros.

Era a Paróquia de Santa Maria da Boca do Monte, um dos distritos do município de Cachoeira do Sul, localizada na Depressão Central, um amplo corredor de terras mais baixas encravado bem no meio da província de São Pedro do Rio Grande do Sul, entre o Planalto Médio e as Serras do Sudeste.

O sobrevivente adentrou no povoado com as vestes rotas e em completo desalinho, exausto, sujo, fedorento e faminto. Nas ruas agitadas, o vaivém de carretas disputava espaço com as pessoas.

Entrando numa casa de pasto, pediu uma refeição simples que só lhe foi servida após entregar um patacão de prata. Longe de angariar a simpatia do dono, o pagamento pronto e generoso só aumentou as suspeitas sobre a origem de licitude duvidosa daquela riqueza. Por tal motivo, nenhuma das suas indagações foi respondida a contento.

Ele logo percebeu que a maioria das pessoas de bem daquele lugar não encararia com bons olhos as perguntas insistentes e a perambulação a esmo do homem maltrapilho e carrancudo que agora personificava.

Abandonou, pois, tal linha de ação. Com a raiva borbulhando em sua mente, pôs-se a indagar sobre o paradeiro da pessoa que procurava junto a negros e índios desertados de suas aldeias que por ali circulavam.

No início, seu interrogatório um tanto quanto truculento não teve melhor sorte junto à ralé daquela pequena sociedade evidentemente estratificada em castas. Mas um escravo que assistia um tanoeiro em suas tarefas deu-lhe a primeira pista: uma pessoa como a descrita pelo sobrevivente vivia numa morada bem ao lado de uma casa de farinha, no fim de uma azinhaga que se iniciava junto a um cruzamento distante três léguas pela estrada que saía da vila rumo a noroeste.

O homem deitou uma moeda de cobre na mão do cativo e o dispensou com um safanão.

Dividido entre a urgência de pôr fim àquela busca e a necessidade de se apresentar com o mínimo de compostura para deixar de chamar a atenção daquele povo, optou pelo segundo alvitre.

Entrou numa loja menor e de aparência modesta onde um aprendiz de alfaiate dispensou seus melhores cuidados para adaptar às pressas alguns itens previamente encomendados por clientes habituais do estabelecimento à compleição física do novo proprietário.

Os andrajos foram abandonados e o sobrevivente da emboscada deixou a loja vestido conforme os costumes da província: bombacha, camisa de algodão com mangas largas e sem botão e poncho de lã grossa.

Num curtume não muito distante da alfaiataria, ele também comprou novas botas de cano alto e um chapéu de barbicacho. Assim poderia circular mais livremente, não despertando a desconfiança mais acentuada que a dispensada a um simples forasteiro.

Devidamente paramentado, tomou o rumo indicado pelo negro, e, no cruzamento, trilhou pela vereda estreita e sinuosa que seguia por entre sebes altas. Uma disforia crescente avolumava-se em seu peito enquanto avançava pelo caminho.

Ele parou um instante e cerrou os punhos com força, enterrando as unhas na palma da mão, só tornando a caminhar quando logrou afastar a sensação opressiva que o afligia.

Quase no final da azinhaga, lobrigou uma pequena plantação de mandioca. Uma pequena casa de farinha, com uma roda para ralar mandioca, uma prensa e um forno, podia ser avistada logo ao final daquela lavoura. Ainda mais adiante, erguia-

se uma vivenda modesta com uma imensa área florestal lindeira que avançava quase ao rés da parede dos fundos da casa.

Nenhum som ou movimento se percebia naquela habitação.

Talvez seja hora da sesta — ele cogitou em silêncio.

Como que para desautorizar sua suposição inicial, uma doce cantiga se insinuou por entre as árvores, vinda da beira de um lago próximo.

♪ *Saudade é dor que não dói,*

Doce ventura cruel,

É talho que fecha em falso, ♪

É veneno e sabe a mel...

Hipnotizado pelas notas melodiosas, o sobrevivente continuou pela trilha seguindo a origem da canção. Na margem da lagoa, uma bela jovem passeava distraidamente. A moça vestia uma saia preta de musselina e uma camisa branca de cambraia com detalhes de belbute. Sua fronte estava coroada por um diadema formado pelas tranças de seus cabelos de azeviche. A cútis branca era protegida por uma sombrinha de renda segurada por mãos delicadas calçadas em luvas de pelica, o que lhe conferia inequívocos donaires de madame.

Um sorriso bobo brincou no canto dos lábios do homem quando um aroma primaveril penetrou por suas narinas. Esquecido das batalhas e das guerras, dos ferimentos e das cicatrizes, do mundo e dos problemas do mundo, ele se deixou arrastar plácida e voluntariamente pela loucura do momento, em completo abandono da razão e das convenções sociais. Emulando os trejeitos de um predador, acercou-se sorrateiramente da jovem e aprisionou-a com seus braços enlaçados pela delgada cintura, cobrindo-lhe a boca com a mão.

A moça sacudiu vigorosamente as pernas acertando diversos chutes que, por muito pouco, não alcançaram a virilha do seu captor, ponto aparentemente escolhido como alvo preferencial dos golpes. Com os braços livres, ela gadanhou furiosamente o rosto do sobrevivente enquanto buscava cravar seus dentes na mão suja que lhe impedia de gritar por socorro. Os dedos da presa ficaram úmidos do sangue arrancado da face lanhada.

— Ai! Te aquieta, gurria! Soy yo! — Mas as palavras enunciadas na voz rouquenha agora desconhecida pela jovem não tiveram o condão de interromper o ataque. — Calma, calma, ai, para um instante, Jenn. No estás me reconhecendo? Soy yo. Sétimo!



Ao reencontrar a amada, Sétimo lembrou-se dos acontecimentos que o levaram até aquele momento.

Não muito depois que o Moringue fora embora, os bravos defensores do cerco tornaram à consciência. Seus ouvidos zuniam com um alto ruído agudo e ininterrupto. Os olhos semicerrados procuravam esquadrinhar o resultado da emboscada por entre o espesso véu de poeira e fumaça. As tochas se apagaram e somente o halo luminoso da lua afastava o breu da noite.

— P-Parece que pegamos todos — Sétimo murmurou, um pouco zozzo. Sentiu-se desconjuntado como se grande parte de seus ossos tivesse luxado para fora das articulações apropriadas.

— Sim, não escapou ninguém — Carlos pronunciou com um som gutural — embora isso não seja uma notícia tão alvissareira.

Sétimo tossiu devido ao pó levantado pela explosão e experienciou um severo e agudo recrudescimento das suas já conhecidas dores. Desceu a vista e engoliu em seco. A ponta de um pedaço de madeira podia ser vista saindo de seu abdome. Ele levou a mão para trás com muito cuidado e sentiu onde a estaca penetrara em suas costas. O caibro varara seu corpo de um lado a outro. Um sangramento intenso brotava pelos ferimentos de entrada e saída devido ao rompimento da artéria abdominal e empapava-lhe as faldas da camisa e da bombacha.

— Ai, mierda! Que mala suerte! Fui ferido! — queixou-se baixinho.

— Calma, garoto. Vou tentar conseguir alguma ajuda aqui por perto — Carlos mentiu, sem muita convicção, já tendo percebido a gravidade da lesão. O rapaz não teria muito mais tempo de vida.

— No vá, Seu Carlos — implorou num gemido plangente. — No tenho medo de morrer, mas no quiero partir solito desta vida. — Seu rosto se contorceu num esgar de dor e desespero.

— Nós sempre morremos sozinhos, Sétimo — disse em tom apaziguador. — Todo mundo tem sua hora e o momento do decesso é sempre lúgubre e solitário. Gostaria de poder lhe oferecer o conforto de minha companhia, mas tenho que ir.

Ao tentar se erguer, o velho andarilho tomou consciência de uma dor incapacitante que se manifestava na forma de uma ardência intensa no lado esquerdo de seu corpo.

Num primeiro vislumbre, Carlos não parecia em tão grave estado como o aprendiz de caçador. Estava coberto de poeira e apresentava diversas escoriações nas mãos, joelhos e cotovelos, mas também fora atingido pelos pequenos espinhos metálicos. Sua camisa estava rasgada expondo todo o torso onde as pequenas hastes prateadas estavam espetadas, gerando uma sensação aflitiva com a intensidade do fogo em brasa.

Mesmo com a pouca luz, podia-se notar que as pequenas estacas empretejavam a carne ao redor do ponto de penetração, já começando a apresentar a aparência necrosada ao contato prolongado com a prata. A proximidade da transformação arcana potencializava o efeito alergênico do metal argentino, praticamente um veneno para o corpo animalesco do licantropo.

Sétimo obsejou espantado a condição das feridas negras e se recordou da temperatura sempre elevada que sentia ao contato do velho andarilho. Os calorosos apertos de mão, a quentura que há pouco sentira em suas costas quando da cavalgada. Olhou para o alto e viu o disco prateado da lua cheia. Seus olhos, então, se arregalaram como se quisessem pular das órbitas.

— T-T-Tu és um lobisomem... — arriscou proferir, oscilando entre a imputação e a incredulidade. Instintivamente, levou a mão à cintura e encontrou uma bainha vazia. Deu-se conta, naquela hora, de que o gládio de prata fora atirado para longe no momento da explosão. Pregado na parede como estava e sangrando aos borbotões, ficara à mercê do odiado inimigo.

— Sim, esta é uma sina de que não pude escapar — Carlos anuiu com sinceridade tristonha. Voltando sua atenção ao próprio ferimento, enrolou a mão direita nos restos da camisa e, com bastante cautela, retirou um dos estrepes. — ARGHHH! — estrilou em agonia. Sob o olhar incrédulo de Sétimo, o andarilho passou a examinar o artefato de prata. — Hum, muito engenhoso... e, também, desgraçadamente eficaz. Pelo visto, vosmecê se tornou um caçador de lobisomem, não é mesmo?

Sétimo não respondeu, mantendo os lábios fechados com força. Sua expressão muda deixava transparecer apenas terror e perplexidade.

— Vosmecê pode falar comigo, filho. Eu não mordo.

Ao perceber a ironia da promessa, o Carlos riu abertamente, tomado por súbita (e talvez injustificável) alacridade, o que apenas lhe aumentou o flagelo causado

pelos cravos argênteos.

— No me chame de filho, maldito! Acima de tudo, no tu que mataste meu pai — dardejou com fúria e os olhos acesos de cólera. — E agora vais terminar tua tarefa nefanda com a minha morte. Sem testemunhas, como agrada à tua raça desgraçada — acusou, gorgolejando sangue.

— Ah, garoto — Carlos suspirou profundamente, meneando a cabeça grisalha. — Sinto muito pelo seu pai. Sinto mesmo. Pode ser que vosmecê não coloque o devido peso na minha palavra, mas não carrego a culpa por essa morte. Fui enganado e levado para junto daqueles tropeiros. Meu lobo fez o necessário para preservar nosso segredo, mas não matei seu pai, nem tampouco planejei aquele ataque. Eu não sei exatamente como, mas aquela confusão toda foi obra do Júlio, o grandão com que vosmecê se estranhou na primeira vez que nos vimos. Suspeito até que essa desavença tenha sido o motivo da investida dos lobisomens. De qualquer forma, sei que isso talvez não lhe sirva de consolo, mas o alfa daquela alcateia não viverá mais que vosmecê. Seus estrepes de prata vão garantir isso.

— Essas agulhas? No tente me enganar só porque estoy perto do fim! Tu acabaste de arrancar uma delas sem a menor cerimônia. Pode fazer o mesmo com as outras e escapar com vida.

Carlos olhou com atenção, estudando o rosto do aprendiz, e percebeu que o rapaz falava com franqueza.

— Vosmecê não conhece direito essas armas que carrega? Veja, examine esta aqui. Olhe com bastante atenção — incentivou, estendendo para Sétimo o estrepe arrancado da própria carne.

O aprendiz empalado examinou os espinhos prateados e notou que as hastes manchadas de sangue não estavam mais aguçadas como antes. Agora, tinham um pequeno orifício em seu interior. Os espetos eram ocos e preenchidos por finas agulhas estrategicamente colocadas nas pontas e dotadas de pequenas farpas.

— Parece que, depois que essas belezinhas furam nosso couro, elas depositam um ferrão de prata. Quando o estrepe é arrancado, as farpinhas impedem que esse ferrão seja extraído também. E, ugh, pelo que posso sentir, ele já começou a passear por dentro do meu corpo. Por ora, e apenas por ora, isso não é um ferimento tão grave. Mesmo que alcance um órgão importante, minha capacidade de cura vai dar conta desse agulhão infernal. Sabe, quando ainda estou nesta forma, a prata é um grande incômodo, porém não é fatal. O problema mesmo serão essas agulhas dentro de mim após minha transformação, o que não vai demorar muito a acontecer. O corpo do lobisomem, unf, unf, não vai suportar essa prata. Assim que a lua cheia brilhar no alto deste céu, meu lobo vai surgir e ser morto, e eu perecerei com ele. Até poderia tentar abrir minha carne para arrancar um ou dois desses ferrões, mas não há a menor possibilidade de me livrar de todos eles a tempo — proclamou, conformado.

— Tu pareces no se importar — Sétimo cismou, ainda descrente.

— Ah, já vivi por tempo demais, meu jovem. Fizemos uma boa luta aqui, não acha? — indagou ao mostrar os inimigos imperiais caídos. — Tombar após vencer uma última batalha gloriosa... Acho que esse é um bom jeito de partir, afinal. — Passados mais alguns segundos, Carlos ruminou a respeito de toda a situação. Com seu decesso prematuro, a disputa pela posição de alfa seria deveras acirrada. O rapaz moribundo ao seu lado nutria genuína e justificada aversão ao gigante de maus bofes e poderia desequilibrar a balança em favor de Raul. Como bônus, estaria eliminando um caçador para acrescentar mais um membro em sua antiga alcateia. — Mas isso não significa que vosmecê precisa de se contentar com essa vitória de Pirro. Essa noite não tem que ser o fim da linha para nós dois — completou. — Vosmecê ainda pode se curar. Posso lhe dar a dádiva da lua antes de expirar.

— Dádiva da lua? A marca de Judas, isso sim! Tu queres me amaldiçoar como uma besta sanguinária! Obrigar-me a ceder meu corpo a um demônio — acusou, com império na voz.

— Não faça um julgamento tão estreito, Sétimo — exortou o andarilho, tentando granjear-lhe a confiança. — Pense um pouco. Nós, lobisomens, somos uma força da natureza, criaturas colocadas no topo da cadeia alimentar, não necessariamente bons nem maus. Recorde-se das vezes que nos encontramos, das ocasiões em que salvei sua vida sem nada pedir em troca. Vosmecê acha que eu sou alguma espécie de demônio?

Sétimo baixou a cabeça diante da lógica inatacável daquele argumento. Não fosse pela intervenção oportuna do andarilho, ele sequer estaria vivo naquele instante.

— Podemos morrer ambos ou um de nós pode escapar. Sua vida está se aproximando de um término abrupto, garoto. Estou lhe oferecendo uma nova vida. O que vosmecê fizer com esta nova oportunidade é algo que cabe exclusivamente a vosmecê. Além disso, pode ser que haja alguma razão que escape ao nosso entendimento para as coisas terem acontecido como sucederam. Há muito tempo tenho evitado o contato com o resto da humanidade. Devo confessar que em poucas oportunidades me deparei com um mesmo sujeito mais de uma vez nessas andanças incertas por estas terras. Normalmente, esbarrava num fulano qualquer uma vez apenas, e isso, com toda certeza, é uma mera obra do acaso. Nas raras ocasiões em que topei com a mesma pessoa uma segunda vez, debitei o fato a uma curiosa coincidência. Um padrão ímpar e assaz peculiar nos reuniu uma terceira vez, e, mesmo eu estando na forma de lobo, vosmecê escapou para que nossos caminhos se conectassem numa quarta oportunidade. Tantos encontros, meu jovem, ainda mais nas condições cruciais em que estamos, só pode ser destino.

O aprendiz começou a sentir frio nas extremidades do corpo e seu coração pulsava rápido e fraco. Seus olhos oscilavam sem rumo certo com as pupilas dilatadas e sua consciência parecia querer se esvair. A hemorragia continuava a drenar o fluído vital para fora de suas veias e artérias.

— Não vou obrigá-lo a nada, Sétimo. Cabe a vosmecê decidir sobre seu destino. Mas, lembre-se, filho, qualquer que seja sua decisão, mantenha sempre a alma forte e o coração sereno — Carlos rumorejou ao sentir seus ossos se esticando para adquirir a conformação da anatomia do lobisomem.

Quando a lua cheia chegava próxima ao zênite, Sétimo já tinha tomado sua decisão irrevogável.



Naquela noite (não tão distante) da explosão na ermida, Sétimo teve certeza de que superara o pensamento de autoaniquilação. Ele agora não se achava preparado para abrir mão da vida. Conquanto a morte fosse um fadário a que não conseguisse escapar, ela poderia ser aceita com mais boa vontade e resignação se fosse antecedida de uma vida plena em companhia dos que ainda lhe eram queridos.

Um leve toque na guaiaca lhe propiciou um breve aroma de lilás e groselha e o conduziu para a decisão mais importante de sua vida. Não por acaso, a guaiaca de couro cru foi o único item conservado do antigo traje, pois, apesar de bastante gasta, ainda lhe servia para preservar, num dos bolsos, seu maior tesouro.

Diante da visão de Jennifer, Sétimo não resistiu a representar uma vez mais seus antigos folgedos juvenis, mas, diferente das ocasiões pretéritas, a reação da moça não se limitou a um simulacro de débil resistência. Em lugar das conhecidas negaças faceiras, que, antes de afugentar, convidavam ao deleite dos afagos, ele foi surpreendido por um inesperado surto de violência de uma donzela feroz indignamente ultrajada em sua honra. Apenas ao se identificar, conseguiu um pausa nas pancadas e arranhões da moça.

Por um breve instante, Jennifer ficou paralisada ao examinar com olhos assustadiços as feições do seu atacante. O silêncio foi quebrado apenas pelo gorjeio

agudo de alguns quero-queros.

Aproveitando aquele breve momento de calma, Sétimo soltou-a devagar e gentilmente, dando dois passos para trás e levantando as mãos num gesto de rendição.

— Sétimo? — Jennifer perguntou, incrédula e limpando o sangue dos dedos retirados ao rosto soturno nas faldas da camisa de cambraia.

O processo de reconhecimento demorou alguns longos segundos. Não que a moça tivesse olvidado por completo as feições do namorado de outrora, mas o homem macambúzio postado à sua frente guardava apenas uma breve semelhança com o alegre rapaz que conhecera em São Leopoldo. O que ela tinha diante de si era uma criatura embrutecida. Sua pele sem viço apresentava uma aparência doentia, ainda mais acentuada pelas horríveis olheiras profundas que a dor cavara em seus olhos negros e que agora ressumbravam uma crueldade latente. Apesar do corpo mais robusto que o magricelo de outrora, era evidente seu envelhecimento precoce. Os poucos anos de sua juventude não mais se refletiam no semblante, agora soturno, que denotava o murchar da flor da mocidade.

— Sétimo, seu parvo! O que acha que está fazendo? — inquiriu com uma raiva incontida vazando por entre cada sílaba.

— Quis le fazer uma surpresa, guria — ensaiou uma envergonhada justificativa. — Demorei um tiempo enorme para le encontrar.

— Vosmecê não pode aparecer assim do nada e agir como se tivéssemos doze anos de idade! — ralhou com apenas um pouco menos de animosidade.

— Estava morrendo de saudade de ti, Jenn. — Sétimo olhava diretamente nos olhos violeta da moça, esperando encontrar qualquer sinal da alegria que ele próprio sentia pelo reencontro tão aguardado. — Voltei para a estância de meu pai — ele engoliu em seco ao relembrar a ruína e a orfandade a que ainda não se

habituará — e no le encontrei más. Só después de muita busca encontrei um rastro teu.

— Minha família veio para Santa Maria da Boca do Monte logo que as primeiras notícias da revolta chegaram à colônia. O Doutor Hillebrand^[35] já andava sondando meu pai para participar de uma tal Força Legal. Papai — continuou a bela jovem — achou melhor procurarmos um local mais tranquilo, mais afastado dessas disputas, pois já estava sentindo o peso da idade e não queria tomar parte em outra guerra. Ele tem um amigo compatriota que lutou a seu lado na época da Guerra da Cisplatina, um veterano que integrou o 27º Batalhão de Caçadores. Seu nome é João Appel e meu pai lhe salvou a vida uma vez. O senhor Appel hoje ganha a vida como mestre-alfaiate e se ofereceu para ajudar nossa família a se estabelecer nessa região. E aqui estamos, novo lar, vida nova — concluiu sem expressar a menor saudade.

Sétimo baixou a cabeça e se aproximou de Jennifer, pegando-lhe gentilmente a mão. Ele não encontrou palavras para expressar seu remorso por estar ausente em momento tão conturbado para prestar seu auxílio, nem tampouco conseguiu derramar verbalmente os anseios de retomar sua vida ao lado da amada. No entanto, ao tentar entrelaçar seus dedos nos da moça, ela recuou e deu-lhe as costas.

— Não, Sétimo. Não me toque desse jeito. — A advertência foi lançada com uma inflexão que oscilava entre a raiva e a repugnância. — Eu não tive qualquer notícia sua por anos! Como pode aparecer assim, do nada, e esperar agir como se tivéssemos nos visto ontem...

Antes que o rapaz pudesse traduzir em vocábulos a pergunta que já se estampava em seu rosto, uma nova voz se fez ouvir, interrompendo o colóquio ácido dos antigos namorados.

— Tá tudo bem, sinhá? — perguntou uma negra que segurava uma criança de colo numa mão e, na outra, brandia discretamente uma foice de cortar mato. Seus

olhos receosos corriam nervosamente do rosto de Sétimo para a camisa tingida de vermelho da patroa.

— Está tudo bem, Rufina. Sétimo é apenas... um velho amigo de São Leopoldo — explicou, alisando a saia.

A frase singela e o tom displicente com que foi proferida doeram mais que os ferimentos físicos sofridos até então. Sétimo precisou recorrer a uma força interior ainda não de todo explorada para não vergar ao peso daquelas palavras. Somente o vigor daquela energia bruta impediu que seus joelhos se dobrassem.

— Mamãe — o infante de cueiros chamou, esticando os braços em direção a Jennifer.

A jovem foi até Rufina e pegou o pequeno no colo. Deu-lhe um beijo na testa e devolveu-o à escrava.

— Leve-o para dentro. Eu não me demoro.

Rufina aceitou o pequeno fardo de volta e rumou para dentro da casa, tornando a lançar ocasionais olhares desconfiados por sobre os ombros durante o curto trajeto.

— Tu és mãe desse guri? — Sétimo questionou, boquiaberto.

— Sim. É o nosso primeiro filho. Ele tem os olhos do pai — acrescentou em tom sonhador, sem perceber que a revelação tinha o efeito de uma adaga traiçoeira.

— Quem é o pai? — A pergunta saiu num fio de voz quase inaudível.

— Meu marido, oras — respondeu, com um laivo de repreensão no tom. — Seu nome é Geraldo Blanco Lopes. Ele não é rico, mas apesar disso, fez um bom casamento — pontuou, com evidente satisfação. — O Geraldo era afilhado do falecido Constantino José Pinto, um estancieiro muito importante no sul da província. Quando o velho Constantino morreu em 33, o primogênito, Francisco,

que sempre foi muito amigo do Geraldo, cedeu essas terras para ele. Agora, junto com meu esposo, exerço a posse destas terras em que estamos. E se temos a posse, as terras são nossas. — Um gesto largo exibindo os arredores acompanhou a última frase pronunciada com orgulho indisfarçável.

Com o fim das sesmarias (o regime pelo qual o governo doava a terra a quem quisesse cultivá-la) em 1822, e até 1850, quando foi assinada a Lei de Terras (que instituía a compra como único meio legal de aquisição de terras), a única forma de se adquirir e assegurar o domínio sobre a terra era por meio do exercício da posse plena e não contestada. Em outras palavras, quem ocupa a terra é o seu dono. Se a solução era boa para a propriedade imóvel, talvez se aplicasse no campo das pretensões matrimoniais.

— Jenn, tu prometeste ser minha... me esperar... — balbuciou, atordoado pela revelação.

— Ah, Set. Isso eram coisas de criança, promessas sem valor, bobagens sem importância — escarneceu com displicência. — De mais a mais, vosmecê sumiu no mundo e não deu sequer notícias por anos. Só se falava que vosmecê tinha morrido. Até sua mãe pensava assim. Que esperava que eu fizesse? Ficasse eternamente à espera de namorado que teria que voltar da cova? — inquiriu com voz magoada.

— Mas yo no morri, e voltei o más cedo que pude — arguiu vacilante, omitindo os reais motivos da ausência prolongada.

— E isso não foi rápido o suficiente, não é mesmo? E por que não se deu ao trabalho de me avisar onde estava? Se eu tivesse ao menos um fio de esperança, poderia ter aguardado seu retorno, mas agora é tarde. Minha vida seguiu adiante. Espero que a sua também, Sétimo.

A surpresa do himeneu de sua prometida com outro homem acabou por abalar o último alicerce das vigas morais que sustinham aquela figura. Jennifer desviou os

olhos do rapaz, incapaz de continuar encarando a criatura feia, mal amanhada e de gestos descompostos que um dia fora sua paixão juvenil.

— É melhor vosmecê ir embora, Sétimo. Não quero ter que explicar ao meu marido por que estou de prosa com um antigo namorado. Adeus — bufou a despedida e tomou o rumo da casa.

Uma luta renhida se desenrolou no interior do rapaz. A forma com que Jennifer banalizou seu sentimento a rebaixou a seus próprios olhos. A manutenção do amor juvenil tornara-se incompatível com aquele aviltamento. Sétimo deixou seu ódio afogar a adoração de outrora, pois sentiu como se não pudesse mais viver sem extirpar por completo aquela que era a última afeição de seu coração. Mergulhado naquele suplício infindo e sem dar conta do destino de seus passos, ele se embrenhou pela floresta virgem que margeava a propriedade.



O lobisomem cinzento, mais uma vez, caçava sozinho, longe da proteção de uma alcateia. Sem embargo, a criatura avançava pela noite sem temor, regozijando-se com a emoção da caçada. Seu apetite impiedoso agitava-se como uma coisa viva, inquieta e voraz. A fome avassaladora e de urgência inaudita era seu único anseio e satisfazer aquela necessidade natural, sua exclusiva preocupação. Aquela simplicidade representava uma liberdade que poucos poderiam desfrutar.

O seu próprio cheiro apontou-lhe a direção daquele campo de caça.

Os humanos surpreendidos quase não ofereceram resistência. Quando o licantropo mordeu a carne álgida da presa, sentiu um gosto de cobre derretido se espalhar pela língua. Seus instintos primevos absorveram com satisfação aquela oferenda, como a terra seca que esperava avidamente pelas primeiras gotas de chuva.

Sob a resplandecente beleza prateada do luar, o lobisomem terminou seu tétrico repasto.





Capítulo 22
A descoberta



23/MAR/1837
QUINTA-FEIRA
5º dia do ciclo da lua cheia



SÉTIMO TENTOU BUSCAR UM REMÉDIO PARA SUAS dores no local mais comum que poderia se esperar: no fundo de uma garrafa. Por muitos dias, ele perambulou por casas de pasto, tavernas e pequenas mercearias gastando até a última moeda que possuía para conseguir mais uma dose de cachaça ou ao menos um copo de vinho para anestesiar a mente.

No momento em que se encontrava ébrio o suficiente para mal se aguentar em pé, arrumava brigas com o exclusivo escopo de agredir a própria carne, numa tentativa vã de equiparar sua aparência exterior ao estado depauperado de seu espírito desfigurado. Quando finalmente lograva ser surrado e expulso de um local, procurava um novo estabelecimento para afogar as mágoas em libações copiosas.

Porém, o álcool não lhe trouxe qualquer refrigério. O entorpecimento etílico tinha apenas o condão de embotar sua memória e seu senso moral por um curto espaço de tempo, mas tais momentos de alívio eram esporádicos e temporários. Ao final dos efeitos da embriaguez, os pesadelos despertados de sua vida retornavam com renovada força. Ele seguia nesse arremedo de existência, tropeçando nos próprios erros e lamentando os humores erráticos de uma Fortuna cruel, como um naufrago exaurido se desviando dos escolhos de um oceano proceloso.

— *Covarde...*

Expulso da última taverna, Sétimo andou pela estrada até encontrar uma clareira onde pudesse descansar. Sentado num tapete de flores amarelas sob a sombra fornecida pela copa frondosa de uma canafístola (*Peltophorum dubium*), ele abriu uma garrafa de aguardente subtraída da adega do estabelecimento e tomava longos tragos diretos do gargalo até se engasgar com o líquido que escorria por seu queixo e lhe tisonava as vestes.

Foi nessa situação de penúria e degradação que Licurgo logrou reencontrar-se com seu aprendiz.

— Sétimo! Por onde andou, rapaz? — indagou o velho caçador ao appear do tordilho. — Quando retornei a São Leopoldo, Heinrich me disse que vosmecê partiu sozinho para a Boca do Monte.

Bêbado, o aprendiz limitou-se a erguer a cabeça, colocando a mão em pala sobre os olhos. A figura do caçador se destacava contra a luz do sol, impedindo a visualização clara das suas feições. Não tendo certeza se a silhueta era uma pessoa de carne e osso, uma miragem fabricada pelo álcool ou outro tipo de aparição, Sétimo deu de ombros e tornou a levantar a garrafa em direção à boca, mas o gesto foi impedido por uma mão calejada e de essência bastante corpórea.

— O que é isso, rapaz? Veja seu estado. O que lhe aconteceu? Vamos, fale comigo, Sétimo! — incitou com uma cadência acolhedora em que se destacava seu sotaque sacerdotal.

— Tudo! Tudo me aconteceu. — Um lampejo de reconhecimento perpassou em seus olhos de escleróticas baças e raiadas de sangue. As olheiras escuras marcavam ainda mais profundamente a fisionomia do rapaz. Uma ruga saliente de perene preocupação e dissabor avincava-lhe a fronte de traços duros. — E tudo que ainda me restava nesta vida, perdi também — acrescentou num tartamudear engrolado.

— *Miserável* — um murmúrio se perdeu ao vento.

— Perdeu tudo? Como assim “perdeu tudo”? — Licurgo indagou com evidente medo na voz. Correu os olhos pelas roupas do rapaz até localizar a guaiaca, abaixando-se para poder examinar seu interior.

— Ahhh, vosmecê ainda tem o acônito... — suspirou com alívio ao constatar que o envelope com as raízes, pétalas e sementes da venenosa flor arroxeadada ainda estavam em posse do aprendiz.

Quando sentiu uma mão vasculhando a preciosa bolsa de couro cru, Sétimo readquiriu uma nesga de consciência e também um pouco mais de controle sobre

os próprios movimentos.

— Te afasta, velho. Vá embora e me deixa em paz — clamou com rabugice.

— Sétimo!?! Sou eu, Licurgo. — Segurou o rosto do aprendiz entre suas mãos com cuidado extremado, mantendo-o levantado para que pudesse encará-lo. — Fale comigo, rapaz — tornou a exortar.

Sétimo balançou a cabeça relutantemente, tentando libertá-la do gesto acolhedor. Uma forte vertigem roubou-lhe o equilíbrio e embaralhou seus pensamentos. Os olhos entreabertos vagavam perdidos, sem sinal de entendimento ou de curiosidade pelo que acontecia a sua volta. Em vez de entabular conversa com o caçador, limitou-se a balbuciar uma cantilena ininteligível. As mãos se agitaram desconexas e, vez ou outra, infligiam uma pancada em sua própria cabeça ou buscavam arrancar um tufo dos seus cabelos.

— O que é isso, rapaz? Que bicho lhe mordeu? — Licurgo perguntou, espantado.

A indagação pareceu dissipar de uma só vez a nuvem de embriaguez que lhe retardava o entendimento. Num assomo repentino, o aprendiz se convulsionou numa gargalhada estridente.

— BUAWAHHA!!

Quando Sétimo cessou seu riso histérico, o velho caçador buscou reiniciar o diálogo.

— Vamos, recomponha-se, Sétimo. Tenho boas novas que, acredito, podem lhe interessar. — Ele esperou que os olhos do aprendiz manifestassem um sinal de mínima sanidade antes de continuar. — Encontrei a alcateia que procurávamos — anunciou com inflexão estentórea. — Depois de bater estas plagas de norte a sul sem qualquer resultado, foi quando procurava por vosmecê que os encontrei! Acho que podemos concluir que eles são o único grupo de lobisomens em toda a

província e, pelo jeito, circulam por essa região há muito tempo. Com certeza o algoz de seu pai está entre eles. É uma alcateia pequena, com apenas três lobisomens e eles estão se acoitando numa região serrana a nordeste daqui, a não mais que alguns dias de viagem. Podemos surpreendê-los e liquidar todos esses malditos demônios de uma vez por todas.

A simples menção ao objeto de sua vingança foi suficiente para serenar o ânimo do aprendiz de caçador.

— Uma alcateia? Licurgo, nesta vida, no hay cosa que yo queira más que a morte do licantropo que matou meu pai, mas tu achas mesmo que precisamos matá-los todos?

— *Assassino...* — A acusação débil foi ouvida apenas na mente do aprendiz.

— Mas é claro! — Licurgo exclamou com seu fanatismo inabalável. — Não podemos deixar um só desses monstros vivos! Lobisomens são feras possuídas pelo diabo, criaturas bestiais que se alimentam dos homens, Sétimo! Já se esqueceu dos ensinamentos da Ordem?

— No, viejo, lembro-me bien do que estava nos teus livros. Estoy apenas le dizendo de que tenho dúvidas se todas essas criaturas são necessariamente malignas como apregoas.

— Que sandice está dizendo, rapaz? Justamente vosmecê que foi vítima da sanha assassina desses animais profanos! Nossa missão é livrar o mundo de tais entidades!

— NOSSA MISSÃO? **NOSSA** MISSÃO? — questionou em brados tonitruantes, repetindo o pronome com ênfase e desprezo. — Essa nunca foi a MINHA missão. Nunca pedi para ser tragado para o meio dessa guerra alucinada e sem sentido. Treinei contigo apenas para conseguir uma vingança vazia, e nem isso obtive. No tenho parentes, nem tampouco herança ou qualquer bem material que

possa reivindicar. Descobri recentemente que também no tenho amor e talvez no possa sequer voltar a amar.

Licurgo acendeu um de seus odoros charutos e tirou longas baforadas antes de redarguir. As suas palavras cortavam a suave fumaça azulada e de cheiro adocicado.

— Posso ver que está sofrendo, rapaz. Mas deixe esses problemas um pouco de lado. Permita que o tempo possa trazer o bálsamo para suas feridas e lhe dê uma nova razão para viver.

— *MONSTRO!* — O vitupério foi pronunciado com voz estrídula.

Sétimo se levantou vagarosamente, mantendo baixa a cabeça. Ficou parado por um instante, sentindo a brisa fresca da tarde outonal. Depois de engolir em seco, ergueu a vista para um ponto vazio e seus olhos brilharam com um fulgor sinistro.

— Tiempo? No posso más viver tiempo algum desse jeito. No posso deixar que sentimentos falsos me enfraqueçam ainda más. No poderia suportar outro revés desse jaez. Tenho que expurgar essas debilidades, de uma vez por todas, ou perecer. Se no posso arrancá-lo do peito, é melhor ter seco e morto o coração do que permitir que se enrede para vivenciar novamente semelhante tortura — desabafou numa mistura de amargura e resignação.

— Não fique assim, Sétimo. Em certos momentos da vida, nada mais nos resta que não aceitar o nosso destino. É inútil lutar contra desígnios superiores à nossa força e inteligência. Cumpra com a sina que Deus lhe enviou e assumo seu lugar de direito. Venha comigo e vamos acabar com aquela alcateia, vosmecê e eu — conclamou com resolução sacrossanta, colocando as mãos nos ombros do aprendiz. — Tenho certeza de que pensará diferente daqui há alguns anos. Por falar nisso, tenho comigo sua cota de malha. Deu um trabalhão, mas valeu a pena. Assim que vesti-la, poderei sagrá-lo um caçador da Ordem de Judas.

Licurgo foi até o cavalo e abriu o alforje, retirando uma camisa de metal trançado de seu interior, mas, juntamente com a peça de fios de prata, um fino maço de folhas dobradas caiu ao chão. O caçador se apressou em pegá-las, mas Sétimo foi mais rápido.

Mesmo antes de ter os papéis de linho em suas mãos suadas, Sétimo reconheceu naquelas folhas as missivas escritas para São Leopoldo com seus garranchos feios e irregulares.

— Minhas cartas! Tu nunca as enviaste — tartamudeou com dificuldade.

— Ora, veja bem, meu rapaz — Licurgo protestou apologeticamente. — Eu disse que ia mandá-las, mas nunca houve um momento oportuno. Toda vez que estava prestes a encaminhá-las à sua família, pensava um pouco mais e acabava por concluir que ainda era cedo demais. Não tenho certeza sobre sua namorada, mas sua mãe com certeza viria atrás de vosmecê e isso a colocaria em risco de ser atacada pelos lobisomens. Certamente vosmecê não ia querer isso, não é mesmo?

— *DESALMADO!!!!* — Uma furiosa exprobação do além-vida foi atirada à face do aprendiz.

Sétimo ficou com o rosto sanguíneo quando uma cólera irrefreável queimou-lhe as bochechas. Acompanhando o intenso rubor, uma contração involuntária dos músculos faciais contorceu seus traços numa expressão viperina.

— Mentira e traição! É tudo que tenho à minha volta! Tu me enganaste. Também por tua culpa perdi todos que amei — atalhou com acerba angústia. As mãos se crisparam fortemente até que os nós dos dedos ficassem pálidos e as unhas se enterrassem em sua palma.

— Calma, rapaz. Não se precipite, nem faça acusações levianas. Um lobisOMEM matou seu pai. E eu não tive nada a ver com o infortúnio que se abateu sobre seus entes queridos — negou com convicção. — Talvez esta seja a forma de o destino

lhe mostrar que seu futuro é com a Ordem dos Caçadores de Judas — Licurgo sugeriu de forma inocente e persuasiva, imbuído da obstinação característica daqueles que se acreditam especialmente abençoados por uma divindade. Colocou-se bem em frente ao aprendiz e, olhando diretamente em seus olhos, convocou-o solenemente, entregando-lhe a cota de malha. — Junte-se a mim, Sétimo de Carvalho.

Um golpe é sempre mais poderoso e incapacitante quando vindo de local e forma inesperados. Dessa forma, aquela felonía imprevista teve uma força avassaladora e representou a última pá de cal que sepultou definitivamente o que ainda havia de humano em Sétimo. O ressentimento, a tristeza e o desânimo foram completamente expulsos de seu âmago, acompanhados da afeição, da amizade e do amor. Todos estes sentimentos foram integralmente substituídos por um ódio frio e sem limites.

— Ordem de Judas? Tu és o Judas, Licurgo — objurgou ao pegar a cota de malha com a mão direita.

Sétimo esticou a mão lentamente, erguendo-a na sua lateral até a altura do ombro e atraindo o solitário olho direito do caçador com o gesto. Após alguns segundos, ele largou a veste metálica. A pele de sua mão, que entrou em contato direto com a prata, adquiriu uma nítida coloração avermelhada e de aspecto enfermiço.

Neste momento, antes que Licurgo pudesse esboçar uma reação, a mão esquerda do aprendiz, a mesma mão que até poucas semanas atrás carecia de força, empunhou a adaga que penetrou na carne tenra do pescoço do caçador. Um jorro de sangue arterial foi expelido pela carótida. Com a vida e a força se esvaindo junto com o sangue, Licurgo abandonou seu corpo nas mãos do seu algoz.

— Morra satisfeito, viejo, pois aprendi sua lição — cuspiu a observação com escárnio. — Pensei antes do ataque e o surpreendi pela esquerda, o lado com sua limitada visão periférica — ironizou ao saquear o cadáver e acender um dos

charutos. Depois de algumas baforadas, bateu a cinza do charuto e gesticulou com o braço esquerdo como se testasse a própria força. — E a propósito, no tenho más as fraquezas físicas do resto de vós, humanos.

— *Mais uma morte nas suas costas!* — admoestou o espectro. — *Vosmecê carrega a desgraça consigo e leva a morte a todos que cruzam seu caminho. Matou meu filho. Matou meu marido. Matou a mim mesma e me aprisionou nesse inferno! MALDITO SEJA, SÉTIMO!!!* — vociferou o fantasma da bela mulher de cabelos negros e olhos violeta.

— Ora, cala-te, Jennifer! — Agora, a entidade incorpórea não exalava mais o inebriante perfume que lembrava a lilás e groselha. Pela primeira vez, as palavras raivosas da aparição não encontraram eco em sua alma. Seu caráter acerado na forja da adversidade parecia, doravante, ser incapaz de sentir culpa ou remorso.

A ira, contudo, ainda acalentava seu coração endurecido. Uma revanche contra um certo lobisomem cinzento encontrava-se pendente e já era o momento de levar a cabo a sua vingança. Ele poderia matar ou morrer, pouco importava, mas era imperioso que tentasse eliminar aquele que parecia ser a mola propulsora de suas desgraças. Para tanto, os conhecimentos adquiridos nos tomos da Ordem sobre a fera que ele se tornara seriam de grande ajuda.

Sétimo deu uma última baforada em seu charuto e apagou-o no olho direito do defunto. O chiado asqueroso fez até mesmo o fantasma virar-se de costas para não testemunhar o vilipêndio. Antes de abandonar a clareira, ele, com um sorriso sardônico brincando nos lábios, puxou um pigarro do fundo do peito e escarrou sobre o rosto cego do caçador.





Capítulo 23

A ascensão



13/OUT/1837
SEXTA-FEIRA
4º dia do ciclo da lua cheia



TIBÉRIO PERMANECIA SENTADO PRÓXIMO À fogueira segurando com as duas mãos o rústico espeto de madeira verde com o qual assava a carcaça de uma gorda paca. As gotas de gordura deslizavam pela carne e iam pingar nas brasas com um chiado agradável, liberando pequenas fagulhas brilhantes que redemoinhavam para o alto. Com seus olhos saltados, o bugre acompanhava calado a acalorada discussão travada entre os dois companheiros.

— Bien, já é hora de sairmos desses ermos... — Júlio decretou com exasperação.

— O Carlos nos disse que, se nos separássemos por qualquer motivo, deveríamos esperar nessa região — Raul atalhou rispidamente e correu a vista pela paisagem exuberante da região serrana para tentar se acalmar. O tom verdejante das árvores iluminadas pelo sol da tarde encheu os olhos do elegante andarilho.

Raul sabia que o irascível companheiro procurava um motivo qualquer para iniciar um confronto, mas tal conhecimento não tinha o condão de apaziguar seu ânimo o suficiente para que o intento do homenzarrão restasse fadado ao fracasso. Júlio tinha o poder de irritar até mesmo a mais calma das criaturas.

— No hay más sentido em esperar pelo Carlos — o gigante observou com mau humor, depois de extrair a última gota de vinho do seu cantil de couro. Balançou o odre virado de ponta-cabeça sobre a goela insaciável até não restar dúvida de que se esgotara completamente sua reserva especial. — Passaram-se muitos ciclos e nenhum sinal dele. Nosso antigo alfa é carta fora do baralho. Já passou da hora deste grupo ter um novo líder — declarou com ar superior.

— E essa pessoa seria vosmecê, Júlio? — Raul indagou com sincera incredulidade.

O gigante se colocou empertigado diante de Raul, fazendo uso de seu tamanho para intimidar o beta.

— Não vejo outro homem melhor para o cargo, *conselheiro* — disse, escandindo o título com evidente menoscabo.

O hálito mefítico rescendendo a vinho velho fez Raul virar ligeiramente a cabeça e Júlio aproveitou o ensejo para provocá-lo tocando em seu brinco de ferro com a manzorra suja e atrevida. O gesto afrontoso surtiu seu efeito e o membro indiscreto logo foi afastado por um rápido tabefe desferido por Raul.

Três características eram manifestas na índole daquele titã: uma sede profunda com predileção açorada por bebidas alcoólicas; uma ambição desmedida e incompatível com as limitadas capacidades do seu intelecto; e, por fim, mas não menos idiossincrática, uma aleivosia sem peias usada para a consecução de quaisquer que fossem seus objetivos.

Não obstante a notoriedade daquele temperamento, Raul se deixou arrastar para aquela arapuca. Já esperando por aquela reação irrefletida, Júlio aproveitou-a como desculpa para acertar um soco no maxilar do oponente, antes que Raul pudesse esboçar uma defesa ou se preparar para o enfrentamento. Sem dar chance para qualquer recuperação, o gigante desferiu novos golpes na altura do abdômen até que o companheiro caiu atordoadado, arfando inutilmente em busca de ar.

Sob o olhar amedrontado de Tibério, Júlio sentou-se sobre o corpo de Raul, prendendo-lhe os braços com as pernas.

— É HORA — um murro contra a lateral da cabeça de Raul aumentou seu torpor — DE CADA UM — uma pancada de frente afundou o antes afilado nariz do beta — SABER O SEU DEVIDO LUGAR — um golpe sobre o olho provocou uma laceração no supercílio do adversário derrubado — NESTA ALCATEIA!

Com o oponente à beira da inconsciência jazendo a seus pés, Júlio se levantou e vociferou em desafio: — Alguém mais quer disputar o posto de alfa?

Como que em resposta à petulante indagação, uma conhecida sensação de formigamento se fez sentir nesse momento na parte de trás da cabeça de cada membro do trio.

— Estão sentido isso? — Tibério perguntou animadamente, levantando-se afoito e olvidando os cuidados com o espeto de carne que caiu sobre as brasas. — Será que é o Carlos? Carlos, estamos aqui! — gritou.

Uma agitação no mato ao redor da clareira anunciou a aproximação do outro lobisomem. Júlio deu dois passos para trás liberando os movimentos de Raul que se sentou precariamente apoiando-se nos cotovelos, forcejando para controlar a sensação de que o mundo girava sem controle. Tibério encarava o matagal, quase batendo palmas de excitação pueril.

Para a decepção de dois e o alívio de um dos membros do grupo, no lugar da figura vetusta e austera do alfa, surgiu um homem desconhecido, com estatura e compleição rivalizando com as de Júlio. Este foi o primeiro a se recuperar da surpresa e deu um passo a frente levando a mão ao punhal que sempre carregava na cintura.

— Quem é usted, estranho?

— Buenas! Venho em paz. Yo soy, ou melhor, yo era um combatente farroupilha. Carvalho é minha graça.

— Ah, mais um desertor... — Júlio observou com desprezo. — Não é à toa que o Exército continentino está à caça de novos recrutas^[36].

— No estoy fugindo da luta, compadre. Mas agora vou pelear em outra frente — Sétimo declarou solenemente.

— Usted não me é estranho... — Júlio observou se aproximando do forasteiro. — Já nos conhecemos, hombre?

— Creio que no. Acho que no tive esse prazer — mentiu sem titubear e rapidamente mudou de assunto. — Mas conheci o homem que se identificou como o líder deste grupo. Disse que se chamava Carlos Lupicínio, porém no sé se este era seu nome de verdade...

— Ele está bem? — Tibério questionou açodado.

— Preste atenção ao que está fazendo, paspalho! — Júlio ralhou ao sentir o cheiro da carne queimando.

Tibério tirou o espeto da fogueira e cortou a peça em três grandes pedaços que dividiu com os companheiros. A parte chamuscada da carne sobrou para ele mesmo. A maior porção, com o sangue suculento ainda escorrendo, foi entregue a Júlio. O pedaço que coube a Raul permaneceu no espeto, apoiado de encontro a uma árvore, à espera de que o beta se recuperasse da tunda recebida. Nada foi oferecido ao recém-chegado.

— Sinto muito — Sétimo dirigiu-se ao bugre. — Ele morreu, mas me pareceu realmente ser um bom sujeito — pontuou com sinceridade.

— O que houve com ele? — Raul conseguiu articular com a voz engrolada e cuspiu uma saliva grossa mesclada com sangue e dois pedaços de dentes quebrados. Um fio de baba ficou pendurado sob seu queixo, mas o beta não se preocupou em limpá-lo.

— Nós nos encontramos quando ele estava fugindo de uma tropilha legalista. Prestei meu auxílio e oferecemos combate aos malditos bastardos, mas, infelizmente, ele no conseguiu sobreviver.

— Foi ele que o tornou um de nós? — o gigante indagou resabiado.

Sétimo pegou uma garrafa de seu saco de viagem e abriu a rolha. Ofereceu um trago para o andarilho caído e com a face macerada, mas teve o frasco brutalmente tomado de suas mãos.

— Vamos! Desembuche — instigou o gigante e depois tomou um gole do vinho.

— Sim, foi ele que me ofereceu o que chamou de dádiva da lua. Por alguma razão, ele viu algo de valor em minha pessoa ou nos meus atos e me transformou num lobisomem. Desde minha primeira lua cheia, há muitos ciclos atrás, venho procurando por esta alcateia.

Sétimo estendeu a mão para recuperar a garrafa de vinho, mas ela foi afastada por um repelão descortês do gigante.

— Não te preocupe, Carvalho. Sua bebida está em boas mãos — Júlio gracejou, após tomar mais alguns goles longos diretamente do gargalo. — Que é muito boa, a propósito — elogiou, estalando a língua e erguendo o recipiente num brinde.

— Ah, é uma safra mui especial, com uma nota picante e feita especialmente para homenagear meu pai. — Sétimo viu os últimos raios de sol escapando pela borda alaranjada que descia no horizonte. Não faltava muito para que o astro diurno fosse substituído pelo satélite prateado.

— Muito bom, muito bom — ponderou enquanto analisava o forasteiro, circulando a seu redor. — Usted alega ter sido escolhido pelo antigo alfa. Bien. Más somente isso e uma boa garrafa de vinho não te garante um lugar na alcateia. Hay um teste de sobrevivência que usted tiene que passar. Uma antiga tradição da nossa espécie. Usted deve conseguir sobreviver a uma noite sendo caçado pelo bando.

— Mas yo no estoy aqui apenas para ocupar um lugar na alcateia. Vim assumir a posição de alfa. Pelo que pude ouvir quando cheguei, ainda havia uma disputa pelo cargo, no?

— Isso é um absurdo! — esbravejou o gigante.

— Por quê? Tu estás com medo de no ser capaz de me derrotar numa luta justa? — Sétimo lançou o repto com um tom de zombaria.

Tibério e Raul olharam para Júlio. O gigante manteve sua fisionomia impassível diante da afronta.

— Hahahaha — o homenzarrão gargalhou depois de alguns instantes. — Usted é muy valente ou muy estúpido, hombre. Será um prazer acabar com essa empáfia.

— Mas, Júlio, essa não é a regra. É uma simples caçada, não uma luta. E toda a alcateia participa do teste... — Tibério tentou argumentar quando um forte aperto em seu gasganete interrompeu suas palavras e aproximou seus olhos esbugalhados do rosto cruel do gigante.

— Usted vai pegar aquele saco pomposo de estrume — disse, apontando para Raul — e se afastar daqui. Agora sou o líder desse bando e faço minhas próprias regras! Vou ensinar uma lição a esse novato e, se estiver de bom humor e ele conseguir sobreviver ao processo, posso permitir que se junte ao bando. — O aço frio do punhal foi encostado no pescoço de Tibério. — Entendeu direito, cara de sapo?

— Sim, Júlio. Claro, Júlio — o bugre concordou coçando a barba rala com a ponta dos dedos. Liberto da esganadura, passou a mão pelo pescoço e, ao constatar a ausência de cortes, ajudou Raul a se colocar de pé e ambos começaram a se afastar do local por uma das trilhas que dava acesso ao platô, bem ao lado da árvore onde estava encostado o espeto com o que restou da paca assada.

Júlio se adiantou aos dois e tomou o espeto para si, arrancando grandes mordidas do bocado que caberia a Raul, sob o olhar ressentido dos companheiros. Quando deixou de sentir a proximidade daqueles lobisomens, dirigiu-se ao forasteiro com a boca ainda cheia de carne.

— Se usted tiver juízo, hombre, vai correr por sua vida. Meu lobo não tem bons modos e não posso garantir sua segurança se ficar para enfrentá-lo.

Sétimo ficou em silêncio e tirou as roupas com presteza, sentindo na pele a chegada impostergável do momento da transformação.

Uma rajada de vento fez farfalhar as folhas das árvores e atraiu a atenção dos oponentes. Junto a uma senda precariamente aberta na vegetação, um vulto pequeno e de pele morena assistia calado ao enfrentamento iminente. Rapidamente a diminuta figura de cabelos vermelhos dirigiu seus olhos para os restos da carcaça da paca que fora assada mais cedo naquele dia e, numa espécie de aprovação silenciosa, meneou a cabeça encarando os homens boquiabertos. Antes que eles esboçassem qualquer reação, o pequeno vigia se afastou pela trilha na mata, embora as pegadas deixadas na terra indicassem o contrário.

Aproveitando-se do momento de distração, Júlio avizinhou-se sorrateiramente pelas costas do forasteiro e desferiu duas punhaladas pouco acima da cintura.

Sétimo sentiu seus joelhos fraquejarem e se dobrarem com a dor inesperada. Deixou o corpo cair para a frente apoiando as mãos no chão. O gigante não tinha intenção homicida, pois sabia que ferimentos como aqueles seriam curados pela transformação, mas isso enfraqueceria consideravelmente o desafiante, conferindo-lhe uma vantagem sobre o outro lobisomem.

— Última chance, guri. Fuja e poderá viver — Júlio sentiu a força do plenilúnio se irradiando sobre seu corpo e dando início à metamorfose.

— Prefiro morrer lutando a viver ajoelhado aos pés do bastardo responsável pela morte de meu pai — Sétimo ainda conseguiu proferir as palavras antes dos seus ossos faciais começarem a se estender para adquirir o formato lupino.

Em seu último lampejo de pensamento humano, Júlio reconheceu no oponente o rapaz magricela que, anos antes, escapara de sua vingança mesquinha. Não

haveria misericórdia para o oponente. Ele decidiu que, nessa noite, poria um fim cabal e definitivo naquela tarefa inacabada.



Quando o dia finalmente morreu no Oeste, a lua cheia lançou seus raios como um halo prateado que iluminou uma clareira verdejante no topo de um morro cercado de árvores.

A metamorfose dolorosa se completou rapidamente, com todos os ossos se alongando e se contorcendo para adquirir o delineamento animalesco da criatura sobrenatural. Os músculos tremiam espasmódicos e a pele formigava enquanto uma camada de pelagem espessa substituía a epiderme lisa e quase sem pelos. Apesar da modificação corporal ligeira, ambas as feras aparentavam momentânea letargia.

Os dois lobisomens se movimentavam lentamente, mantendo as posições diametralmente opostas de um círculo amplo. No centro, as chamas da fogueira bruxuleavam ao sabor do vento.

Passo a passo, os licantropos andavam vagarosamente por sobre a relva banhada de orvalho, analisando atentamente o adversário. Os pelos da cernelha estavam arrepiados. As orelhas triangulares, praticamente coladas à grande cabeça peluda, denunciavam a feroz expectativa da violência. As gengivas retraídas permitiam vislumbrar as grandes presas brancas que refletiam ora a luz alaranjada do fogo, ora o brilho pálido do luar. Um rosnado gutural e constante escapava das bocarras abertas.

Nesse estudo meticuloso do adversário, os minutos foram se passando sem que nenhum deles se arriscasse a um ataque.

Ambos os lobisomens eram corpulentos e robustos, ostentando uma basta pelagem cinzenta muito escura, diferenciando-se apenas pelo fato de que um deles ostentava dois losangos de pelos negros como o azeviche em volta dos olhos que, naquele momento, rutilavam de modo sinistro.

As criaturas não tinham a perfeita lembrança de suas contrapartes humanas, mas guardavam a inequívoca certeza de que deveriam abater o licantropo oponente. Embora os homens tivessem uma gama diversificada de interesses e ambições, cada um dos lobisomens cinzentos queria apenas a primazia da alcateia e, para isso, deveria eliminar o adversário.

Lenta e paulatinamente, os corpos recém-transfigurados e não providos da alimentação restauradora foram se recuperando do torpor que lhes nublava os sentidos, como um miasma pegajoso do germinar da putrescência. Parcialmente refeitos daquela lassidão inesperada e incomum, as feras se atracaram num selvagem embate titânico. As garras afiadas zuniam no ar e conseguiam desenhar trilhas escarlates quando alcançavam a epiderme endurecida do adversário. As presas agarravam a carne rija e, vez ou outra, arrancavam pequenos bocados de couro e fibras estriadas.

Uma das criaturas conseguia mover a pata direita tão rápida e fortemente, como faria um exímio espadachim, que aplicava um severo castigo no corpo do oponente, porém, nem um nem outro monstro carniceiro lograva atingir um ponto vital ou provocar dano de grande monta no rival.

Sem o consumo de carne fresca, o corpo bestial dos lobisomens demorava um pouco mais para se recuperar dos pequenos ferimentos infligidos na refrega, fazendo com que a disputa entre as criaturas se assemelhasse mais a um ritual de lenta e gradual imolação recíproca. Não obstante, nenhum dos contendores conseguia prevalecer sobre o outro, nem tampouco admitia a própria derrota. A fogueira já se reduzia a um monte de brasas tépidas recobertas por uma grossa camada de cinzas.

Quando o impasse parecia insuperável, Sköll e Geri voltaram para a clareira do terreno elevado onde se desenrolava a acirrada disputa. A lua cheia estava alta na abóbada celeste mas não exibia mais a mesma resplandecência. Uma sombra morosa começou a avançar sobre o disco prateado.

— *Meus amigos! Chegaram em boa hora* — Wendigo saudou os companheiros de alcateia com alívio evidente.

Geri começou a andar em direção ao flanco de Wendigo, mas teve seu caminho interceptado pelo lobisomem de dorso negro.

— *Sköll! Geri! Eu ordeno que vosmecês me ajudem a abater esse... esse filhote atrevido!* — vociferou e, diante da inércia dos licantropos, completou: — *Vosmecês devem lealdade a seu alfa!* — conclamou, deixando um fio de medo transparecer nas palavras.

— *O Tchevolku desapareceu muitos ciclos atrás.* — As palavras vinham de Sköll. — *Vosmecê não é o alfa, Wendigo. Pelo menos, não ainda.* — Muito além das palavras, imagens e sensações foram transmitidas telepaticamente na forma única da comunicação entre os lobisomens. O licantropo que não pertencia à alcateia recebeu a torrente de informações. — *E acho que já é mesmo a hora de termos um novo líder. Que vença o melhor! Afinal, não existe lugar para fraqueza na alcateia.*

Com as caudas abaixadas, Geri e Sköll recuaram para a borda da clareira e se deitaram com o focinho quase tocando o chão.

Wendigo urrou de frustração e retomou o ataque com novo ímpeto. Avançou contra o outro lobisomem, prendendo-o num poderoso abraço de urso. Imprimiu mais e mais força na tentativa de romper a coluna do lobo desafiante. Este, percebendo sua posição desvantajosa, concentrou toda sua força para liberar o braço direito e, com uma patada certa, atingiu a traqueia de Wendigo.

Livre do amplexo esmagador, o licantropo demorou alguns segundos para se recuperar. Então, Wendigo, aproveitando-se deste breve atordoamento, ergueu o oponente nos braços e arremessou seu corpo contra o tronco de uma árvore. A pancada ressoou pela noite. Caído de lado, o desafiante arfou ofegante.

— *Arrá! Vosmecê está acabado!* — Wendigo proclamou com superioridade.

O lobisomem derrubado virou a cabeça expondo o pescoço desprotegido.

— *Tarde demais para rendição, filhote!* — Wendigo completou em triunfo.

Mas o desafiante não havia admitido a derrota. Sua cabeça se elevou para que seus olhos pudessem avistar a lua cheia. Algo enterrado em sua memória o avisava que aquele era o momento da virada.

O eclipse lunar atingiu seu ponto culminante. A sombra da Terra havia encoberto a totalidade do disco da lua cheia fazendo-o adquirir uma tétrica tonalidade avermelhada. Uma lua de sangue.

— *Yo no me chamo “filhote”, desgraçado!* — Levantou-se sobre as patas traseiras e fez as garras deslizarem de cima para baixo no corpo de Wendigo, atingindo o adversário como um potente golpe de espada. — *Yo soy o lobisomem más casca-grossa que já cruzou o teu caminho e serei o alfa a partir de hoje! Na verdade, pretendo ser o maior alfa que essa alcateia já conheceu! O maior alfa! E ESSE SERÁ MEU NOME: MAIORAL!!* — declarou para o adversário e para o mundo.

Com o peito talhado pelo golpe, Wendigo recuou para perto da fogueira. Nesse momento, uma estranha e inesperada transformação se iniciou em seu corpo. Antecipando a hora do romper da alvorada, a combinação do eclipse lunar com o acônito dissolvido no vinho trazido por Sétimo forçou o retorno das características humanas. A figura portentosa do lobisomem cinzento foi substituída pelo corpo muito mais frágil de Júlio.

Sob o olhar estupefato do resto da alcateia, o amedrontado gigante humano levantou as mãos e balbuciou súplicas e invectivas. Nenhuma das palavras encontrou eco na mente animalesca dos lobisomens.

Ciente da inutilidade de tentar argumentar ou lutar contra as feras, o homenzarrão disparou por uma das veredas que dava acesso ao platô.

O novo alfa se pôs sobre as quatro patas e fez cintilar ainda mais fortemente as escarlates gemas oculares. Assumindo a posição de comando do pequeno grupo de licantropos, adiantou-se em frente à trilha utilizada por Júlio e fez o convite: — *Sigam-me!*

Sem precisar virar a cabeça na direção de Geri e Sköll, o lobisomem que ascendeu meteoricamente à posição de domínio da alcateia notou a ligeira hesitação dos companheiros.

— *Vosmecês no preferem a comida que corre?* — perguntou antes de se lançar à breve perseguição.

Sob a luz rúbida da lua de sangue, o corpo de Júlio foi estraçalhado por presas e garras. A carne do pérfido e cruel gigante serviu de repasto aos três lobisomens.



Junto com a aurora de róseos dedos, surgiram dois espectros no campo visual de Sétimo. Um distante fantasma de grandes proporções e atitude hostil, que gritava inutilmente, sem que sua voz chegasse ao conhecimento do ex-aprendiz de caçador. A outra aparição, uma mulher de cabelos negros e olhos violeta, não se encontrava tão distante e o assombrava diuturnamente com palavras acres e seu constante olhar de ódio e reprovação.

— Seja bem-vindo, amigo — Raul saudou o novo líder com satisfação inescandível. — Não sei bem como, mas vosmecê fez por merecer seu lugar no grupo. Bom trabalho! Agora o ônus da chefia é seu — o beta declarou com evidente alívio. — Já que participou ativamente dessa guerra, deve conhecer melhor os rumos que devemos seguir. Aguardamos sua ordem.

— *Sim. Vosmecê deve mesmo poder orientar esse bando de assassinos. Morte e desventura parecem ser sua especialidade* — arengou, petulante, o fantasma de Jennifer.

Sétimo demorou alguns instantes ocupado em esquadrihar aquela paisagem. Um mar infundo de sangas e coxilhas constantemente açoiado pelo gélido minuano. Ele sentia não pertencer mais àquela terra, sentia não ter mais vínculos com sua antiga vida. Órfão inconsolável, amante desprezado, aprendiz renegado, rebelde desertor... Nenhum daqueles papéis lhe assentava mais na pele. Um desapego irrestrito e absoluto por tudo que antes lhe fora tão caro era a única resposta que seu espírito encontrou para possibilitar a continuidade de sua existência.

— Nós devemos abandonar essa província. Hoje mesmo, se for possível. No sé de vós, mas yo no tenho mais nada que me segure nesse lugar.

— *Vosmecê não tem mais nada porque matou todos ao seu redor. Espalhou a morte como um agricultor esparge as sementes no campo* — esganiçou-se o espectro. — *Agiu como um déspota, um tirano, um rei ensandecido! Como o Kaiser que vosmecê tanto apreciava criticar! Maldito seja, Sétimo!*

— *Um Kaiser, eu? Ou um Czar... Até que essa no é má ideia* — observou com sarcasmo.

— Então, Carvalho? Para que lado seguimos? — Raul tornou a questionar.

— Para a província de São Paulo — o novo líder respondeu ao garboso companheiro. — As fazendas de café se utilizam largamente de mão de obra cativa e nossos talentos naturais serão mui úteis no trabalho de captura dos escravos. Podemos ganhar muita prata para vivermos confortavelmente. E se um ou outro negro fujão desaparecer nas noites de lua cheia, isso no vai levantar qualquer suspeita, no é mesmo? — falou em tom despreocupado. — E, a propósito, Sétimo de Carvalho já no existe más. Ele, como toda a sua família, morreu nestas coxilhas. A partir de agora, compadre, tu podes me chamar de César.





Epílogo



II/MAR/2006
SÁBADO
1º dia do ciclo da lua cheia



SÉTIMO, OU MELHOR, CÉZAR (HÁ MUITAS DÉCADAS ele não pensa em si mesmo como o jovem rio-grandense da família Carvalho) está sopesando tudo que construiu como alfa daquela alcateia. Muito além da mera preservação do legado de Carlos Lupicínio, um simples andarilho sem pouso certo, ele criou um refúgio seguro e aprazível para os lobisomens encravado da Serra da Cantareira. A fachada de um motoclube servia a um duplo propósito de angariar recursos financeiros e prospectar novos integrantes da alcateia.

Ao contrário dos humanos, que enfraquecem a própria espécie protegendo e preservando os fracos, indefesos e doentes, o líder dos lobisomens conseguiu fortalecer a raça licantrópica criando e acolhendo novos indivíduos fortes e capazes de manter o segredo da linhagem.

A pequena alcateia mudou e cresceu. A perda de Raul foi um fato lamentável, mas ter o paspalho do Tibério longe de suas vistas foi um alívio. Agora, seu bando tem cinco lobisomens leais e de primeira linha. Bom, talvez o magricela do Marcelo não seja realmente uma grande aquisição, mas ele tem as suas utilidades.

Depois da morte de Licurgo, Cézar nunca mais ouviu falar nos caçadores de lobisomens. Talvez a Ordem dos Caçadores de Judas finalmente tenha se extinguido. Talvez não houvesse mais caçadores. Mas todo o cuidado era pouco. Como seu antecessor, ele entende a importância da preservação do sigilo da existência dos lobisomens. Ele acende um charuto e expele anéis de fumaça azulada no ar noturno.

Uma brisa gelada agita as brasas da churrasqueira à sua frente. O frescor da aragem não traz consigo a sensação cortante do minuano, mas lhe aviva na memória as lembranças da terra natal. Ele afasta as reminiscências como moscas inoportunas.

Longe de querer se debruçar sobre o passado, o alfa tem a intenção de pavimentar um glorioso futuro. Cézar faz planos de abrir filiais do motoclube em

outros Estados e, em cada MC, uma nova alcateia. Para tanto, precisa de um licantropo com conhecimentos técnicos específicos para auxiliar nessa empreitada. Ele nunca confiará os negócios do grupo a um mero humano. Um bisbilhoteiro pode analisar os documentos com muita atenção e descobrir o fio da meada que entrelaça aquele pedaço de terra e uma sucessão de pessoas que têm diferentes patronímicos, mas idêntico prenome. Ele nunca se cansou da alcunha e não consegue mais se enxergar com outro nome: Cézar.

O alfa precisa de um lobisomem mais instruído, versado nas leis e nessa burocracia dos dias atuais, mas é difícil encontrar um homem com tais características e que possa se adaptar à vida mais selvagem sob o auspício da lua cheia. Talvez o novato encontrado pelo Marcelo, o membro mais inoportuno da alcateia, seja aquilo que falta para dar início a seus objetivos de expansão.

Cézar nota uma grande moto esportiva estacionando ao lado de sua Harley Davidson. Marcelo se adianta pelo caminho que leva ao estacionamento e aborda o recém-chegado, começando a tagarelar incessantemente, como é de seu costume.

Depois de uma breve e costumeira repreensão ao magricela, o alfa se adianta e faz uma análise silenciosa a respeito do candidato. O charuto ainda aceso balança no canto de sua boca, derrubando a cinza.

— Buenas! Seja bem-vindo, amizade! — Cézar diz ao estender a manzorra ao convidado. Ele aperta com força, para incutir no novato a exata noção de sua superioridade.

Entretanto, apesar da força exercida, Cézar não consegue extrair a reação esperada. Em lugar de reclamar ou, ao menos, fazer uma careta de dor, o recém-chegado, apesar de muito menor que o alfa, retribui o poderoso aperto de mãos e suporta estoicamente, sem demonstrar qualquer sinal exterior de desconforto, a dor que por ventura pode estar sentindo.

Humm... O sujeitinho é duro na queda — o alfa pensa consigo mesmo. Mas não importa. No devido tempo, ele vai se dobrar, assim como todos os outros. É só uma questão de tempo...



Post scriptum: Se você quiser saber o resultado do embate entre Sétimo, agora chamado de Cézar, e o lobisomem novato que será testado para fazer parte da alcateia do Maioral, não deixe de ler Crônicas da Lua Cheia – A Maldição do Lobisomem.

LINHA CRONOLÓGICA

- 17/Jan/1832 (terça-feira) – 4º dia do ciclo da lua cheia – promessa de casamento entre Gwenhwyfar e Sétimo – Cap. 01;
- 24/Mar/1832 (sábado) – quarto minguante – Sétimo é aceito na tropa – Cap. 02;
- 1º/Abr/1832 (domingo) – lua nova – a tropa esbarra na alcateia – Cap. 03;
- 05/Abr/1832 (quinta-feira) – quarto crescente – Sétimo é salvo por Carlos – Cap. 04;
- 13/Abr/1832 (sexta-feira) – 2º dia do ciclo da lua cheia – a tropa é atacada pela alcateia – Cap. 05;
- 18/Mai/1832 (sexta-feira) – quarto minguante – Sétimo, entorpecido, se recupera do ataque – Cap. 06;
- 29/Mai/1832 (terça-feira) – lua nova – Sétimo conhece Licurgo – Cap. 07;
- 16/Jun/1832 (sábado) – 7º dia do ciclo da lua cheia – Wendigo se afasta da alcateia para caçar sozinho – Cap. 08;
- 30/Mai/1833 (quinta-feira) – 1º dia do ciclo da lua cheia – Sétimo decide iniciar seu treinamento – Cap. 09;
- 24/Dez/1833 (terça-feira) – 2º dia do ciclo da lua cheia – Sétimo em treinamento – Cap. 10;
- 07/Ago/1835 (sexta-feira) – 3º dia do ciclo da lua cheia – alcateia é capturada por farroupilhas – Cap. 11;
- 06/Out/1835 (terça-feira) – 4º dia do ciclo da lua cheia – Sétimo encerra seu treinamento – Cap. 12;
- 07/Out/1835 (quarta-feira) – 5º dia do ciclo da lua cheia – Sétimo e Licurgo iniciam a viagem a São Leopoldo – Cap. 13;

- 08/Out/1835 (quinta-feira) – 6º dia do ciclo da lua cheia – a alcateia refugia-se na região serrana de Canela – Cap. 14;
- 05/Fev/1836 (sexta-feira) – 7º dia do ciclo da lua cheia – chegada em São Leopoldo. Licurgo não encontra o ourives da Ordem e Sétimo retorna à estância de sua família – Cap. 15;
- 09/Fev/1836 (terça-feira) – quarto minguante – Licurgo resgata Sétimo do luto pelos pais – Cap. 16;
- 27/Mai/1836 (sexta-feira) – 1º dia do ciclo da lua cheia – Licurgo parte, sem Sétimo, para Curitiba – Cap. 17;
- 27/Set/1836 (terça-feira) – 7º dia do ciclo da lua cheia – Sétimo descobre o paradeiro de Jennifer – Cap. 18;
- 22/Out/1836 (sábado) – 2º dia do ciclo da lua cheia – a alcateia se afasta do refúgio nas serras – Cap. 19;
- 25/Dez/1836 (domingo) – 6º dia do ciclo da lua cheia – Sétimo encontra Carlos e são perseguidos por uma tropilha de soldados imperiais – Cap. 20;
- 19/Fev/1837 (domingo) – 3º dia do ciclo da lua cheia – Sétimo reencontra Jennifer – Cap. 21;
- 23/Mar/1837 (quinta-feira) – 5º dia do ciclo da lua cheia – Sétimo reencontra Licurgo – Cap. 22;
- 13/Out/1837 (sexta-feira) – 4º dia do ciclo da lua cheia – Sétimo reencontra Júlio – Cap. 23.



CICLO DA LUA CHEIA

1º dia – transformação às 24h00

2º dia – transformação às 22h00

3º dia – transformação às 20h00

4º dia – transformação ao poente

5º dia – transformação às 20h00

6º dia – transformação às 22h00

7º dia – transformação às 24h00

AGRADECIMENTOS

A meu filho Alexandre, meu incentivador e colaborador de todas as horas, muito obrigado. Não teria persistido nessa vocação tardia de escritor sem o seu apoio.

Agradeço, também, à Valéria, minha esposa, pela paciência de ler e reler as diversas versões desta história e por suportar os surtos de inspiração repentina que me prenderam (às vezes, em demasia) em frente ao computador.

Obrigado, Guilherme Zorato, o amigo dedicado que aceitou a árdua tarefa de atuar como leitor beta. Seu entusiasmo e incentivo foram importantes nesta empreitada.

Se você está lendo esse livro, tenho certeza de que foi atraído pela bela capa, razão pela qual não posso deixar de registrar minha gratidão ao talento de Jéssica Lang.

Quero estender meu reconhecimento à Gui Liaga. Embora minhas habilidades literárias não tenham sido suficientes para incorporar todas as melhorias possíveis na obra, suas dicas foram essenciais por tornar o livro mais palatável.

Um agradecimento especial ao escritor gaúcho João Simões Lopes Neto de cujas obras “Contos Gauchescos” e “Lendas do Sul” foram extraídas a cançoneta e várias expressões regionais do povo dos Pampas. Todo o reconhecimento aos dedicados responsáveis pela Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro da USP (www.bibvirt.futuro.usp.br) que disponibilizam gratuitamente as obras retrocitadas e um acervo respeitável com diversos outros títulos.

Quero expressar, outrossim, meu muito obrigado aos autores Moacyr Flores (*Modelo Político dos Farrapos*) e Hernâni Donato (*Dicionário das Batalhas Brasileiras*). Os eventuais equívocos desta obra são de minha responsabilidade.

Aproveito a oportunidade para agradecer, ainda, aos diversos podcasters que me proporcionam horas e horas de um conteúdo que me serve de entretenimento e inspiração. Se você ainda não conhece essa mídia, não perca tempo e busque os sites do Nerdcast, Mundo Freak Confidencial, Magickando, Mitografias (Papo Lendário), Matando Robôs Gigantes, Os 12 Trabalhos do Escritor, Perdidos na Estante, Covil de Livros, Mamilos, Curta Ficção, Fronteiras da Ciência, Projeto Humanos, Gente Que Escreve, Ponto G, Rei Grifo e toda a nossa imensa e interessante podosfera nacional.

Por fim e uma vez mais, a você, que se deu ao trabalho de chegar ao final deste livro, meu mais sincero agradecimento.



BIOGRAFIA



Desenho de @garcia_janio (Instagram)

Clecius Alexandre Duran nasceu em 23 de maio de 1972 na cidade de São Paulo/SP e atualmente reside em Londrina/PR. Formado em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP no ano de 1994 e com especialização em Direito Tributário pelo Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sócio Econômicos – INBRAPE. Atua como Procurador do Estado do Paraná desde o ano de 2000 e, no período de 2001 a 2009, ministrou aulas junto à Universidade Norte do Paraná – Unopar e à Escola da Magistratura do Paraná – EMAP. Ávido consumidor de livros, cinema, quadrinhos, videogames e podcasts, afastou-se da seara jurídica para aventurar-se na criação de um universo em que

lobisomens e outros seres sobrenaturais vivem à margem e à espreita da humanidade.

E-mail do autor: cleciusduran@hotmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/leciusalexandre.duran>

Twitter: @cleciusduran



<https://www.instagram.com/leciusduran/>

OUTRAS OBRAS

O lobisomem poderia ser mais que um mito? Esta é a questão que a série *Crônicas da Lua Cheia* tenta responder.

Transformações nas noites de lua cheia, severa alergia à prata, suscetibilidade aos efeitos do acônito e visão dos espíritos das vítimas sacrificadas à sanha licantrópica são alguns dos elementos presentes na série, além da óbvia fome insaciável dos lobisomens. Diversos aspectos da mitologia dos licantropos são trabalhados nos livros para criar um universo coeso em que o desenrolar de cada história segue ao lado de tais regras estabelecidas.

Crônicas da Lua Cheia é uma série de antologia, razão pela qual os volumes não são numerados. Cada livro conta uma história independente, com início, meio e fim. Dentro desse mundo fantástico povoado de lobisomens e outras criaturas místicas, você poderá notar a presença de certos personagens em mais de uma obra, mas a narrativa foi criada com a intenção de permitir a leitura independente (e em qualquer ordem) de cada volume.

Você gostou deste livro e quer imergir completamente nesse universo fantástico iluminado sob o halo prateado da lua cheia, em que feras bestiais e outros seres sobrenaturais caminham entre nós? Bem, faça-o por sua conta e risco e não deixe de conferir as obras indicadas a seguir.

Ah, e se quiser contribuir para aumentar a visibilidade do livro, faça uma avaliação na Amazon ou na rede social Skoob (www.skoob.com.br). Sua opinião é muito importante!



Crônicas da Lua Cheia – A Maldição do Lobisomem



“Nas noites de lua cheia, uma alma solitária é atormentada por dores excruciantes decorrentes de uma drástica mudança física e pela posse de seu corpo por uma outra consciência. Essa é a condenação da maldição do lobisomem.

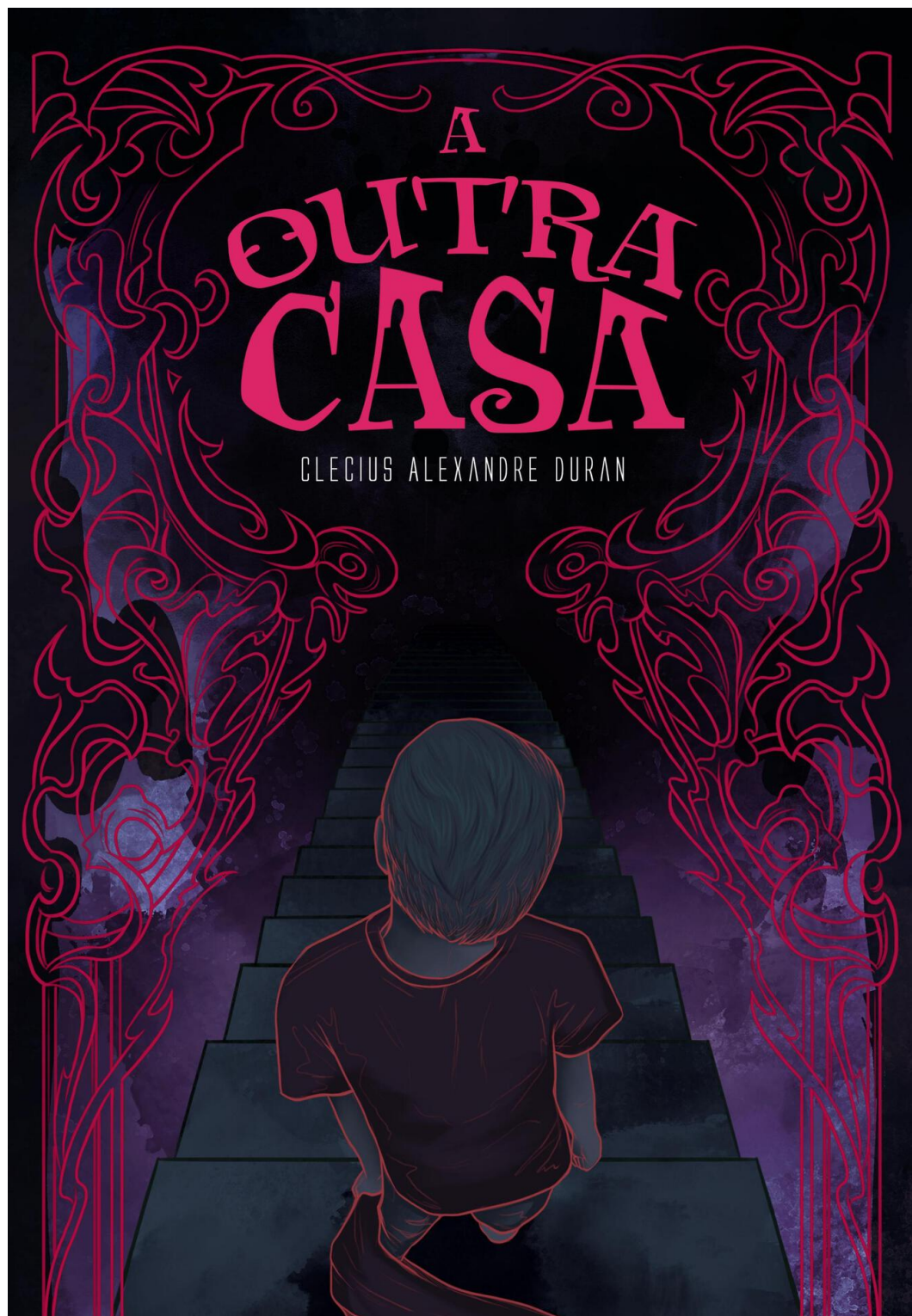
Alexandre e Solitário compartilham o mesmo corpo, mas é o licantropo quem anseia pelo fim dessa coexistência. Ao perseguir uma obscura profecia visando à eliminação de sua contraparte humana, Solitário desafia as ordens do alfa de sua alcateia e coloca a si mesmo (e ao seu alter-ego) sob risco de eliminação.

Mas, na vida, existem destinos piores que a morte.”

Este livro está disponível em versão digital ([e-book](#)) e [física](#) na Amazon ([Compre aqui](#)) e no site www.cronicasdaluacheia.com.br.



A Outra Casa



A Outra Casa é o mais novo romance do autor. Baseado num pesadelo recorrente de sua infância, o livro conta a história de um menino que passa a enfrentar odiosos assédios na calada da noite. Será que algo sobrenatural ronda sua casa ou é a maneira que a mente da criança encontra para justificar mais um caso de violência doméstica? E qual desses casos seria o pior?

Só o que sabemos é que existe um mal inenarrável à solta no mundo... E ele pode viver sob o nosso teto!

A obra está disponível exclusivamente na versão digital ([e-book](#)) e pode ser adquirida na Amazon ([Compre aqui](#)), mas, em breve, também terá uma edição física.



O Brinquedo



Além das obras com a temática licantrópica, o autor possui outros livros que abordam variados seres sobrenaturais que procuram instilar o medo no coração dos leitores.

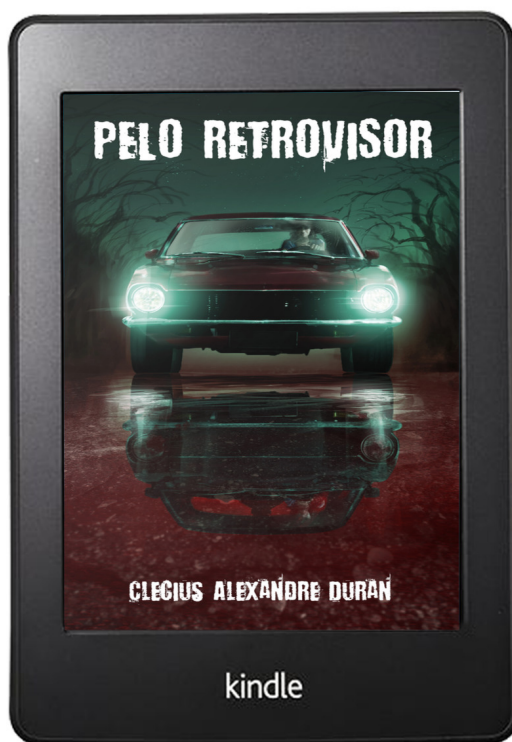
“Conto de terror narrado em primeira pessoa. Embarque nas memórias da infância do protagonista e descubra o mistério por trás de uma estranha caixa de brinquedo.”

A obra está disponível exclusivamente na versão digital ([e-book](#)) e pode ser adquirida na Amazon ([Compre aqui](#)), Confira também o audiobook disponível gratuitamente no site www.cronicasdaluaacheia.com.br.



**CRÔNICAS
DA LUA CHEIA**
e outras histórias

Pelo Retrovisor



Além das obras com a temática licantrópica, o autor possui outros livros que abordam variados seres sobrenaturais que procuram instilar o medo no coração dos leitores.

“Marina recebeu uma ligação de sua mãe, pedindo que ela levasse o antigo carro de seu pai para um ferro-velho em outra cidade. A viagem vai trazer à tona amargas memórias que deveriam permanecer esquecidas. Esta obra descreve cenas fortes e sua leitura não é recomendada para pessoas sensíveis ou que possuam gatilhos emocionais em relação ao assunto violência infantil.”

A obra está disponível exclusivamente na versão digital ([e-book](#)) e pode ser adquirida na Amazon ([Compre aqui](#)).



CRÔNICAS
DA LUA CHEIA
e outras histórias

Quando a Lenda Ganha Vida



No final do ano de 2018, recebi o honroso convite do amigo e escritor Wesnem Tellurian para contribuir com um conto para a Antologia “Quando a Lenda Ganha Vida”, da Editora Sinna.

“O folclore é parte integrante da história e da cultura de um povo. Os mitos, lendas e costumes da Europa se espalharam por todo o mundo e hoje fazem parte do nosso imaginário coletivo. Chegou então o momento de darmos ao Folclore Brasileiro o mesmo tratamento.

Muito do que conhecemos sobre o nosso folclore é aquilo que aprendemos nas escolas. Mas se soubéssemos a verdade dessas histórias antigamente, criança alguma dormiria à noite e muitas delas poderiam ter sua infância destruída... Nem tudo é terror, nem tudo é fantasia. Aliás, você pode nunca ter visto, mas isto não significa que não seja real.

Com toda essa riqueza que temos, a antologia Quando a Lenda Ganha Vida reúne quinze autores nacionais que voltaram seus olhos para a tradição e a cultura do nosso povo.”

A obra está disponível em versão digital (e-book) e física na Amazon e no site <https://www.editorasinna.com.br/quando-a-lenda-ganha-vida-pre-venda>



CRÔNICAS DA LUA CHEIA

[1] Trinta cavaleiros farroupilhas, chefiados pelo cabo Manuel Vieira da Rocha, avançaram pela ponte, sob o disparo afoito dos imperiais, e, com lança em punho e à meia rédea, desbarataram a resistência legalista e puseram em fuga o destacamento de dezoito governistas, incluindo o seu comandante, José Egídio Gordilho de Barbuda Filho, segundo visconde de Camamu.

[2] A capital, cercada de vales e trincheiras, era um ajuntamento de catorze mil moradores distribuídos em casas construídas ao rés do chão, com raros sobrados, enfileiradas ao longo de ruas estreitas e desguarnecidas de esgoto ou água encanada.

[3] A estância foi atacada pelo coronel Rafael Berdun, imigrado do Uruguai, que comandava uma força de trinta combatentes, entre orientais e insurgentes rio-grandenses. Silva Tavares, veterano experimentado nas refregas contra os espanhóis, enfrentou o ataque juntamente com trinta e cinco homens, entre parentes e agregados. As forças combatentes chocaram-se nas pontas do Arroio do Telho em encarniçada luta corpo-a-corpo, aos golpes brutais de lanças e espadas. As forças legalistas contaram uma morte e sete feridos, mas lograram desbaratar os revolucionários. As mortes no lado farroupilha foram mais numerosas. Além do óbito

confirmado de Berdun, um número indeterminado de insurgentes, entre cinco e vinte e um, pereceu sob o gume das armas regenciais.

[4] Não se pode olvidar que mesmo no manifesto de 1835, no início da Revolução, findou sua proclamação com: “Viva a liberdade! Viva a Constituição Reformada! Viva o nosso Jovem Imperador Constitucional!”.

[5] A primeira promessa não podia ser cumprida por contrariar a Constituição Política do Império do Brasil, que, em seu artigo 5º, determinava que a religião católica apostólica romana era a religião do Império e, conquanto admitisse a liberdade de culto doméstico ou particular de outras crenças, vedava que se erigissem templos com forma exterior que evidenciasse um credo diferente do oficial. O implemento da segunda promessa, por sua vez, dependia da edição de uma lei que estipulasse as condições necessárias à obtenção de carta de naturalização, na forma do inciso V do art. 6º do texto constitucional outorgado. Tal diploma legal só seria produzido aos 23 dias do mês de outubro que se contou mil oitocentos e trinta e dois anos da graça e nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, undécimo da Independência e do Império.

[6] Além dos interessados em cultivar pequenas propriedades rurais e se sustentar do fruto desse trabalho, o major Jorge Von Schäffer arregimentava soldados nos estados germânicos sob o rótulo de colonos, pois o Congresso de Viena, realizado em 1814/1815, proibia a contratação de mercenários. Estes imigrantes compunham o Regimento Estrangeiro do Estado Maior que recebeu a seguinte conformação: 2º e 3º Batalhões de Granadeiros, 27º e 28º Batalhões de Caçadores e o Esquadrão de Lanceiros Imperiais.

[7] A província sulista surgiu em território conquistado à Espanha e disputado por quase duzentos anos de ferrenhas disputas bélicas. Por força da tradição, os povos vizinhos da fronteira meridional eram considerados inimigos. Mesmo os casamentos, compadrios e parentescos que os rio-grandenses estabeleceram com os castelhanos ao longo dos tempos não foram suficientes para eliminar a animosidade que ainda persiste até os dias atuais.

[8] Desde o último quartel do século XVIII até aqueles dias, o termo gaúcho tinha conotação pejorativa. Utilizado como sinônimo de gaudério, gaúcho era a gente mestiça, oscilando entre o índio e o branco, morador da Campanha ou da zona de fronteira, que vivia sem pouso certo, não se submetendo às leis e se dedicando à rapinagem do gado alheio. A boa gente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul se autodenominava de rio-grandense, continentino ou farroupilhas. Um pouco mais tarde, quando se levantassem contra o Império, igualmente se arrogariam as denominações de livres e republicanos.

[9] Cada município, por sua vez, se subdividia em freguesias. Cada freguesia possuía uma área limitada com uma igreja matriz e várias capelas. Na igreja matriz se concentrava a administração do poder secular e religioso. Além da emissão de documentos essenciais como certidão de nascimento, licença para casamento e atestado de óbito, essas paróquias, outrossim, reuniam os chamados eleitores de primeiro grau ou votantes, homens com mais de vinte e cinco anos (ou bacharéis e oficiais que ainda não tivessem atingido essa idade) com renda superior a cem mil réis que escolhiam os vereadores da Câmara Municipal, os juízes de paz e os eleitores de segundo grau. Estes, também denominados eleitores, que possuíam renda superior a duzentos mil réis, elegiam os deputados provinciais.

[10] A outra companhia da Guarda Municipal Permanente da província tinha sede na capital, Porto Alegre. No total, a Guarda Municipal contava com pouco mais de duzentos praças e fornecia o policiamento para todo o

território da província e, embora o cavalo fosse o meio de locomoção mais rápido, nem todos os policiais patrulhavam montados.

[11] Caetana Joana Francisca Garcia Gonçalves da Silva, a beldade de olhos verdes, era esposa do coronel Bento Gonçalves da Silva, que encabeçava o movimento que pretendia trazer maior autonomia à província.

[12] (Traduzido do alemão): O que você está fazendo?

[13] Durante a revolução, o exército farroupilha era formado por soldados voluntários (alistados por um juiz de paz ou pelo chefe de polícia de cada município, selecionando cidadãos de boa conduta) e recrutados. Estes últimos eram arrebanhados pelas autoridades entre os solteiros de 18 a 35 anos, brancos, pardos, índios e negros libertos, recrutando-se em primeiro lugar os vadios e aqueles sem domicílio certo.

[14] Sepé Tiaraju foi o cacique que liderou os índios guaranis contra as forças espanholas na Guerra Guaranítica, conflito que perdurou entre 1754 a 1756.

[15] Transcrição da carta: “Senhor. Em nome do povo do Rio Grande, depus o governador Braga e entreguei o governo ao seu substituto legal Marciano Ribeiro. E em nome do Rio Grande do Sul eu lhe digo que nesta província extrema, afastada dos corrilhos e conveniências da Corte, dos rapapés e salamaleques, não toleramos imposições humilhantes, nem insultos de qualquer espécie. O pampeiro destas paragens tempera o sangue rio-grandense de modo diferente de certa gente que por aí há. Nós, rio-grandenses, preferimos a morte, no campo áspero da batalha, às humilhações nas saias blandiciosas do Paço do Rio de Janeiro. O Rio Grande é a sentinela do Brasil, que olha vigilante para o Rio da Prata. Merece, pois, maior consideração e respeito. Não pode e nem deve ser oprimido por déspotas de fancaria. Exigimos que o governo imperial nos dê um governador de nossa confiança, que olhe pelos nossos interesses, pelo nosso progresso, pela nossa dignidade, ou nos separaremos do centro e com a espada na mão saberemos morrer com honra, ou viver com liberdade. É preciso que V.S. saiba, Sr. Regente, que é obra difícil, senão impossível, escravizar o Rio Grande, impondo-lhe governadores despóticos e tirânicos. Em nome do Rio Grande, como brasileiro, eu lhe digo, Sr. Regente, reflita bem, antes de responder, porque, da sua resposta depende talvez o sossego do Brasil. Dela resultará a satisfação dos justos desejos de um punhado de brasileiros que defendeu, contra a voracidade espanhola, uma nesga fecunda da pátria, e dela também poderá resultar uma província ou a formação de um Estado novo dentro do Brasil.”

[16] O comando daquela unidade estava a cargo do major Manuel Marques de Souza, apelidado de Centauro de Luvas, e seguia para aglutinar forças com o destacamento do general João Nunes da Silva Tavares. Juntos, os legalistas enfrentariam os farroupilhas sob as ordens do capitão Manuel Antunes da Porciúncula.

[17] Os rio-grandenses só travavam combate a cavalo lastreados numa noção arcaica de nobreza da cavalaria. Alguns poucos homens de baixa estirpe, negros e colonos auxiliavam no combate a pé. A adoção estratégica e maciça da infantaria como efetiva arma de guerra pelos farrapos só viria a ocorrer a partir de 1841, tarde demais para mudar os rumos da revolução.

[18] O antigo presidente da província, sitiado sob o cerco rebelde, conseguiu embarcar na noite de 23 de outubro do ano anterior na Barra do Rio Grande. Cavaleiros e infantes farroupilhas perseguiram a flotilha de Antônio Rodrigues Fernandes Braga ao longo da barra, disparando com pistolas e espingardas, mas o presidente da província logrou fugir para o Rio de Janeiro. O novo presidente designado pela Regência, José de Araújo Ribeiro, chegou ao Rio Grande em 06 de novembro de 1835, mas não conseguiu tomar posse perante a Câmara Municipal de Porto Alegre, pois a capital estava sob o domínio dos farrapos. Em uma decisão

controversa, José de Araújo Ribeiro tomou posse perante a Câmara Municipal do Rio Grande. A Assembleia Legislativa Provincial, que era comandada pelos deputados farroupilhas, considerou ilegítima tal posse.

[19] O exacerbado bairrismo gaúcho é um traço de cultura que ainda pode ser verificado nos dias atuais.

[20] (Traduzido do alemão): Incrível!

[21] (Traduzido do alemão): Desculpe-me...

[22] (Traduzido do alemão): Maravilha!

[23] Um expoente dessa lealdade era o médico João Daniel Hillebrand, que defendeu com denodo a causa legalista e organizou a Força Legal, depois absorvida pela Companhia de Caçadores Voluntários Alemães que auxiliou na retomada pelo governo imperial de Porto Alegre e da própria Colônia de São Leopoldo.

[24] (Traduzido do alemão): meu amigo caçador

[25] Juca Ourives fez uma segunda investida no dia 19 daquele mesmo mês e voltou a ser batido pelas forças do major João Manuel de Lima e Silva no município de Viamão. Por fim, três dias depois, com os reforços do capitão Francisco Pinto Bandeira, Juca Ourives conduziu quatrocentos e trinta combatentes e dois canhões para romper o cerco farroupilha sobre a vila de São José do Norte. Uma vez mais derrotado, dessa vez sob o comando do coronel Onofre Pires da Silveira Canto, Juca Ourives teve de escapar a nado cruzando uma lagoa nas proximidades de Mostardas.

[26] Um imperial que, no dia 09 de abril daquele ano, aprisionara toda uma guarnição farroupilha em Torres.

[27] A metralha era uma arma de artilharia que consistia numa lata cilíndrica abarrotada de balas de mosquete disparada por um canhão e que cuspiu uma chuva fumegante de projéteis de chumbo.

[28] Corte Real comandava uma tropa com oitocentos soldados, com ordens de apenas vigiar o contingente legalista de Bento Manoel, mas, impetuoso e montado em seu corcel ricamente ajaezado com arreios trabalhados em prata, entrou em combate, sem esperar pelos reforços de Bento Gonçalves da Silva. O afoito comandante revolucionário foi surpreendido por um estratagema de Bento Manoel, que enganou o exército rebelde ao enviar pelo meio do mato sessenta índios guaranis armados com espingardas, flanqueando o inimigo. Depois, com seus excelentes setecentos cavaleiros, Bento Manoel atacou frontalmente os farrapos, desfazendo a formação farroupilha.

[29] Sinônimo de estilingue, a palavra deriva do alemão *Schleuder* e é utilizada nas regiões de colonização teutônica.

[30] Porto Alegre fora retomada pelo Império em 15 de junho daquele ano, e as tentativas de Bento Gonçalves da Silva para recuperar a capital restaram frustradas. Os fortes do Junco e de Itapoã com seus canhões e peças de artilharia, que guardavam a embocadura do Rio Guaíba, caíram no mês anterior sob o domínio regencial com a ação da esquadrilha do Capitão-tenente Guilherme Parker e da infantaria de trezentos e quinze praças sob as ordens do coronel Francisco Xavier da Cunha.

[31] Alguns germânicos de São Leopoldo foram recrutados pelo capitão Hans Ferdinand Albrecht Hermann von Salisch (o mesmo que, com a força de sua lábia, impediu um assalto à Colônia) e, juntamente com as forças dos chefes rebeldes João Manuel de Lima e Silva, Antonio de Sousa Netto e Domingos Crescêncio de Carvalho, debelaram diversos barcos imperiais dispostos na borda do Rio São Gonçalo em Pelotas.

[32] A proclamação da República Rio-Grandense.

[33] Mais de dois mil homens se enfrentaram em Triunfo. O comando dos mil e cem farroupilhas estava a cargo de Bento Gonçalves da Silva, enquanto o milhar regencial obedecia às ordens de Bento Manoel Ribeiro. Os farrapos ocuparam a posição em um morro e em sua ilha fronteiriça, no Rio Jacuí, com o objetivo de cruzar o rio, passando para sua margem direita. A travessia foi impedida pelos disparos dos canhões da esquadilha de John Pascoe Grenfell. Enquanto a artilharia republicana estava ocupada em revidar o fogo dos barcos imperiais, tropas legalistas avançaram simultaneamente sobre o morro e a ilha.

[34] Entre os que se submeteram à rendição, estavam os coronéis Bento Gonçalves da Silva e Onofre Pires da Silveira Canto, bem como o conde italiano Lívio Zambecari.

[35] O médico João Daniel Hillebrand era um hamburguês que se manteve fiel ao Império brasileiro e era um dos expoentes da colônia em contraposição ao pomerano Hans Ferdinand Albrecht Hermann von Salisch. Cada um deles houve por bem se filiar a um dos lados da disputa. Salisch tornou-se farroupilha, Hillebrand legalista. Pouco depois da tomada da capital no início da revolta, Hillebrand organizou um pequeno contingente chamado de Força Legal, que depois seria absorvido pela nova Companhia de Caçadores Voluntários Alemães que auxiliaria o governo imperial na retomada de Porto Alegre e da Colônia de São Leopoldo das mãos rebeldes.

[36] Já nos primeiros anos da Revolução, os farroupilhas lutavam contra a falta de cavalos e de homens. Muitos oficiais se refugiaram em território estrangeiro no vizinho Estado Oriental do Uruguai. Homens que serviam de arrimo de família fugiam de casa e até meninos mais velhos faltavam às aulas para escapar do recrutamento. A situação tornou-se tão precária que, em 08 de março de 1837, o presidente da República Rio-Grandense, Antonio Souza Neto, atuando como comandante em chefe do Exército Republicano, baixou ordem convocando os oficiais para se apresentarem ao serviço.